

#EXILADOLIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

BEN-HUR

LEWIS WALLACE

LIVRO PRIMEIRO

Yebel é uma cordilheira de mais de cinquenta milhas de extensão, mas tão estreita que só figura nos mapas como o rasto de um diminuto verme que segue de Norte para Sul. Dos seus cumes apenas se vê o deserto da Arábia, donde sopram os ventos do Este, que os viticultores de Jericó tanto maldizem. As faldas da cordilheira do Yebel estao cobertas por uma espécie de capa arenosa depositada pelo Eufrates e destinada a formar uma linha divisória entre as pradarias de Moab e de Ammon, que noutro tempo faziam parte do deserto.

Yebel significa leito de muitos arroios que, interrompendo a via romana formavam sulcos pelos quais na estação chuvosa corriam pequenos ribeiros que iam desaguar no Jordão ou no Mar Morto.

Um desses arroios formava o leito do rio Jablok, por onde, certa manhã, muito cedo, caminhava um viajante que, na aparência, não teria mais de quarenta e cinco anos. A sua barba que, noutro tempo, seria de um castanho muito escuro, ainda conservava muito da sua beleza, caindo-lhe, já grisalha, sobre o peito. O seu semblante, escuro como chocolate, era em parte envolvida por um vermelho Kufiyeh, nome que ainda hoje os filhos do deserto dão aos lenços que lhes cobrem a cabeça. De quando em quando, levantava os olhos que eram escuros e grandes. Trazia aqueles fatos tão comuns no Oriente do qual não se pode fazer uma descrição detalhada porque estava oculto por um pequeno palanquim colocado sobre o dorso de um camelo branco, gigantesco.

O animal chamava a atenção pela cor e pela envergadura do seu corpo; pela grandeza dos pés, a musculatura; o pescoço longo, delgado, arqueado como o dos cisnes, a ponta do focinho muito distanciada dos olhos e afilada. O seu passo lento, cauteloso e seguro denotava o seu sangue sírio, absolutamente incomparável.

Quando o camelo atingiu a desembocadura do arroio, o viajante encontrava-se para além dos confins do El-Belka, o antigo Ammon. Na sua frente, tinha o sol

encoberto pelos vapores da neblina e o deserto interminável; não as regiões arenosas onde sopra o simum, mas as regiões onde a verdura é menos frequente e onde o terreno está semeado de penhascos e de pedras cinzentas e negras. Espinheiros, carvalhos e outros arbustos tinham ficado para trás, quase alinhados e em grupo, como se tivessem chegado até ali e depois se tivessem detido a contemplar a árida planura, temerosos, sem terem coragem para se aventurar ao longo dela.

O camelo parecia seguir uma determinada direcção guiado pela mão do homem. O palanquim oscilava, subia e descia como uma nave à mercê das ondas, mas o viandante, protegido pelo seu toldo verde, parecia não dar por nada do que se passava em seu redor. Os seus olhos fixos, imóveis, pareciam entregar-se a um tranquilo sonho. Homem e animal avançavam como se fossem dirigidos por uma mão invisível.

Pelo espaço de duas horas, o camelo caminhou em direcção ao Oriente. E o viajante nunca mudou de posição, nem olhou para a direita ou para a esquerda.

Agora tudo era estéril e árido em redor. A própria areia endurecera e formava uma ligeira camada que estalava a cada passo do camelo. O Yebel tinha desaparecido na distância e parecia estar-se no leito de um oceano sem limites.

Ao meio dia, o camelo parou espontaneamente e emitiu um lamento, como que a pedir compaixão.

O dono sobressaltou-se, como se acordasse de um longo sono. Levantou as cortinas do hudad, olhou o sol, examinou a região em todos os sentidos, minuciosamente, como que para determinar a sua posição. Por fim, satisfeito com o exame, respirou a plenos pulmões e agitou a cabeça como que a dizer: "Por fim!" Depois, cruzou a mão sobre o peito, inclinou a cabeça e orou em silêncio. Cumprido este dever preparou-se para se apear. Saiu-lhe, então, dos lábios um som gutural, sem dúvida familiar aos camelos de Jafa: "ik!, ik!", ou seja o sinal para que se ajoelhasse. O camelo obedeceu lentamente e o viandante, procurando apoio no delgado pescoço do animal, saltou para a areia.

O homem era admirável nas proporções do corpo, mais entroncado que alto; a fronte era baixa e espaçosa; o nariz adunco; os olhos em forma de amêndoa; os cabelos abundantes e crespos desciam-lhe pelas costas em muitas tranças e davam-lhe um aspecto original. Envergava um "kamis", camisa de algodão

branco, que lhe chegava até aos pés, com mangas estreitas abertas à frente e bordado no pescoço e no peito. Por cima do "Kamis" trazia uma túnica de lã castanha, chamada "aba", bastante ampla, de mangas curtas, forrada inteiramente de seda e algodão e orlada por uma franja amarela escura. Calçava sandálias, atadas ao tornozelo com correias de pele flexível. Um cinturão apertava-lhe graciosamente o "kamis" à cmtura. Não era portador de nenhuma arma, nem mesmo do cajado que se usa para conduzir os camelos, pelo que se podia concluir que a sua missão era de carácter pacífico.

O viajante esfregou as mãos, bateu com os pés no chão, como que para os desentorpecer, e deu vários passos em volta do seu fiel quadrúpede, que se tinha deitado, satisfeito com a pouca erva que tinha encontrado. O homem detinha-se, entretanto e fazendo pala com a mão sobre os olhos, olhava ao longe, como se esperasse alguém de cuja chegada estava certo. Da liteira tirou uma esponja e um pequeno recipiente com água e lavou os olhos, o nariz e o focinho do camelo. Tirou depois um pano redondo, listado de branco e vermelho, um montão de varinhas e uma estaca grossa que cravou no solo. Dispôs, à sua volta as varinhas e cobriu-o com um pano à laia de tenda, o que lhe deu a ilusão de se encontrar dentro de uma casa. Sempre da mesma caixa, que trazia no palanquim, tirou um tapete de forma quadrada e estendeu-o no chão da tenda anteriormente erguida.

Meteu então uns punhados de favas secas num saco que dependurou do pescoço do camelo e voltou a esquadrinhar a imensidão do deserto sobre o qual o sol deixava cair os seus raios de fogo.

- Virão - disse tranquilamente. - Quem me guiou a mim, os guiará também a eles. Preparar-me-ei para os receber.

De um cesto de salgueiro, que fazia parte do mobiliário, tirou o necessário para um pequeno almoço: pratos de barro, vinho em pequenos recipientes de pele, carne de carneiro fumada, romãs sírias, tâmaras da Arábia central, queijo como o leite talhado de David e pão feito com levedura procedente do forno da cidade.

Quando tudo estava preparado, saiu da tenda e voltou a olhar o deserto. Ao longe, um ponto negro ia crescendo e, pouco a pouco, tomou proporções definidas. Era um camelo alto e branco, transportando a liteira habitual dos viandantes do Indostão. O egípcio cruzou as mãos sobre o peito e elevou os olhos ao céu.

- Só Deus é grande - exclamou reverentemente e com os olhos cheios de lágrimas.

O recém-aparecido aproximou-se e parou. Contemplou o camelo ajoelhado, a tenda e O homem que estava em pé junto á entrada, cruzou as mãos, baixou a cabeça e pôs-se a orar silenciosamente. Depois desceu do camelo e avançou para o egípcio que já ia ao seu encontro. Durante um momento olharam-se fixamente, depois abraçaram-se e ambos puseram o braço direito sobre o ombro esquerdo do outro e a mão esquerda em volta da cintura, encostando, ao mesmo tempo o queixo, primeiro sobre o ombro esquerdo, depois sobre o direito.

- A paz seja contigo, ó servo do verdadeiro Deus! - exclamou o estrangeiro.

- Bem-vindo sejas, ó irmão, na fé verdadeira. E a paz esteja contigo também replicou ferverosamente o egípcio.

O recém-chegado era um homem alto e magro, de cara grande, olhos encovados, cabelo e barba brancos e tez bronzeada, cor de canela. Não trazia armas e vestia como os índios; cobria-lhe a cabeça um xale que caía sobre o pescoço em pregas muito marcadas; envergava uma túnica curta que deixava entrever uns calções compridos, apertados no tornozelo. Em lugar de sandálias, calçava uns tamancos de pele vermelha, terminados em bico: à excepção disto, vestia, da cabeça aos pés, de branco. O seu porte era imponente; o seu ar arrogante e severo.

- Só Deus é grande - exclamou, desfazendo o abraço.

- Benditos sejam os que O servem - replicou o egípcio. - Mas esperemos acrescentou, - esperemos; o nosso companheiro já aí vem.

Voltaram-se para o Norte, donde vinha um terceiro camelo, tão branco como os deles, e que avançava baloiçando como um navio no mar alto.

Esperaram, junto um do outro, silenciosos, até que chegou o viajeiro que se apeou e se adiantou ao encontro deles.

- A paz seja contigo, meu irmão - disse abraçando o índio.

E este replicou:
- Faça-se a vontade de Deus!

O último viajeiro, em nada se parecia com os amigos: era mais magro, de tez branca, uma mata de cabelos ondulados coroava-lhe a cabeça e os seus grandes olhos negros denotavam uma inteligência, natureza sincera e carácter varonil. Tinha a cabeça descoberta e também não trazia armas. Devia ter mais de cinquenta anos; mas não os aparentava. A idade apenas imprimira certa severidade à sua fisionomia e certa moderação às suas palavras; mas não lhe enrugara o rosto, nem branqueara os cabelos. Se não nascera em Atenas, pelo menos os seus antepassados deviam ter sido gregos.

Quando deixou de o abraçar, o egípcio exclamou, com voz trémula:

- Deus fez-me chegar primeiro; sou pois o escolhido para servir de anfitrião aos meus irmãos. A tenda está armada e a mesa posta.

Deixai-me, pois, cumprir o meu dever.

Pegou-lhes pela mão, fê-los entrar; tirou-lhes as sandálias, lavou-lhes os pés e deitou-lhes água sobre as mãos, que depois eles secaram com toalhas.
Depois dele próprio lavar também as mãos, acrescentou:

- Cuidemos agora das nossas pessoas, oh irmãos, como o exige o nosso dever; comámos para recobrarmos as forças necessárias para levar a bom termo a nossa missão. Enquanto comermos dar-nos-emos a conhecer mutuamente; cada um dirá o seu nome, a sua pátria e os seus propósitos.

Acompanhou-os ao lugar que lhes destinara e fê-los sentarem-se na sua frente.

Este encontro produzia-se no ano de 747 da fundação de Roma e no mês de Dezembro, e o Inverno reinava na região do Mediterrâneo Oriental. Nesta época, todo o que atravessa o deserto não pode passar muito tempo sem sentir grande apetite. Os três viajantes, reunidos sob a tenda, não eram uma excepção a esta regra. Sentiam-se famintos e almoçavam com apetite. Uma vez saboreado o vinho, começaram a conversar:

- Não há nada tão agradável para um viajeiro do que ouvir-se chamar pelo seu

nome num país desconhecido - disse o egípcio. - Vamos estar muitos dias juntos e chegou a altura de começarmos a conhecer-nos. Portanto, se estiverdes de acordo, o último a chegar será o primeiro a falar.

Muito devagar, como pessoa acostumada à prudência, o grego começou:

- O que tenho para vos dizer, oh irmãos, é tão estranho que não sei por onde começar. Ainda não cheguei a compreender-me a mim mesmo; mas estou certo de que o que faço é o que o Mestre quer.

Deteve-se enquanto os seus companheiros, como ele, baixaram os olhos.

- No Oriente - acrescentou, pondo fim à pausa, - existe um país que jamais poderá ser esquecido. O mundo deve-lhe muitíssimo, e poder satisfazer as dúvidas é coisa que proporciona aos homens grande prazer. Não falarei de belas artes, de filosofia, de oratória, de poesia ou de guerra. Oh, meus irmãos! A sua glória brilhará esplendorosamente e por seu meio. Aquele que procuramos será conhecido em toda a terra. O país de que vos falo é a Grécia. Eu sou Gaspar, filho de Cleonte, ateniense. Os meus antepassados dedicaram-se inteiramente ao estudo e deles herdei a mesma inclinação. Dois dos nossos filósofos, os maiores, ensinam: um, que existe uma alma imortal; o outro, que há um Deus único, infinitamente justo. Eu escolhi as teorias destes dois filósofos como as únicas dignas de atenção, porque me parecia que podia existir uma relação desconhecida entre Deus e a alma. Sobre este tema a mente pode discutir até certo ponto; mas depois encontra uma barreira intransponível, chegada à qual nos vemos obrigados a pedir ajuda. Assim fiz, mas não obtive resposta alguma. Desesperado, afastei-me da cidade e das escolas.

O índio deixou transparecer um sorriso de aprovação.

- Em Tessália - prosseguiu o grego, - existe uma montanha famosa, chamada Olimpo, conhecida como a morada dos deuses e onde habitava Zéns, considerado pelos meus compatriotas como o deus supremo. Subi-a e no seu topo encontrei uma caverna, na qual me detive, entregando-me a uma meditação, da qual esperava uma revelação. Crendo num Deus invisível e omnipotente, esperava que, uma vez a ele entregue, Este me desse a sua ajuda.
- E Ele respondeu! - exclamou o índio, levantando as mãos da peça de seda sobre a qual estava ajoelhado.

- Escutai, irmãos - disse o grego, acalmando-se com dificuldade. - A porta da

minha eremita ficava sobranceira ao mar de Salónica. Um dia, de uma embarcação que navegava não muito distante dali, vi cair um homem ao mar. Nadou até à margem. Recolhi-o e cuidei dele. Era um judeu muito versado na história e nas leis do seu povo; por ele vim a saber que, na realidade, existia o Deus das minhas súplicas, o qual tinha dado a sua lei e tinha sido durante vários séculos o Senhor e Rei dos judeus. Porventura, não seria esta a revelação, pela qual há tanto tempo sonhava? A minha fé não tinha sido infrutífera. Deus tinha-me respondido! O homem que me tinha sido enviado não ficou por aqui nas suas revelações. Acrescentou que os profetas declararam que Deus voltaria, que se esperava, de um momento para outro, a sua chegada em Jerusalém.

O grego deteve-se e o seu semblante enevoou-se.

- É verdade - disse depois de uma pausa, - é verdade que aquele homem me informou que, assim como Deus e a Sua revelação de que me falava só tinha sido feita para os judeus, assim seria da segunda vez. "E não acontecerá nada para o resto do mundo?" perguntei. "Não, respondeu-me altivamente, não. Nós somos o Seu povo escolhido." Mas a sua resposta não me desencorajou. Por que razão um Deus semelhante, havia de limitar o Seu amor e a Sua bondade a um só reino e a uma só raça? Quando o judeu partiu e me encontrei novamente só, elevei ao céu nova súplica: que me fosse permitido ver o Rei e adorá-Lo. Uma noite, sentado à porta do meu retiro, tentei meditar sobre os mistérios da existência; de repente, no mar que se estendia a meus pés, ou antes, na escuridão que cobria a sua superfície, vislumbrei uma estrela que começava a brilhar. Despontava lentamente, foi-se acercando e deteve-se na colina, sobre a minha porta, de modo que a sua luz me banhava em cheio. Prostrei-me, adormeci e ouvi no meu sonho uma voz que me dizia:

- Gaspar, a tua fé triunfou. Bendito sejas! Com mais duas pessoas vindas das mais distantes regiões da terra, verás Aquele que há-de vir, serás testemunha da Sua vinda e, em qualquer ocasião darás fé disso. Levanta-te cedo, amanhã, e vai ao seu encontro confiado no Espírito que te guiará.

Ao raiar da aurora despertei, abandonei as minhas vestes de eremita e vesti-me com os meus trajos antigos. Com o dinheiro que tinha levado comigo da cidade, embarquei num barco que me levou a Antioquia. Ali, adquiri um camelo. Parei em Emeso, em Damasco, Bostia e Filadélfia, até chegar aqui. A minha história, irmãos!, acaba aqui. Permitam-me que agora escute a vossa.

O egípcio e o índio entreolharam-se; a um sinal do primeiro, o outro inclinou-se e principiou o relato:

- O nosso irmão falou perfeitamente. Oxalá as minhas palavras sejam tão sábias como as suas!

Interrompeu-se, reflectiu um pouco e prosseguiu:

- Podeis chamar-me, irmãos, pelo nome de Belchior. Falo-vos numa língua que, se não é a mais antiga do mundo, foi a primeira a ser escrita: o sânscrito. Sou hindu pelo nascimento. O meu povo foi o primeiro a trilhar o caminho da Sabedoria, o primeiro a dividi-la em diferentes ramos da Ciência, o primeiro a embelezá-la. Suceda no Futuro o que suceder, os quatro "Vedas" devem ser conservados, pois são as primeiras fontes da religião e da cultura do espírito. Nasci brâmane, por isso a minha vida foi sempre regida por leis, mesmo nos actos mais insignificantes, até agora. O meu primeiro alimento, o meu baptizado, a primeira vez que vi o sol a minha consagração na primeira ordem, foram celebrados com leituras sagradas e com rígidas cerimónias. Não podia andar, comer ou dormir, sem o risco de violar alguma lei. Segundo os graus de culpa, a minha alma foi de um céu a outro, ou era condenado a converter-me na vida de um verme, de uma mosca, de um peixe ou de um néscio. A recompensa pela perfeita observância era a felicidade ou a absorção no seio de Brama, que, mais do que uma existência, era o descanso absoluto.

O hindu entregou-se, por momentos, aos seus pensamentos; depois prosseguiu:

- O término do primeiro período da vida de um brâmane é a sua vida de estudante. Quando já estava preparado para entrar no segundo, ou seja, quando chegou o momento de me casar e de constituir família, a minha alma debatia-se com dúvidas, chegando a duvidar da existência de Brama; numa palavra, era um hereje. Apesar das trevas em que me encontrava, tinha descoberto uma luz lá no alto e ansiava por servirme de tão poderosa chama. Por fim ah!, quantos anos de fadigas e interrogações encontrei a luz do dia! Por fim, tinha encontrado o princípio da vida, o elemento principal das religiões, o melhor e mais forte laço entre a alma e Deus - o amor!

O semblante enrugado do índio ruborizou-se. Juntou as mãos fortemente e seguiu-se um silêncio durante o qual os seus companheiros o contemplavam,

especialmente o grego, com os olhos marejados de lágrimas, finalmente reatou o seu relato:

- A ilha de Ganga situa-se no lugar em que as águas do Ganges se sepultam no oceano índico. à sombra do templo construído pelo sábio Kapila, na com panhia dos discípulos do santo, ansiei encontrar descanso. Duas vezes ao ano acorriam peregrinações hindus e a miséria das gentes fez aumentar o meu amor. Combati ardentemente o impulso de falar, porque uma só palavra contra Brama ou contra a trindade dos Sutras, tinha sido a minha perdição, e qualquer acto de cortesia, uma bênção outorgada ou um copo de água que tivesse dado aos bramanes desterrados que, com frequência, morriam sobre as areias escaldantes do deserto, tinha sido a minha condenação, passaria a ser um daqueles párias, sem país, sem família, até mesmo sem casta. Mas o amor venceu! Falei aos discípulos, no templo; expulsaram-me dali. Falei aos peregrinos e puseram-me fora da ilha, à pedrada. Tentei pregar nos caminhos e os meus ouvintes fugiam ou atentavam contra a minha vida. Enfim, em toda a Índia não havia lugar onde pudesse buscar asilo ou salvação. Nem mesmo entre os bandidos, porque mesmo nadando no pecado, ainda criam em Brama. No meio da desgraça, procurava a solidão para me esconder de todos, excepto de Deus. Segui o curso do Ganges até á sua nascente, nos Himalaias. Quando cheguei ao estreito de Hurdward orei pela minha raça e julguei-me perdido para sempre. Ali, no meio da terra, onde o Indo, o Ganges e o Bramaputra brotam para correr pelos seus leitos respectivos, onde a Natureza, regressando às suas primitivas condições e segura da sua imensidão, convida o sábio e o desterrado com promessas de salvação a um e de saudade ao outro, ali permaneci para viver só com Deus, rezando, jejuando, esperando a morte.

Baixou o tom da sua voz, e as suas mãos ossudas juntaram-se em fervente nó.

- Uma noite, encaminhando-me para a beira do lago e conversando com o meu único ouvinte, - o silêncio, - inquiri: "Quando virá Deus redimir-me? Não haverá salvação?" Quando, de repente, uma luz brilhou trémula, fora da água; uma estrela elevou-se e dirigiu-se para mim, detendo-se por sobre a minha cabeça.

O seu esplendor deslumbrou-me. Enquanto jazia no solo, ouvi uma voz infinitamente suave:

- O teu amor venceu. Bendito sejas, filho da índia! A redenção está próxima. Verás o Redentor juntamente com mais duas pessoas vindas dos extremos do

mundo e serás testemunha da Sua vinda. Amanhã muito cedo, levanta-te, vai ao encontro dessas duas pessoas e põe toda a tua fé no Espírito que te guiará.

E desde então, a luz permaneceu comigo, anunciando-me a presença do Espírito. Na manhã seguinte, regressei ao mundo habitado. Cheguei a Ispahan, comprei um camelo e dirigi-me a Bagdad sem esperar pelas caravanas. Viajei sozinho, mas sem temor, porque o Espírito estava e ainda hoje está comigo. Veremos o Redentor, falarLhe-emos, adorá-Lo-emos! Esta é a minha história.

O grego expressou vivamente a sua alegria, depois do que o egípcio começou a falar com a sua gravidade característica:

- Saúdo-vos, meus irmãos! Se desejais escutar-me, dir-vos-ei quem sou e como fui impelido a vir aqui. As vossas palavras foram ditadas pelo Espírito, e o Espírito faz com que eu as compreenda. Cada um de vós falou do respectivo país; deixai, agora, que vos fale de mim e do meu povo. Sou Baltasar, o egípcio.

Estas palavras foram ditas lentamente e com uma dignidade tal que os seus ouvintes se inclinaram.

- Muitas são as glórias que posso atribuir à minha raça - prosseguiu; - mas contentar-me-ei com uma: a História começou connosco. Nós fomos os primeiros a escrever nos anais os factos acontecidos. Nas fachadas dos palácios e dos templos, nos obeliscos, nas paredes dos túmulos, escrevemos os nomes dos nossos reis e os seus feitos e aos delicados pergaminhos confiámos a sabedoria dos nossos filósofos e os segredos da nossa religião; todos os segredos menos um, do qual vos falarei agora. Quando os nossos pais vieram do deserto distante, trouxeram consigo a história do mundo e do dilúvio que foi transmitida pelos filhos de Noé aos Ârios, e ensinaram os conceitos de Deus, do Criador, da alma imortal como Deus. Quando a missão que agora nos chama estiver terminada, se quiserdes acompanhar-me, ou vos mostrarei a sagrada biblioteca dos nossos sacerdotes, onde se encontra, entre outros, o Livro dos Mortos no qual se encerra o ritual que a alma deve observar, depois que a Morte a envia ao Juízo eterno Estas ideias, Deus e a alma imortal foram levadas por Mizraim para lá do deserto até às margens do Nilo, fáceis e simples na sua pureza primitiva, como é tudo o que provém directamente das mãos de Deus. Assim era também o primeiro rito, um hino e uma prece adequada a uma alma satisfeita, cheia de esperanças e enamorada do seu Criador.

Ao chegar aqui, o grego ergueu as mãos e exclamou:
- Oh! A luz entra-me pelos olhos.
- E também a mim - disse o hindu com igual fervor.
O egípcio olhou-os bondosamente e, depois, prosseguiu:

- Nasci em Alexandria, príncipe e sacerdote recebi uma educação que em breve me desgostou. Parte da fé que se me impunha, era que depois da morte, uma vez destruído o corpo, a alma havia de começar a subir lentamente até à mais alta e última existência e isto com a completa independência da vida levada na terra. Se, conforme me ensinara o meu mestre, Deus era justo, porque não havia distinção alguma entre os bons e os maus? Finalmente, cheguei à conclusão de que a morte era apenas o ponto de separação entre os maus que eram abandonados e castigados, e os bons que eram elevados a uma vida mais nobre. Esta descoberta levou-me a outra pergunta: porque deve a verdade ser considerada como um segredo para consolo egoísta dos sacerdotes? Motivo para esse segredo não o havia. A filosofia, pelo menos, permite-nos a tolerância. No Egipto, tínhamos Roma em lugar de Ramsés. Um dia, preguei no bairro mais belo e mais populoso de Alexandria, perante um público do Oriente e do Ocidente. Preguei acerca de Deus, da alma, do justo e do mau, do céu que é a recompensa das almas virtuosas. Vós, Belchior, fosteis apedrejado: os meus ouvintes, primeiro, surpreenderam-se, depois romperam a rir. Falei de novo e tornaram-me alvo de insultos, ridicularizaram o meu Deus e escureceram o meu paraíso com o seu escárnio. Meditei longamente sobre qual poderia ser a causa do meu fracasso. Subi o curso do rio e a uma jornada da cidade, encontrei uma aldeia de pastores e agricultores. Ao anoitecer, reuni toda a população, homens e mulheres, sem exceptuar os mais pobres; dirigi-lhes as mesmas palavras e não se riram. à terceira reunião, constitui-se uma sociedade religiosa. Então, regressei à cidade. Seguindo as margens do rio, sob as estrelas que me pareceram mais brilhantes e próximas, tive esta ideia de começar uma reforma, de não visitar os palácios dos poderosos e dos ricos, mas os tugúrios dos pobres e dos humildes. Propusme sacrificar-lhe a minha vida. O meu primeiro passo foi arrendar as minhas extensas propriedades para ajudar com os seus produtos os que sofriam. Desde aquele dia, irmãos, peregrinei ao longo do Nilo, pelas aldeias e em todas as tribos, pregando um Deus, uma vida recta e a sua recompensa no céu. Mas durante os anos assim passados, uma ideia me atormentou: se eu morresse, que aconteceria à causa que iniciara? Desapareceria comigo? Procurei criar uma organização como termo conveniente para a coroação da minha obra; mas fracassou. Irmãos, o mundo está actualmente em tais condições que para restaurar a fé miszraimica o reformador necessita algo mais que a sanção dos

homens; não há-de aparecer somente em nome de Deus, mas tem de acompanhar com provas as suas afirmações, tem de demonstrar tudo quanto diz, mesmo a própria divindade. E quem, nestes tempos, pode ser o portador da fé para os homens a tal extremo, se não o próprio Deus? Agora compreendereis porque fracassei na minha empresa. Eu tinha a aprovação divina. A ideia de que o meu trabalho teria de se malograr acabrunhara-me em extremo. Acreditava na oração e, a fim de dar eficácia e pureza às minhas orações, como vós, meus irmãos, retirei-me do mundo habitado e procurei consolo na solidão. Pelo espaço de mais de um ano, acolhi-me à montanha. Alimentei-me de tâmaras; as orações alimentavam e elevavam-me o espírito. Uma noite, dirigi-me para um horto, próximo de um lago e murmurei esta oração: "O mundo está a morrer. Quando virás? Porque não poderei ver a Redenção, meu Deus?". A água cristalina brilhava ao reflexo das estrelas. Uma delas pareceu abandonar o seu lugar e vir à superfície, cintilando de uma maneira tal que obrigava a abaixar os olhos. Depois encaminhou-se para mim e parou sobre a minha cabeça, como se uma mão invisível a conduzisse. Cai por terra e cobri o rosto. Uma voz, que não era terrena, disse-me:

- Os teus trabalhos deram-te a vitória. Bendito sejas, filho de Mizraim! A redenção virá. Com duas outras pessoas, chegadas dos confins do mundo, tu verás o Salvador. De manhã, muito cedo, levanta-te e vai ao seu encontro e quando chegares à cidade de Jerusálem, perguntai ao povo: "Onde está Aquele que nasceu rei dos Judeus? Porque nós vimos a sua estrela sair de Oriente e fomos enviados aqui para O adorar". Põe toda a confiança no Espírito que será o teu condutor.

E a luz conduziu-me a Menfis, onde me preparei para atravessar o deserto. Adquiri o meu camelo e, sem descanso, vim por Suez e Kufileh, ao longo das planuras de Moab e de Ammon. irmãos, Deus está connosco!

Deteve-se e depois, com insólita prontidão, levantaram-se os três contemplandose.

- Existia um motivo que nos inspirava a falar dos nossos povos e das suas tradições - prosseguiu. - O Patriarca que sobreviveu ao Dilúvio tinha com ele três filhos e suas famílias, que foram os povoadores do mundo. Na antiga Ariana Vaejo, a conhecidíssima região da Síria no coração da ásia, separaram-se. A índia e o longínquo Oriente receberam os filhos do primeiro filho; os descendentes do mais novo, pelo Norte, desembarcaram na Europa; os do meio,

através dos desertos próximos do Mar Vermelho, passaram para a áfrica, e embora na sua maioria habitem ainda em tendas e sejam nómadas, alguns deles construiram as suas moradas ao longo do Nilo.

Os três juntaram as palmas das mãos, movidos pelo mesmo impulso.

Houve um silêncio interrompido pelos suspiros e santificados pelas lágrimas, pois a alegria que a todos invadia era inefável. As suas mãos separaram-se e juntos saíram da tenda. O deserto estava tranquilo como o céu. O sol caminhava rapidamente para o ocaso. Pouco depois, a tenda foi levantada e os víveres que tinham sobrado metidos nas arcas. Os três amigos subiram para os palanquins e puseram-se a caminho, calados, indo o egípcio na dianteira.

A lua começou a despontar lentamente. De súbito, diante deles fulgurou uma subtilíssima chama. Enquanto a contemplavam, a pequena chama transformou-se numa labareda de um esplendor imenso. Os corações dos três viajantes pulsaram com violência; as suas almas estremeceram e exclamaram em uníssono:

- A estrela! Deus está connosco!

Na parte oriental da muralha de Jerusalém, encontram-se as portas de Jafa e de Belém. Antes de David conquistar Sion, existia naquele lugar uma cidadela; mas quando o filho de Jessé derrubou Jabús e começou a edificar, a cidadela ficou no extremo noroeste dos novos muros, defendidos por uma torre mais impo nente do que a antiga. Mas o campo e a porta foram respeitados, porque os caminhos não podiam ser transferidos para nenhum outro ponto, enquanto o recinto que os circundava se convertera num verdadeiro centro de comércio. Nos tempos de Salomão, havia naquele lugar grande tráfico, devido aos comerciantes egípcios e aos ricos negociantes de Tiro e Sidón. Três mil anos depois, um peregrino, carecido de víveres, não tem mais que encaminhar-se para a porta de Jafa, onde ainda reina a animação e uma pessoa pode avaliar o que seria aquele lugar nos tempos de Herodes, o seu fundador. Transporte-se o leitor com a imaginação àqueles tempos e àquele mercado.

Segundo o calendário judeu, o encontro dos três personagens apresentados nos capítulos precedentes, ocorreu na tarde do vigéssimo quinto dia do terceiro mês do ano, isto é, o dia 25 de Dezembro; o ano era o segundo da olimpíada 193 ou 747 de Roma, o 67 de Herodes, o Grande, e o 35 do seu reinado, o quarto antes da Era Cristã. Naquele dia, o mercado de Jafa estivera muito animado. As portas

maciças tinham sido abertas ao despontar da alva e até à terceira hora tinham desfilado por elas os tipos mais variados: o soldado romano, o judeu, o samaritano, o atleta grego, e os lutadores dos circos de Roma.

Muita gente se retirara já e a multidão continuava a errar, sem aparente diminuição. Entre os chegados recentemente, havia um grupo composto por uma mulher, um homem e um burro. O homem estava junto da cabeça do animal e pegava nas rédeas de coiro, servindo-lhe de apoio um bordão que parecia ter sido escolhido para o uso duplo de tocar o animal e de apoio; o seu trajo era semelhante aos dos judeus, que por ali andavam, com a excepção de que tinha a aparência de novo. O seu semblante dava-lhe a aparência de uns cinquenta anos, idade que os cabelos brancos, que lhe pintalgavam a barba, confirmavam. A mulher vestia uma túnica de lã e um véu branco adornava-lhe a cabeça e o pescoço.

Um individuo aproximou-se do grupo, perguntando:
- Não sois José de Nazaré?

- Assim me chamo - assentiu José voltando-se gravemente. - E vós? Ah! A paz esteja convosco, rabi Samuel.

O rabi respondeu:
- Paz para vós, para a vossa casa e vossos criados.

E dito isto, pôs uma das mãos sobre o peito e baixou a cabeça, numa atitude de saudação para com a mulher, que ao vê-lo tinha erguido o véu o suficiente para descobrir um rosto de adolescente. José e o rabi juntaram as suas mãos direitas, separaram-nas e cada um deles beijou a sua, pondo depois a palma sobre a testa.

- Há tão pouco pó nos vossos trajos - disse familiarmente o rabi, - que suponho que havíeis passado a noite na cidade dos nossos pais.

- Não - discordou José, - passámos a noite em Betânia e, ao nascer o dia, continuámos o caminho.

- A viagem que devem fazer, com certeza que não terminará em Jafa.
- Não; findará em Belém.
A expressão do rabi, antes aberta e amigável, tornou-se sombria e desconfiada.

- Sim, sim, compreendo - disse. - Nascestes em Belém e para lá vos dirigis com vossa filha, para serdes recenseados como César ordenou.

José replicou:
- Esta mulher não é minha filha.
O rabi prosseguiu, sem reparar na explicação:
- Que fazem os fanáticos na Galileia?

- Eu sou artesão e Nazaré é uma aldeia - replicou José, prudentemente. - A rua onde está o meu banco de carpinteiro não conduz a qualquer cidade. A serrar e a cortar madeira, não tenho tempo para me ocupar com as discussões dos partidos.

- Mas sois um judeu - disse, com seriedade, o rabi, - e um judeu descende de David. É possível que possais ter gosto em pagar qualquer outro tributo além do "ciclo", dado desde há muito a Jeová?

José manteve-se silencioso.

- Não me queixo - continuou o seu interlocutor - do aumento do tributo. Um denário é uma bagatela. A imposição é que me ofende.

Pagá-lo, o que representa, senão uma sujeição à tirania? Dizei-me: é certo que Judas pretende ser o Messias? Vós viveis no meio dos seus sequazes.

- A eles o ouvi dizer...

O rosto da mulher pôde ver-se completamente por um momento, dado o afastamento do véu. Os olhos do rabi voltaram-se para ela e viu uma cara de rara formosura, realçada por um olhar de intenso interesse; mas um leve rubor se lhe espalhou pela fronte e pelas faces e o véu voltou a ocultar-lhe o rosto.

O que falava esqueceu o seu tema favorito.
- A vossa filha é muito bela - disse como se falasse consigo próprio.
- Não é minha filha - voltou a dizer José.

A curiosidade do rabi aumentou e O nazareno, tendo-O notado, apressou-se a acrescentar:

- É filha de Joaquim e de Ana, de Belém, de quem seguramente tereis ouvido falar, pois a sua reputação era grande.

- Sim - respondeu o rabi, respeitosamente. - Ouvi falar deles. Descendiam em linha recta, de David e tive ocasião de os conhecer.

- Pois bem, já faleceram - prosseguiu o nazareno. - Morreram em Nazaré. Joaquim não era rico; contudo, deixou uma casa e um horto, herdados por Maria, a quem a Lei obrigou a casar com um parente próximo. Agora é minha mulher.

- E vós ereis seu parente?
- Tio.

- Compreendo. E como nascesteis em Belém, Cesar obrigou-vos a levardes ali a vossa esposa para a inscreverdes entre as pessoas tributárias.

O rabi juntou as mãos e olhou o céu com indignação, exclamando:
- O Deus de Israel ainda vive! A vingança é Sua!

Dito isto, afastou-se repentinamente. Um forasteiro, que se encontrava próximo, disse para José:

- O rabi Samuel é um fanático. O próprio Judas não é mais terrível! Não querendo travar uma conversa com aquele homem, José fingiu não ter ouvido e pôs-Se a juntar a erva que o burro tinha espalhado.

Uma hora depois, a comitiva transpôs a porta e, torcendo para a esquerda, tomou o caminho que conduz a Belém. O nazareno caminhava ao lado de sua esposa, e agarrava o cabresto do animal.

Lentamente passaram diante do poço de Gihon e continuaram pelas margens do Lago de Salomão até um lugar onde existia uma rústica morada. Chegados ali, começaram a descer para a planura de Refaim.

O sol batia em cheio no caminho e ao beijo dos seus raios esplendorosos, Maria deixou cair o véu para trás, descobrindo a cabeça.

Maria não tinha mais de quinze anos. As Suas feições, a sua voz e os seus movimentos eram os de uma adolescente. O seu rosto tinha uma forma oval perfeita; a sua tez era mais branca que rosada e o nariz regular. Os lábios, ligeiramente entreabertos, eram vermelhos como morangos maduros, emprestando-lhe à boca um tom de amor e ternura. Os olhos eram azuis e grandes com sobrancelhas e pestanas longas. E harmonizando com todo este conjunto, uma abundantíssima cabeleira de oiro. Tinha, para além disso, certo ar de pureza como só pode encontrar-se numa alma angelical e qualquer coisa de etéreo que parecia não poder ser tocado por mãos de mortais.

Chegaram, por fim, à altura do Mar Elias, donde, para além de um vale, descortinaram Belém. Desceram o vale e dirigiram-se para um poço que perpetuava um dos célebres feitos de armas de David, e o estreito recinto estava tão cheio de gente e de animais, que José duvidou que, havendo tamanha multidão na cidade, pudesse encontrar alojamento para a sua gentil companheira. E, sem perder tempo, avançou até chegar à porta do "Can" que, naquele tempo, estava extramuros.

Os hospícios do Oriente eram muito diferentes dos do Ocidente. Os persas davam-lhe o nome de "cam>. Estavam construídos com a maior simplicidade: eram recintos fechados sem divisões ou tecto, e muitas vezes sem porta nem cancela, e situavam-se em lugares onde pudesse encontrar-se sombra, segurança e possibilidade de haver água.

A direcção destes albergues correspondia aos forasteiros que permaneciam ali o tempo que queriam.

O "can" de Belém, diante do qual José e sua esposa se detiveram, era um edifício puramente oriental, isto e, um recinto quadrangular de pedra lisa, de um só andar, com tecto plano, sem nenhuma janela no exterior, e com uma só porta de entrada, um portão arredondado a Este, ou seja, na fachada. O caminho ficava tão perto da porta que o pó quase ocultava a arquitrave. Numa cidade como Belém onde havia um só xeque, não podia haver mais que um "cam>; e embora nascido naquele lugar, o nazareno não tinha qualquer direito a ser hospedado na cidade. Para mais, o recenseamento que ali o conduzia podia ser trabalho para semanas ou meses, pois os delegados romanos distinguiam-se pela sua preguiça. Antes de se aproximar do edifício, o temor de não poder encontrar alojamento no "cam> converteu-se em dolorosa ansiedade ao ver o caminho ocupado por uma multidão de homens e meninos que, em grande algazarra conduziam as suas

montadas, para um lado e outro do vale, uns para lhes dar de beber, outros para as cavernas mais próximas. Quando se aproximou, o seu temor não minguou, pois a gente transbordava e o recinto contíguo, apesar da sua amplidão, estava completamente cheio.

- Não podemos chegar à porta - exclamou José, com a sua costumada lentidão; fiquemos aqui ou procuremos, se possível, saber o que aconteceu.

Maria, sem responder, deitou para trás, tranquila mente, o véu. Os sinais de fadiga desapareceram-lhe do rosto que ganhou um aspecto interessante, e olhou para longe, em direcção ao Sul e às altas rochas do Monte Paraíso, ligeiramente rosadas pelo sol poente.

Enquanto durava esta contemplação, um homem saiu de entre a multidão e parando junto do burro, observou o grupo, com curiosidade. O nazareno perguntou-lhe:

- Posto que sou, segundo parece, tal como vós, um filho da Judeia, poderieis dizer-me a causa desta confusão?

O estrangeiro voltou-se bruscamente; mas cativado pelo aspecto solene de José e pela sua palavra tranquila, levantou a mão em sinal de saudação e respondeu:

- A paz seja convosco, oh rabi. Sou filho de Judá e responder-vos-ei. Vivo em Beth-Dagon que, como sabeis, foi antigamente, a terra da tribo de Dan.

- No caminho de Jafa para Modim - interrompeu José.

- Oh!, vós estivésteis em Beth-Dagon - disse o homem cujo semblante se suavizava cada vez mais. Há muitos anos que estou ausente e agora volto lá, por causa do edito que ordena aos judeus para se recensearem para o tributo na cidade do seu nascimento.

O rosto de José permaneceu impassível, quando disse:
- Para isso venho eu também com a minha mulher.

O estrangeiro dirigiu um olhar para Maria e calou-se. Esta olhava para cima para o alto do nu Gedor.

O sol acariciou-lhe o rosto que tinha voltado para lá e iluminou-lhe os olhos, e um ligeiro tremor percorreu-lhe os lábios entreabertos. Naquele momento, toda a humanidade da sua beleza parecia purificada; apresentava-se como aqueles que nós imaginamos estarem às portas do céu.

- De que falava? Ah!, já me recordo. Ia dizer que quando me chegou aos ouvidos a ordem de vir, me enchi de cólera. Mas pensei logo na antiga colina, na cidade e no vale próximo das profundezas do Cedron, nos vinhedos e nos hortos e nos campos de trigo, pomares, desde os dias de Booz e de Ruth; nas montanhas conhecidas; aqui no Gedor, um pouco mais longe Gibeah, e mais longe o mar Elias, montanhas que, quando criança, eram para mim os confins do mundo. E perdoei aos tiranos e vim com minha mulher Raquel e com Deborah e Micol, as nossas rosas de Sharon. Rabi, não quereria a vossa esposa ser companheira da minha? Podeis vê-la ali, com as meninas, sob uma oliveira na curva do caminho.

José, indeciso, respondeu:

- A oferta é-me muito grata. Haja ou não lugar no "can", iremos ao encontro da vossa família. Deixai que fale com o porteiro. Volto de seguida.

E deixando nas mãos do estrangeiro as rédeas do burro,
aproximou-se do porteiro que estava sentado num tronco de cedro.
- A paz de Jeová esteja convosco! - disse José dirigindo-se ao porteiro.

- O que me desejasteis que vos seja retribuído e quando o for que se multiplique muitas vezes para vós e para a vossa família - replicou gravemente o guardião.

- Sou de Belém - prosseguiu José, com calma; - não haveria lugar para mim?
- Não há.

- Talvez tenhais ouvido falar de mim; José de Nazaré. Esta era a casa de meus pais. Sou descendente de David.

Estas palavras infundiram esperança ao nazareno. Ser filho de Judá era uma grande coisa na opinião da própria tribo; mas ser da casa de David era ainda coisa mais importante.

A tentativa não ficou sem efeito. O porteiro deixou o seu assento e apoiando a mão no queixo, disse respeitosamente:

Rabi, eu não posso dizer-vos quando se abriu esta porta para dar as boas-vindas ao viajeiro; mas deve haver mil anos e em todo esse tempo, não há homem que a tenha encontrado fechada, se se exceptuar quando não tenha havido lugar para lhe proporcionar descanso. Um justo motivo deve pois haver para que o guardião diga que não a alguém que descende de David. Se quiserdes vir comigo, mostrar-vos-ei como não há um só lugar desocupado em toda a casa, nem nas habitações, nem nos estábulos, nem no pátio, nem sequer nos esconsos. Posso saber quando chegasteis?

- Acabo de chegar.
O guardião sorriu.

- O estrangeiro que vive contigo, considerá-lo-ás como teu vizinho e amá-lo-ás como a ti mesmo. Não é esta a lei?

José estava silencioso.

- Se é essa a lei, posso dizer a um chegado há tempo: volta a retomar o teu caminho, porque há outro que deve ocupar o teu lugar?

José continuava sem se alterar.

- E se assim dissesse que havia de dizer ao que pretendesse o lugar? Olhai quantos há à espera; alguns esperam desde o meio dia.

- Quem é toda essa gente? - perguntou José, assinalando a multidão. - E porque se reune aqui a esta hora?

- Virão certamente pelo mesmo que aqui te conduziu, oh, rabi!, por causa do decreto de César. Ontem chegou a caravana directa de Damasco à Arábia e Baixo Egipto. Esses homens e camelos, que vedes fazem parte dela.

José insistiu:

- O pátio é grande - disse.

- Sim, mas está cheio de mercadorias e de fardos de seda, de café, de perfumes e de toda a espécie de coisas.

O rosto de José perdeu a sua passividade; os seus olhos imóveis e dignos baixaram-se e disse com energia:

- Não procuro albergue para mim; mas para minha esposa, pois a noite está fria, mais fria nesta altura que Nazaré, e a minha esposa já não pode expôr-se ao relento. Não haverá alojamento na cidade?

- Essa gente - e o guardião indicou a multidão que estava diante da porta percorreu a cidade em todos os sentidos e encontrou todas as casas cheias.

José, fixando outra vez os olhos na terra, disse com voz que mal se ouvia:
- A minha esposa é tão jovem. Se tivesse de dormir na colina, morreria. Depois falou novamente para o guardião:

- Talvez tenhais conhecido Os pais dela, Joaquim e Ana, como eu descendentes de David.

- Conheci-os, quando era jovem. Eram boa gente.

Desta vez os olhos do guardião olharam o solo, como que para reflectir. De súbito levantou a cabeça.

- Se não posso encontrar-vos sítio, tão-pouco posso despedir-vos. Rabi, farei por vós tudo quanto possa. De quantas pessoas se compõe a vossa caravana?

- Minha esposa e um amigo com a sua família, procedentes de Dagon. No total seis.

- Muito bem. Não fic'areis lá fora; ide em busca dos outros; mas não vos demoreis, porque quando o sol desce do monte, vem a noite de súbito... e O sol já está muito baixo.

- Dou-vos a minha bênção como viajante; a de hóspede depois vo-la darei.

O nazareno voou, feliz, ao encontro de Maria e do homem de Dagon. Este foi em busca da sua família: as mulheres cavalgavam em jumentos. A esposa tinha o aspecto de uma matrona; as filhas eram a perfeita imagem do que ela devia ter sido na sua juventude. Enquanto se aproximavam da porta, o guardião julgou-os à vista gente de média condição.

- Esta é a minha mulher de quem te falei - exclamou o nazareno, - e esses são os nossos amigos.

Maria ergueu o véu.

- Olhos azuis e cabelos de oiro - murmurou o guardião, fixando-se apenas nela. Assim era o jovem rei quando foi cantar na presença de Saúl.

Depois, tomou as rédeas das mãos de José e disse para Maria:
- Oh filha de David!
- A paz seja convosco.
E voltando-se para os outros:
- E com todos vós!
E logo para José:
- Rabi, segui-me!

A caravana foi conduzida por um caminho empedrado que entrava no pátio do "can". Atravessando uma passagem e um novo caminho, semelhante ao da entrada, penetraram no recinto adjacente à casa e passaram por entre camelos, jumentos e cavalos, atados em grupos e adormecidos, no meio dos quais estavam os respectivos guardas. Finalmente percorreram um caminho que conduzia ao acinzentado promontório calcário que dominava o "cam" pelo oeste.

- A gruta para onde nos dirigimos - disse-lhes - devia noutros tempos ter pertencido ao vosso antepassado David. Dos campos que ficam a nossos pés e do poço que há no vale, costumava trazer o gado até aqui para o guardar, e depois, quando foi rei, voltou ali para repousar e curar-se trazendo consigo grande número de animais. Os pesebres conservam-se como então eram. O melhor é dormir no chão, onde ele dormiu, do que no estábulo, ou fora, no caminho. Ah! vêde a casa construída diante da gruta.

O edificio era baixo e estreito, sem janelas, pouco saliente da rocha à qual se unia pela parte posterior. Na fachada branca, havia uma porta assente sobre enormes gonzos e lambuzada de cal amarela. Enquanto tiravam a tranca de madeira que a fechava as mulheres recostaram-se sobre as almofadas. Assim que a porta se abriu, o guardião gritou:

- Entrai.

Os hóspedes entraram e entreolharam-se. A luz que entrava pela porta aberta, incidia sobre um pavimento desigual, iluminando os montes de grão, de forragem, de vasilhas, e de legumes, que ocupavam o centro da gruta. Dos dois lados, viam-se manjedouras muito baixas perfeitamente ao alcance das ovelhas, feitas de pedra, unidas com argamassa e muito resistentes. Não havia assentos de espécie alguma. O pó e Os restos de palha amarelavam o pavimento e enchiam as covas que ali existiam. Do tecto pendiam teias de aranha semelhantes a pedaços de papel sujo.

- Entrai - disse o guia. - Esses molhos de palha espalhados pelo chão, servem de leito aos forasteiros que são aqui alojados como vós. Podeis servir-vos de toda a que precisais.

Depois, dirigindo-se a Maria:
- Podeis descansar aqui?
- Este lugar está santificado - respondeu ela.
- Então aqui vos deixo. A paz seja convosco.

Assim que o guardião se retirou, apressaram-se a tornar a gruta o mais habitável possível.

Com o cair da noite, o rumor da multidão cessou. Todos os que ainda não se encontravam a pé, levantaram-se, adquirindo um certo ar solene, e voltados na direcção de Jerusalém cruzaram as mãos sobre o peito, rezando. Quando as mãos dos adoradores se baixaram, recomeçando o movimento, apressaram-se todos a cear e a preparar os leitos miseráveis.

Por volta da meia-noite, alguém gritou:
- Que luz é aquela que se vê no céu? Despert ai, irmãos; despertai e vêde.
- Sim, deve ser isso. Os rebanhos hoje pasciam ali, no vale.
Um dos presentes, porém, tornou a trazer a inquietação aos espíritos dos outros.

- Não, não; ainda que toda a lenha que se encontra no vale de Judá se reunisse num só imenso feixe e se lhe deitasse fogo, a chama não resplandeceria nem tão fortemente nem tão alto.

Depois, no "cam> reinou o silêncio, que uma única vez foi interrompido, enquanto o mistério continuava a ser para todos impenetrável.

- Irmãos! - exclamou um judeu de aspecto venerável. - O que vimos não foi mais que a escada misteriosa que o nosso Pai Jacob viu no seu sonho. Bendito seja o Senhor dos nossos pais!

A duas milhas a sudoeste da cidade de Belém, há uma planície, separada da cidade por uma ligeira costa. Na parte mais afastada da cidade, havia um redil chamado "marah", ou cabana para as ovelhas, que contava alguns séculos de antiguidade. Nalgum ataque, já há muito esquecido, o edifício tinha sido descoberto e quase demolido. No entanto, o humilde recinto permanecia intacto. Era da altura de um homem, não sendo tão alto que impedisse uma pantera ou um leão esfomeados de saltarem ousadamente para o seu interior.

Como dissemos nos capítulos anteriores, alguns pastores, em busca de novas pastagens para os seus rebanhos, dirigiram-se para esta planície, e desde manhã muito cedo, os bosques tinham ressoado com os gritos, os golpes dos cajados, os balidos das ovelhas e das cabras, o retinir das campainhas, o mugir das vacas e o ladrar dos cães. Quando o sol se pôs, os pastores encaminharam-se na direcção do "marah", e ao cair da noite já estavam todos a salvo.

Acenderam uma boa fogueira junto da porta, prepararam uma ceia modesta e sentaram-se a conversar, deixando um deles de sentinela. Excluindo este, os pastores que estavam reunidos em volta do fogo eram seis, estando uns sentados, outras deitados de barriga para baixo. Como de costume, estavam de cabeça descoberta e os cabelos caíam-lhes, em espessos cachos crespos, pelos pescoços, tostados pelo sol. A barba cobria-lhes a garganta e descia pelo peito. Mantos de pele de cabrito e de cordeiro, com o pelo virado para dentro, cobriam-nos desde a nuca aos joelhos, deixando-lhes os braços livres; largas correias apertavam-lhes os fatos à cinta; as suas sandálias eram de qualidade inferior; das costas pendiam-lhes zurrões ou alforjes contendo víveres e pedras, escolhidas para as fundas de que iam armados. No solo, próximo de cada um deles, via-se o próprio arco como arma defensiva.

Tais eram os pastores da Judeia! De aparência, grosseiros e selvagens como os magros cães que dormitavam junto deles em redor do fogo; mas no trato, sensíveis e de coração bondoso, quem sabe se devido,

em parte, à vida primitiva que levavam e, principalmente, à contemplação constante da beleza e da paisagem.

Enquanto falavam, e antes que a velada se concluisse, os pastores iam adormecendo, cada um estendido no sítio onde estava sentado. A noite, como a maioria das noites de inverno nos países montanhosos, era clara, fria e esplendidamente estrelada. Não havia vento. A atmosfera nunca tinha estado tão pura, e reinava uma calma silenciosa; parecia que um recolhimento sagrado inundava a terra, que o céu se inclinava para sussurrar alguma novidade misteriosa à terra que o escutava.

Diante da porta, o guarda passeava envolto no seu capote. Detinha-se, por vezes, por um rumor do rebanho dormitante ou pelo rugido de um chacal que vagueava ao longe pelo monte. A meia-noite nunca mais chegava, mas ei-la enfim! A sua guarda tinha acabado; agora principiava a hora do sonho com que o trabalho presenteia os seus filhos fatigados. Dirigiu-se para a fogueira; mas deteve-se. à sua volta brilhava uma luz suave e branca como a da lua. Esperou ansioso. A luz foi adquirindo maiores proporções; as coisas, antes invisíveis, apareceram claras; viu todo o campo e distinguiu as plantas que nele cresciam. Um estremecimento mais penetrante que o provocado pelo ar frio, um estremecimento de medo invadiu-lhe o corpo. Olhou para cima; as estrelas tinham desaparecido, a luz debilitava-se languidamenté, enquanto a contemplava adquiriu um tom prateado vivíssimo; então, aterrorizado, gritou:

- Acordem, acordem!

Os cães ao ouvirem os seus gritos levantaram-se e começaram a correr, ladrando. O rebanho agrupou-se, atemorizado. Os pastores puseram-se em pé com as armas na mão.

- Que se passa? - perguntaram.
- Olhai! - gritou a guardião. - O céu está a arder!

De repente a luz adquiriu um esplendor deslumbrante; os pastores taparam os olhos e ajoelharam-se; depois, enquanto as suas almas estavam atemorizadas, com o rosto coberto, cairam ofuscados e seguramente teriam morrido de espanto

se uma voz não tivesse exclamado:

- Não temais! Sou portador de uma boa-nova que vos encherá de imensa felicidade.

A voz, baixa e clara, de doçura e serenidade sobre-humanas, entrou-lhes na alma, tranquilizando-os. Puseram-se de pé e olhando respeitosamente, viram no centro de um globo luminoso a aparição de um mancebo coberto por uma túnica completamente branca; de suas costas caíam duas asas luminosas que estavam dobradas; uma estrela resplandecia-lhe na testa, brilhante como Héspero; as mãos dirigiam-se para os pastores como numa benção; o seu rosto era sereno e divinamente formoso.

Os pastores tinham ouvido falar frequentemente de anjos; agora não duvidavam e intimamente disseram que a glória de Deus estava próxima deles e que aquele mensageiro celestial era o mesmo que antigamente tinha aparecido ao Profeta no rio Ulai.

O anjo acrescentou em seguida:

- Porque hoje nas'ceu para todos, na cidade de David, um Salvador que é Cristo, nosso Deus.

Houve uma breve pausa durante a qual estas palavras se gravaram naqueles corações sensíveis.

- E isto servir-vos-á de sinal - prosseguiu o mensageiro: - encontrareis o Menino envolto em panos, deitado num presépio

O anjo nada mais disse; a boa-nova já tinha sido comunicada; no entanto permaneceu ali ainda um momento. De repente a luz, da qual ele era o centro, tornou-se rosada e começou a tremer; depois, as alturas, a uma distância visível, os pastores viram um relampejar de asas brancas e um remoinho de formas radianteS, e ouviram vozes como se uma multidão cantasse em uníssono:

- Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade. Quando os pastores tornaram realmente a si entreolharam-se assombrados, até que um

deles disse

- Era Gabriel, o mensageiro que Deus envia aos homens.
Nenhum respondeu.
- Cristo, o Senhor, nasceu hoje, não foi o que disse? - insistiu o mesmo. Então outro respondeu:
- Sim, foi o que ele disse.

- E não disse também que nasceu na cidade de David, que é a nossa Belém ali em baixo, e que encontraríamos um menino envolto em panos?

E deitado num Presépio.

O que tinha falado primeiro, contemplou, pensativo, a fogueira e depois disse, como se acabasse de tomar uma súbita decisão:

- Só há um sítio em Belém onde existem presépios, e esse sítio é na gruta próxima do antigo "can". Irmãos, vamos, pois ver esse milagre. Os sacerdotes e os doutores procuraram, por muito tempo, Cristo. Cristo nasceu agora, e o Senhor enviounos o sinal que nos permitirá conhecê-Lo. Vamos adorá-Lo.

- E o rebanho?
- O Senhor protegê-lo-á.
Então levantaram-se e abandonaram o "marali".

Desceram o monte, e depois de terem atravessado a cidade, chegaram à porta do "can" onde se encontrava um homem de vigia.

- Que quereis? - perguntou-lhes.
- Esta noite vimos e ouvimos grandes coisas - responderam.
- Também nós as vimos, mas não ouvimos nada. Que escutasteis vós?

- Vinde connosco à gruta do estábulo, onde esperamos confirmar o que ouvimos. Ali, dir-vos-emos tudo.

- Não sejais assim, pois perdereis o tempo.
- Não; Cristo nasceu.
- Cristo! Como o sabeis?

- Vinde, se assim o quiserdes, vê-Lo.

O guardião sorriu ironicamente.
- E que fareis para O reconhecer?

- Nasceu esta noite e está deitado num presépio. E não há mais nenhum sítio em Belém que os tenha.

- A gruta?
- Sim, vinde connosco.

Atravessaram o pátio sem serem vistos, embora muitos dos que ali estavam fizessem comentários sobre a luz misteriosa. A porta da gruta estava aberta. Iluminava-a interiormente, uma lâmpada e os pastores entraram sem cerimónias.

- A paz esteja convosco! - disse o guardião a José e ao homem de Beth-Dagon. Esta gente vem à procura de um menino que nasceu esta noite, e que reconhecerá por estar envolto em panos e deitado num presépio.

O rosto do nazareno contraiu-se repentinamente; depois,
voltando-se, disse:
- O Menino está aqui.

Foram conduzidos até um dos presépios, e nele encontraram o infante. Aproximaram a lanterna e emudeceram. O pequeno não se moveu; era como todos os recém-nascidos.

- Onde está a mãe? - inquiriu o guardião.

Uma das mulheres tomou a criança nos braços, levou-a a Maria, deitada ali próximo, e depositou-a nas suas mãos. Então os presentes agruparam-se em torno de ambos.

- É Cristo! - repetiram todos, ajoelhando-se em atitude de adoração. E um deles repetiu várias vezes:
- É o Senhor, e a Sua glória está sobre a Terra e o Céu.

E os homens, cheios de fé, beijaram a orla do vestido de Maria, e com os rostos radiantes de alegria, partiram.

No "can" referiram aquele acontecimentQ a toda a gente, já levantada e que se agrupava em volta deles; por toda a cidade e em todo o caminho de regresso ao "marah" foram cantando o versículo dos anjos:

- Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa-vontade!

No undécimo dia depois do nascimento do Menino na gruta, próximo do meiodia, os três reis magos chegaram, pelos caminhos de Siquém, às proximidades de Jerusalém.

Um menino que estava sentado com um grupo de mulheres à beira do caminho e que viu chegar a comitiva, imediatamente começou a bater palmas e a gritar:

- Olhai, olhai! Que lindos guizos! Que camelos tão grandes!

Os guizos eram de prata; os camelos, como já vimos, eram de uma brancura e proporções fora do comum, e moviam-se com dignidade sem par. No entanto, não eram os guizos, nem os camelos, nem o porte dos animais o que causava tanto assombro: era a pergunta que fez o que montava no primeiro animal:

- Boa gente - disse Baltasar cofiando a barba penteada e dobrando-se na sela: Jerusalém está perto?

- Sim - respondeu a mulher em cujos braços se tinha ido refugiar o petiz. - Se as árvores ali adiante fossem um pouco mais baixas, poderíeis ver daqui as da praça do mercado.

Baltasar olhou o grego e o indiano, e depois perguntou:
- Onde se encontra Aquele que nasceu Rei dos judeus?
As mulheres entreolharam-se sem responder.
- Não ouvisteis falar d'Ele? Não.

- Pois bem; dizei a todos que nós vimos a sua luz no Oriente e que vimos adoráLo.

Os três amigos continuaram o seu caminho, dirigindo a outros a mesma pergunta com resultados idênticos.

Uma grande comitiva que encontraram, e que se encaminhava para a gruta de Jeremias, surpreendeu-se com a pergunta e com o aspecto dos viajantes e voltou para trás e Os foi seguindo até à cidade.

Por fim, chegaram a uma torre de grande altura que dominava a porta, a qual, naquele tempo, correspondia à actual porta de Damasco e que indicava a biforcação dos caminhos de Siquem, Jericó e Gabaon.

Um guarda romano custodiava a porta. As pessoas, que seguiam os camelos, formavam uma caravana suficiente para atrair os curiosos à porta; assim, quando Baltasar se deteve para falar à sentinela, os três amigos formavam o centro de um círculo desejoso de saber o que tinha acontecido.

- A paz esteja convosco - disse o egípcio com voz clara.
A sentinela respondeu.

- Viemos de muito longe à procura daquele que nasceu Rei dos judeus. Podeis dizer-nos onde Ele está?

O soldado levantou a viseira do elmo e chamou em voz alta; pela porta, vindo do lado direito, apareceu um oficial.

- Deixai passar - gritou à multidão que ali se tinha reunido.

E como esta não parecia muito disposta a cumprir a ordem, adiantou-se brandindo a espada à esquerda e à direita, conseguindo assim que deixasse o caminho livre.

- Que desejais? - perguntou a Baltasar, falando na língua local.
Baltasar respondeu no mesmo idioma:
- Onde se encontra O que nasceu Rei dos judeus?
- Herodes? - perguntou, confuso, o oficial.
- O reino de Herodes é de César, não de Herodes.
- Não há outro rei dos judeus.
- Pois nós vimos a sua estrela e vimos adorá-Lo.

O romano ficou perplexo.

- Prossegui - disse finalmente, - prossegui o vosso caminho. Eu não sou judeu. Apresentai-vos aos doutores no templo, ou a Annás, o sacerdote, ou mesmo ao próprio Herodes. Se existe outro Rei dos judeus, ele sabê-lo-á encontrar.

Dizendo isto, abriu caminho para que os estrangeiros se encaminhassem para a porta. Mas antes de entrar no caminho, Baltasar deteve-se e dirigindo-se aos amigos, disse-lhes:

- A nossa chegada já é conhecida por todos. à meia-noite, toda a cidade terá ouvido falar de nós e dos nossos propósitos. Dirijamo-nos, pois, ao "can".

Naquela tarde, antes do crepúsculo, algumas mulheres lavavam roupa branca sobre o último degrau da lavandaria que conduzia à piscina de Siloé. Estavam ajoelhadas diante de uma grande vasilha de barro. Uma rapariga que, ao pé das escadas, lhes dava a água de que elas precisavam, cantava enquanto enchia os cântaros. A canção era alegre e, sem dúvida, cumpria a sua tarefa com agrado. Enquanto as mulheres cansavam as mãos esfregando e torcendo os lenços brancos nas vasilhas, chegaram outras duas, cada uma delas com um cântaro vazio ao ombro.

- A paz esteja convosco - disse uma das recémchegadas.

As lavadeiras pararam a faina e levantaram-se, enxugando as mãos e retribuindo a saudação.

- É quase noite. São horas de descansar.
- Ainda não terminámos o trabalho - foi a resposta.
- Mas há uma hora para descansar e...
- Que novidades trazeis?
- Como! Não soubéstes de nada?
- Não.
- Dizem que Cristo nasceu - disse outra, principiando o relato.

Era curioso observar como o rosto das lavadeiras se iluminava de curiosidade; os cântaros, invertidos, depressa foram transformados em assentos pelas proprietárias, que formaram um circulo e prestaram atenção.

- Cristo? - interromperam as ouvintes curiosas.
- Assim dizem.

- Quem o diz?
- Todos.
- E há quem acredite?

- Ontem, três homens atravessaram o Cédron, no caminho para Siquém - disse a interlocutora procurando dissipar todas as dúvidas. - Cada um deles guiava um camelo branco, maior do que os que costumamos ver em Jerusalém.

Os olhos e as bocas das mulheres dilataram-se.
Para demonstrar a grandiosidade e fausto dos homens, a narradora continuou:

- Iam sentados sob toldos de seda; os adornos das suas montadas eram de ouro, como o eram também os adornos dos arreios; os guizos eram de prata e pareciam produzir, com o seu tilintar, uma verdadeira música. Ninguém os conhecia. Um deles falou e dirigiu a todos os transeuntes, mesmo a mulheres e a crianças, esta pergunta: "Onde se encontra o que nasceu Rei dos judeus? Vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo." Decidiram então interrogar a sentinela romana e este, não sabendo mais que os simples transeuntes, mandou-os a Herodes.
- E onde estão agora?

- No "cam". Centenas de pessoas têm acorrido e centenas irão amanhã.
- Quem são?

- Ninguém sabe. Diz-se que são persas, homens que falam com as estrelas. Talvez profetas, como Elias ou Geremias.

- E o que querem dizer com isso de Rei dos judeus?
- Referem-se a Cristo, e dizem que Este é um recém-nascido.
Uma das mulheres sorriu e recomeçou o trabalho, dizendo:
- Bem; quando O vir, então acreditarei n'Ele.

Uma outra seguiu o seu exemplo.
- E eu quando O vir ressuscitar um morto.
Uma terceira acrescentou calmamente:

- Cristo tem sido anunciado desde há muito. Bastar-me-á vê-Lo curar um leproso.

E continuaram a falar até que caiu a noite e o ar as obrigou a recolher às suas

casas.

Mais tarde, já a noite ia avançada, celebrou-se no do monte Sião uma reunião com cerca de cmientas pessoas, que apenas se reuniam por ordem de Herodes e quando ele queria conhecer algum do mistérios da lei ou da história hebraica. Era uma reunião dos mestres dos colégios sacros, dos principais sacerdotes e dos doutores mais conhecidos na cidade, dos chefes dos partidos mais importantes, dos comentaristas das diferentes crenças, príncipes dos Saduceus; oradores Fariseus e os graves e tranquilos filósofos do socialismo dos Esénios.

A sala onde se celebrava a reunião, pertencia a um dos pátios interiores do palácio; era bastante espaçosa e de arquitectura romana. O chão era pavimentado de mármore; as paredes não tinham janelas; ocupava o centro da sala, um divã em forma de ferradura, coberto de almofadões amarelados e cuja abertura estava virada para a entrada; no arco do divã, ou antes, na curva da ferradura, havia um enorme tripé de ouro com numerosas incrustrações do mesmo metal e de prata. Suspenso do centro da abóbada, por uma corda, um grande lustre de sete braços, cada um com a sua lâmpada acesa.

Aqueles cinquenta indivíduos estavam sentados no divã, ao modo oriental, e eram, na sua maioria homens de idade avançada. Constituíam a reunião do Sanhedrim.

O que se sentava frente ao tripé, no lugar que podemos chamar o centro do divã, era de compleição gigantesca, mas de uma magreza espantosa. Enquanto falava levantava, a intervalos, trémulo, o polegar da mão direita, e parecia incapaz de qualquer outro movimento. A sua cabeça era calva e brilhante; poucos cabelos, de um branco prateado, cobriam-lhe A nuca. a fronte estava franzida e imensas rugas sulcavam-lhe a espaçosa testa; os olhos' eram velados, o nariz afilado; cobria-lhe a parte inferior do rosto, uma barba flutuante e branca como a de Aarón. Era Hielel, o babilónio, que aos cento e seis anos era ainda o maior "rabi" do grande Colégio.

Sobre o tripé, diante do qual estava sentado, via-se um rolo de pergaminho aberto, escrito com caracteres hebraicos, e atrás dele, de pé, estava um servo ricamente vestido.

Tinha-se discutido bastante, e acabada a discussão estavam todos em atitude de descanso. O venerável Hillel, sem se mover, chamou o servo.

- Vem!
O jovem avançou respeitosamente.
- Vai e diz ao rei que estamos preparados para lhe responder.

O servo obedeceu.

Pouco depois, entraram dois oficiais e situaram-se um de cada lado da porta. Atrás deles entrou um ancião envolto num hábito de púrpura, orlado de vermelho, cingido à cintura por uma faixa de ouro, subtil e flexível como pele; as fivelas do seu calçado deslumbravam com as pedras preciosas; uma estreita coroa de filigrana brilhava sobre uma "tarbus" de felpa carniesim que, envolvendo-lhe a cabeça, lhe descia pela nuca e pelas costas. Do cinto, pendia-lhe um punhal. Caminhava com passo vacilante apoiando-se com todo o seu peso num bastão. Quando' chegou ao divã deteve-se e levantou os olhos do chão; até então não se tinha dado conta da assembleia, e vivamente excitado pela sua presença, ergueu-se com olhar altivo, tétrico, suspeitoso e ameaçador, como de uma pessoa que se espanta ao encontrar-se diante de um inimigo. Era Herodes, o Grande. Uma pessoa envelhecida por enfermidades horríveis, uma consciencia manchada por delitos, uma alma gémea da de César; tinha sessenta e três anos, mas custodiava o trono vigilantemente, despoticamente, com poder absoluto e crueldade inexorável.

A assembleia agitou-se. Os mais velhos inclinaram-se, reverentes; os mais nobres levantavam-se ou ajoelhavam-se com os braços cruzados sobre o peito.

Depois de ter olhado à sua volta, Herodes avançou até ao tripé colocado ante o venerável HilIel, a quem o seu olhar frio encontrou com a cabeça baixa e as mãos elevadas.

- A resposta! - disse o rei com ar altivo voltando-se para HilIel. E pondo-se diante do seu bastão, repetiu: A resposta!

Os olhos do patriarca brilhavam docemente, e respondeu, enquanto os seus colegas prestavam profunda atenção:

- A paz do Senhor de Abraão, de Isac e de Jacob esteja contigo, oh rei. Depois, mudando de tom, prosseguiu:
- Perguntaste-nos onde se supõe que Cristo há-de nascer.

O rei fez um sinal afirmativo, ainda que sem afastar do sábio o seu olhar perverso.

- Essa é a pergunta - disse. - Então, oh rei, em meu nome e no dos meus irmãos aqui presentes te digo: em Belém, na Judeia.

Hillel dirigiu o olhar para o pergaminho que estava sobre o tripé; e assinalando com o dedo trémulo, continuou:

- Em Belém, na Judeia, como o deixou escrito o profeta: "E tu, Belém, na terra de Judeia não és, não, a mais pequena das terras de Judá, porque de ti sairá um chefe que saberá dominar Israel, o meu povo".

O semblante de Herodes torvou-se, e pensativo fixou os olhos no pergaminho. Os circunstantes não ousavam sequer respirar, e estavam silenciosos como ele. Por fim, sem dizer palavra, abandonou a sala.

- Irmãos - exclamou Hillel, - terminámos.
A assembleia levantou-se e saiu formando grupos.
- Simeão chamou Hillel.

Um homem de cinquenta anos, mas ainda na flor da vida,
respondeu-lhe e dirigiu-se para ele.

- Toma o sagrado pergaminho, meu filho - acrescentou, - e enrola-o com cuidado.

A ordem foi cumprida.
- Oferece-me o teu braço; subirei para a liteira.

O homem robusto inclinou-se; o ancião aceitou o apoio oferecido e dirigiu-se com custo para a porta.

Assim se foram, o famoso "rabi" e Simeão, seu filho, que devia ser o seu sucessor em prudência e sabedoria.

Os Reis Magos velavam, a hora já muito avançada, debaixo do pórtico do "can".

As suas cabeças descansavam sobre pedras que, levantando-as ligeiramente, lhes permitiam ver a imensidade do céu, através dos arcos que rodeavam o pátio. Contemplavam as estrelas brilhantes, meditando - na próxima revelação. Estavam, por fim, em Jerusalém; às portas da cidade tinham perguntado pelo que procuravam; tinham anunciado o Seu nascimento; agora só lhes faltava encontrá-Lo. Na esperança de se saírem bem, confiaram no Espirito, e esperando ouvir a voz de Deus ou um sinal do Céu, não podiam conciliar o sono.

Agitados e comovidos viram um homem que avançava para eles.
- Despertai - disse, - trago-vos uma mensagem urgente.
Os três endireitaram-se.
- Da parte de quem? - perguntou o egípcio.
- De Herodes, o rei.
Os três sentiram que um ligeiro estremecimento lhes percorria o corpo.
- Sois, por acaso, o guarda do "Can"? - perguntou Baltasar.

-Sim.
- E que deseja o rei?
- O mensageiro espera; ele vos responderá.
- Dizei-lhe que já lá vamos.
- Tinheis razão, meus irmãos, - disse o grego assim que o guarda se afastou. - As

perguntas dirigidas aos transeuntes e aos guardas fizeram-nos alvo da curiosidade. Estou impaciente. Apressemo-nos.

Levantaram-se, calçaram as sandálias, puseram os mantos e saíram.

- Saúdo-vos; a paz seja convosco e perdoai-me; o meu senhor, o rei, ordenou-me que vos conduzisse ao palácio, onde deseja falar-vos secretamente.

O mensageiro tinha cumprido a sua missão.

O egípcio dirigiu-se ao guardião e disse-lhe em voz baixa, sem que os outros ouvissem:

- Vós sabeis em que sítio do pátio está a nossa roupa e onde repousam os

camelos. Tratai, durante a nossa ausência, de tudo o que é necessário para a nossa partida, como se tivéssemos de efectuá-la imediatamente.

- Podeis ir tranquilos, confiai em mim - respondeu o guardião.
- A vontade do rei é a nossa - disse Baltasar ao mensageiro; - seguimos-te.

À luz pálida das estrelas, subiram lentamente a colina até chegarem a uma porta elevada, situada a meio do caminho. O resplendor das tochas que ardiam em dois grandes tocheiros, permitiu-lhes distinguir a estrutura do edifício e os guardas que se apoiavam a cada lado da porta. Penetraram nele, sem que a sentinela os detivesse; atravessaram corredores, portas e pátios, alguns em completa escuridão, subiram muitas escadas, atravessaram inúmeros corredores e imensas salas, e foram conduzidos a uma torre muito elevada. Imediatamente, o guia os deteve e mostrando-lhes uma porta aberta, disse-lhes:

- Entrai. O rei está ali.

O ambiente da sala estava impregnado da madeira do sândalo e tudo nela estava ordenado e disposto com gosto. Uma preciosa carpeta cobria o centro do pavimento e sobre ele elevava-se um trono.

Herodes encontrava-se sentado neste, com o mesmo traje que vestia na reunião de doutores e sacerdotes. Avançaram e ajoelharam na borda da carpeta. O rei tocou uma campainha. Um servo entrou e colocou três cadeiras em frente do trono.

- Sentai-vos - convidou o monarca amavelmente.

- Da porta Norte - prosseguiu quando já estavam sentados - trouxeram-me a notícia da chegada de três estrangeiros curiosamente vestidos, e ao que parece, procedentes de países longínquos. Sois vós?

O egípcio, depois de ter dirigido um olhar ao grego e ao hindú, respondeu com uma inclinação profunda:

- Se não fôssemos nós esses estrangeiros, o poderoso Herodes, cuja fama é conhecida no mundo inteiro, não nos tinha mandado chamar.

Herodes, com a mão, fez um sinal de aprovação.

- Quem sois? De onde vindes? - perguntou. E acrescentou em tom expressivo: Fale cada um de si mesmo.

Os reis responderam sucessivamente, aludindo rapidamente às cidades, aos seus países nativos e ao caminho seguido até chegarem a Jerusalém. Não satisfeito, acrescentou Herodes:

- Que pergunta dirigisteis ao oficial que se encontrava à porta?

- Perguntámos-lhe onde está Aquele que nasceu Rei dos judeus. Por que vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-Lo.

- Agora compreendo a curiosidade do povo. Mas excitais também a minha! Há, acaso, outro rei dosjudeus?

- Há um, recém-nascido - respondeu tranquilamente o egípcio.

O semblante obscuro do monarca tomou uma expressão de dor como se lhe viesse à memória um episódio dilacerador.

- Não sou eu, quem buscais! - exclamou.

Talvez lhe desfilassem diante dos olhos as sombras acusadoras dos seus filhos assassinados. Em seguida, dominando a emoção, perguntou com voz firme:

- Onde está o novo Rei?
- Isso, oh rei, é o que desejamos que nos digais.

- Vós propondes-me um milagre, um enigma superior em muito ao de Salomão acrescentou. - Como vedes, estou naquele período da existência em que a curiosidade é desenfreada, como na infância, e em que enganá-la é uma

crueldade. Prossegui, e eu vos respeitarei como os reis se respeitam uns aos outros. Dizei-me assim que souberdes do novo Rei, e eu associar-me-ei a vós para procurá-Lo, e quando O tivermos encontrado, eu farei o que quereis: trá-Lo-ei a Jerusalém e elevá-Lo-ei ao trono; insistirei o máximo com César para a sua proclamação e glória. Não haverá ciúme entre nós, juro-vos. Mas antes dizei-me como, tão separados pelos mares e pelos desertos, ouvistes falar D'Ele.

- Dir-vos-ei sinceramente, oh rei.
- Falai - disse Herodes.
Baltasar pôs-se em pé e disse com doçura:
- Existe um Deus omnipotente.

Herodes agitou-se de um modo imperceptível.

- Este Deus, conduziu-nos aqui assegurando-nos que encontraríamos o Redentor do Mundo; que O adoraríamos se acreditássemos na Sua vinda; como sinal, cada um de nós havia de ver uma estrela. O Seu Espírito permaneceu connosco, oh rei, o Seu espírito está ainda connosco.

Uma emoção irresistível, opressora, apoderou-se dos três. O grego mal pôde reprimir um grito. Herodes fixou os seus olhos rapidamente de um ao outro; estava mais receoso, mais descontente que ao princípio.

- Julgo que troçaiS de mim - disse-lhes; - mas se não é assim, prossegui. Que irá produzir a vinda do novo Rei?

- A salvação dos homens.
- De que perigo?
- Da sua perversidade.
- Como?
- Por meio das virtudes divinas. O Amor, a Fé, as boas obras.
- Então...

Herodes deteve-se; difícil era adivinhar qual era o sentimento reflectido no seu olhar.

- Então..., vós sois os mensageiros de Cristo. Não é assim?
Baltasar inclinou-se lentamente.
- Nós somos os teus servos, oh rei.

O monarca tocou a campainha e um criado apareceu.
- Trazei os presentes.

O servo saiu; mas voltou pouco depois e ajolhando-se diante dos hóspedes, deu a cada um, um manto azul e vermelho-escarlate e um cinturão de ouro. Os três manifestavam o seu agradecimento prostrando-se ao modo oriental.

- Uma palavra ainda - disse Herodes, assim que terminou a cerimónia. - Ao oficial da porta e há pouco a mim mesmo, falasteis de uma estrela que apareceu no Oriente.

- Sim, - disse Baltasar. - A Sua estrela. A estrela do Recém-nascido.
- Quando vos apareceu?
- Quando nos foi ordenado que viéssemos.

Herodes levantou-se, dando a perceber que a audiência tinha terminado. Descendo do trono e dirigindo-se para eles disse-lhes com grande amabilidade:

- Se, como creio, oh homens ilustres, vós sois os mensageiros do Cristo, recémnascido, sabei que esta noite consultei os doutores mais versados no conhecimento das escrituras referentes ao povo judeu, e eles estão de acordo em dizer que há-de ter nascido em Belém, da Judeia.

Digo-vos pois, ide lá, ide e buscai diligentemente a terna criança, e quando a encontrardes, avisai-me para que também eu vá adorá-la. Nenhum obstáculo se oporá à vossa partida. A paz esteja convosco.

E envolvendo-se no manto, saiu da sala. O aio acompanhou os Reis ao exterior e depois ao "can". Ao chegar à porta, o grego disse:

- Vamos a Belém, a Belém, oh irmãos, como nos disse o rei.
- Sim - gritou o hindú, - o Espírito protege-nos.
- Assim seja - disse Baltasar com igual entusiasmo. - Os camelos estão prontos.

Deram umas moedas ao guardião, montaram nas selas, pediram indicações para se dirigirem à porta de Jafa, e partiram. à sua chegada, as grandes portas estavam abertas e saíram em pleno campo tomando o caminho ultimamente tomado por José e Maria. Enquanto avançavam pela planície de Raphaim, apareceu uma luz, primeiramente débil e afastada. Os corações palpitavam-lhes com violência. A luz tornava-se rapidamente mais intensa, obrigando-os a fechar os olhos com o

seu esplendor. Quando se atreveram a olhá-la novamente, a estrela, bela como nenhuma outra, foi descendo lentamente até ficar sobre eles. Juntaram as mãos e gritaram cheios de imensa alegria:

- Deus está connosco!

E foram repetindo isto durante o caminho, até que a estrela, elevando-se sobre o vale, do outro lado do mar Elias, se deteve em cima de uma casa, no cume da colina próxim da cidade.

Era o principiar da terceira vigília, e em Belém amanhecia do lado do Oriente, mas tão fracamente que o vale ainda estava mergulhado nas trevas. O guarda, debaixo do tecto do antigo "can", tremendo de frio, escutava os primeiros sons com que a vida, despertando, acolhe o dia. De repente, uma luz apareceu na colina sobre a casa. Ao princípio, pensou que fosse uma tocha nas mãos de alguém; depois, tomou-a por um meteoro; a claridade depois aumentou até se tornar numa estrela. Assombrado, gritou várias vezes o que fez com que todos os que se acolhiam naqueles muros, viessem cá para fora. O fenómeno, com movimento curioso, continuava a aproximar-se; as rochas, as árvores e os caminhos brilhavam à sua luz, como que iluminados pelo fulgor dum raio. Depressa a sua claridade se tornou irresistível. Os mais tímidos cairam de joelhos e rezaram com o rosto coberto pelas mãos; os mais ousados, tapando os olhos ocultaramse e de quando em quando lançavam olhares furtivos. Pouco depois o "can", em todo o seu circuito estava iluminado por uma claridade insuportável pela sua intensidade. Os que se arriscaram a olhar viram a estrela, parada sobre a casa, em frente da gruta, onde nascera o menino.

Nisto, chegaram os três Reis Magos e apeando-se dos camelos pediram licença para entrar. O guardião, dissimulando o seu terror por os receber, levantou a tranca e abriu a porta. Os camelos pareciam espectros à luz sobrenatural. e à parte o seu aspecto fantástico havia nos semblantes e nas atitudes dos três visitantes uma veemência e uma exaltação que excitaram mais ainda os temores do guardião; durante um momento, não pôde responder à pergunta que lhe tinham feito.

- Aqui não é Belém da Judeia?
Mas entretanto, alguns curiosos chegaram e responderam por ele:
- Não; isto é o "can". A cidade fica mais para além.
- Não há aqui uma criança, recém-nascida?

Os presentes entreolharam-se com assombro e alguns deles responderam:
- Sim, sim...
- Mostrai-no-la! - disse o grego impaciente.

- Mostrai-no-la! - acrescentou Baltasar, interrompendo a sua gravidade; - porque vimos a Sua estrela, aquela que vós admirais sobre aquela casa e viemos para O adorar. O indiano juntou as mãos, exclamando:

- Deus realmente existe! Apressai-vos, apressai-vos. Encontrámos o Salvador! Benditos, benditos sejamos entre os homens!

A multidão saiu do "can" e seguiu os forasteiros que foram levados pelo pátio para o recinto; à vista da estrela parada ainda sobre a gruta, ainda que menos incandescente que antes, alguns fugiram espantados; a maior parte, contudo, prosseguiu. Quando os forasteiros se aproximaram da casa, a estrela elevou-se; quando chegaram à porta, continuava a afastar-se no alto; quando entraram, tinha desaparecido. E nas testemunhas do que então sucedeu, entrou a convicção de que alguma relação existia entre a estrela e os estrangeiros.

Quando a porta se abriu, todos se precipitaram na gruta. O espaço era iluminado por uma lanterna que dava a claridade suficiente para os três Reis Magos distinguirem a mãe e o menino acordado no seu regaço.

- É teu esse menino? - perguntou Baltasar a Maria.

Maria respondeu:
- Sim, é meu filho!
Então, caíram de joelhos e adoraram-no.

Era um menino como os outros; sobre a sua cabeça não havia auréola, nem coroa alguma; os seus lábios entreabriram-se, mas não para falar; regozijava-se ao ver e ouvir os seus transportes de gozo, as suas invocações, as suas súplicas. Depois de breves momentos, levantaram-se e sairam em busca dos camelos. Das suas caixas tiraram presentes de ouro, de incenso e de mirra que depositaram reverentemente diante da criança. E adoraram-no fervorosamente. A sua fé afirmava-se nos sinais enviados por Aquele que, desde então, se revelou como nosso Pai, e, para eles, a sua promessa era suficiente.

LIVRO SEGUNDO

O leitor terá que situar-se vinte anos depois, período das agitações políticas que atribularam Jerusalém, percursoras do conflito final entre romanos e judeus, sob a administração de Valério Grato.

Neste intervalo tinham-se efectuado algumas mudanÇas especialmente no plano político. Herodes tinha morrido um ano depois do nascimento da criança, e a sua mãe tinha justificado a opinião de que tinha sido castigado pela cólera divina.

Herodes tinha sonhado ser o fundador de uma dinastia, e com este propósito, no testamento dividiu o reino pelos seus três filhos: Antipas, Filipe, e Aquelao. outorgou a este a dignidade real.

O testamento foi submetido ao imperador Augusto, o qual recusou a Arquelao o título de rei, até este dar provas de capacidade e de fidelidade. Em troca, nomeou-o governador e como tal deixou-o governar nove anos, ao fim dos quais o mandou desterrado para a Gália, por se ter mostrado indigno do cargo.

César não se contentou com o destruir Arquelao, também castigou o povo de Jerusalém de tal modo, que feriu em cheio o orgulho dos soberbos guardas do templo: reduziu a Judeia a uma simples província romana e incorporou-a na Prefeitura de Síria. Deste modo, a cidade caiu nas mãos de um oficial subordinado, dum empregado intitulado procurador, o qual se relacionava com a corte de Roma, por mediação do legado da Síria, residente em Antioquia. Para tornar ainda mais dolorosa a ferida, não foi permitido ao procurador fixar-se em Jerusalém. Foi Cesária a capital do seu governo. Mas a maior humilhação, a mais irritante de todas, foi a anexação da Samaria; a desprezível Samaria, unida à Judeia, como fazendo parte da mesma província.

Em tanta desolação, só um consolo restava a este povo tão caído: o Pontífice ocupava o palácio de Herodes, e estava rodeado por um simulacro de corte.

O palácio real estava ocupado pelos oficiais da administração imperial, com todo o seu corpo de assistentes, registadores, colectores, informadores e espiões. Todavia, os obstinados sonhadores de uma liberdade futura, encontravam certa satisfação ao pensar que o principal personagem do Palácio, era um judeu. Apenas a sua presença lá, dia após dia, recordava-lhes os pactos e as promessas

dos profetas e os tempos em que Jeová governava as suas tribos por intermédio dos filhos de Aaron; este era para eles um sinal evidente de que Deus não tinha abandonado o seu povo; assim as suas esperanças não esmoreciam e esperavam a vinda do Filho da Judeia que devia reinar em Israel.

A Judeia tinha sido uma província romana durante mais de oitenta anos, período suficiente para que os Césares conhecessem o carácter do povo e compreendessem que os judeus podiam ser governados tranquilamente, desde que se respeitasse a sua religião. Inspirando-se nesta experiência, os predecessores de Grato tinham-se abstido de se imiscuirem nas práticas religiosas dos seus súbditos. Grato quis seguir caminhos diferentes e uma das primeiras medidas, que tomou, foi destituir Annás da sua dignidade de primeiro sacerdote e nomear para aquele cargo lsmael, filho de Fabo.

Quer esta decisão emanasse de Augusto, quer procedesse de Grato, a sua inconveniência foi rapidamente manifestada.

Nesta altura, existiam na Judeia dois partidos: o dos nobres e o separatista popular. Com a morte de Herodes, ambos OS partidos se coligaram na luta contra Arquelao, combatendo-o nos templos e no palácio, em Jerusalém e em Roma. Durante esta luta, os aliados tinham em vista diferentes fins: os nobres odiavam Joazar, o primeiro sacerdote; os separatistas, pelo contrário, eram os seus mais zelosos partidários. Quando Arquelao sucumbiu, Joazar compartilhou a sua sorte; Annás, filho de Set, foi eleito de entre os nobres para o elevado cargo. Isto produziu violenta cisão nos dois partidos que se colocaram frente a frente, em feroz inimizade.

No decorrer da luta contra o infortunado Etnarca, os nobres julgaram oportuno virar-se para Roma Prevendo que ao abolir-se a disposição vigente seria necessária uma nova mudança política, sugeriram a conversão da Judeia em província. Esta medida deu aos separatistas novo pretexto e novas armas; e quando a Samaria foi incorporada à província, os nobres ficaram em exígua minoria, sem outro apoio que o da corte imperial e o prestígio da sua casta e da sua riqueza.

Annás tinha posto finalmente o seu poder ao serviço do seu senhor imperial. Roma não tinha amigo mais fiel e o seu desaparecimento foi muito sentido. Esmael, o novo sacerdote, passou directamente dos pórticos do templo aos conciliábulos dos separatistas, colocando-se à cabeça de uma nova liga. O

procurador Grato, privado assim de todo o apoio, viu reacender subitamente as cinzas que durante quinze anos pareciam ter-se extinguido gradualmente. No mês da tomada de posse de Esmael, o romano julgou necessário visitá-lo em Jerusalém. Quando, do alto das muralhas, os judeus viram a sua guarda entrar pela porta setentrional da cidade e dirigir-se à torre de Antónia, compreenderam o verdadeiro motivo da visita. A guarnição foi reforçada com toda uma corte de legionários, e se o procurador tivesse achado oportuno dar um exemplo, só Deus teria podido salvar a primeira vítima.

Uma vez dadas estas explicações, passemos a um dos jardins do palácio no monte Sião. É meio-dia, a meio do mês de Julho, quando o calor estival é mais intenso.

O jardim estava limitado por construções terminadas em terraços adornadas e protegidas por grossas balaustradas. Aqui e além, a continuidade dos edifícios interrompida por baixas colunatas que permitiam a circulação do ar e deixavam entrever outras alas do palácio, pondo em relevo toda a sua majestade e riqueza.

O jardim não era menos formoso. Veredas sombrias serpenteavam por entre prados e tapetes de relva, sobre os quais se elevavam árvores altíssimas. O terreno ia em suave declive desde o centro, onde existia um profundo pilão de mármore com diminutas bocas que vertiam água em canais paralelos à vereda. Não muito longe da fonte, brilhava a superfície dum pequeno lago, em cuja beira crescia um canavial e talhões de buxos, no estilo dos que cresciam nas ribeiras do Jordão e do mar Morto. Entre as plantas e o lago, dois jovens, um de dezanove anos, outro de dezassete, sustinham um sério colóquio.

À primeira vista tomavam-se por irmãos; ambos formosos, ambos de cabelos e olhos negros, rostos bronzeados e de estaturas proporcionais às respectivas idades. O maior tinha a cabeça descoberta. Uma túnica caindo-lhe até aos joelhos, e um manto azulado arrastando com descuido pelo chão, constituiam todo o seu trajo, que deixava descobertos os seus braços escuros como o rosto. As suas vestes denunciavam-nos estarmos em presença de um romano.

Nas terríveis guerras entre o primeiro César e seus grandes inimigos, um Messala tinha sido amigo de Bruto. Depois de Filipe, sem sacrificar a sua honra, tinha-se reconciliado com o vencedor, e mais tarde, quando Octávio lutou pelo Império, Messala deu-lhe o seu apoio. Nomeado Octávio imperador augusto, recordou-se dos serviços que ele lhe tinha prestado e cumulou a sua família de

honras. Entre outras coisas, tendo sido a Judeia reduzida a província, enviou para Jerusalém o filho de seu velho amigo, com o encargo de cobrar os impostos da região, e com este emprego tinha ficado, partilhando o palácio com o primeiro sacerdote. O jovem de quem falamos era filho do personagem descrito.

O companheiro de Messala era de constituição mais débil, e os seus fatos, de finíssimo tecido de linho, estavam cortadas tal como se usava em Jerusalém. Um pano, sustido por um cordão amarelo apertado em volta da cabeça, caía-lhe pelas costas. Um observador, perito na distinção de raças, e mais conhecedor das fisionomias do que dos trajos, teria adivinhado imediatamente a sua origem judaica.

A beleza do romano era severa e casta; a do judeu, voluptuosa e exuberante.
- Não dizias que o nosso procurador devia chegar amanhã?

A pergunta procedia do mais novo dos amigos, e tinha sido feita em grego, que era, naquele tempo, a língua dominante na alta sociedade judaica.

- Sim, amanhã - respondeu Messala.
- Quem te disse?

- Ouvi-o a Esmael, o novo governador do palácio (vós chamais-lhe primeiro sacerdote), que ontem à noite falava disso com o meu pai. Claro que se a notícia tivesse vindo de um egípcio, cuja raça esqueceu o que é a verdade, ou mesmo de um idumeu, cujo povo nunca soube o que era a verdade, não acreditava, mas de qualquer modo, verifiquei que era verdadeira, pois esta manhã vi um centurião na Torre, e este disse-me que se estavam a fazer os preparativos para a sua recepção.

É impossível descrever o modo como esta resposta foi dada. A religião antiga havia quase deixado de ser uma fé, a filosofia tomava o lugar da religião e a ironia tomava rapidamente o lugar da reverência.

O jovem Messala, educado em Roma e regressado há pouco tempo, tinha adquirido estes hábitos e estes modos.

A expressão da face do jovem judeu fez-se mais obscura, e não respondeu, limitando-se a olhar distraidamente para as profundezas do lago.

- Despedimo-nos neste mesmo jardim. "A paz do Senhor esteja contigo!", foram as tuas últimas palavras. Eu disse-te: "Que os deuses te protejam!" Lembras-te? Quantos anos passaram desde então?

- Cinco respondeu o judeu contemplando a água.

- Pois bem: tu tens razão para estares reconhecido a quem direi? - Aos deuses? Pouco importa. Tu desenvolveste-te assombrosamente: os gregos achar-te-iam belissimo, feliz. Diz-me, Judá, porque te interessa tanto a vinda do procurador?

Judá fixou os olhos do seu interlocutor, com expressão grave pensativa e penetrantemente, enquanto dizia:

- Sim, cinco anos. Recordo-me da tua partida: foste a Roma; eu vi-te partir e chorei, porque gostava de ti. Os anos passaram, e tu voltas cá como um príncipe, e, no entanto, desejaria que fosses o Messala de quando partiste.

As narinas do romano contrairam-se com um movimento irónico, e com voz mais afectada que antes, replicou:

- Falemos a sério, meu amigo, em que difiro do Messala de outros tempos? Uma vez ouvi uma dissertação do lógico mais importante da cidade, e o tema dessa dissertação era a discussão. Recordo ainda as suas palavras: "Compreende bem o teu adversário antes de lhe responderes." E, francamente, não te compreendo.

O jovem ruborizou-se diante do olhar cínico do romano; mas respondeu com firmeza:

- Vejo que aproveitaste bem as oportunidades que se te apresentaram: nas escolas ensinaram-te sabedoria e arte de gracejar. Falas com a desenvoltura dum mestre; mas as tuas palavras metem dó. Quando me abandonaste não tinhas fel no teu ser; nem por todo o ouro do mundo terias ousado ferir a susceptibilidade de um amigo.

O romano sorriu como se tivesse ouvido um piropo e ergueu ainda mais altivamente a sua formosa cabeça patricia.

- Oh, meu austero Judá! Não estamos em Dodona nem em Pito. Abandona, pois, esse tom de oráculo e desce a uma explicação terrestre. Em que te ofendi? O

judeu respirou fundo e, brincando com o cordão que lhe cingia a cintura, disse:

- Também eu aprendi alguma coisa durante estes anos. Hiliel não será igual ao filósofo que tu ouviste, e Simeão e Shammaí são, indubitavelmente, inferiores aos teus mestres. Contudo, a sua sabedoria não esquadrinha caminhos vedados; os que se sentam a seus pés levantam-se somente ricos da ciência de Deus, da lei de Israel, cheios de amor e consideração por tudo que lhes diz respeito. Frequentando o Grande Colégio e meditando em tudo o que nele ouvi, compreendi que a actual Judeia, não é a Judeia de outros tempos. Esmael não é o legítimo sacerdote e não o poderá ser enquanto viver o ilustre Annâs. É um levita, um daqueles devotos que, por milhares de anos serviram o Senhor e a nossa religião. O seu...

Messala interrompeu-o com uma risada mordaz.

- Agora compreendo-te! Ismael, segundo o que tu dizes, é um usurpador. Não bastando isto, desagrada-te que se possa prestar fé a um idumeu, em vez de a ele. Foi isto que te magoou? Pelo ébrio filho de Semele que significa ser judeu? Mudam os homens e as coisas, o próprio céu e a terra, mas nunca um judeu, Para ele não existe nem passado nem futuro; é hoje o mesmo que foram seus avós e antes deles. Olha, nesta areia, descrevo um circulo. Diz-me, que outra Coisa senão um circulo é a vida de um judeu? Roda, volta a rodar, aqui Abraão, ali Isaac, Jacob, Deus no meio. Com mil trovões! Fiz o círculo demasiado grande. Vou fazê-lo outra vez...

Inclinou-se, e apoiando o polegar no solo descreveu com o indicador um circulo à sua volta.

- Olha: este sinal feito pelo meu polegar é o templo, e a linha traçada pelo dedo, a Judeia. Fora deste âmbito, nada existe com interesse! As artes? Herodes era um construtor... por isso foi execrado. A pintura, a escultura? Contemplá-las é um pecado. A poesia, essa enclauserastes no altar. A eloquência? Só podeis exercitá-la nas sinagogas E na guerra? Quanto conquistastes em seis dias, perdestes-lo no sétimo. Tal é a vossa vida, tal é a vossa ambição. E não queres que me ria? Satisfeito com a adoração de semelhante povo, que é o vosso Deus comparado com o nosso Júpiter romano, que nos empresta as suas águias para que as nossas armas conquistem o Universo? Hillel, Simeão, Shammal, Abataleão, que valem em comparação com todos aqueles mestres que ensinam que tudo quanto se pode aprender é digno de ser aprendido?

O judeu pôs-se de pé com as faces escarlates como o fogo.

- Não, não; senta-te amigo Judá, senta-te - gritou Messala estreitando-lhe as mãos.

- Tu zombas de mim.

- Escuta-me ainda um minuto. Agradeço-te que tenhas vindo da antiga casa de teus pais para me dares as boas-vindas e renovar, se possível, o afecto da nossa infância. "Ide" disse o meu professor na sua última lição, "ide", e se quereis chegar à meta, recordai que Marte reina e que Eros recuperou a vista." Com isto queria ele dizer que o amor não é nada, e que, em troca, a guerra é tudo. Eu serei soldado; mas tu, meu caro Judá, lamento-te, que vais tu ser?

O judeu aproximou-se mais do lago. Messala prosseguiu:

- Sim, lamento-te, Judá. Do colégio à sinagoga, depois ao templo; do tempo, oh glória suprema!, a um lugar no Sanhedrim. Formosa vida, na verdade! Que os deuses te protejam! Enquanto eu...

Judá olhou-o e viu como o orgulho lhe tingia as feições de vermelho e lhe tornava os olhos brilhantes, ao mesmo tempo que continuava:

- Ah!, a terra não está ainda completamente conquistada. O mar encerra ainda ilhas desconhecidas. A glória de continuar o caminho de Alexandre até ao Extremo Oriente, reserva-nos ainda novos louros. Vês quantos caminhos se abrem a um romano?

Calou-se por um instante e prosseguiu, pouco depois, no seu costumado tom de pessoa enfadada:

- Uma campanha em áfrica, outra contra os Citas, depois o comando de uma legião! Aqui terminam os sonhos de muitos, mas não o meu. Por Júpiter! Que ideia! Renunciarei à legião em troca de uma prefeitura. Pensa na vida de um romano abastado: vinho, mulheres, jogos, poetas nos banquetes, intrigas no Palácio, durante todo o ano. Esta seria uma meta digna para a minha existência. Uma boa prefeitura? Oh!, meu amigo Judá, que outra melhor senão a Síria? A Judeia é rica, e Antioquia é uma capital digna dos deuses.

Eu serei o sucessor de Cynério, e tu, tu compartilharás a fortuna comigo.

Os sofistas e os retóricos que concorriam às reuniões públicas de Roma teriam aprovado estas palavras de Messala; mas no jovem judeu, produziam uma impressão de uma novidade desagradável, muito diferente da solenidade das discussões e conversações a que estava habituado. Judá pertencia a outra raça, cujas leis, costumes e modo de pensar, proibiam a ironia e a zombaria. Aquele ar de superioridade que Messala assumia, tinha-o ofendido desde o princípio, e depressa se lhe tornou insuportável. Não é pois, exagero afirmar que o discurso de Messala, em progressão lenta até à sua última pausa, produziu a mais cruel tortura ao seu ouvinte, o qual ao chegar aqui, o interrompeu com um sorriso estudado:

- São poucos os que se permitem ser alvo de gozos. Eu não faço parte dessa minoria, oh Messala.

O romano observou-o um momento; depois retorquiu:

- Por que razão se não deve dizer a verdade ironicamente, ainda que sob a forma de parábola? A grande Fulvia foi pescar no outro dia, e apanhou mais peixes que todas as suas companheiras. Dizem que tinha mandado dourar a ponta do seu anzol.

- Então, não estavas apenas a zombar?

- Meu caro Judá, advirto-te que não te ofereci o bastante - respondeu rapidamente o romano com os olhos cintilantes: - quando for prefeito e reinar na Judeia, nomear-te-ei Sumo Sacerdote.

O judeu voltou-se, irado.
- Não te encolerizes - disse-lhe Messala.
Judá suspendeu o gesto sem saber o que fazer.

- Por todos os deuses, Judá, como o sol queima! -. exclamou o patrício ao ver a perplexidade do amigo. - Vamos para a sombra.

Judá disse friamente:

- É preferível separarmo-nos, tinha sido melhor não ter vindo. Procurava um amigo e encontrei...

- Um romano - interrompeu Messala.

O judeu contraiu os punhos; mas dominou-se com esforço e afastou-se. Messala levantou-se e foi atrás de Judá e, ao alcançá-lo, pousou-lhe uma das mãos no ombro e prosseguiram o caminho.

Costumávamos passear abraçados quando pequenos. Sigamos assim até chegarmos à porta.

A complacência do romano irritava de soberba. Mentor, ao aconselhar o jovem Telémaco, não tinha falado com maior desenvoltura.

- Mas, meu caro Judá, por que razão te encolerizaste quando falei em suceder a Cvnério? Pensavas que eu queria enriquecer roubando a tua querida Judeia? Qualquer outro romano o faria. Porque não eu?

Judá encurtou o passo.

- Outros estrangeiros antes dos romanos dominaram a Judeia - disse levantando uma das mãos. - Onde estão agora, Messala? A Judeia sobreviveu a todos. E o que sucedeu, voltará a acontecer.

Messala respondeu suavemente.
- As Parcas têm sequazes por toda a parte. Bem-vindo, Judá ao seio da minha fé!

- Não, Messala, não me incluas entre esses crentes. A minha fé continua tão firme como a rocha em que assentou a fé dos meus pais, mais além de Abraão, sobre os pactos de Nosso Senhor, Deus de Israel.

- Não te apaixones tanto, caro Judá. Disse-te que tinha intenção de ser soldado. Porque não fazes a mesma coisa? Abandona as loucuras de Moisés e as tradições; encara de frente os acontecimentos, olha de frente as Parcas e elas te dirão que Roma é o mundo.

Pergunta-lhes o que é a Judeia e elas responder-te-ão que é o que Roma quer que ela seja.

Tinham chegado à porta. Judá deteve-se e retirou do ombro a mão do seu amigo. Depois voltou-se para Messala com os olhos rasos de lágrimas.

- Compreendo-te porque és romano; tu não me podes compreender porque sou israelita. Hoje causaste-me uma grande dor, porque me convenceste de que jamais poderemos ser os amigos de então, jamais. Separemo-nos. Que a paz do Deus de meus pais esteja contigo!

Messala estendeu-lhe a mão; o judeu transpôs a porta. Quando já se tinha afastado, o romano ficou meditabundo durante uns instantes, depois, por sua vez, também abandonou o jardim, agitando a cabeça.

- Seja - murmurou. - Eros morreu, que reine Marte!

Depois de se ter separado do romano, o jovem judeu dirigiu-se para uma casa na rua Dolorosa e deteve-se diante da porta oeste. A porta foi-lhe aberta e entrou pressurosamente, sem corresponder ao respeitoso cumprimento do guarda.

Entrou por um corredor que parecia uma estreita galeria com as paredes cobertas de madeira e a abóbada rasgada. Atravessou um pátio destinado ao uso comum dos vizinhos. Tornou a entrar num corredor semelhante ao primeiro e chegou a um segundo pátio, espaçoso e quadrado, alegrado pelos arbustos em flor, e pelas parras, e ao qual uma grande taça de mármore acrescentava beleza e frescura.

O jovem dobrou à direita, e atravessando os arbustos, subiu uma escada. Separando as cortinas da porta oeste, entrou numa habitação, que ao cair da cortina mergulhou novamente na escuridão. O jovem dirigiu-se com passo firme para um divã, sobre o qual se deitou, de barriga para baixo, com a testa apoiada nos braços cruzados.

Ao entardecer uma mulher assomou à porta e chamou-o; vendo que não obtinha resposta, afastou a cortina e entrou.

- A ceia está servida e a noite está próxima. Não tens fome? - perguntou-lhe.
- Não - respondeu Judá.
- Estás doente?

- Tenho sono.
- A tua mãe perguntou por ti.
- Onde está?
- No pavilhão do terraço.

Judá tranquilizou-se e ergueu-se.
- Bem, dá-me algo que se coma.
- Que queres?
- O que quiseres, Amrah. Não estou doente; mas tudo me é indiferente. Tu, que

sempre me quiseste, pensa no que pode substituir os manjares e os medicamentos. Trazme aquilo que desejares.

Pouco depois voltou a entrar, levando num prato de madeira, uma caneca com leite, algumas fatias de pão branco, um pastel de trigo moído, uma ave assada, mel e sal. Numa das extremidades do prato, estava um copo de prata, cheio de vinho, e na outra extremidade, uma lâmpada de bronze acesa.

Iluminado o aposento, deixou ver que se tratava de um quarto de dormir hebreu. A luz deixou também ver a mulher que, aproximando uma cadeira do divã, colocou nela o prato e ajoelhou-se junto do seu senhor disposta a servi-lo. O seu rosto era o de uma pessoa cinquentenária, de tez escura, olhos negros, os quais, nesse momento, estavam dulcificados por uma expressão de ternura quase maternal. Era uma escrava egípcia, à qual nem o sagrado quinquaségimo ano, tinha podido devolver a liberdade nem sequer ela a tinha aceitado, porque o jovem a quem servia, constituía a alegria da sua existência: tinha-o criado quando nascera, tinha cuidado dele enquanto pequeno e não podia deixar de o servir.

Judá falou apenas uma vez enquanto comia.

Lembras-te, Amrah - disse, - daquele Messala que costumava passar dias inteiros aqui comigo?

Recordo-me.
- Já há alguns anos foi para Roma e hoje regressou. Fui fazer-lhe uma visita. Um estremecimento fez o jovem calar-se.

- Já tinha adivinhado que se passava contigo algo de grave - disse Amrah

solicitamente. - Nunca gostei de Messala. Conta-me o que se passou.

Mas Judá tinha mergulhado, de novo, nos seus pensamentos, e apenas respondeu às palavras da escrava:

- Mudou muito e não quero ter quaisquer relações com ele.

Quando Amrah saiu com a louça, Judá saiu atrás dela, e passando pelo terraço, dirigiu-se para o pavilhão. Atravessou lentamente o pavilhão e dirigiu-se a uma torre construída no ângulo nordeste do palácio. Entrou nela, passando por baixo de uma cortina meio aberta. No interior reinava a escuridão, à' excepção dos quatro cantos, onde se viam aberturas em forma de arco, através das quais se descobria o céu coberto de estrelas. Num dos arcos aparecia a figura de uma mulher, envolta num trajo branco. Ao ruido dos passos, o leque que tinha na mão parou de se agitar; a mulher endireitou-se, perguntando:

- Judá, meu filho, és tu?
- Sou eu, mãe - respondeu este.

Aproximou-se e ajoelhou-se diante dela, que lhe rodeou o pescoço com os braços, estreitando-o contra o peito e enchendo-o de beijos.

A senhora retomou a sua posição de há momentos, enquanto o filho se sentava no divã, apoiando a cabeça no seio materno.

- Amrah disse-me que algo de grave te tinha acontecido - começou a mãe.Quando o meu Judá era ainda uma criança, eu permitia-lhe que se sentisse abatido por coisas insignificantes; mas agora é um homem e não deve esquecer que um dia há-de chegar a ser o meu herói.

A mãe falava num idioma caído praticamente em desuso no país, mas que alguns conservavam ainda na maior pureza, para melhor de distinguirem dos pagãos: o idioma com que Rebeca e Raquel adormeciam Benjamim.

As palavras da mãe tornaram a pôr o jovem pensativo, mas passado um instante, tomou a mão que o acariciava e disse:

- Hoje, minha mãe, tive que reflectir sobre muita coisa que antes não tinha entristecido a minha alma. Mas diz-me, antes de tudo, que terei que ser algum dia, no meu futuro?

- Não to disse já? O meu herói.

Judá não podia ver o semblante da mãe, mas pelo tom da sua voz, viu que esta brincava. No entanto, pôs-se mais sério.

- És muito boa, mãezinha. Ninguém no mundo há-de querer-te mais do que eu. Beijou-lhe e tornou a beijar-lhe, várias vezes, a mão.

- Parece, no entanto, que estás a evitar a minha pergunta - prosseguiu. - Até agora a minha vida pertenceu-te. Mas isto não pode ser. A vontade do Senhor é que eu seja, um dia, dono de mim mesmo. Serei o teu herói mas tens que me indicar o caminho para que chegue a sê-lo. Conheces a lei: "Todo o filho de Israel tem de ter uma ocupação." Eu não estou isento da lei e pergunto-te agora: Devo ocupar-me dos negócios da família, cultivar a terra, moer grão, ser médico ou ainda, advogado?

- Gamaliel deu hoje a sua lição pública - observou, pensativa, a mãe.
- Não o ouvi.
Então foste passear com Simeão, herdeiro do génio da família.
- Não, não o vi. Visitei o jovem Messala.
- Messala? E que poderá ter-te dito esse jovem, que te perturbou tanto?
- Mudou muito.
- Queres dizer que voltou transformado num romano?
- Sim.

- Romano! - exclamou para si própria a mãe. - Para todo o mundo isso equivale a um tirano. Quanto tempo esteve ausente?

- Cinco anos.
A mãe ergueu a cabeça.

E absorta neste pensamento, deixou-se cair na almofada. Judá foi o primeiro a falar.

- As palavras de Messala eram bastante mordazes, mas a entoação com que ele

as disse, tornou-as intoleráveis. Suponho que todos os grandes povos são orgulhosos, mas o orgulho do povo romano é diferente do dos demais povos. Messala sempre teve defeitos. Quando pequeno, vi-o fazer troça de estrangeiros a quem Herodes recebia com respeito; mas considerava a Judeia. Hoje, pela primeira vez, troçou dos nossos costumes e do nosso Deus. Como tu mo terias aconselhado, separei-me dele para sempre. E agora, minha querida mãe, queria saber com mais certeza, se o desprezo dos romanos tem qualquer fundamento. Em que sou inferior a eles? Acaso somos um povo mais abjecto? Por que razão, ainda em presença de César, hei-de sentir o medo dum escravo? E diz-me também, por que razão e, se na realidade tenho alma, tal como creio, não posso partir à conquista das honras deste mundo, onde quer que elas estejam? Por que não posso brandir a espada e lutar na guerra? Diz-me minha mãe, acaso não pode um filho de Israel fazer tudo o que é lícito um romano fazer?

- Aquilo que perguntas, meu querido Judá, não é assunto para tratar com uma mulher. Permite que suspendamos a discussão até amanhã e que peçamos conselho ao sábio Simeão.

- Não me envies ao rabino - disse Judá secamente.
- Pedir-lhe-ei para vir aqui.

- Não, eu quero algo mais que uma simples informação que ele talvez me pudesse dar melhor que tu, mãezinha; mas tu podes dar-me o que ele não pode: a resolução, que é a alma da nossa alma.

A mãe procurou compreender todo o significado daquelas perguntas.

- Messala descende de uma estirpe ilustre. A sua família foi eminente através de muitas gerações. Nos tempos da Roma republicana, os seus antepassados eram famosos pelas virtudes cívicas e militares que possuíam. Se hoje o teu amigo se orgulhou dos seus avós, tinhas podido remetê-lo ao silêncio, enumerando os teus. Se falou dos tempos através dos quais se pode seguir a sua linhagem, façanhas, poder, a riqueza da sua família, tinha-lo podido desafiar a uma comparação. Uma das ideias que ainda prevalece neste tempo, é a importância outorgada à nobreza das estirpes e das famílias. Um romano que faça por essas razões alarde da sua superioridade sobre um filho de israel, sairá sempre derrotado. A sua origem data da fundação de Roma; o mais ilustre de entre os romanos não pode remontar a sua origem para lá dessa época. Venhamos a nós. Podemos? O teu pai, Judá, dorme na paz com seus pais; mas eu recordo como se

fosse ontem, o dia em que eu e ele nos apresentámos alvoraçados no templo, à presença do Senhor. Sacrificámos as pombas e dei o teu nome ao sacerdote que escreveu perante mim: "Judá, filho de Ithamar, da casa de Hur". Este nome foi depois transcrito no registo que, à parte, era levado para os actos da Santa Família. Eu ignoro quando teve começo esse costume do registo. Mas sei que estava em uso, antes da fuga do Egipto. Hillel afirma que Abraão fez escrever estes anais por sua conta com o seu nome e os de seus filhos, impulsionado pela promessa do Senhor que o separou a sua estirpe de todas as outras raças, tornando-a a primeira, a maior, a escolhida sobre a Terra. O facto com Jacob dizia o mesmo: "Em tua semente, serão benditas todas as nações do mundo". Isso disse o anjo a Abraão: "E a terra em que repousas, dou-ta e aos teus descendentes".

- Os anais são perfeitamente exactos?

- Hiliel diz que sim e o nosso povo que foi, por vezes negligente, em alguns pontos da Lei, nunca o foi neste. O bom rabino estudou o Livro das Gerações nos seus três períodos, desde a promessa até à abertura do templo, até ao cativeiro e até aos nossos dias. Só uma vez se interromperam os anais e isto foi nos finais do segundo período. Mas quando a Nação voltou do longo desterro como primeiro dever para Deus Zorobabel, restaurou os livros permitindo-nos, de novo, continuar a descendência das famílias hebraicas pelo espaço de dois mil anos.

- E eu, mãe? Que dizem de mim os livros?

- Quanto te disse tem relação com a tua pergunta. Tu descendes em linha recta de Hur, companheiro de Josué. Queres saber ainda mais? Toma a Torah e abre o Livro dos números e setenta e duas gerações depois de Adão, encontrarás o fundador da tua casa.

Durante alguns momentos reinou o silêncio no pavilhão da Torre.

- Obrigado, minha mãe - disse Judá estreitando entre as suas a mão daquela: tinha razão em não querer que viesse o bom rabino; ele não poderia dar-me maior prazer que tu me deste. Mas para enobrecer verdadeiramente uma familia, o tempo é suficiente? Tu falas da raça, e eu, mãe, da nossa família. Que fez? Que conseguiu ela, nos anos que se seguiram a Abraão? Quais são os feitos que a colocam acima das suas iguais?

A mãe titubeou, pensando talvez que se enganara no caminho. As notícias que Judá procurava podiam ter outro fim ulterior que o da satisfação do orgulho ofendido.

- Tenho a sensação, meu filho - disse acariciando-lhe a cabeça com a mão que o filho estreitava entre as suas, - de que luto contra um adversário desconhecido. Se Niessala é teu inimigo, conta-me o que te disse.

O jovem referiu a sua conversa com Messala, detendo-se nas expressões de troça que deixara escapar contra os judeus.

A mãe ouviu-o em silêncio. Temeu que Messala o tivesse feito duvidar da família de seus pais. Aos seus olhos, esta consequência apresentou-se mais terrível que qualquer outra. Não descobria mais que um único meio para a evitar, e a ele se agarrou com todas as forças da sua inteligência.

- Nunca existiu um povo - começou, - que não se tenha julgado pelo menos igual a outro, nem uma nação grande que não se tenha acreditado a maior entre todas. Não existe uma lei que determine a superioridade dos povos; portanto é inútil a pretensão como são inúteis as discussões. Um povo nasce, percorre o seu caminho e morre, de morte natural ou pela mão de outro que lhe sucede no seu poderio, ocupa o seu lugar e escreve nomes novos sobre os seus monumentos. Esta é a História. O teu amigo, o teu amigo de outro tempo, deitou-nos em cara, se não entendi mal, a falta de poetas, de artistas, de guerreiros; com isso quis significar que nós não temos tido grandes homens, que é outro dos sinais de que falo. E já sabes, meu filho, que em todos os campos, a nossa nação foi pródiga em grandes homens. Diante de Messala podes opor César a Moisés, Tarquino a David, Sua aos Macabeus, os melhores de entre os cônsules, aos juizes, Augusto a Salomão, e isso bastará. A comparação terminará aqui. Mas não esqueças os profetas, grandes entre os maiores. E quanto ao que se te refere...

A sua voz tornou-se trémula e as palavras saíram pausadamente dos seus lábios.

- Quanto ao teu futuro, meu filho, serve a Deus, ao Nosso Senhor de israel e não a Roma. Para um filho de Abraão, só existe glória no caminho de Deus.

- Poderei ser soldado?
- E por que não? Não chamou Moi sés ao Senhor "Deus das batalhas"? Tens a minha permissão conquanto sirvas ao Senhor e não a César.

Judá ficou satisfeito com a condição e pouco depois adormecia. Então ela levantou-se, pôs-lhe uma almofada debaixo da cabeça, cobriu-o com um xaile e beijando-o ternamente, abandonou o aposento.

Quando Judá despertou, o sol estava já alto sobre as montanhas. Na borda do divã estava sentada uma donzela, de apenas quinze anos, que cantava, acompanhando-se com o som de um "nebel" apoiado nos seus joelhos, que ela tocava com imensa graciosidade.

A jovem, ao vê-lo desperto, deixou de parte o instrumento e esperou que Judá falasse.

A donzela chamava-se Tirza, e bastava vê-los juntos para compreender que eram irmãos. As feições da jovem tinham a pureza de linhas das de Judá e denunciavam o tipo judeu. Os cabelos caíam-lhe em largas tranças sobre os ombros, tendo, no entanto dois caracóis soltos que lhe desciam de ambos os lados do rosto até lhe taparem as orelhas.

- Belíssima, querida Tirza - disse Judá contemplando-a.
- Belíssima! A canção? - interrogou ela.
- Sim, e também quem a cantou. O assunto é grego. Onde a aprendeste?

- Recordas aquele grego que cantou no teatro o mês passado? à primeira nota que emitiu, reinou um tão profundo silêncio que não perdi uma única palavra. Desse modo pude aprender a canção.

- Mas ele cantava em grego.
- Eu canto-a em hebreu.
- Oh! oh! Estou muito orgulhoso da minha irmãzinha.

- Amrah mandou-me dizer que te trará o almoço sem que tenhas necessidade de sair daqui. Ela julga que estás doente; diz que ontem te aconteceu uma terrível desgraça. Que se passou? Diz-mo e ajudarei Amrah a curar-te. Ela conhece todos os médicos egípcios, que sempre foram muito estúpidos; mas eu possuo muitas receitas dos árabes, os quais...

- São ainda mais estúpidos que os egipcios - interrompeu Judá.

- Achas? Está bem; deixemos isso - disse ela aproximando a mão da sua orelha esquerda. - Eu possuo algo melhor e mais seguro, o amuleto que há muitos anos

um mágico persa deu aos nossos antepassados. Olha, a inscrição está quase desvanecida.

E deu-lhe um amuleto, que Judá examinou e logo lhe devolveu dizendo:
- Eu não acredito em amuletos.
Tirza ergueu para ele os olhos cheios de assombro.
- Que diria Amrah?
- Os pais de Amrah acreditavam nos remédios e nos sortilégios.
- E Gamaliel?
- Gamaliel chama-lhes malditas invenções dos incrédulos.
Tirza fitou duvidosamente a argola.
- Que devo fazer dela?

- Leva-a minha querida irmã. Fica-te bem, aumentando a tua beleza, embora creia que não tens necessidade disso.

Satisfeita, colocou de novo o amuleto na orelha, precisamente na altura em que Amrah entrou no aposento, transportando uma vasilha, um jarro com água e uma toalha. Como Judá não era fariseu, as suas abluções foram rápidas e simples. A escrava saiu, e Tirza dedicou-se a penteá- lo. Entretanto a sua conversação prosseguia.

- Que dirias, Tirza, se soubesses que vou partir?
A irmã, surpreendida, deixou cair os braços.
- Vais partir? Quando? Para onde? Por que razâo?

Judá riu-se.

- Quantas perguntas! Curiosa! - Depois acrescentou: - Tu conheces a lei; exigenos a todos uma ocupação. O nosso pai deu-nos o exemplo. Tu mesma me desprezarias se gastasse na ociosidade tudo quanto acumularam a sua indústria e sabedoria. Vou a Roma.

- Oh, quero partir contigo!

- Não; tu deves permanecer com a nossa mãe. Se ambos a deixássemos, morreria.

O rosto de Tirza empalideceu.

- Ah, sim! Mas tu, é realmente necessário que partas? Em Jerusalém podes encontrar tudo o que necessitas para ser comerciante, se é esse o teu ideal.

- Não é esse o meu desejo. A lei não exije que o filho siga a mesma profissão que seu pai.

- Que queres ser?
- Soldado! - respondeu ele com orgulho.
As lágrimas assomaram aos olhos de Tirza.
- Vão matar-te!

- Seja, se for essa a vontade do Senhor. Mas, Tirza, nem todos os soldados morrem violentamente.

Tirza deitou-lhe os braços ao pescoço, como que para o deter.
- Somos tão felizes! Fica, meu querido irmão.

- A casa não continuará sempre assim. Tu mesma a abandonarás dentro em pouco.

- Nunca!
Judá sorriu-se da energia com que sua irmã tinha feito esta afirmação.
- Um dia destes, virá um príncipe de Judá, ou de outra tribo qualquer, a pedir a

minha querida Tirza, e levá-la-á consigo para alegrar outra casa com os seus risos. Que será então de mim?

Tirza sorriu tristemente.

- A guerra é uma profissão - continuou Judá. Para aprendê-la bem é necessário ir à escola, e a melhor das escolas é um acampamento romano.

- Queres lutar por Roma? - perguntou Ti rza atemorizada.

- Também tu o receias? Sim; quero lutar por ela, para que me ensine como heide lutar contra ela.

- Quando partirás?
Nisto ouviram-se os passos de Amrah que voltava.
- Chist! - disse Judá; - que não chegue a suspeitar de nada.

A fiel escrava trazia a refeição, que deixou sobre um tamborete. Depois esperou com a toalha no braço. Os irmãos mergulharam os dedos numa taça, e estavam a enxugá-los quando foram surpreendidos por um rumor. Prestaram atenção e distinguiram os sons duma banda militar.

- Soldados de Pretório! Quero vê-los! - gritou Judá levantando-se do divã e correndo para fora da habitação.

Num minuto já estava assomada ao parapeito de ladrilhos que rodeava o terraço do pavilhão, tão absorto que nem deu pela presença de Tirza que se encontrava a seu lado.

Donde estavam desfrutava-se um belo panorama de terraços e miradouros que se estendiam até junto da pesada c irregular torre de Antónia, que servia de cidadela à guarnição e de sede ao governador. A rua que tinha, aproximadamente, dez pés de largura, era cruzada por pontes, algumas das quais eram cobertas, e que também se começavam a encher de homens, mulheres e crianças.

O cortejo aproximava-se da casa dos Hur. Primeiro vinha a infantaria ligeira, na sua maioria constituída por arqueiros e fundibulários, que marchavam em fileiras muito separadas; a seguir, um corpo de legionários pesadamente armados com largos escudos e lanças; imediatamente atrás, mais infantaria pesada, em filas apertadas até perder de vista.

Os membros bronzeados dos homens; o movimento cadenciado dos escudos, ondeando da direita para a esquerda; o brilho das malhas, das couraças e dos elmos perfeitamente polidos; as plumas agitando-se sobre os cascos; a floresta de lanças e estandartes; o porte grave; a unidade quase mecânica de todo o conjunto, causaram a Judá uma profunda impressão.

Mas principalmente duas coisas chamaram mais a sua atenção: primeiro, a águia da primeira legião, uma imagem dourada colocada sobre uma haste, com as asas

levantadas que se uniam sobre a cabeça; segundo o oficial que cavalgava só, à cabeça de uma coluna; trazia uma armadura que o revestia completamente, deixando-lhe a cabeça descoberta; do lado direito pendia-lhe uma espada curta, enquanto com a mão empunhava um bastão de comando que parecia um rolo de papel branco.

Quando ainda vinha à distância, Judá pôde observar que a presença deste homem produzia uma grande excitação entre os espectadores. Inclinavam-se sobre os parapeitos ou erguiam-se audazmente ameaçando-o com os punhos; acolhiam-no com gritos e vozes; cuspiam-lhe das pontes e janelas e as mulheres atiravam-lhe as sandálias, acertando-lhe por vezes. Quando se aproximou, as vozes distinguiam-se perfeitamente:

- Ladrão, tirano; cão romano! Abaixo Ismael! Devolvam-nos Annás!

O homem assim apelidado não demonstrava a indiferença dos soldados; o seu rosto era escuro e bronzeado, e os olhares que lançava de quando em quando aos seus perseguidores, eram ameaçadoras. Aquele oficial era Valério Grato, o novo procurador da Judeia.

O romano, avançando sob aquela furiosa tempestade de cólera não provocada, gozava da simpatia do jovem judeu; assim, quando deu volta ao ângulo da casa de Judá, este inclinou-se mais no parapeito para o ver passar, e ao fazer este acto, apoiou uma das mãos sobre um ladrilho que já há algum tempo não estava muito seguro e que ao peso do seu corpo se soltou completamente, e caiu. Um estremecimento de terror invadiu o jovem. Estendeu o braço para o apanhar, mas o seu esforço não só foi inútil, como fez desprenderem-se mais ladrilhos. Judá soltou um grito de desespero. Os soldados da guarda ergueram as cabeças. O mesmo fez o oficial e naquele momento um ladrilho acertou-lhe e fê-lo tombar da sela, como morto.

A coorte parou; os guardas, apeando-se, correram a proteger o chefe com os escudos. Por outro lado, o povo, testemunha do facto, não duvidando um instante de que se tratava de um caso premetitado, aplaudia freneticamente o jovem que, assomado ainda ao parapeito, alvo de todos os olhares, estava imóvel, como que aterrado, enquanto as consequências da sua acção involuntária se lhe apresentavam na mente com terrível evidência.

Um espírito de revolta propagou-se com incrível rapidez de terraço para terraço,

ao longo da rua e apossou-se indistintamente de todo o povo. Foram demolidos os parapeitos, arrancados os ladrilhos e as telhas e uma saraivada de projecteis caiu sobre os legionários que estavam em baixo. Travou-se uma batalha, na qual, naturalmente, prevaleceram a disciplina e as armas da tropa.

O infeliz autor daquele desastre retirou-se do parapeito, pálido como um cadáver.

- Oh, Tirza, Tirza! Que será de nós?

Ela não presenciara o acidente, mas estivera de ouvido atento ao clamor e aos gritos e seguia com a vista as actividades das pessoas que estavam nos parapeitos. Sabia que algo de terrível acontecera, mas ignorava quem fora o seu causador.

- Que sucedeu? - interrogou, um tanto aterrorizada.
- Matei o governador romano! A lousa bateu-lhe na cabeça.

O seu rosto tomou a cor da cinza. Deitou-lhe os braços ao pescoço e olhou-o fixamente, desolada, sem pronunciar uma palavra. Os temores do rapaz comunicaram-se à jovem e Judá, ao ver Tirza aterrorizada, quis fazer um esforço para se animar.

- Não o fiz de propósito, Tirza; foi um acidente - exclamou com fingida calma.
- Que será de nós? - interrogou a donzela.
Assomou novamente e viu a cena cada vez mais tumultuosa que tinha lugar na

rua e recordou a face bronzeada de Valério Grato. Se não morrera qual seria a sua vingança? E se já era cadáver, a que extremo o furor e a violência do povo levaria os legionários?

Olhou para a rua e viu os guardas ajudarem o romano a montar de novo.

- Vive, vive, Tirza! Bendito seja o Senhor, Deus de nOSSOS pais!

Com este grito e serenado o semblante, retirou-se e respondeu às perguntas da irmã.

- Não temas, Tirza. Explicarei como as coisas se passaram; recordar-se-á de nosso pai e dos seus serviços e não nos fará nenhum mal.

Ia conduzi-la para o pavilhão, quando, de súbito, o chão tremeu sob os seus pés e se ouviu um estrépito, como o de rachar de lenha, seguido de gritos de surpresa e de agonia que provinham do pátio inferior. Detiveram-se e prestaram atenção. Os gritos repetiram-se; depois ouviram rumores de numerosos passos, misturados com vozes iracundas e outras de misericórdia; logo, ais de mulheres invadidas por louco terror. Os soldados tinham derrubado a porta ocidental e apoderavam-se da casa. Tirza, com as pupilas dilatadas pelo medo, pegou-lhe por um braço e perguntou:

- Judá, que se passa?

Alto estridente, inconfundível, ouviu-se um grito de sua mãe. Judá não vacilou um instante.

- Vem, vamos juntos!

O terraço, ao fundo das escadas, estava cheio de soldados. Outros, com as espadas desembainhadas, saqueavam os vários aposentos. Várias mulheres, ajoelhadas a um canto, choravam. Mais além uma mulher lutava por se libertar de um soldado que a tinha presa nos braços. Os seus gritos eram mais agudos que todos os outros e ouviamse no terraço. Judá lançou-se para aquela mulher.

- Mãe! Mãe! - gritou. E ia já libertá-la, quando dos braços robustos o sujeitaram e o fizeram retroceder. Então ouviu uma voz que dizia:

- É esse!

Judá voltou-se e reconheceu... Messala! Esqueceu-se então das suas zangas e gritou:

- Socorre-as, Messala! Lembra-te da nossa infância e protege-as. Peço-te. Messala procedeu como se não tivesse ouvido.

- Já não tendes necessidade de mim - disse ao oficial. - O aspecto da rua deve ser mais interessante. Eros morreu; viva Marte!

E dito isto, desapareceu. Judá compreendeu aquelas palavras, e elevou ao céu esta prece:

- Na hora da Tua vingança, oh, Senhor!, faz com que seja a minha mão a executá-la!

Com um supremo esforço aproximou-se do oficial.

- Senhor - disse, - aquela mulher é minha mãe. Respeitai-a e respeitai, também minha irmã. Deus é justo e recompensará a vossa misericórdia.

O oficial pareceu comover-se.
- Conduzi as mulheres à Torre - exclamou, - mas não lhes causeis mal algum.
Depois, voltando-se para os que seguravam Judá, acrescentou:
- Atai-lhe os pulsos!

Levaram a mãe, e Tirza, atontada pelo medo, seguiu passivamente os seus guardas. Judá dirigiu-lhes um último olhar e levou as mãos aos olhos como que para gravar indelevelmente aquela cena na sua imaginação. Talvez chorasse: mas ninguém, se apercebeu das suas lágrimas.

Nele tinha lugar uma metamorfose. Naquele momento, deixara a sua infância para se transformar num homem.

No pátio soou uma trombeta. Quando se calou, tudo ficou vazio de soldados, muitos dos quais, não se atrevendo a voltar às fileiras com o produto do saque, atiraramno para o chão, cobrindo-o de objectos preciosos. Quando Judá desceu, já o esquadrão estava formado e o oficial esperava que fossem cumpridas as suas ordens. A mãe, a filha, e Os servos foram levados pela porta se tentrional, cujos destroços ainda pejavam o corredor. Quando viu retirarem os cavalos e outros animais, Judá compreendeu o alcance da vingança do procurador. Nenhum ser vivente devia permanecer entre aqueles muros. Se na Judeia se encontrasse outro temerário que pensasse no assassínio de um governador romano, a sorte da

poderosa casa de Hur devia servir-lhe de aviso, e a solidão do palácio perpetuaria a memória da vingança.

O oficial esperava, cá fora, enquanto um grupo de soldados arranjava a porta. A coorte, imóvel e resplandecente, descansava as armas.

De súbito, uma mulher, que jazia no solo, ergueu-se e correu rápida para a porta. Alguns guardas procuraram detê-la e a mulher correu para Judá e caindo-lhe aos PéS abraçou-lhe os joelhos, enquanto os seus crespos cabelos negros, cheios de pó, lhe velavam os olhos.

- Oh, Amrah, minha boa Amrah-disse-lhe. -Deus te ajude, pois eu não posso. A mulher não pôde articular palavra.
Judá inclinou-se para ela e murmurou-lhe ao ouvido:
- Vive, Amrah, por Tirza e por minha mãe. Elas voltarão e...

Um soldado agarrou-a, mas, desembaraçando-se dele, transpôs a porta e perdeuse no interior da casa vazia.

- Deixai-a ir! - gritou o oficial. - Selaremos a casa e morrerá de fome. A coorte regressou à Torre onde já se encontrava o procurador a tratar das feridas.

No décimo dia depois destes acontecimentos, fez a sua entrada na cidade.

No dia seguinte, uma patrulha de legionários dirigiu-se para o palácio deserto. Depois de ter fechado as portas, encheu de cera as suas juntas e sobre cada almofada fixou o seguinte cartaz em latim: "Propriedade do Imperador".

No outro dia, um decunão, com os seus dez cavaleiros, aproximou-se de Nazaré, pela parte oriental, quer dizer em direcção a Jerusalém.

O som de uma trompeta, sinal da aproximação dos cavaleiros, produziu um mágico efeito nos aldeões que correram às portas, desejosos de saber o que significava aquela inesperada visita.

Um prisioneiro caminhava no meio da tropa, com a cabeça descoberta, seminú, as mãos, atadas atrás das costas. Uma correia que lhe partia dos pulsos, segurava-o à cilha de um dos cavalos. O pó que os animais levantavam

envolviam-no, a espaços, numa nuvem amarelada.

Avançava penosamente. Ao chegar à fonte, o decunão deteve-se e como a maior parte dos soldados apeou-se. O prisioneiro deixou-se cair exausto, sobre o pó do caminho. Os aldeões, que se tinham aproximado, queriam socorrê-lo, mas não se atreviam. Nesta hesitação, e enquanto as ânforas iam de mão em mão dos soldados, viram aparecer um homem pelo caminho de Séphoris. Uma mulher exclamou:

- Olhai! Vem aí o carpinteiro. Agora saberemos o que isto significa.

O aludido era um ancião de aspecto venerável. Escassas farripas de cabelo branco assomavam por debaixo do turbante, e uma grande barba, ainda mais branca. caía-lhe sobre o peito e sobre a vasta túnica acinzentada. Ao ver o grupo, parou.

- Oh, rabi, bom rabi José - exclamou uma mulher correndo ao seu encontro. Trazem um prisioneiro'. Pergunta aos soldados como se chama e qual é o seu delito. O semblante do rabi permaneceu impassível, olhou o prisioneiro e depois aproximou-se do oficial.

- A paz do Senhor seja contigo! - disse, com inflexível gravidade.
- E a dos deuses convosco! - replicou o decunão.
- Vens de Jerusalém?
- Sim.
- O vosso prisioneiro é jovem.
- De idade, sim.
- Posso saber que delito cometeu?
- Um assassínio.

O povo repetiu a palavra, com assombro; rabi José prosseguiu nas suas perguntas;

- É israelita?
- Judeu - replicou o romano.

A compaixão dos espectadores momentaneamente enfraquecida voltou a despertar.

- Nada sei das vossas tribos - acrescentou; - mas posso

dizer-vos alguma coisa da sua família. Ouvisteis falar de um príncipe de Jerusalém chamado Hur? Ben-Hur lhe chamavam. Viveu no tempo de Herodes.

- Vi-o - disse José.
- Pois este é filho dele.
Ergueu-se uma exclamação geral que o decunão se apressou a refrear.

- Nas ruas de Jerusalém, anteontem, tentou assassinar o nobre Grato, atirando-lhe uma lousa à cabeça, de um terraço do palácio.

- E matou-o?
- Não.
- Que castigo lhe foi imposto?
- As galés perpétuas.
- O Senhor o ajude - exclamou José, com voz um pouco alterada.

Entretanto, o jovem que acompanhava José, mas que tinha ficado atrás dele, deixou o machado que tinha na mão e, aproximando-se da fonte, encheu uma escudela de água. A acção foi tão tranquila que antes que os guardas quisessem intervir, já se inclinara sobre o prisioneiro, oferecendo-lhe de beber.

Judá ao sentir uma mão ligeiramente apoiada nas costas, estremeceu. Levantando os olhos, pôde ver um semblante que não mais esqueceu: um rosto de adolescente da sua idade, emoldurado por caracóis castanhos com reflexos acobreados; um semblante iluminado por dois olhos azuis, tão doces, tão compassivos, tão cheios de amor e de porpósitos tão puros, que tinham toda a influência de um mandato, de uma vontade. A alma do judeu, que apenas alentava pensamentos de ódio e de vingança, enterneceu-se com o olhar do jovem e tornou-se tímida como a de uma criança. Aproximou os lábios da tijela e bebeu com sorvos largos.

Quando acabou, a mão que pousava nas suas costas, pousou-se sobre a sua cabeça e permaneceu sobre os seus carcóis empoeirados o tempo necessário para dar uma bênção; depois o jovem deixou a tijela na pedra da fonte e apanhando, de novo, o seu machado, voltou para o lado de José. Todos os olhares o seguiram, tanto os dos aldeões como o do decunão.

A comitiva retomou o seu caminho. Mas no ânimodo decunão tinha-se produzido uma mudança; levantou o prisioneiro do pó e ajudou-o a montar de novo no cavalo de um dos seus soldados. Os nazarenos regressaram a suas casas e juntamente com eles, o rabi José e o seu discípulo.

LIVRO TERCEIRO

Um dos grandes portos do Império Romano era Miseno, cidade que dá o seu nome ao promontório que o coroa, a poucas milhas a sudoeste de Nápoles. Um montão de ruínas recorda hoje o lugar onde se situava; mas no ano 24 do Senhor, era uma das praças mais importantes da costa ocidental da Itália.

No ano mencionado, metade da frota romana de reserva, estava ancorada em Miseno.

Uma fria manhã de Setembro, a sentinela da porta viu interrompida a sonolência que o repouso lhe ocasionava, pela algazarra feita por um numeroso grupo de pessoas que saía da praça em direcção ao mar. Dirigiu um olhar aos matinais e alegres passeantes e voltou a cair no sono.

Eram vinte ou trinta as pessoas que constituiam o grupo, sendo a sua maioria escravos que alumiavam o caminho, velado ainda pela neblina matinal, com tochas muito brilhantes e que exalavam um odor de nardo índico.

Os amos caminhavam adiante, dando-se os braços. Um deles, que parecia contar cinquenta anos de idade, um pouco calvo e com uma coroa de louros na cabeça, pelas atenções de que era alvo, e pela cerimónia afectuosa com que era tratado, demonstrava ser o herói da partida. Um olhar bastou à sentinela para compreender que se tratava de gente importante que acompanhava algum amigo ao porto depois de uma noite passada alegremente. Trajavam todos amplas túnicas de lã branca, com grandes franjas de púrpura na parte inferior, e falavam ruidosamente. A sua conversa proporcionar-nos-á mais pormenores.

- A fortuna é muito cruel - dizia um deles ao da coroa de louros, - amigo Quintus, ao tirar-te da nossa companhia quando mal tiveste tempo de te acostumar à terra firme. Voltaste ontem do mar, mais além dos Pilares e já temos que nos separar de novo!

- Não nos queixemos. O nosso caro Quintus não faz mais do que ir buscar ao

mar o que perdeu esta noite em terra. Jogar aos dados num navio trepidante, não é o mesmo que jogá-los em terra; não é verdade, Quintus?

- Não injurieis a Fortuna! - exclamou um terceiro. - Ela não é cega nem inconstante. Quando o nosso Arrius, a consultou em Ancio, descobriu-lhe os segredos e acompanhou-o nos mares, governando ela mesma o leme da nave principal. Se no-lo arrebata agora, não no-lo devolverá sempre coroando com novos louros?

- São os gregos que no-lo arrebatam - gritou outro. - injuriemo-los a eles e não aos deuses, uma vez que por aprender a arte do comércio, esqueceram a da guerra.

Falando assim, acabaram de atravessar a passagem e desembocaram no molhe, já iluminado pela formosa luz da manhã. Para o veterano marinheiro, o rumor das ondas foi como que uma amistosa saudação. Respirou com afã, como para encher os pulmões da brisa marítima, mais agradável para ele que o perfume do nardo, e levantando as mãos, exclamou:

- Os meus tesouros foram adquiridos em Prenesta, não em Ancio! E... olhai: vento do Oeste! Obrigado, Fortuna minha! - acrescentou reverentemente.

Todos os seus amigos repetiram a exclamação buliçosamente, e os escravos agitaram os archotes.

- Reparem! Já vem ao meu encontro - disse ele, assinalando uma galera que se aproximava ondulando por sobre as ondas. - Que necessidade tem o marinheiro de outras amantes? Acaso é a tua Lucrécia mais graciosa, meu caro Caio?

Olhou o barco que se acercava, e na verdade, o seu orgulho justificava-se. Uma só vela branca estendia-se no mastro, e os remos que Se levantavam e baixavam, permanecendo um instante parados e submergindo de novo com uma regularidade quase mecânica, como se de asas de ave se tratasse, impulsionavam O navio.

- Sim, respeitai os deuses, que nos oferecem ocasiões propícias - prosseguiu com os olhos fixos na embarcação. - Se as desperdiçamos, a culpa é nossa. Quanto aos gregos, esqueces, amigo Lêntulo, que também o são os piratas que vou combater. Uma vitória sobre eles é mais satisfatória que cem sobre os africanos.

- Então vais ao Egeu?
O marinheiro não tinha olhos senão para o navio

- Que graça, que elegância! Um cisne não se moveria mais majestosamente. Olhai.

E quase imediatamente, acrescentou:

- Desculpa-me, Lêntulo. Sim, parto para o Egeu, e como a minha partida é tão imediata, dirv-os-ei o motivo, pedindo somente que não o divulgueis. Não queria que, ao encontrardes o duúnviro, o recriminásseis; ele é meu amigo. Pois bem: o comércio entre a Grécia e a Alexandria, segundo aquilo que ouvi, é inferior ao que existe entre Alexandria e Roma. Os habitantes desta parte do mundo, descuidaram-se na celebração dos Cereais e Triptolemos castigou-os com uma pequena colheita. Deste modo, todo o comércio é tão importante que não pode ser interrompido um só dia. Todos vós também já ouvistes falar dos piratas do Quersoneso que habitam no Ponto Euxino; não há ninguém mais audaz que eles, por todos os deuses! Ontem chegou a Roma a notícia de que as suas frotas tinham atravessado o Bósforo e tinham afundado as galeras de Bizâncio e Calcedónia, invadindo a Propôntida, e ainda não satisfeitos, ocupado o Egeu. Os negociantes de grãos que têm as suas naves a Oriente do Mediterrâneo, estão atemorizados. Pediram uma audiência ao Imperador e hoje saem de Ravena cem galeras, e de Miseno...

Fez uma pausa para excitar a curiosidade dos amigos e terminou enfaticamente:
- Uma só!
- Afortunado Quintus! Felicitamos-te!

- Essa preferência revela uma promoção. Desde já te saudamos, duúnviro. Nada menos que isso! Quintus Arrius, o duúnviro, soa melhor que Quintus Arrius, o tribuno. Assim o felicitaram com exuberantes manifestações de carinho.

- Obrigado, muito obrigado - disse Arrius a todos. - Se tivésseis lanternas, diria que éreis augures. Por Pólux! Farei mais: mostrar-vos-ei que reais adivinhos sois. Olhai e lede.

Das dobras da sua toga, tirou um pergaminho enrolado e passou-o aos amigos, dizendo:
- Recebi-o quando estávamos, esta noite, à mesa. É de Sejano.

Este nome era já famoso no mundo romano; mas não tão infame como se tornou mais tarde.

- De Sejano! - exclamaram todos a uma voz, aproximando-se para ler o que o ministro tinha escrito:

"Sejano a Cayo Cecilio Rufus, Duúnviro

Roma, XIX Kal Sept.

César recebeu excelentes informações de Gintus Arrius, o tribuno. Especialmente, ouviu celebrar o seu valor e perícia manifestador no mar ocidental; por isto é sua vontade que o dito Arrius seja enviado imediatamente para o Oriente.

É também vontade do nosso César, que reúnas cem trirremos de primeira classe, perfeitamente armados, e os despaches sem demora contra os piratas que apareceram no Egeu, e que Quintus seja o comandante da frota.

A organização fica ao teu cuidado, Cecilius. A necessidade é urgente como verás pelos relatos que juntamente envio para ti e para Quintus.

Saudações.

Sejano."

Arrius não prestou atenção à leitura. Conforme se ia aproximando o navio, nele concentrava cada vez mais a sua atenção. Os olhares com que seguia todos os seus movimentos, pareciam os de um apaixonado. Por fim, agitou no ar uma das pontas da sua toga e, como em resposta, sobre o "aplustro", ou espécie de abane fixado à popa da nave, foi içada uma bandeira vermelha, enquanto vários marinheiros, apareceram na ponte e, trepando pelas cordas, amainavam a vela. A nave voltou-se de proa, e à força dos remos, avizinhou-se do molhe, caminhando velozmente na sua direcção e na dos amigos. Arrius seguiu a manobra com olhar brilhante. A pronta obediência ao leme e a segurança com que o barco seguia a

rota imposta, eram qualidade de grande importância para o combate.

- Pelas ninfas! - disse um dos amigos devolvendo-lhe o pergaminho. - Não podemos dizer ao nosso maior amigo que vai ser importante; já o é. O nosso afecto, a partir deste momento, deve ser um pouco substituído pelo respeito. Tens algo mais a dizer-nos?

- Nada mais; O que acabais de saber é, a estas horas, notícia velha em Roma, sobretudo no palácio e no forum. O duúnviro é discreto e as minhas instruções e o sítio em que hei-de encontrar a frota vê-los-ei na carta de prego que há para mim a bordo. Contudo, se sacrificardes hoje e algum altar rogai aos deuses por um amigo que navega à vela e a remo em direcção à Sicília. Mas aqui está já o meu navio - acrescentou olhando-o. - Agradam-me os seus oficiais, pois não é fácil atracar um barco destes em semelhante ancoradouro. Deixai-me julgar da sua disciplina e perícia.
- Quê? Não conheceis a nave?

- Vejo-a pela primeira vez e não sei se encontrarei a bordo algum conhecido.

O navio pertencia à classe das chamadas "naves libúrnicas". Comprido, estreito, do casco baixo e construído para ser veloz e de fácil manobra. A proa era formosa; fendia a água formando duas cataratas de espuma, que salpicavam a sua curvatura elegante adornada com figuras de Tritões, soprando búzios. Sob a proa, fixo à quilha, estava o rostrum ou esporão, de madeira dura, com ponta de ferro que nos combates era empregado como ariete. Poderosa cornija protegia a proa e rodeava a nave, à guisa de armadura. Dos lados e sob a cornija, uma tripla fileira de aberturas, protegidas por rectângulos de coiro davam saída aos remos: sessenta de cada lado. Dois grandes cabos aos lados, indicavam o número de âncoras presas na ponte do traquete. A simplicidade da mastreação demonstrava que a rapidez da nav estava confiada aos remos, acima de tudo. O mastro, um tanto mais para a proa que para a popa estava seguro por tirantes às anilhas fixas às paredes internas do baluarte. O cordame era o indispensável para governar a única vela quadrada e a verga que a sustinha. Mais para lá do baluarte, via-se a ponte.

Salvo os marinheiros, que tinham amainado a vela e se encontravam ainda na verga, apenas um homem se via sobre a ponte, perto da torre da proa, com escudo e elmo.

Tão rápida e na aparência tão imprudente era a sua marcha que os amigos do homem, próximo da torre da proa, fizeram, com a mão estendida um sinal e, em seguida, todos os remos se levantaram, permanecendo um momento no ar e caíram verticalmente. A água agitou-se num cachão de espuma e a nave deu uma sacudidela e parou como que assustada. A um novo sinal, os remos tornaram a levantar-se e a cair; mas desta vez os da direita moveram-se para diante e os da esquerda para trás. Três vezes se repetiu a manobra e a nave girou como sobre um eixo, atracando suavemente ao molhe.

Soou uma trombeta e pela escotilha precipitaram-se para a coberta os soldados com elmos, escudos e dardos deslumbrantes, formando em perfeita ordem de batalha; os marinheiros encarrapitaram-se na verga; os oficiais e músicos ocuparam os seus lugares; tudo isto sem necessidade de ordens, sem confusão, nem ruído. Quando os remos tocaram na muralha uma ponte de madeira foi lançada de bordo. Então, o tribuno voltou-se para os seus amigos com uma gravidade que não havia manifestado até então e disse

- Agora, o dever!
Tirou a coroa e deu-a ao jogador de dados.

Abriu os braços aos seus camaradas que, um a um, acorreram a receber o seu abraço de despedida.

- Que os Deuses te acompanhem, Oh, Quintus! - disseram-lhe.
- Saúde - respondeu.

Aos escravos que agitavam os archotes, saudou-os com a mão e subiu a bordo, de belo aspecto, pela ordem da tripulação, alinhada, com os penachos a ondularem, os escudos e os dardos. Quando pisou a coberta soaram as trombetas e sobre o aplustro içou-se o vexilluin purpureum a bandeira purpúrea, insígnia do comandante da frota.

Havia quatro dias que a Astraca, assim se chamava a galera, navegava e sulcava velozmente as águas do mar Jónio.

Arrius tinha a esperança de encontrar a frota antes que esta chegasse à baía oriental da ilha de Cítera, designada para a reunião. No camarote, sentado na sua cadeira, os seus pensamentos dirigiam-se, amiúde para o remador número 60, cujo corpo de atleta lhe chamara a atenção nas suas frequentes visitas aos remadores.

- Conheces aquele homem, que agora abandona o banco? - perguntou ao hortador.

Os escravos acabavam de ser rendidos.
- O número sessenta?
- Sim.
O chefe olhou atentamente o remador.

- A embarcação saiu do estaleiro há um mês, a tripulação é para mim, tão nova como o barco.

- É um judeu - observou Arrius.
- O nobre Arrius tem o olhar penetrante.
- É muito jovem - continuou Arrius.

- E o nosso melhor remador - acrescentou o outro. - Viu o seu remo dobrar-se até parecer que se partia em dois.

- Como se porta?

- É obediente. É tudo o que sei. Uma vez pediu-me um favor. Desejava mudar de sítio, alternando à esquerda e à direita

- Disse-te os motivos?

- Que os homens que trabalham sempre do mesmo lado, ficam desformes. Acrescentou que, num dia de tempestade ou de batalha, podia haver conveniência de ter de mudar de lugar imprevistamente e então não daria o rendimento preciso.

- A ideia é nova. Que mais observaste nele?
- É mais culto que os seus companheiros.
- Nisso é romano - aprovou Arrius.

O tribuno ficou pensativo durante alguns instantes e decidiu-se a voltar para o seu lugar.

- Se eu estiver na ponte, quando voltar ao trabalho - disse - manda-mo. Duas horas depois, Arrius viu aproximar-se o remador.
- O chefe, que te chama o nobre Arrius, disse que querias falar-me.

-Arrius observou a figura alta, musculosa, tingida pelo sol e pelo sangue impetuoso que lhe corria nas veias; contemplou-o com admiração, pensando no circo; mas o seu porte e a sua voz não deixaram de o impressionar. A voz denotava uma existência decorrida num ambiente elevado e fino; os olhos eram claros e francos, mais curiosos que desconfiados e ao olhar perscrutador, imperioso do tribuno não se baixaram nem mostraram sinal algum de vergonha, de ira ou de ameaça.

- O hortador disse-me que és o melhor dos seus remadores.
- O hortado é muito bom - replicou o forçado.
- Estás há muito neste serviço?
- Quase três anos.
- Nos remos?
- Nos remos.

- A fadiga é grande; poucos homens a suportam um ano, sem cairem doentes, e tu... és ainda muito jovem.

- O nobre Arrius esquece que o espírito acrescenta tenacidade ao corpo.
- Pelo teu acento pareces judeu.
- Os meus avós eram judeus, ainda não existia Roma.

- Não te falta o obstinado orgulho do teu povo - disse Arrius observando uma cintilação no olhar do remador. - Que razões tens para ser orgulhoso?

- Ser judeu.
Arrius sorriu.

- Nunca estive em Jerusalém - disse, - mas ouvi falar dos seus príncipes e conheci um deles. Era mercador e navegante: era digno de ser rei. De que condição és tu?

- No banco da galera sou um escravo. Meu pai era príncipe de Jerusalém e como mercador sulcava os mares. Era conhecido e estimado na corte do grande Augusto.

- E como se chamava?
- Ithamar, da casa de Hur.
O tribuno levantou a mão assombrado.
- Tu, filho de Hur!

Depois de uma pausa, perguntou:
- Que delito te trouxe aqui?
Judá deixou pender a cabeça sobre o peito.
- Fui acusado de ter querido assassinar o procurador Tiberius Gracus.

- Tu! - exclamou Arrius ainda mais assombrado e retrocedendo um passo. - Tu, esse assassino! Toda a Roma falou do acontecimento.

Os dois homens olharam-se em silêncio.
- Eu julguei que a família de Hur tinha desaparecido do cimo da terra.

Uma corrente de tristes recordações inundou o coração do jovem abatendo-lhe o orgulho; as lágrimas brilhavam-lhe nos olhos.

- Mãe, mãe! Oh, minha pequena Tirza! Onde estais? Oh, tribuno, nobre tribuno! Se sabes alguma notícia delas - (e juntou as mãos em atitude suplicante) - diz-me, dizme tudo. Diz-me se vivem, e onde, e de que modo. Suplico-te. Fala!

E aproximou-se de Arrius até lhe tocar o manto.

- Oh! Três anos se passaram desde aquele dia terrível; três anos, oh tribuno, e cada dia foi para mim, toda uma vida de miséria, de sofrimento, sem ver um raio de esperança, sem ouvir uma só palavra. Oh, se se pudesse esquecer tão facilmente como nos esquecem Oh, inextinguível amor materno! E Tirza, inocente como um lírio, tão fresca, tão graciosa, tão bela! Era o sol dos meus dias; a sua voz era uma música e foram as minhas mãos que provocaram a sua desgraça. Eu...

- Admites a culpa? - interrogou Arrius.

Em Ben-Hur operou-se uma repentina transformação. A sua voz tornou-se sonora, levantou as mãos, os seus olhos fulguraram.

- Tu ouviste falar do Deus dos meus pais - disse, - o infinito Jeová. Pois pela Sua verdade e omnipotência, pelo afecto com que protegeu Israel, te juro que estou inocente.

O tribuno estava comovido.
- Foste condenado em julgamento? - perguntou de repente.
- Não!
O romano ergueu a mão, assombrado.
- Nem julgamento! Nenhuma testemunha!

- Ataram-me e conduziram-me a um cárcere na torre Aunia. Não vi ninguém. Ninguém me falou. No dia seguinte levaram-me para a praia.

Desde então sou um forçado.

- Que terias podido alegar em tua defesa? - Era demasiado jovem para ser conspirador.

- Gratus era-me desconhecido. Se o tivesse querido assassinar não eram aqueles, nem o momento nem o sítio propícios. Cavalgava, em pleno dia, no meio de uma legião; a minha fuga seria impossível. Eu pertencia a uma família fiel amiga de Roma. Meu pai desfrutava do favor de Augusto. Éramos ricos e a ruína teria sido segura para mim, para a minha mãe, para a minha irmã. Por fim a Lei que para um filho de Israel é como o ar para os pulmões, teria detido a minha mão se eu tal tentasse. Não estava louco.

- Quem estava contigo?

- Encontrava-me no terraço do palácio de meu pai. Tirza estava a meu lado. Tínhamos assomado ao varandim para ver passar a legião. Uma lousa desprendeu-se debaixo da minha mão e caiu sobre Gratus.

Onde estava a tua mãe?
- Nos seus aposentos.
- Que foi feito dela?
Ben-Hur apertou os punhos e com voz desgarradora replicou:

- Não sei. Vi que os soldados a levavam e nada mais soube depois. Expulsaram

da casa todos os seres viventes, até os animais domésticos e selaram as portas a fim de que não pudesse ser de novo habitada. Perguntei por ela. Oh, uma só palavra! Quem ma dirá? Estou agarrado a um remo para toda a vida!

Arrius ouvira com atenção. Se os sentimentos assim demonstrados eram falsos, o galeote era um actor perfeito. Se eram verdadeiros, a inocência do judeu era indubitável e sendo inocente, quão terrível vingança se tomara por um acto fortuito!

A existência rude e, por vezes sangrenta do tribuno, não sufocara as suas boas qualidades morais. Podia ser inexorável, quando o dever lho exigia; mas era também justo e a sua alma revoltava-se contra a menor injustiça. Os tripulantes da nave chamavam-lhe o bom tribuno. A piedade e a justiça impeliam-no a exercer um acto de justa reparação. Mas podia esperar, informar-se por outros, certificar-se de que era o príncipe Ben-Hur.

- Está bem - disse, por fim; - volta para o teu lugar.

Ben-Hur saudou; olhou a cara do seu senhor e nada descobriu nela que o fizesse conceber a mínima esperança.

- Se alguma vez me recordares, pensa na única coisa que te pedi: uma só palavra que me revelasse onde estão a minha mãe e a minha irmã.

E afastou-se.
Arrius seguiu-o com o olhar.

- Por Pólux! - pensou. Que corpo mais a proPósito para o circo! Que grande corredor daria! Que braço para a espada e para o cliicote! Pára - acrescentou em voz alta.

Ben-Hur deteve-se e o tribuno aproximou-se.
- Se fosses livre, que farias?
- O ilustre Arrius está a troçar de mim - exclamou Judá com os lábios trémulos.
- Não, por todos os deuses, não!

- Então responder-lhe-ei de vontade. A minha vida teria um só objectivo: ir procurar minha mãe e Tirza. Perderam muito; mas juro-o pelo Deus dos meus

pais, eu akançaria para elas o dobro.

- Eu falava da tua ambição - disse. - Se a tua mãe e a tua irmã estivessem mortas, ou fosse impossível encontrá-las, então que farias?

Uma palidez cinzenta invadiu o rosto de Ben-Hur, cujo olhar estava fixo na imensidão do mar.

- Tribuno, dir-te-ei a verdade. Na noite anterior ao terrível dia de que te falei, obtive a permissão de entrar na milícia. Não mudei de pensamento, e em todo o mundo só há uma escola militar...

- A palestra - exclamou Artius.
- Não, um acampamento romano.
- Mas antes tens que melhorar no manejo das armas.

- Um senhor não deve aconselhar o seu escravo; - Arrius notou o seu erro e prosseguiu em voz fria:
- Agora vai-te, e não fantasies demasiado acerca do que te disse. Se pensares nisso terás que escolher entre a fama de gladiador, ou o serviço militar. O favor imperial poderia ajudar-te a adquirir a primeira; mas nenhuma recompensa existe para ti no segundo. Não és romano, bem vês.

Na baía de Antímona, a orienta da ilha de Cítera, reuniram-se as cem galeras. Depois de ter empregado o primeiro dia a revistá-las, o tribuno dirigiu-se a Naxos, a maior das Cidades. Situada a meio caminho entre a costa da Grécia e a da Ásia, esta ilha formava, no meio do mar, como que uma fortaleza, desde a qual Arrius podia perseguir os piratas, quer permanecessem no mar Egeu, quer se dirigissem para u Mediterrâneo. Enquanto a frota, em ordem de batalha, se dirigia para a ilha, viu-se vir por ocidente uma galera solitária. Arrius saiu-lhe ao encontro e obteve do seu capitão todas as informações de que necessitava.

- Onde estão os piratas?
A esta pergunta, Arrius obteve esta resposta do capitão:

- Depois de ter saqueado Heféstia na ilha de Lemos, o inimigo dirigiu-se pela costa a Tessália, e segundo as últimas notícias, deve encontrar-se nalgum dos golfos existentes entre a Eubeia e a Hélade .

O tribuno considerava-se ditoso por saber os movimentos do inimigo, e deu graças reverentes à deusa Fortuna. Não ignorava o dano que uma só galera podia causar num mar aberto como o Mediterrâneo, e quantas dificuldades se opunham a ir procurála e destroçá-la.

Arrius calculava encontrá-los não longe das Termópuas, e decidiu tapar-lhes a saída pelo Norte e pelo Sul. A um sinal da nave almirante a frota deteve-se. Quando tornou a pôr-se a caminho, Arrius dirigia uma esquadra de cinquenta galeras, com as quais entrou no estreito, enquanto outra esquadra, composta de igual número de navios, voltou de proa para o lado externo da ilha, com ordem de a costear e penetrar no estreito pela embocadura setentrional.

Entretanto, Ben-Hur prosseguia a sua vida de remador. O descanso na baía de Antímona tinha-lhe infundido novo vigor e trabalhava com ânimo. O chefe, na plataforma, mostrava-se satisfeito.

Um perfume de incenso entrou pelas escotilhas.

O tribuno está junto do altar - pensou. - Encontramo-nos, talvez, em vésperas de uma batalha?

Ben-Hur tinha assistido a muitas, sem contudo, ter visto alguma. Do seu banco tinha ouvido muitas vezes o seu clamor, de tal modo que aqueles gritos se tinham tornado familiares aos seus ouvidos, como se de notas musicais se tratassem. Uma batalha tinha para ele, assim como para os demais forçados, um interesse muito diferente do que tinha para os marinheiros e soldados. Para estes, significava vitória ou derrota; aos escravos podia trazer uma mudança na sua condição, acaso a liberdade, mas, de qualquer dos modos, uma melhoria.

Quando as trevas se fizeram mais densas, acenderam-se as lanternas suspensas nas escadas, e o tribuno desceu da ponte. às suas ordens, os soldados puseram as armaduras e passou-se revista às armas.

Por fim, Ben-Hur viu o tribuno colocar-se na sua plataforma, vestir a couraça e pôr o elmo, sinais incontestáveis de que a luta estava próxima.

Em cada banco havia uma pesada cadeia, e com estas, o "hortador" principiou a segurar os pés dos remadores, obrigando-os assim à obediência e privando-os, em caso de um desastre, de toda a possibilidade de salvação. Na câmara reinava

um profundo silêncio, unicamente interrompido pelo rumor dos remos girando nos Seus suportes de couro. Esta humilhação que todos os remadores sentiam, sentia-a Ben-Hur mais vivamente que os companheiros. Tinha querido evitá-la a todo o custo; mas interviria o tribuno em seu favor?

Ben-Hur esperava angustiosamente. O intervalo parecia-lhe uma eternidade. A cada golpe do remo dirigia os olhos para o tribuno que, terminados os preparativos, se tinha estendido no leito para descansar. O hortador aproximava-se. Por fim chegou ao número 60. Ben-Hur deteve o seu remo e estendeu o pé ao oficial. Neste momento o tribuno moveu-se, endireitou-se e fez um sinal com a cabeça.

Uma violenta emoção de alegria se apoderou do judeu que, quando fez submergir de novo o remo na água, toda a nave lhe pareceu iluminada por um resplendor vivíssimo e desconhecido. Os golpes do martelo pareciam-lhe notas de música. Com o peito apoiado na empunhadura de chumbo, moyia o remo com toda a sua força até o dobrar como se o quisesse romper.

O chefe acercou-se do tribuno e com um sorriso indicou-lhe o número 60.
- Que força! - exclamou.

- E que ânimo! - disse por sua vez o tribuno. - Trabalha melhor sem correntes. Nunca mais lhas ponhas.

E estendeu-se, de novo, no leito.

A nave prosseguia avançando, impelida unicamente pelos remos e pela água, levemente picada pelo vento. Toda a tripulação, com excepção das sentinelas, dormia: Arrius no seu camarote, os soldados no chão. Só Ben-Hur não podia dormir. Fundamentando-se no favor do tribuno, a esperança arrebatava-o através de caminhos florescentes, até horizontes de púrpura e ouro.

A profunda escuridão que precede a alvorada, envolvia as águas, e a "Astraca" continuava na sua rota, quando uma sentinela, descendo rapidamente da ponte, se acercou de Arrius e O despertou. O tribuno pôs-se em pé, agarrou no elmo, na espada e no escudo e foi à procura do chefe dos marinheiros.

- Os piratas aproximam-se. Apressai-vos! - disse.

E com passo firme e confiante subiu a escada em direcção à ponte.

Toda a tripulação, já desperta, se preparava para o combate. Os oficiais ocupavam o seu posto. Os soldados tinham empunhado as armas e guarneciam os baluartes em fileiras duplas, como Os legionários. Os remadores de reserva estavam alinhados diante do seu chefe e custodiados por alguns guardas. Ben-Hur que se contava entre estes, prestava atenção aos últimos preparativos. A uma ordem dada na ponte e comunicada ao chefe dos escravos, os remos detiveram-se imediatamente.

Que significava isto?
Cada um dos cento e vinte escravos presos aos bancos pelas cadeias, fez para si próprio esta pergunta; mas nenhum pensou no que poderia resultar com o sucedido. Acorrentados aos bancos, a vitória só lhes teria redobrado as cadeias, enquanto em caso de desastre, incendiada ou afundada a nave, compartilhariam com ela o mesmo destino.

Ben-Hur tinha outros pensamentos. Um som como se muitos remos golpeassem a água ao mesmo tempo, à sua volta, atraiu-lhe a atenção. A "Astraca" balançou um momento como se estivesse no meio de correntes contrárias. Então compreendeu que estava próxima uma grande frota, que provavelmente se preparava O ataque.

Da ponte veio nova ordem.

Os remos submergiram na água e a galera prosseguiu lentamente o seu caminho. Pouco depois, um nítido e prolongado som de trompa, que partia da ponte, perturbou o silêncio. O chefe deixou cair o martelo e os remadores, inclinados sobre os remos, redobraram os esforços. A nave deslizou no seu caminho como uma criatura animada. Produziu-se um balanço muito violento. Os remadores, de pé diante do chefe, vacilaram, chegando alguns deles a cair. A nave retrocedeu, deteve-se e avançou de novo com ímpeto irresistível. Depois, sob a quilha, Ben-Hur sentiu um choque e o rumor surdo de madeira quebrada. A proa da nave romana tinha vencido!

Não houve tréguas nem descanso. A "Astraca" continuou a sua marcha. Alguns marinheiros desceram precipitadamente pela escada, enfiaram as torcidas de algodão nos recipientes de azeite e passaram-nas, gotejando, aos companheiros que estavam na ponte. O fogo tinha que se juntar aos terrores do combate.

O clamor ia aumentando por todos os lados. De vez em quando, escutava-se um estalido lúgubre seguido de vozes de terror que anunciavam que outra galera tinha ido ao fundo com toda a tripulação lá dentro.

Mas a luta não era completamente favorável aos romanos. Muitas vezes, um soldado ou marinheiro era conduzido para a câmara, ferido e às vezes moribundo; outras, nuvens de fumo e de vapor cheirando a carne queimada, penetravam pelas escotilhas, submergindo a câmara numa densa escuridão, apenas interrompida pelo brilhar de alguma chama amarelada.

De repente, a "Astraca" deteve-se, os remos escaparam das mãos dos remadores, que foram lançados para fora dos assentos. Sobre a ponte ressoou o pisar furioso de muitos pés, e nos flancos ouviu-se o quebrar de naves e o entrechocar de remos. Os escravos deitaram-se por terra ou correram em busca de esconderijos. No meio deste pânico, um corpo humano foi lançado de cabeça através da escotilha aos pés de BenHur; um busto seminu, uma massa de cabelos negros cobrindo um semblante e debaixo, um escudo de vime e de couro: um bárbaro setentrional, a quem a morte tinha privado da vingança e do motim. A "Astraca" tinha sido abordada. Um estremecimento de terror invadiu o judeu. Talvez Arrius estivesse a defender a sua própria vida. Se tivesse morrido! Que seria das suas esperanças e dos seus sonhos?

O tumulto aumentou sobre a sua cabeça; na câmara, tudo era confusão; os remadores estavam imóveis, como que paralisados nos seus bancos; apenas o chefe, sentado diante da mesa, esperava, impassível, uma ordem do tribuno, exemplo daquela admirável disciplina que subjugara o mundo.

Este exemplo tranquilizou Ben-Hur que se dominou o suficiente para reflectir. A honra e o dever retinham o romano no seu posto; mas para ele estas razões não existiam. Ele era um escravo e talvez aquele fosse o momento de reconquistar a sua liberdade. Deu dois passos, mas deteve-se. Uma sentença romana sujeitava-o ao seu destino. Em todo o mundo não encontraria um rincão em que se pudesse considerar seguro, em que não fosse alcançado pela vingança de Roma. Por outro lado, ele tinha necessidade da liberdade concedida com todas as formalidades da lei para poder percorrer a Judeia sem ser incomodado, até encontrar sua mãe. Oh, Deus! Quanto tinha orado e esperado para que essa liberdade chegasse! Por fim, parecia estar perto de a obter, Se se ativesse às palavras do tribuno. Mas Se O Seu benfeitor perecia? Não. Arrius não devia morrer. Melhor, era, em todo o caso, morrer com ele do que continuar a sua vida

de forçado.

Ben-Hur passeou a vista em redor. Sobre a câmara, a luta prosseguia. O bojo da nave roçava ainda pelo da nave inimiga. Os escravos agitavam-se nos seus bancos tentando quebrar as cadeias e ao verem a inutilidade dos seus esforços rugiam como loucos. Mas o chefe estava ainda sentado no seu lugar, impassível, fiel ao seu dever, sem outra arma que o martelo com o qual, em vão, procurava chamar os escravos à ordem. Ben-Hur dirigiu-lhe um olhar e depois afastou-se à procura do tribuno.

Em dois saltos encontrou-se a meio da escada e pode ver um pedaço de céu fulgurante, algumas naves próximas, o mar coberto de destroçoS, mas faltou-lhe o terreno sob os pés e foi atirado violentamente para trás O pavimento da câmara pareceulhe erguer-se e fender-se depois, toda a parte posterior da nave abriu-se em dois e afundou-se no meio de um tumulto de ondas e de espuma.

A água atirara Ben-Hur para a parte posterior da câmara, onde teria morrido afogado, se a própria água o não tirasse de lá. Ao afundar-se, a enorme massa expeliu-o por uma das escotilhas e permitiu-lhe atingir a superfície. O tempo que tinha passado debaixo de água, parecera-lhe uma eternidade. Com a boca aberta, respirou a plenos pulmões o ar vivificante e gotejando água do cabelo e dos olhos, agarrou-se a um madeiro que flutuava perto dele.

Sobre o mar estendia-se uma grande nuvem de fumo.

A batalha prosseguia. De quando em quando, passava junto dele, como sombra gigantesca, uma nave. Através da névoa ouviam-se rangidos de naves a chocarem. Muitos dos combatentes tinham voltado à superfície retomando aí a luta, servindo-se do apoio que lhes ofereciam as tábuas e mastros. Ben-Hur nada tinha a ver com aquela luta e esforçou-se por se afastar dela o mais depressa possível. impeliu a tábua para diante; mas naquele momento viu sair da água um elmo doirado, depois duas mãos que procuravam agarrar-se à sua tábua. Ben-Hur parou assombrado. O elmo apareceu de novo; depois dois braços agitaram-se violentamente. A cabeça deitou-se para trás, deixando ver o rosto à claridade. Ben-Hur deu um grito de alegria, diante daquele aparecimento e antes que se afundasse pela terceira vez agarrou a corrente que prendia o elmo sob o queixo e puxou-o para o madeiro.

Aquele homem era Arrius, o tribuno.

O judeu acomodou o romano sobre a tábua, e esperou. A alva avançava lentamente. Que traria ela? Se os piratas tinham vencido, a vida do romano estava perdida.

Por fim o sol brilhou com todo o seu esplendor. Ben-Hur viu terra à sua esquerda; mas muito longe para a poder atingir a nado. Aqui e ali, outros náufragos como ele flutuavam agarrados a destroços. à direita uma galera inclinada sobre o flanco, as velas destroçadas, os remos inertes.

Uma hora decorreu deste modo e a angústia de Ben-Hur aumentou. Se a ajuda tardasse, Arrius podia perecer. Ao ver a sua fria imobilidade chegou, uma vez, a supô-lo já cadáver. Tirou-lhe o elmo da cabeça

e depois, com grande esforço despojou-o também da couraça. O coração do tribuno batia levemente. Isto aumentou a confiança de Ben-Hur, que, seguindo o costume da sua raça, se entregou à oração.

Ben-Hur experimentou uma intensa alegria quando Arrius pôde articular algumas palavras. Depois de algumas perguntas acerca do lugar onde se encontrava, e de que modo tinha sido salvo, o pensamento do tribuno reportou-se subitamente ao resultado da batalha.

- A nossa salvação - disse - depende do resultado. Salvaste-me a vida, com perigo da tua e, aconteça o que acontecer, conta com a minha gratidão. Se a sorte me favorecer, farei, por ti, tudo o que um romano poderoso pode fazer para demonstrar a sua gratidão. Mas enquanto ignoramos se me prestaste um serviço, devo pedir-te um favor.

Promete-me que, se a ocasião se apresentar, me prestarás o melhor serviço que um homem pode prestar a outro homem.

- Se for coisa lícita, fá-la-ei - disse Ben-Hur.
Arrius descansou novamente.
- És verdadeiramente o filho de Hur, o israelita?
- Sou; já to disse.
- Eu conheci teu pai.

Judá aproximou-se do tribuno, cuja voz ia enfraquecendo.

- Conheci-o e estimei-o - continuou Arrius. - Tu, seu filho, terás ouvido falar de

Catão e de Brutus. Com a sua morte ditaram a lei de que um romano não deve sobreviver à sua desgraça. Compreendes?

- Compreendo.

- Os nobres romanos costumam usar um anel. Este uso-o eu. Toma-o e põe-no no teu dedo.

Ben-Hur obedeceu.

- Esta jóia ser-te-á de grande utilidade - disse Arrius. - Se eu morrer, procura o meu liberto que administra os meus bens; encontrá-lo-ás numa quinta perto de Miseno. Diz-lhe como chegou às tuas mãos e pede-lhe o que quiseres; não to recusará. Se viver, farei ainda mais. Devolver-te-ei a liberdade, restituir-te-ei a tua família; ou poderás escolher a profissão que mais te agradar. Compreendes?

- Compreendo.
- Agora, jura!
- Nobre Arrius, a tua voz indica-me que vais pedir-me algo de suma gravidade. Expõe, primeiro, o teu desejo.

- Prometerás?

- Não posso, sem saber o que pretendes. Bendito seja o deus de meus pais! Olha, uma nave!

- Donde vem?
- Do norte.
- Traz bandeira?
- Não.

- Se a galera pertence aos corsários, salvaste a vida; talvez não te dêem a liberdade, talvez te destinem ainda aos remos, mas não te matarão. Mas eu... Por Pólux! Eu sou demasiado velho para sobreviver à desonra. Dirás a Roma que Quintus Arrius foi a pique com o seu barco, como corresponde a um tribuno romano. Se a galera for uma nave corsâria atira-me do madeiro e deixa-me morrer afogado. Compreendes? Jurame que o farás.

- Não cometerei semelhante acção - disse Judá com firmeza. - A lei que governa os filhos de israel mo proibe. Toma o teu anel, oh tribuno - acrescentou, tirando-o do dedo. - Toma o teu anel e com ele as tuas promessas. Toma o teu anel.

Arrius não respondeu.

- Não o queres? - perguntou Judá. - Não em sinal de cólera ou de menosprezo, entendes?, mas para me livrar de uma obrigação que sobre mim pesa, atirarei o teu presente ao mar.

E atirou o anel ao mar. Arrius ouviu-o cair, mas não ergueu os olhos.

- Cometeste uma imprudência - disse. - Pensa na tua condição. Eu não dependo de ti para morrer. A vida é um fio ténue que posso romper sem que tu me ajudes; e se o fizer, que será de ti? Quem quer morrer, prefere que outros o matem, porque, como ensina Platão, a alma rebela-se contra a ideia do suicídio. Se aquela nave pertence aos piratas, abandonarei o mundo; sou romano e para mim a fortuna e a honra são tudo. Mas teria querido ser-te útil.

Ambos se calaram e ficaram à espera.

Ben-Hur olhava a nave. Arrius descansava com Os olhos fechados, indiferente a tudo.

- Estás seguro de que é uma nave inimiga? - perguntou Ben-Hur.

- Assim o creio - responde Arrius.

- Parou e deitou um escaler à água.
- Vês a sua bandeira?
- Não há outro sinal pelo qual se possa conhecer se é romana?
- Se fosse romana traria um elmo na extremidade da mastreação.
- Então alegra-te; eu vejo o elmo.
Mas Arrius não se tranquilizou. Ben-Hur observava atentamente.

- A galera aproxima-se de uma outra abandonada. Já está a seu lado. Destaca homens para bordo.

Então, Arrius abriu os olhos e soergueu-se, sentando-se no madeiro.

- Dá graças ao teu Deus - disse para Benu-Hur - como eu as dou aos meus deuses. Um corsário teria afundado, não salvo a nave. A vitória é minha. A Fortuna não me abandonou. Agita a mão. Chama-os. Eu serei duúnviro, e tu... Eu conheci o teu pai e estimei-o. Era um verdadeiro príncipe! Com ele aprendi que um judeu não é um bárbaro. Levar-te-ei comigo, adoptar-te-ei como filho. Dá graças aos teus deuses e chama os marinheiros. Depressa!

Judá ergueu-se sobre a tábua, agitou as mãos e gritou com todas as forças dos seus pulmões. Por fim, os marinheiros do bote viram-no e os náufragos foram imediatamente recolhidos.

Arrius foi recebido a bordo da galera com todas as honras devidas a um vencedor tão favorecido pela sorte, e estendido num leito sobre a ponte escutou todas as particulariedades do final da batalha.

No seu regresso à Pátria, Arrius teve em Miseno uma acolhida triunfal. O jovem que o acompanhava, chamou desde logo as atenções dos seus amigos e à suas perguntas acerca de quem era, respondeu o tribuno relatando com afecto e emoção a história do seu salvamento. Terminado o relato, chamou Ben-Hur e pondo-lhe a mão nas costas:

- Meus amigos, este é meu filho e herdeiro, o qual, tendo de suceder-me na propriedade dos meus bens, se os deuses permitirem que eu os deixe, deverá, daqui por diante, usar o meu nome. Peço-lhes que lhe queiram como me querem a mim.

Mal se apresentou a ocasião, a adopção foi oficializada. Deste modo o nobre romano manteve a promessa feita a Ben-Hur, e pouco depois apresentou-o no mundo imperial.

LIVRO QUARTO

No mês de Julho do ano da graça de 29, uma galera mercante avançava pelas azuladas ondas do mar em direcção à desembocadura do Orontes.

Era cerca do meio-dia e fazia um calor intenso; mas todos quantos podiam subir à ponte, se encontravam nela, e entre eles Ben-Hur. Os cinco anos transcorridos

tinham amadurecido totalmente o jovem israelita. Ainda que as vestes de tecido branco, que o envolviam, cubrissem em parte as suas formas, o seu aspecto era dos mais atraentes. Quem o observasse atentamente não podia deixar de descobrir o contraste entre a sua aparência, que revelava a elegante simplicidade do patrício, e certos detalhes pessoais. Por exemplo: os braços eram desproporcionadamente largos e quando o balanceio da galera o obrigava a procurar um ponto de apoio, o tamanho enorme das suas mãos e a força extraordinária era patente a todos; o seu aspecto indicava claramente que era um homem cujo passado estava cheio de aventuras.

A galera, na sua travessia, tinha tocado num dos portos de Chipre e recebido a bordo, um israelita de aspecto respeitável, tranquilo, reservado e paternal. Ben-Hur atreveu-se a dirigir-lhe algumas perguntas, e as respostas que obteve inspiraram-lhe confiança e deram lugar a um colóquio mais amistoso. Enquanto a galera avançava pela baía do Orontes, outras duas naves alcançaram-na e ao passar, desfraldaram duas pequenas bandeiras amarelas. Um passageiro foi ao encontro do respeitável israelita para lhe pedir que explicasse o significado daquilo.

- Conheço perfeitamente o significado das bandeiras - respondeu; - não indicam nenhuma nacionalidade, mas sim o distintivo do seu proprietário.

- Tem muitos navios?
- Certamente.
- Conhece-lo?
- Fiz com ele alguns negócios.

Ben-Hur escutava com interesse.

- Vive em Anti oquia - prosseguiu o israelita. - As suas riquezas tornaram-no muito conhecido, e os comentários que se fazem sobre os seus negócios não lhe são sempre favoráveis. Noutros tempos, havia em Jerusalém um príncipe de antiquíssima linhagem chamado Hur...

Judá fazia esforços para mostrar tranquilidade; mas o seu coração batia com violência.

- O príncipe era um mercador dotado de génio para os negócios. Acometeu muitas empresas, tanto no longínquo Oriente como nos portos do Ocidente. Em todas as grandes cidades possuía sucursais e a de Antioquia estava confiada a um

sujeito que respondia ao nome grego de Simónides, embora judeu de nascimento, o qual, dizia-se, tinha sido um escravo da família. O príncipe morreu afogado; mas o seu comércio continuou, sem que diminuísse a sua prosperidade. Pouco tempo depois, uma desgraça caiu na sua família. O único filho do príncipe atentou contra a vida do procurador Gratus. O crime frustrou-se e não se voltou a saber mais nada do jovem. A vingança do romano alcançou toda a família e nenhum membro seu foi perdoado. O palácio, fechado, só serve actualmente de refúgio aos pombos; as suas terras foram confiscadas assim como todos os bens dos Hur. Simónides, o agente do príncipe, começou quase de imediato a negociar por conta própria e depressa chegou a ser o primeiro mercador da cidade. Seguindo o exemplo do seu senhor, mandou caravanas à Índia, e actualmente tem no mar tantas galeras quantas bastariam para formar uma frota real.

- Deve ter tido grandes capitais para principiar.

- Sim! Talvez isso esteja relacionado com o caso de o procurador se ter apoderado somente dos bens imóveis do príncipe, assim como dos seus cavalos, ganhos, naves e mercadorias; mas nunca conseguiu encontrar o dinheiro. O sucedido continua a ser um mistério.

- Não para mim - disse um passageiro.

- Compreendo o que quereis dizer - replicou o judeu. - É crença de todos, que o dinheiro desaparecido constituiu o primeiro capital do velho Simónides. O próprio procurador é da mesma opinião, pois duas vezes em cinco anos, mandou torturar o mercador.

Ben-Hur apertou com mais força a corda à qual se tinha agarrado com uma das mãos.

- Diz-se - prosseguiu o narrador - que aquele homem tem todos os ossos desconjuntados. Mas as torturas não surtiram nenhum efeito. As únicas palavras que se lhe puderam arrancar foram que tudo o que possuía era legalmente seu, e que se servia disso legitimamente. Actualmente está protegido contra toda a perseguição por uma licença de comércio firmada por Tibério. Aquelas naves são suas, e é costume entre os navegadores quando se encontram, içar as suas bandeiras, como que para dizer: "Tivemos uma travessia feliz".

E aqui terminou o relato. Quando a galera estava já entre as duas margens do rio,

Judá perguntou ao israelita:

- Como se chamava o dono do barco mercante?
- Ben-Hur, príncipe de Jerusalém.
- E que foi feito da família do príncipe?

O filho foi embarcado nas galeras, que o mesmo é dizer que está morto. Da viúva e da filha nada se sabe e quem sabe prefere calar. Provavelmente pereceram numa das celas de castigo que bordejam os caminhos da Judeia.

Judá saudou e dirigiu-se para o lugar do piloto, onde ficou profundamente mergulhado nos seus pensamentos.

Quando a cidade estava ao alcance da vista, os passageiros, desejosos de não perderem o espectáculo, acudiram à coberta.

Momentos depois, a nave aproximou-se lentamente do molhe, deitaram-se as amarras e foram retirados OS remos: a viagem tinha terminado e Ben-Hur foi em busca do israelita.

- Permiti-me uma palavra, antes de nos separarmos.
O israelita acedeu.

- A história do teu mercador incutiu-me o desejo de o ver. Chama-se Simónides, não é verdade?

- Assim é.
- Onde poderei encontrá-lo?

O interrogado dirigiu-lhe um olhar perscrutador, antes de lhe responder. Depois disse:

- Qualquer pensaria que o mais rico mercador de Antioquia vive numa casa digna de tanta riqueza; mas não é assim. Se queres encontrá-lo de dia, segue o curso do rio até chegar àquela ponte, lá em baixo, onde vive numa espécie de construção que parece o contraforte da muralha. Diante da porta há um vasto desembarcadoiro, constantemente cheio de mercadorias, chegadas e prestes a sair. A frota que está lá ancorada é dele. Não podes enganar-te.

- Recebe o meu agradecimento.
- A paz de nossos pais te acompanhe.
- E a ti, também.

Separaram-se. Dois carregadores que receberam a bagagem de Ben-Hur receberam as suas ordens.
- à cidadela! - exclamou.

Duas grandes vias cruzando-se em ângulo recto dividiam a cidade em quatro partes. Ainda que o recém-chegado procedesse de Roma, não pôde deixar de se sentir quase maravilhado à vista da magnificência daquela via; mas Ben-Hur não estava com disposição de apreciar aquele espectáculo. A história de Simónides preocupava-o de tal maneira que mudou de ideias e disse aos carregadores:

- Não irei esta noite à cidadela; conduzi-me ao "cam" mais próximo da ponte que atravessa a via de Seleucia.

A comitiva retrocedeu sobre os seus passos, e breve, Ben-Hur se encontrou numa mansão primitiva, situada a pouca distância da ponte, sob a qual o velho Simónides tinha estabelecido a sua morada. Ben-Hur passou toda a noite estendido no terraço, agitado pelo mesmo pensamento.

- Por fim, por fim, terei notícias dos meus, da minha mãe, da minha pequena Tirza. Se estão neste mundo, saberei encontrá-las.

No dia seguinte, muito cedo, Ben-Hur encaminhou-se para casa de Simónides. Atravessou o arco de uma torre com ameias, percorreu o cais e bordejando o rio chegou à ponte Seleuco, onde se deteve para olhar em redor. Ali, pegada à ponte, estava a casa do mercador, que era uma mole de pedra cinzenta, de paredes toscas, formando, na aparência, o contraforte da muralha em que se apoiava.

Ben-Hur parou, procurando forças para o iminente colóquio, na consciência dos seus próprios direitos. Se a história que lhe tinham contado era verdadeira, Simónides e todas as suas riquezas pertenciam-lhe.

Mas estas, para dizer a verdade, nada lhe importavam. Assim, quando avançou resolutamente para a porta, já tinha jurado a si mesmo que logo que obtivesse notícias de sua mãe e de Tirza deixaria Simónides em liberdade e não lhe pediria nada do que era seu. Sem hesitar mais, entrou na casa.

O interior era um vasto depósito, dividido em compartimentos, onde se encontravam armazenadas com a maior ordem, mercadorias de todas as espécies. Apesar da semiobscuridade e da rarefacção do ar, travalhava-se afanosamente, e de uma parte a outra, andavam os trabalhadores com serras e martelos a preparar as caixas de embalagem. Ben-Hur avançou lentamente, entre os montões de mercadorias.

Um homem saiu ao seu encontro, perguntando-lhe:
- Que quereis?
- Desejaria falar com Simónides, o mercador.
- Segui-me.

Por um labirinto de estreitos corredores, deixados pelos caixotes, chegaram junto de uma escada que os conduziu à parte superior do armazém, onde se situavam os aposentos de Simónides. Pararam diante de uma cortina, em parte corrida, enquanto o seu acompanhante anunciou em voz alta:

- Um forasteiro deseja falar com o senhor.
Uma voz clara replicou:
- Que entre, em nome de Deus.

O aposento em que Ben-Hur penetrou, seria chamado "atrium" por um romano. No meio da casa viam-se duas pessoas: um homem sentado num cadeirão de espaldar alto e forrado de cómodos estofos; à sua direita uma donzela na primavera da vida.

Ben-Hur sentiu o sangue golpear-lhe as fontes e colorir-lhe as faces. Fez uma vénia, em parte por respeito, em parte para ganhar tempo. Ao inclinar-se, notou um gesto de surpresa no homem sentado e um estremecimento motivado pelo seu aparecimento na sala. Quando Ben-Hur ergueu a cabeça, os sinais de emoção tinham desaparecido.

- Se és Simónides e judeu - Ben-Hur fez uma leve pausa), que a paz do Deus do nosso pai Abraão seja contigo e com Os teus.

- Sou Simónides, judeu de nascimento - respondeu o mercador com voz clara e sonora. - Devolvo-te a saudação e, ao mesmo tempo, peço-te que me digas com quem falo.

Ben-Hur contemplou o seu interlocutor e, em vez de uma figura humana, viu um

corpo disforme afundado nos almofadões, coberto com uma manta de seda escura; mas sobre aquelas pobres carnes, erguia-se uma cabeça, a cabeça ideal de um homem de estado ou de um conquistador. Pelas fontes desciam-lhe cabelos encanecidos que acentuavam a intensidade do seu olhar. Os olhos eram negríssimos e brilhantes. O seu rosto não tinha cor. Rugas profundas davam maior volume às suas taces. A cabeça e O rosto indicavam um homem mais apto para mover o mundo do que para se deixar mover. Ben-Hur estendeu-lhe a mão com a palma virada para cima, como oferecendolhe paz, ao mesmo tempo que lhe a solicitava.

- Sou Judá, filho de Ithamar, o último chefe da casa Hur, príncipe de Jerusalém.

O mercador tirou a mão direita de sob o manto; era uma mão longa e delgada cujas articulações estavam deformadas pela enfermidade. Abriu-a convulsivamente e este foi o único sinal de surpresa e emoção dado pelo velho, que replicou com voz tranquila:

- Os príncipes de Jerusalém, príncipes pelo sangue, são sempre bem-vindos a esta morada. Sede-o vós também. Ester dá uma cadeira a este jovem.

A donzela aproximou um assento que estava próximo e ao fazê-lo, o seu olhar cruzou-se com o de Ben-Hur que permaneceu de pé e continuou em tom profundamente respeitoso:

- Rogo a Simónides que não me considere como um intruso. Ao subir o rio, soube que conhecestes meu pai.

- Com efeito conheci o príncipe Hur. Estivemos associados em várias empresas comerciais. Mas peço-te que te sentes. Tu, Ester, oferece-lhe vinho; Nehemias fala de um filho de Hur que nos seus tempos era senhor de meio Jerusalém; é uma estirpe antiga, muito antiga e ilustre. Nos tempos de Moisés e Josué, alguns indivíduos dessa família acharam a graça nos olhos de Deus e compartilharam glória e honra com aqueles chefes.

Ester aproximou-se de Ben-Hur com um cálice de prata e

ofereceu-lhe, baixando os olhos. De novo os seus olhares se encontraram e, desta vez, Ben-Hur notou que a donzela era baixa; mas graciosíssima e de feições delicadas a que os olhos negros davam uma expressão suavissima.

"É bela e boa - pensou Ben-Hur. - Talvez Tirza se lhe assemelhasse, se vivesse. Pobre Tirza !"

Logo acrescentou, em voz alta:
- Não. Teu pai, se esse é teu pai...
- Sou Ester, filha de Simónides - replicou com dignidade a donzela.

- Pois bem, bondosa Ester, o teu pai, depois de ter escutado a minha história, não me apreciará menos por ter negado a aceitar este precioso licor, como também espero que encontrarei perdão nos teus olhos. Peço-te que permaneças ainda aqui um instante.

Ambos, como se experimentassem um mesmo impulso, voltaram-se para o mercador.

- Simónides - exclamou Ben-Hur, com firmeza.

- Meu pai tinha, ao morrer, um servo fiel, com o teu nome e disseram-me que eras tu.

Um estremecimento sacudiu os pobres membros martirizados e, de novo, a descarnada mão se contraiu.

- Ester! Ester! - gritou com voz severa o velho.
- Aqui, junto de mim, se és filha de tua mãe. Aqui, digo, não ali!

A donzela olhou para uni e outro lado de seu pai com expressão de assombro e ansiedade.

Simónides ergueu a mão esquerda e pô-la entre as de sua filha. Depois disse tranquilamente:

- Envelheci com o comércio entre os homens: envelheci antes de tempo; é uma amarga, mas saudável lição que aprendi com os anos: a desconfiança para com os meus semelhantes. O Deus de Israel tenha compaixão de quem no termo da sua vida se vê obrigado a falar assim! Os objectos do meu afecto são muito

poucos. Um deles é esta criatura que até hoje foi desinteressadamente minha, servindo-me de tão doce consolo que a sua ausência me causaria a morte.

A cabeça de Ester inclinou-se e a sua face roçou o rosto do pai.

- O outro objecto do meu afecto não é mais que uma recordação que semelhante a uma benção divina podia abraçar toda uma família, se soubesse onde se encontra.

Ben-Hur deu um passo para diante e exclamou com ímpeto:
- Minha mãe e minha irmã! Oh, sim!, é delas que falas!
Simónides replicou friamente:

- Escuta-me até ao fim. Em nome daqueles objectos do meu amor, antes de responder-te acerca das minhas relações com O prírcipe de Hur, dá-me provas da tua identidade. As tuas testemunhas são documentos ou pessoas vivas?

A pergunta era clara e a sua razão indiscutível. ben-Hur ruborizou-se, juntou as mãos e balbuciou e ofuscou-se. Simónides prosseguiu:

- As provas! Traz-mas e põe-mas diante dos olhos.

Ben-Hur não sabia que dizer. Não tinha previsto esta pergunta e agora, pela primeira vez, tomou consciência da terrível realidade; os três anos decorridos nas galeras tinham-no privado de todas as provas acerca da sua identidade. Quintus Arrius era O único que conhecia a sua história e que teria podido testemunhar em seu favor. Mas o chefe romano morrera.

Simónides respeitou a sua dor e contemplou-o silenciosamente.

- Simónides - exclamou Judá, por fim; - posso contar-te a minha história; mas hás-de prometer-me que suspenderás todos os juízos até que eu termine e que me escutarás com benevolência.

- Fala - disse Simónides, já senhor da situação.
- Fala e eu te escutarei!

Ben-Hur começou a referir as suas vicissitudes, em traços largos; mas com

aquele calor e intensidade do sentimento que são fonte de toda a eloquência. Como o leitor conhece as suas desventuras até ao seu desembarque em Miseno, segui-lo-emos no seu relato, somente a partir desse ponto.

- O meu benfeitor era apreciado e protegido pelo imperador que o cumulou de merecidas recompensas. Os mercadores do Oriente fizeram-lhe magníficas ofertas e Arrius foi riquíssimo, entre os mais ricos de Roma. Mas pode um judeu esquecer a própria religião ou o lugar do seu nascimento, a terra santa de seus pais? O bom homem adoptou-me como filho, segundo o rito formal da Lei, e eu correspondi à sua protecção o melhor que pude. Nenhum filho foi mais escrupuloso em cumprir os seus deveres para o seu próprio pai. Amava-o e, para mais, pensava que mercê do seu apoio e das suas influências poderia, algum dia, esclarecer o mistério que envolve o destino de minha mãe e de minha irmã. A estas razões junta-se outra: o desejo que sentia de me instruir na arte da guerra. Exercitei-me nas palestras, nos circos e no acampamento, e nuns e noutros tornei ilustre o meu nome que, na realidade não é o nome dos meus pais. Mas nunca perdi de vista o meu único objectivo, e por isso deixei Roma para vir a Antioquia, acompanhando o cônsul Maxêncio na campanha que está a preparar contra os partos. Quero adquirir todos os conhecimentos superiores necessários a um chete de exércitos. Ontem encontrámos duas galeras ostentando bandeiras amarelas. Um compatriota dissenos que aquelas naves pertenciam a Simónides, o grande mercador de Antioqilia; descreveu-nos a sua vida e o auge do seu comércio; falou-nos das suas frotas, das suas caravanas e das suas viagens; disse-nos que Simónides era noutro tempo, servo do príncipe Hur, e nem omitiu as crueldades de Gratus nem os objectivos de tais crueldades.

Simónides escondeu a cabeça entre as mãos e a filha inclinou o rosto sobre o de seu pai. Este, de repente, levantou a vista e exclamou com voz clara:

- Continuo a escutar.

- Oh, bom Simónides! - replicou Ben-Hur avançando um passo. - Compreendo que ainda desconfies de mim.

O mercador manteve-se imóvel e silencioso.

- E compreendo o difícil da minha situação - prosseguiu Ben-Hur - Posso, sim,

provar tudo o que disse da minha estada em Roma; bastar-me-ia acudir ao cônsul, actualmente hóspede do governador da cidade, mas não posso dar-te provas de que sou filho de meu pai; todos os que poderiam testemunhá-lo estão mortos ou então desapareceram.

Ocultou o rosto entre as mãos. Ester apresentou-lhe novamente o cálice que tinha recusado e disse-lhe:

- Este vinho é da nossa pátria, que tanto amamos; bebe, peço-lo. A sua voz era doce, como a de Rebeca quando ofereceu água a Eliezer no poço de Nahor. Ben-Hur secou as lágrimas que humedeciam os seus olhos e bebeu, dizendo:

- Filha de Simónides, és realmente muito boa ao compadeceres-te de um estrangeiro. Que o Senhor te proteja. Eu agradeço-te.

E voltando-se de novo para o mercador, prosseguiu o seu relato:

- Como não tenho as provas que me pedes, oh Simónides, retiro o pedido que te fiz e retiro-me também desta casa, que não voltarei a entristecer com a minha presença. Mas não me irei embora sem te dizer que não vim para te escravizar nem para me apoderar da tua fortuna. Quando o bom Quintus, o meu segundo pai, empreendeu a viagem que lhe foi funesta, deixou-me herdeiro de uma fortuna incalculável. Portanto, se alguma vez te recordares de mim, pensa só na súplica que te fiz e que foi o único objectivo da minha visita. Que podes dizer-me da minha mãe e de Tirza, minha irmã? Que podes dizer-me delas?

As lágrimas deslizavam pelas faces de Ester; mas o seu pai continuava impassível. Por fim disse:

- Recordo ter ouvido falar da desgraça que sobreveio à família de Hur e a pena que experimentei quando a soube. Quem causou tanto mal à viúva e aos filhos do meu amigo foi o mesmo que me fez alvo da sua ira. Fiz pesquisas para descobrir a sorte da família, mas foram inúteis: desapareceram!

Ben-Hur não pôde reprimir um lamento.

- Outra esperança desaparecida! - articulou com voz alterada. - Estou acostumado aos desenganos. Perdoa a minha visita. Adeus!

No momento de levantar a cortina, retrocedeu para dizer com simplicidade comovedora:

- Agradeço-vos a ambos.
- Que a paz do Senhor esteja contigo - disse o mercador.
Ester não pôde falar, por causa dos soluços.

Assim que Ben-Hur saiu, Simónides pareceu despertar de um longo sono: o rosto ruborizou-se-lhe, os olhos animaram-se-lhe e com voz trémula de alegria. chamou:

- Ester! Chama, depressa!

A jovem aproximou-se da mesa e tocou uma campainha. Um dos painéis da parede abriu-se para dar passagem a um homem que, inclinando-se diante de Simónides, com respeito oriental, esperou as suas ordens.

- Malluch, aproxima-te! - disse com um acento de comando. - Hei-de dar-te um encargo a que não podes faltar, ainda que o sol deixasse de brilhar. Escuta: um jovem desce, neste momento, ao armazém; alto, de aspecto formoso, vestido como um judeu. Segue-o como se fosses a sua sombra e todas as noites vem dizer-me onde se encontra, que faz e com quem se dá. Procura aproximar-te dele e falar-lhe, acaso possas, sem lhe inspirar suspeitas. Estuda as suas conversas e grava-as na memória, assim como qualquer outra particularidade que me possa revelar o seu carácter, os seus costumes, os seus propósitos. Compreendeste? Se abandonar a cidade, segue-o também e torna-te seu amigo. Se te perguntar alguma coisa, responde-lhe aquilo que te pareça mais oportuno; mas que ignore sempre que estás ao meu serviço.

O servo saudou e saiu. Então, Simónides esfregou as mãos descarnadas e sorriu.

- Que dia é hoje, minha filha? perguntou, interrompendo as suas manifestações de alegria. - Desejo recordá-lo para sempre, do mesmo modo que se recorda um dia de festa.

Em seguida perguntou como se ferido subitamente por uma ideia: - O dia está tranquilo?

- Assim estava antes do jovem entrar.

- Então, chama Abimelech para que me leve ao jardim, donde poderei ver o rio e as galeras, e onde te contarei porque ainda há pouco o sorriso apareceu nos meus lábios, a minha língua balbuciou um canto e o meu espírito se tornou leve como uma gazela ou um veado nos montes.

Chamado pela campainha, apresentou-se um servo que, obedecendo às ordens da donzela, conduziu para fora do aposento a cadeira, que colocou no terraço do piso inferior, considerado pelo ancião como o seu jardim. Ali, o servo deixou-o só com Ester que se sentou a seu lado, à espera do prometido relato. Símónides começou com a sua calma habitual:

- Ester, enquanto o jovem falava, estive a observar-te e pareceu-me que ele era do teu agrado.

Ester, baixando Os olhos, respondeu:
- Pai, ele inspirou-me Confiança e acreditei em tudo quanto disse.
- Para ti, então, é o filho do príncipe?
- Se não o fosse... - interrompeu.
- Se não fosse?.. - repetiu Simónides.

- Fui a tua serva, querido pai, desde que a minha mãe morreu e junto a ti, vi-te e ouvi-te tratar prudente mente com todo o género de homens, e, na verdade, posso dizerte que, se aquele jovem não é o príncipe Hur, nunca a mentira tomou mais habilmente a aparência de verdade.

- Crês que teu pai foi seu escravo?
- Se bem recordo, não disse isso. Referiu como coisa que tinha ouvido dizer.

Os olhos de Simónides pousaram-se, distraidamente, por momentos, nos barcos que tinha a seus pés. Depois disse:

- És uma boa filha, poSsuis O nosso discernimento judeu e tens ânimo suficiente para escutar uma história triste. Presta-me atenção e referir-te-ei a minha história e a de tua mãe, desconhecidas para ti e ignoradas por todos. Eu nasci numa

cabana do vale de Hinnom. Ao meio dia de Sião. Os meus pais eram escravos perpétuos. Eu fui vendido ao príncipe Hur que era, então, depois de Herodes, o homem mais rico de Jerusalém, o qual me empregou nos seus armazéns de Alexandria, onde atingi a minha maioridade. Servi-o seis anos e ao sétimo, segundo a Lei de Moisés, foi-me dada a liberdade.

Ester bateu palmas ligeiras.
- Oh! Então não eras já o escravo de seu pai?

- Escuta, minha filha. Naquela altura, havia quem defendesse com calor, que os filhos dos escravos perpétuos eram também obrigados a sujeitar-se a escravatura perpétua; mas o príncipe Hur interpretava a Lei segundo a seita mais rigorosa, ainda que não pertencesse a ela. Declarou que eu era um judeu comprado, na verdadeira acepção que o grande legislador dá a esta palavra, e em documentos selados, deu-me a liberdade.

- E minha mãe? - interrogou Ester.

- Tem paciência e saberás tudo. Ao terminar o meu serviço, acorri a Jerusalém para celebrar a Páscoa.

O meu senhor hospedou-me e como lhe tinha afecto, supliquei-lhe que me mantivesse ao seu serviço. Ele consentiu e servi-o outros sete anos, mas, agora, como assalariado. Confiou-me a direcção das suas empresas comerciais de mar e terra e enviei caravanas mais além de Susa e de Persépolis, aos países das secas. Eram perigosas, minha filha, aquelas viagens; mas o Senhor abençoou as minhas fadigas. Um dia, enquanto me hospedava em Jerusalém, entrou uma serva transportando uma bandeja. Dirigiu-se-me e foi aquela a primeira vez que vi a tua mãe e a amei. Depois de algum tempo, apresentei-me ao príncipe e pedi-a para esposa. Respondeu-me que era escrava perpétua; mas que se eu a desejava lhe daria a liberdade para me agradar. Ela, apesar de corresponder ao meu amor, disse que era feliz na sua condição e recusou a liberdade. Súplicas, e pedidos foram inúteis. Consentiria ser minha mulher se eu consentisse ser seu companheiro de escravidão.

O nosso pai Jacob serviu sete anos, pela sua Raquel. Eu poderia ter feito a mesma coisa; mas a tua mãe pretendia que eu fosse escravo toda a vida. Separei-me dela, dirigi-me a outros países, procurando esquecê-la; mas o meu amor foi mais forte e voltei. Olha, Ester - e mostrando-lhe o lóbulo da orelha esquerda: -

Vês a cicatriz da sovela?

- Vejo - disse Ester, - e vejo agora a que extremo amaste a minha mãe.

- Quando o príncipe soube da minha decisão, levou-me aos juizes para que lhes expusesse a minha vontade; depois levou-me a sua casa e atravessando-me a orelha com a sovela, cravou-a como é costume, na porta. Assim me converti em seu escravo para toda a vida. Assim conquistei a minha Raquel. Diz-me agora: existiu alguma vez amor como o meu?

Ester inclinou-se para ele e beijou-o. Ambos emudeceram, pensando na morta.

- O meu senhor morreu no mar e esta foi a minha primeira desgraça - prosseguiu o mercador; - o luto da sua família foi o meu luto na minha casa de Antioquia. Quando o príncipe morreu eu estava à frente da sua administração e todos os bens estavam nas minhas mãos. Por isto podes calcular o afecto e a confiança que depositava em mim. Acorri a Jerusalém para prestar contas da minha gestão à viúva e ela manteve-me no meu posto. Redobrei a minha diligência e os negócios prosperaram de ano para ano. Transcorreram assim dez anos. Sobreveio depois a catástrofe de que o jovem falou. Gratus tirou dela o pretexto para confiscar no seu próprio proveito a imensa fortuna da viúva e dos filhos e para evitar uma apelação contra a sentença, desfez-se de todas as partes interessadas. O filho, que eu conheci criança, foi condenado às galés. A viúva e a filha supõe-se que estejam sepultadas numa das muitas celas da Judeia. Não sabemos como morreram nem sequer se estão mortas.

Os olhos de Ester estavam inundados de lágrimas.

- Escuta-me ainda. Fui a Jerusalém para socorrer a minha benfeitora e às portas da cidade fui preso e conduzido aos subterrâneos da Torre Antónia, onde Gratus em pessoa foi pedir-me o dinheiro da casa Hur. Eu neguei-me. Ele possuia a casa, as terras, a mercadoria, as galeras e toda a propriedade móvel dos meus senhores, menos o dinheiro. Compreendi que se continuasse na graça do Senhor, poderia reconstituir a sua fortuna, e opus-me às pretensões do tirano. Torturou-me; mas resisti e teve que me devolver a liberdade sem nada ter obtido de mim. Regressei a minha casa e retomei os negócios por minha Conta e em nome de Simónides de Antioquia. Três anos depois fui preso e torturado segunda vez por Gratus. Mas tão-pouco obteve de mim uma confissão. A vontade de Deus concedeu-me a vida. Obtive do imperador uma licença de livre trâ'nsito para

todos os países do mundo. Hoje, Ester, a minha riqueza é tanta que faria inveja ao próprio César.

Com um movimento de orgulho, levantou a cabeça e os seus olhos encontraramse com os da jovem.

- Que hei-de fazer com esta fortuna? - perguntou interpretando Os Seus pensamentos.

- Querido pai - disse ela timidamente, - não veio hoje buscá-la o seu legítimo proprietário?
Um raio de inefável alegria brilhou no rosto do enfermo.

- O Senhor tem sido bom comigo e tem-me manifestado a Sua bondade de várias maneiras; mas tu, Ester, és o mais formoso dom que Ele me concedeu.

E atraindo-a a si, beijou-a.

- Escuta-me - prosseguiu - e saberás porque me sorri momentos antes. Quando o jovem se apresentou diante de mim, pareceu-me ver o seu pai rejuvenescido. Com muita dificuldade pude dominar um movimento do meu coração, que me impelia a revelar-lhe a minha alegria. Estava impaciente por lhe tomar a mão, por lhe mostrar todas as minhas contas e registos e dizer-lhe: "Tudo isto é teu, e eu sou teu escravo. Cumpri O meu dever; posso esperar tranquilo a chamada do Senhor para o pé dEle". E assim o teria feito, se não me ocorressem, de repente, trés pensamentos ao mesmo tempo. O primeiro dizia-me: antes certifica-te se na realidade é o filho do teu senhor. Se é na realidade filho do teu senhor, sugeriu-me o segundo, estuda antes e conhece o seu carácter. Ester, pensa nOS sofrimentos que o romano me infligiu. Pensa nos meus membros feridos e no meu corpo deformado; pensa na tua mãe lá, naquela campa solitária; nos sofrimentos da família do meu senhor, se ainda vive, ou nas crueldades de que foi objecto, se já está morta, pensa em tudo isto, oh minha filha, e diz-me se é justo que nada suceda em vingança destes crimes. Ao acumular a minha riqueza, foi este o meu pensamento, o meu sonho constante. Como é certo haver Deus, eu dizia para comigo: elas servir-me-ão para castigar os malfeitores. E quando, aludindo à sua destreza no manejo das armas, disse o jovem que não tinha objectivo definido, eu adivinhei esse mesmo objectivo: a vingança. Foi este, oh Ester, o terceiro pensamento que me impôs silêncio e me deu força para escutar

impassível o seu relato, até que, ido o jovem, as minhas emoções estalavam em riso de alegria.

- Partiu, oh pai. Mas voltará?
- Sim. Malluch vigia-o e fá-lo-á vir quando eu mandar.
- E quando será isso, paizinho?

- Não imediatamente, minha filha. Ele julga que todos os testemunhos da sua identidade morreram. Mas um ainda vive, o qual não deixará de o reconhecer se na realidade for filho de seu pai.

Ben-Hur saiu do armazém com a ideia de um novo desengano, acrescentando aos muitos que já tinha sofrido na busca dos seus entes queridos. Sentiu-se só no mundo e a vida pareceu-lhe uma carga impossível de suportar.

Regressou ao "can", e recordando as palavras de um seu companheiro de viagem, sobre os jardins de Dafne, perguntou qual o caminho para lá.

- O caminho para Dafne? - exclamou o hospedeiro surpreendido pela pergunta de Ben-Hur. - É a primeira vez que visitas esta cidade? Então hoje será o dia mais feliz da tua vida.

E indicou-lhe a direcção que devia seguir.

Depois de ter dado algumas ordens relativas à sua bagagem,

Ben-Hur pôs-se a caminho.

Deviam ser umas quatro horas quando transpôs as portas da cidade e se encontrou no meio de uma interminável procissão que se dirigia para o famoso bosque.

Ben-Hur embrenhou-se na multidão. Não estava nada interessado em perguntar para onde ia; no entanto, de repente, despertando da sua absoluta indiferença, teve a vaga impressão de que o grupo do qual fazia parte, se dirigia para os templos, objectos primordiais e de suprema atracção no bosque.

Mais à frente, ao longe e da direita do bosque, soprou uma brisa perfumada que lhe acariciou a face, trazendo-lhe um aroma a rosas. Deteve-se como os demais, para ver de onde procedia.

- Acaso vem ese perfume daquele jardim? - perguntou a alguém que estava a seu lado.

- É mais provável que venha de alguma cerimónia sacerdotal: um sacrifício em honra de Diana, de Pan ou de qualquer outra divindade.

A resposta foi-lhe dada na sua língua nativa. Ben-Hur contemplou com surpresa o desconhecido.

- És judeu? - perguntou-lhe.
O indivíduo respondeu-lhe, sorrindo:
- Nasci a poucos passos da praça de Jerusalém.

Ben-Hur ia prosseguir a conversa, quando uma inesperada avalancha de gente o levou para outro lado, afastando-o do interlocutor.

Tinha chegado a um sítio onde os caminhos se internavam nos bosques e ofereciam uma ocasião favorável para se separar da ruidosa procissão, o que Ben-Hur aproveitou. Penetrou numa selva espessa, cheia do canto de mil aves. Sentou-se à sombra de um cedro cujas raízes cinzentas se banhavam em parte, nas águas de um lago, e permaneceu um longo pedaço, dominado pelo encanto do bosque. Por fim, levantou-se e continuou o seu caminho até chegar a um bosque de ciprestes altos e rectos como mastros. Ao entrar nele, ouviu o som de uma trompeta.

Estendido na erva à sombra de uma árvore, viu o desconhecido com quem tinha falado momentos antes junto ao templo. O desconhecido levantou-se e foi ao seu encontro.

- De novo, que a paz esteja contigo - disse em tom afectuoso.
- Obrigado - agradeceu Ben-Hur. - Acaso vamos na mesma direcção?
- Eu dirijo-me para o estádio. E tu?
- Para o estádio?
- Sim, a trompeta que acabais de ouvir chamava os competidores.

- Amigo - disse Ben-Hur, - confesso-te a minha ignorância, e se queres servir-me de guia, ficar-te-ei reconhecido.

- Com muito gosto.
Ben-Hur recomeçou a conversa interrompida no cruzamento diante dos templos.
- Eu sou filho do duúnviro Arrius. E tu?
- Eu chamo-me Malluch, comerciante de Antioquia.

- Pois bem, Malluch, o som da trompeta, o estrondo das rodas, a perspectiva de um espectáculo, despertaram a minha curiosidade. Tenho algumas noções desses exercícios e não sou desconhecido nas palestras de Roma. Vamos ao concurso.

Malluch olhou-o assombrado.
- O duúnviro era romano; tu, sem dúvida, vestes ao modo judeu.
- O ilustre Arrius era o meu pai adoptivo - explicou Ben-Hur.
- Ah! Compreendo! Perdoa!

Saindo da selva, encontraram-se diante de um estádio. A pista era de terra batida e regada, e o seu perímetro estava indicado por fitas suspensas de lanças fincadas no solo. Para os espectadores tinham-se levantado bancadas protegidas por vários toldos fixos nos assentos em forma de escadas. Foi ali que os recém-chegados se sentaram.

Passaram oito quadrilhas, umas a trote, outras a passo e todas guiadas de modo excepcional, a nona apareceu a galope e à sua aparição Ben-Hur não pôde deixar de mostrar a sua admiração.

- Visitei as cavalariças do imperador, Malluch; mas pelo nosso pai Abraão, nunca vi cavalos mais formosos.

Os quatro cavalos estavam diante da bancada dos judeus quando de repente se desordenaram.

Um dos espectadores da bancada, soltou um grito agudo e Ben-Hur viu levantarse um ancião do seu lugar, apertando os punhos, lançando olhares de ódio, ao mesmo tempo que o tremor da sua barba branca demonstrava a agitação de todo o seu ser. Alguns dos circunstantes começaram a rir.

- Deveriam respeitar os seus cabelos brancos. Quem é? - perguntou Ben-Hur.

- Um potentado do deserto, que mora mais além de Moab. É proprietário de cavalos e camelos para reprodução, e descendente, segundo se diz, dos cavaleiros do primeiro faraó: é o xeque Ilderim - respondeu Malluch.

O cocheiro, entretanto, fazia esforços para domar os cavalos, e cada tentativa exarcebava ainda mais o xeque.

- Que Abaddon o leve! - gritou o enfurecido patriarca. - Correi, voai, meus filhos! Sujeitai-os depressa!

Esta ordem era dada a alguns servos que evidentemente pertenciam à sua tribo. Entretanto a desordem ia aumentando.

- Maldito romano! - continuou o xeque, ameaçando com o punho o cocheiro. Não me jurou que sabia guiá-los?, sim jurou por todos os deuses bastardos do seu país? Não me assegurou que correriam com a velocidade da águia e a docilidade das ovelhas? Olhai que animais esplêndidos! Que se permita o caos com o chicote e...

O resto da frase perdeu-se num ranger de dentes.

- Ponha-se um de vocês diante dos cavalos e fale-lhes; uma só palavra proferida na língua do Deserto, bastará para os sossegar. Louco, louco de mim que me fiei num romano!

Alguns de entre os mais diligentes do seu séquito, correram a apaziguar os cavalos, enquanto um violento ataque de tosse apagou a voz do ancião.

Ben-Hur, que julgou compreendê-lo, sentiu simpatia por ele, pois fosse por se sentir orgulhoso da sua propriedade, ou receoso pelo resultado da corrida, descobria no ancião infinita ternura para com os seus cavalos.

Eram todos baios, sem uma mancha, perfeitamente iguais e de proporções esplêndidas. As orelhas eram delicadíssimas; as cabeças pequenas, os focinhos largos; as narinas, quando se dilatavam, mostravam uma membrana de um vermelho vivo; arqueados graciosamente, os pescoços e adornados de crinas abundantíssimas que lhes cobriam o lombo e o peito. Dos joelhos para baixo, as patas eram delgadas e direitas; mas na parte de cima, arredondava-as o desenvolvimento de fortes músculos, como se requeria para suportar a bela e

harmoniosa corpulência que sustentavam; os cascos brilhavam como taças de ágata luzente, e ao trotarem e ao encabritarem-se, os nobres cavalos, açoitavam o ar e, por vezes, a terra, com as suas compridas caudas. O xeque tinha-os chamado esplêndidos e tinha dito a verdade.

Um segundo e mais atento exame daqueles animais, revelou a Ben-Hur o motivo do afecto que o dono sentia por eles. Procurando uma oportunidade de obter uma vitória sobre o odiado romano, o ancião levara-os à cidade, não duvidando do seu êxito se tivessem a governá-los uma mão hábil; mas aqui residia a dificuldade, porque era necessária, além da experiência vulgar, uma intuição especial, uma corrente de íntima simpatia entre o condutor e os cavalos.

Antes que o patriarca tivesse terminado as suas injúrias, uma dezena de mãos tinham sujeitado os cavalos. Neste mesmo instante, apareceu na pista um novo carro, de aspecto diferente das precedentes, pois tanto o carro, como o condutor e os cavalos estavam aparatosamente adornados. O veículo pertencia à clássica e já conhecida categoria das bigas romanas; as largas rodas estavam unidas por um largo eixo sobre o qual se apoiava uma caixa aberta pela parte de trás.

Os primeiros competidores tinham sido acolhidos silenciosamente; mas o recémchegado teve melhor sorte.

Ao avançar até à tribuna, da qual presenciámos a cena, foi saudado por ruidosas aclamações que atrairam sobre ele a atenção geral. Os cavalos do meio eram negros; os dos lados brancos como a neve. Em conformidade com as exigências da moda romana, tinham os rabos cortados e as crinas curtas, divididas em tranças, atadas com fitas amarelas e vermelhas.

Chegado ao sítio em que o carro era visível por todos os espectadores da bancada, estes devem ter concordado que os gritos de admiração eram plenamente justificados. As rodas estavam perfeitamente construídas; fortes tiras de bronze polido reforçavam os ligeiríssimos pernes; os raios eram forrados por dentes de marfim, colocados com a sua curvatura natural virada para a parte exterior, com o fim de obter a maior perfeição da concavidade, considerada naquela altura da maior importância; os aros eram de ébano revestidos exteriormente de bronze; o eixo, em harmonia com as rodas, tinha nas suas extremidades cabeças de tigres, e toda a parte superior do carro era de varas doiradas.

A chegada deste veículo extraordinário impeliu Ben-Hur a olhar com interesse o condutor. Quem era? Enquanto se fazia esta pergunta não podia ver-lhe ainda o rosto, nem sequer toda a sua figura; no entanto, no seu aspecto geral e nos seus movimentos, havia qualquer coisa que lhe era familiar; os cavalos aproximaram-se, a trote. A julgar pelos aplausos e pela magnificiência do carro, tudo fazia supor que se tratava de alguma personagem de relevo, ou de um príncipe ilustre. Ben-Hur levantou-se e abriu caminho por entre a multidão. Antes da noite, tinha-se difundido a todos Os âmbitos de Antioquia, frequentados pelos aficcionados dos jogos olímpicos, pelos profissionais. Ben-Hur deteve-se um momento olhando, indeciso, quer o arauto quer o xeque, Maílucli, julgou-o prestes a aceitar esta' oferta. Tirou-se-lhe, Pois um peso de cima, quando viu voltar-se para ele e dirigir-lhe esta pergunta.

Meu bom Malluch, aonde vamos agora?
- Vamos à Fonte Castália!
- Ah! A sua fama é universal. Vamos!

Malluch que, durante o caminho, ia observando o seu companheiro, notou que este ia triste e distraído. O ver Messala tinha despertado nele um mundo de dolorosas recordações, Pensava nos sonhos de vingança amadurecidos durante os longos anos decorridos nas galeras e que tinha por alvo, justamente Messala. Poderia chegar a mostrar-se misericordioso para com Gratus, mas para Messala, jamais. Se tivesse encontrado Messala pobre e desditoso, talvez os seus sentimentos tivessem sido diferentes; mas viu-o mais próspero que nunca e mais que nunca insolente na sua prosperidade.

Deste modo, enquanto Malluch o julgava distraído Ben-Hur pensava como teria, efectuado o desejado encontro e a que meio recorreria para o tornar memorável.

Chegaram a um caminho bordejado de azinheiras e pelo qual iam e vinham numerosos grupos a pé e a cavalo, e mulheres conduzidas em liteiras po'r escravos, e por onde, de quando em quando, transitavam veículos arrastados com velocidade vertiginosa, por fogosos cavalos. No final do caminho, a via descia, flanqueada à direita por um penhasco de rochas cinzentas, e à esquerda oferecia-se à vista do espectador a famosa fonte de Castália.

Abrindo passagem por entre a multidão, Ben-Hur encontrou-se diante de um jorro de água que, de cima de uma rocha, caía numa concha de mármore negro, onde aparecia espumante, como se caísse num funil.

Junto à concha, sob um pequeno pórtico escavado na rocha, estava sentado um velho sacerdote a quem, de vez em quando, algum devoto entregava uma moeda. Ele pegava-lhe e em troca dava uma folha de papiro que o devoto mergulhava na concha. Antes que Ben-Hur pudesse por seu turno consultar o oráculo, outros visitantes se adiantaram: o seu aspecto excitou a sua curiosidade tanto como a dos seus companheiros. à frente vinha um camelo altíssimo e completamente branco conduzido por um homem a cavalo que o prendia pela rédea. O houdah ou tenda sobre o dorso do camelo era excepcionalmente grande e estava coberto de púrpura e ouro.

- Formoso camelo! - exclamou um dos circunstantes.
- Algum príncipe vindo de longe - observou outro.
- Talvez um rei.

Nenhum dos presentes jamais vira um animal tão alto e tão majestoso. Mas quem eram O homem e a mulher, sentados debaixo do toldo? Todos os olhares estavam fixos neles.

A mulher estava sentada à maneira oriental, entre finíssimos véus e encaixes. Na parte superior dos braços ostentava uns braceletes, em forma de serpentes, unidos por cadeiazinhas aos braceletes que lhe envolviam os pulsos. Salvo estes adornos, os braços estavam nus e eram sedutoramente torneados, formando-lhes digno complemento, duas mãos pequeninas, quase infantis, uma das quais deslumbrava em virtude dos muitos aneis que a enfeitavam. O véu ou redezinha que lhe cobria a cabeça, estava coalhado de grãos de coral e rodeado por uma fileira de moedas que em parte lhe caiam sobre a fronte e em parte lhe desciam pelas costas, confundidas com uma espessa mata de cabelos negros. O mais singular era ser o rosto descoberto. E na verdade, aquele rosto belíssimo merecia ser contemplado.

Assim que terminou o exame do lugar e dos circunstantes, a formosa mulher deu uma ordem ao servo, um corpulento etíope, nu da cintura para cima, o qual aproximou o camelo da fonte e o obrigou a dobrar os joelhos. Depois, recebido um copo das mãos da sua senhora, ia a enchê-lo, quando um forte rumor de rodas e o galopar de uns cavalos veio perturbar o encanto produzido pelo aparecimento da formosa estrangeira. Um grito de alarme fez debandar o público que deixou livre a passagem.

- Aquele romano parece que pretende atropelar-nos. Vê - gritou Malluch para

Este voltou-se e viu Messala que, a toda a velocidade, dirigia o seu carro para a multidão. Esta, fugindo deixou o camelo a descoberto, o qual, inconscientemente ou ignorando o perigo, não se moveu. O etíope estava paralisado pelo terror. O ancião fez uma tentativa inútil para sair do "houdah"; mas nem ele nem a mulher tinham tempo para se salvarem.

Ben-Hur, vendo que não havia outra salvação para os estrangeiros, atirou-se para diante dos cavalos e agarrando dois deles pelos freios, com um esforço hercúleo, obrigou-os a deterem-se.

A súbita sacudidela fez estremecer o carro. Messala conseguiu, mercê de um esforço enorme, segurar-se, mas o seu complacente "myrillius" caiu, rebolando pelo chão, entre as risadas dos circunstantes.

A desenvoltura do romano não falhou nesta ocasião. Desembaraçando-se das rédeas em que estava enredado, arrojou-as para o lado, adiantando-se para o camelo, olhou Ben-Hur e disse, dirigindo-se ao ancião e à rapariga:

- Peço perdão a ambos; eu sou Messala, e pela nossa terra-mãe vos juro que não os tinha visto. E quanto a essa boa gente, mostrei-lhes demasiado a minha destreza; queria rir-me à custa deles e são eles agora que se riem de mim: pois bom proveito lhes faça!

Fez sinal ao "myrilius" para que afastasse o carro alguns passos e prosseguiu contemplando a donzela ousadamente:

- Peço-te que intercedas por mim ao pé deste ancião, cujo perdão pedirei mais tarde com maior insistência, se não o obtiver agora. É teu pai, não é?

A jovem não respondeu.

- Por Palas, és muito bela! Tem cuidado com Apoio, não faça de ti o seu último amor. Gostaria de saber qual o país que se orgulha de te ter por filha. Não fujas com o olhar. O sol da Índia reflecte-se nos teus olhos e o Egipto imprimiu nas tuas faces os feitiços do amor.

A jovem sem fazer caso dele, chamou Ben-Hur que se aproximou dela.
- Suplico-te que leves esta taça e a enchas - disse-lhe; - meu pai tem sede.
- Servir-te-ei com agrado - respondeu o jovem.

E ao voltar-se para prestar o serviço que lhe tinham pedido, encontrou-se frente a frente com Messala. Os olhares de ambos cruzaram-se: o do judeu era provocador; os olhos do romano não expressavam mais que ironia.

- Formosa estrangeira, tão cruel quanto formosa - prosseguiu Messala saudando com a mão; - se Apoio não te roubar, voltarás a ver-me.

Vendo que o "myrilius "tinha já sossegado os cavalos e que os tinha prontos para a partida, subiu para a carruagem. A jovem seguiu-o com o olhar, no qual certamente não se lia nenhuma expressão de ressentimento; depois recebeu a taça que Ben-Hur lhe apresentava e entregou-a ao pai, que lha devolveu depois de ter tomado um sorvo; aproximou-a também dos lábios e dando-a a Ben-Hur com um gesto cheio de graça disse-lhe:

- Aceita-a, pedimos-te: está cheia de bençãos para ti.

O camelo ergueu-se e estava prestes a partir quando o ancião chamou Ben-Hur, que se aproximou dele, respeitosamente.

- Prestaste um grande serviço a um estrangeiro - disse. - Não existe mais que um Deus e no seu Santo Nome agradeço-te. Chamo-me Baltasar, o egípcio. No extenso horto das palmeiras, o xeque ilderim, o generoso, armou as suas tendas e nós somos seus hóspedes. Vai lá perguntar por nós. Encontrarás o bom recebimento da gratidão.

Ben-Hur ficou maravilhado com a voz clara e com a dignidade daquele velho venerando. Enquanto contemplava a marcha da comitiva, viu, de novo, Messala. O romano afastava-se do mesmo modo que tinha chegado rindo-se com irónica indiferença.

Um dos meios mais seguros para se ser odiado por uma pessoa é portar-se bem numa ocasião em que aquela pessoa se portou mal. Por sorte, Malluch era uma excepção à regra. O incidente de que tinha sido testemunha aumentara a sua estima por Ben-Hur e não podia deixar de admirar o seu valor e destreza. Se tivesse podido saber alguma coisa da história do jovem, tinha um interessante

relato da jornada para expor ao bom Simónides.

Já sabia que o seu companheiro era judeu e filho adoptivo de um romano, mas Messala e o filho de duúnviro já deviam conhecer-se. De que natureza eram as Suas relações? Por mais que torturasse a imaginação, não encontrava oportunidade para abordar o assunto e já estava resignado a renunciar a toda a tentativa, quando O próprio Ben-Hur veio em sua ajuda. Deu o braço a Malluch e separou-se da multidão.

- Meu bom Malluch - perguntou-lhe, - pode um homem esquecer a sua própria mãe?

Esta pergunta perturbou o interrogado que, observando O seu companheiro como que para ler o signifiCado de tais palavras, descobriu tais mostras de sincera emoção, que se sentiu, por sua vez, comovido.

- Jamais, se é israelita. Uma das primeiras lições que eu aprendi na Sinagoga, foi a veneração para com os pais. Porque, como disse o filho de Sirach: "Venera teu pai com toda a tua alma e não esqueças os sofrimentos de tua mãe."

- Estas palavras - disse Ben-Hur com voz comovida - recordam-me a minha infância e provam-me também que és um bom judeu. Tu inspiras-me confiança. Com ambas as mãos agarrou as pregas da vesta que lhe cobria o peito, como que para sufocar uma dor aguda que o destroçava. Depois, prosseguiu

- Meu pai tinha um nome distinto e gozava de grande consideração em Jerusalem, onde morava. Minha mãe, quando ele morreu, estava ainda na flor da idade e não sei na verdade, encontrar palavras para expressar quão boa e bela era. Tinha também uma irmã e os três formávamos a família. Uma família tão feliz que podíamos justificar as palavras do velho rabino: "Deus não podendo estar em todas as partes, criou as mães". Um dia, sobreveio a um elevado funcionário romano uma desgraça acidental, no momento em que passava diante da nossa casa, seguido de uma corte: os legionários derrubaram as portas e saquearam a casa e prenderam-nos. Desde aquele dia, não voltei a ver nem a minha mãe, nem a minha irmã, e não sei se vivem, se estão mortas. Mas o romano do carro estava presente; foi ele quem nos entregou aos soldados, sorrindo. Não te saberei dizer se em mim prevalece o ódio ou o amor. Hoje conheci-o ao longe e sei que ele sabe o segredo que eu daria toda a minha vida por descobrir; sim, ele poderia dizer-me se vivem ainda ou, se morreram, onde

poderei encontrar os seus ossos.

- E não quererá dizer-to?
- Não.
- Porquê?
- Porque sou judeu e ele é romano.

- Mas os romanos têm língua e os judeus ainda que desprezados dispõem de meios para desatá-la.

- Não para casos deste género. Trata-se de um segredo de Estado. Os bens de meu pai foram confiscados e repartidos pelos nossos inimigos.

Malluch inclinou a cabeça ante a força do raciocínio. Depois perguntou:
- Reconheceu-te?

- Não lhe era possível. Fui condenado por toda a vida às galés e já há algum tempo que me supõe morto.

- Admira-me que não o tenhas morto - disse Malluch, cedendo à ira.

- Matá-lo? De nada me serviria. A morte guarda melhor um segredo que a consciência de um romano.

- Depois de uma breve pausa, Ben-Hur acrescentou:

- Não quero tirar-lhe a vida; contra semelhante medida protege-o por agora, o segredo que esconde na sua negra alma; mas quero castigá-lo, e se me ajudares, fá-lo-ei.

- Ele é romano - disse Malluch com firmeza, - e eu sou da tribo de Judá. Ajudarte-ei. Se queres de mim um juramento, estarei disposto a fazê-lo.
- Dá-me a tua mão: basta-me!

Depois de lhe dar um estreito aperto de mão, Ben-Hur prosseguiu:

- O que desejo de ti, meu bom amigo, não é coisa difícil nem contrária à tua consciência. Continuemos o nosso caminho.

Tomaram por uma vereda que contornava o prado e Ben-Hur começou assim:
- Conheces o xeque, ilderim, o generoso?
- Sim.
- Onde fica o horto das Palmeiras?

- A cavalo, chega-se ao Horto das Palmeiras em duas horas; mas um camelo cobre essa distância em apenas uma.

- Obrigado. Sabes se se deu uma grande publicidade ao anúncio das corridas e quando se celebrarão?

As perguntas eram sugestivas e estimularam vivamente a curiosidade de Malluch.

- Oh, sim! Serão esplêndidas. O prefeito é rico e ainda quando não necessite do seu cargo, não é insensível ao aumento das suas riquezas. Assim, para ter um amigo na corte, propôs-se festejar solenemente o cônsul Maxêncio que é esperado para ultimar os preparativos contra os partos. Há já um mês que os arautos proclamam a abertura do circo para a festa, e os prémios oferecidos são magníficos.

- E o circo? Disseram-me que só o circo Máximo lhe é superior.

- O de Roma, queres dizer? Sim, o nOSSO circo tem capacidade para duzentos mil espectadores, e no vosso cabem uns setenta mil mais. Ambos são de mármore, e a sua configuração interior é idêntica.

- Mais outra pergunta: quando se celebrará a festa?

- Ah, sim! Tinha-me esquecido - apressou-se a dizer o interpelado. - Depois de amanhã chegará o cônsul. Os jogos principiarão daqui a seis dias.

- O prazo é pequeno, Malluch; mas chega-me. Pelos profetas de Israel! Voltarei a

empunhar as rédeas. Mas, como podemos ter a certeza de que Messala estará entre os competidores?

Malluch viu claramente o plano urdido para humilhar o romano e como digno descendente de Jacob, pôs-se a pensar na apreciação das probabilidades favoráveis ou contrárias. A voz fez-se-lhe trémula ao pergunt ar:

- És suficientemente hábil?

- Não temas, meu amigo. Há três anos a esta parte, que os vencedores do Circo Máximo devem os seus louros unicamente à minha condescendência. Nas últimas corridas, o próprio imperador ofereceu-me a sua protecção, na condição de eu guiar os seus cavalos.

- E não aceitaste? - perguntou Malluch com vivo interesse.
- Sou judeu - prosseguiu Ben-Hur - e não me atrevi a assumir um ofício que

tivesse coberto de vergonha o nome de meu pai nos pórticos e nos pátios do templo. Nada me impedia de me aperfeiçoar nas palestras, mas o circo ter-me-ia desonrado e se aqui abro uma excepção, juro-te que não é pelo prémio, ou pela mercê reservada ao vencedor.

- Alto, retira o juramento - interrompeu Malluch; - o prémio é de dez mil sestércios, uma fortuna.

- Não para mim, ainda que o prefeito a triplicasse cinquenta vezes. Quero outra coisa que vale mais que todas as rendas imperiais desde o primeiro ano do Império até ao presente: humilhar o meu inimigo. A vingança é permitida pela Lei.

Com um sorriso de aprovação, Malluch retorquiu:

- Messala correrá, não o duvides. já o tornou público nas ruas nos banhos, nos teatros e não voltará atrás, porque o seu nome está inscrito nas tábuas de apostas de todos os jovens jogadores de Antioquia.

- Aposta-se nele?
- Sim e, por isso, vem cada dia exercitar-se ostensivamente.

- Ah! Aqueles são, poiS, o carro e OS cavalos de que se servirá? Muito bem;

obrigado, Malluch. Prestaste-me hoje um grande serviço. Agora conduz-me ao Horto das Palmeiras e apresenta-me ao xeque liderim, o generoso.

- Quando?
- Hoje mesmo. Amanhã, já os seus cavalos podem ter sido confiados a outro.
- Agradam-te tanto?

Ben-Hur respondeu com entusiasmo

- Vi-os da tribuna, apenas um instante, porque, em seguida, apareceu Messala; mas aquele olhar bastou-me para reconhecer que a sua raça é a maravilha e a glória do Deserto. Não vi exemplares do seu sangue senão nas cavalariças de César; mas vistos uma vez, reconhecem-se sempre. Se amanhã, por exemplo, te encontrasse, oh, Maliuch, ainda que não me saudasses, reconhecer-te-ia pelo teu semblante, pela tua figura, pelas tuas maneiras. Pois bem, com igual segurança e - pelos mesmos sinais, - reconheceria aqueles cavalos. Se é verdade só metade daquilo que dizem deles e se eu conseguir domá-los à minha vontade, poderei...

- Ganhar os sestércios ?-perguntou Malluch, rindo.

- Não - replicou Ben-Hur com vivacidade; - humilhar publicamente o meu inimigo. Mas não percamos tempo. Como podemos chegar, o mais rapidamente, à tenda do xeque?

Malluch reflectiu um momento.
- Se conseguirmos encontrar dois bons camelos, bastará uma hora de viagem.
- A caminho, pois!

Na aldeia não foi difícil aos dois judeus encontrarem um par de camelos e, montados neles, tomaram o caminho do Horto das Palmeiras.

Os dois amigos empreenderam silenciosamente o seu caminho, e cerca de uma hora depois chegaram a um lago. formado pelas regorgitações do rio onde a água era límpida, profunda e tranquila. Uma velha palmeira dominava o ângulo da embocadura, e Malluch tomando pela esquerda da árvore, bateu palmas, exclamando

- Vê, vê! Ali é o Horto das Palmeiras.

O espectáculo que se ofereceu aos seus olhos só poderia ser igualado nalgum

favorecido oásis da Arábia ou nalguma casa de campo ao longo do Nilo. ben-Hur viu estender-se diante dele uma vasta planície coberta por uma relva verde de rara frescura, na qual grupos de palmeiras seculares, de grande altura, de ramos regulares, e frondosos, como que modeladas em cera, se perdiam no céu azulado.

Os camelos detiveram-se e Ben-Hur viu algumas jovens vestidas do mesmo modo que as aldeãs sírias, que lhe ofereciam cestinhos de tâmaras. A fruta era recémapanhada e era impossível recusá-la. Baixou-se, agarrou algumas e naquele mesmo instante um homem acocorado debaixo da árvore, junto da qual os animais se tinham detido, gritou:

- Que a paz seja convosco. Sêde bem-vindos!
Depois de terem agradecido ás jovens, os dois amigos prosseguiram o caminho.

- Deves saber - disse Malluch, - que Simónides, o mercador, me honra com a sua confiança e que, por vezes, se digna aconselhar-se comigo, razão pela qual frequentando a sua casa, travei conhecimento com muitos dos seus amigos. Deste modo, tornei-me íntimo do xeque Ildebrim.

Por instantes, Ben-Hur distraiu a sua atenção. Apresentou-se na sua mente a imagem pura de Ester. Recordou, com agrado, a piedade do seu olhar, mais expressivo que qualquer palavra e entregou-se àquela recordação. A visão desapareceu como por encanto, assim que se voltou para Malluch.

- Há algum tempo - prosseguiu este, - o velho árabe foi visitar Simónides e encontrou-me na sua companhia. Não me passou despercebida, a sua inquietação. Fiz menção de me retirar, mas deteve-me. "Se és israelita - disse-me, - fica. Porque tenho uma estranha história a contar." A ênfase com que acentuou a palavra "israelita" excitou a minha curiosidade e fiquei. Aqui está, em poucas palavras, o assunto do seu relato: Há já muitos anos, chegaram três estrangeiros à tenda de Ildebrim no deserto: um hindú, um grego e um egípcio. Viajavam em camelos, os maiores que até então tinha visto e completamente brancos. lidebrim deu-lhe as boas vindas e hospedou-os. Na manhã seguinte, levantaram-se e entoaram uma oração desconhecida para lídebrim e dirigida a Deus e a Seu filho. Depois do pequeno almoço, o egípcio explicou quem eram e donde vinham. Cada um deles tinha visto uma estrela, ao mesmo tempo que ouvido uma voz ordenando-lhes que se dirigissem a Jerusalém e perguntassem: "Onde está aquele que nasceu rei dos Judeus?". Os três obedeceram. De

Jerusalém, a estrela guiou-os a Belém, onde encontraram um recém-nascido que adoraram caindo de joelhos ante ele. Cumprido este acto de adoração acompanhado de preciosos presentes e proclamando quem Ele era, partiram com os seus camelos e refugiaram-se na tenda do xeque, pois não tinham dúvidas de que se Herodes os tivesse encontrado os teria condenado à morte. O xeque hospedou-os e teve-os ocultos durante um ano, ao fim do qual eles partiram, deixando-lhe prendas de grande valor e tomando cada um direcção diferente.

- É uma história maravilhosa! - exclamou Ben-Hur. - Que disseste que eles tinham de perguntar, uma vez chegados a Jerusalém?
- Deviam perguntar: Onde está aquele que nasceu rei dos judeus?
- E encontraram o menino?
- Sim, adoraram-no.
- Malluch, isto é um milagre.
- Ilderim é homem sério, incapaz de uma mentira.

Malluch falava com segurança. Depois de uma pausa, Ben-Hur perguntou, de novo:

- Ilderim não tornou a saber dos três homens?

- Ah, sim! Foi esse precisamente o motivo da visita a Simónides. Na véspera daquele dia, tinha reaparecido o egípcio.

- Onde?
- Aqui, à entrada da tenda onde nos dirigimos.
- Como o reconheceu?
- Do mesmo modo por que hoje reconheceste os cavalos: pelo seu aspecto.
- Nada mais?
- Ia montado no mesmo camelo branco e tinha o mesmo nome: Baltasar.
- Baltasar?
- Sim, Baltasar, o egípcio.
- Pois este é o nome do velho que vimos na fonte.

- Certamente - replicou, com viveza, Malluch a quem, de súbito, se comunicou a agitação do companheiro; - o camelo era o mesmo e tu salvaste a vida a esse homem.

- E a mulher - continuou Ben-Hur como se falasse para si, - é sua filha.

E calou-se, pensativo. O diálogo evocou uma segunda visão feminina ante a qual ben-Hur permaneceu absorto mais tempo que da primeira vez; mas equivocar-nosíamos, se desta circunstância deduzíssemos que Ben-Hur sentia por ela mais fascinação. Depois de uma longa pausa, perguntou:

- Diz-me, Malluch, deviam perguntar onde estava aquele que havia de ser rei dos judeus?

- Não precisamente isso, mas sim onde estava aquele que tinha nascido rei dos judeus.

"Estas são as palavras que o velho xeque do deserto ouviu, e desde esse dia espera o advento do rei. E nada pode fazer vacilar a sua fé.

- É justamente um rei?
- Sim. E com ele a queda de Roma.

Seguiu-se um novo silêncio necessário para que Ben-Hur ordenasse as suas ideias e refreasse a agitação da sua alma. Depois disse:

- Esse ancião é um dos muitos milhões de homens que têm graves ofensas a vingar e, portanto, essa sua estranha teoria, Malluch, é o alimento precioso das suas esperanças. Ouviste o que Simónides respondeu?

- Se Ilderim é um homem grave, Simónides é um homem sensato - afirmou Malluch; - ouvi também o seu parecer e... Mas escuta, alguém nos segue.

Efectivamente, ouvia-se um rumor de cavalos e de rodas aproximando-se rapidamente. Em breve os dois judeus foram alcançados por Jídebrim que, a cavalo, e seguido por sua longa comitiva, na qual figuravam os quatro cavalos árabes, regressavam do bosque. O xeque ia com a cabeça inclinada sobre o peito; mas, à vista dos que o precediam no regresso animou-se e saudou-os afavelmente.

- Que a paz esteja convosco. Ah, amigo Malluch! Diz-me que estás de chegada e

não de partida e que me trazes alguma mensagem da parte do bom Simónides, a quem desejo que o Senhor de seus pais o conserve vivo por muitos anos. Segui-me ambos. Tenho pão e fruta para vos oferecer e mais se vos agrada: araque e carne de um cabrito. Vinde!

Seguiram-no até à entrada da tenda onde se apeou e os recebeu apresentandolhes uma bandeja na qual estavam três cálices cheios de um líquido espumoso que verteu de um odre, enegrecido pelo fumo, que pendia do mastro central.

- Bebei!-disse cordialmente ;-bebei, porque este é o talismã que garante a incolunidade a quem entra nas tendas dos filhos do Deserto.

Cada qual agarrou no seu copo e esvaziou-o.
- Entrai, em nome de Deus.
Assim que entraram, Malluch chamou, de parte,

o xeque e falou-lhe em voz baixa; depois dirigiu-se a

Ben-Hur, dizendo-lhe:

- Falei de ti ao xeque e amanhã deixar-te-á experimentar os cavalos. Já fiz tudo quanto podia por ti; compete-te o restante. Volto, pois, à Antioquia. Uma pessoa esperame, esta noite, e necessito vê-la. Regressarei amanhã e farei os possíveis, se tudo correr bem, por permanecer contigo até que tenham terminado os jogos.

E depois de trocarem saudações e bênçãos, Malluch pôs-se, novamente, a caminho.

Quando os raios da lua nova iluminavam as torres ameadas do palácio do Monte Sulpio, Simónides acomodado num cadeirão, contemplava do seu terraço o rio e as embarcações nele ancoradas. Ester, junto a seu pai, sustinha diante dele um prato que continha a sua frugal ceia: tortas de milho, delgadas como hóstias, um pouco de mel e uma taça de leite na qual Simónides molhava as tortas, depois de as ter untado com mel.

- Malluch tarda esta noite - murmurou o israelita revelando assim o seu pensamento.

- Crês que virá? - perguntou Ester.

- A menos que tenha tido que tomar o caminho do mar ou do deserto, virá.
- Pode escrever - sugeriu a jovem.

- Não, Ester. Malluch já me teria escrito se pensasse em não voltar e como não o fez, estou seguro de que virá.

- Esperemo-lo - suspirou a jovem.

Havia não sei quê no tom com que deixou escapar esta palavra que fez o velho estremecer.

- Desejas que volte, Ester?
- Sim - respondeu ela, olhando-o nos olhos.
- Porquê? Podes dizer-mo?
- Porque...

Deteve-se e logo prosseguiu:
- Porque o jovem é...
E deteve-se de novo.
- O nosso senhor?
- Sim.
- Continuas a pensar que não sem lhe dizer que, se quiser, pode e de tudo? Ester não respondeu.

- Não te comoves? - insistiu o pai, não sem um toque de amargura. - Está bem, Ester. Sempre acreditei que por mais terrível que seja a realidade, nunca se torna insuportável, uma vez rasgadas as negras nuvens do seu desconhecimento. Suponho que assim sucederá também com a morte. à luz desta filosofia, é de presumir que a escravidão de que vamos ao encontro, acabe por nos parecer doce. E, ao mesmo tempo, que das minhas riquezas entrará na posse do que por todo o ouro do mundo não lhe poderia dar; falo de ti, meu tesouro, minha flor predilecta.

Atraiu-a a si e beijou-a.

- Não fales assim - disse a jovem; - esse rapaz merece melhor opinião: sofreu e devolver-nos-á a liberdade.

- Ah, Ester! Tu tens instintos nobres e sabes como me deixo levar por eles, de cada vez que duvido do meu juízo acerca de alguma pessoa; mas - e aqui a sua voz tornou-se mais vibrante - não é este pobre corpo torturado e desfigurado, o que lhe darei. Dar-lhe-ei uma alma que soube triunfar dos tormentos e da maldade romanos, dar-lhe-ei uma mente que sabe descobrir o ouro a uma distância maior que à que chegaram as naves de Salomão; uma mente exercitada em conceber empresas.

Sorriu e depois prosseguiu:

- Mas, não sabes, Ester, que antes que a lua nova entra no próximo quarto eu poderia comover o mundo e fazer vacilar o próprio César? Porque tens que saber, minha filha, que eu possuo a faculdade de sujeitar os homens aos meus propósitos, até ao seu cumprimento. Por isso, Malluch segue o nosso senhor e trar-nos-a...

Um rumor de passos que se aproximavam, fê-lo interromper-se.

- Não to disse? Já aqui está e agora teremos notícias; Deus queira que sejam favoráveis.
Malluch apresentou-se.

- Que a paz esteja contigo, meu bom senhor - disse, inclinando-se, - e contigo também, Ester, a mais virtuosa das filhas.

E colocou-se diante deles em atitude respeitosa.
Simónides retribuiu a saudação e perguntou:
- Que tens a dizer-me acerca daquele jovem, meu bom Malluch?

Os acontecimentos daquele dia foram relatados pelo servo com toda a simplicidade, sem nenhuma interrupção por parte do ancião, cuja imobilidade nem um só momento se alterou.

- Obrigado, meu bom Malluch-exclamou, quando este terminou, - Ninguém o teria feito melhor que tu.

Que tens a dizer-me da nacionalidade do jovem?
- É israelita, da tribo de Judá.
- Estás seguro disso?
- Segurissimo.

- Parece que não te falou muito da sua vida.
- Aprendeu a ser prudente, ou antes, desconfiado.

- Pelas palavras que proferiu, pudeste conjecturar qual era o seu pensamento dominante?

- Com respeito a isso, Simónides, pude percebê-lo seguramente. Em primeiro lugar, empolga-o o desejo de encontrar a mãe e a irmã. Depois guarda rancor a Roma e como Messala tomou parte nos acontecimentos que o levaram à desgraça, quer vingar-se dele, humilhando-o.

- Messala é muito influente - observou Simónides, gravemente.
- Encontrar-se-ão no circo.
- Então?
- O filho de Arrius vencera.
- Como sabes?
- Ajuizo pelas suas palavras.
- E por nada mais?
- Pelo espírito que o anima.

- Está bem, mas diz-me, Malluch: esta ideia de vingança tem por mira os poucos que o ofenderam ou compreende também toda a raça?

- Meu bom senhor - replicou Malluch, - uma das razões que me convenceram de que o mancebo é judeu, foi precisamente a intensidade do seu ódio. Ainda que receoso, por vezes, o ódio transpareceu-lhe nos olhos: a primeira vez quando quis conhecer os sentimentos de Ilderim a respeito de Roma; depois, quando ao contar-lhe a história do xeque e do homem sábio, cheguei à pergunta: «Onde está aquele que nasceu rei dos judeus?

Simónides perguntou avidamente:

- Meu bom Malluch, repete-me as suas palavras para que possa julgar a impressão que este mistério produziu neles. - insistiu em conhecer exactamente os termos: isto é «se era», ou «se tinha nascido para ser». Dava grande importância à diferença aparente das duas expressões.

Simónides recobrou a calma.

- Expliquei-lhe - prosseguiu Malluch-o parecer de Ilderim, isto é, que o rei

edificaria o seu trono por cima das ruínas de Roma e o seu rosto ruborizou-se como brasa, ao perguntar-me, com voz comovida:

«Quem, se não Herodes pode ser Rei, enquanto perdure o domínio de Roma?»
- Que queria dizer com isso?
- Que o Império tem de ser destruído, antes que outro possa reinar.

Simónides deixou, por momentos, que o seu olhar vagueasse sobre as suas esbeltas embarcações: depois despediu Malluch.

- Basta, Malluch; vai cear e preparar-te para regressares ao Horto das Palmeiras. Deves ajudar o jovem na luta que se dispõe a travar. Amanhã dar-te-ei uma carta para Ildebrim.

E depois acrescentou, como que falando consigo:
- É provável que eu também vá ao Circo.

Assim que Malluch, trocadas as bênçãos do costume, se retirou, Simónides tomou um bom sorvo de leite e pareceu recobrar-se. Depois, voltando-se para Ester, disse-lhe que não se lhe oferecia nada mais e convidou-a a ocupar o sítio do costume, junto ao cadeirão.

- Em que pensas, Ester? - perguntou. - Qualquer que seja o teu desejo, diz-me se ainda está na minha mão satisfazê-lo. Amanhã talvez já seja tarde.

A jovem disse com ingenuidade quase infantil:
- Manda-o chamar, querido pai. Não deixes que se apresente no circo.
- Que não deixe que se apresente no circo, Ester? E porquê?
- Não é lugar para um filho de Israel.
- E por mais nenhum motivo?

O tom indagador da pergunta penetrou profundamente no coração da jovem e acelerou as suas pulsações invadindo-a de uma estranha sensação de bem-estar.

- Para aquele jovem hão-de passar as nossas riquezas - disse Simónides com ternura crescente, - os nossos barcos, o nosso dinheiro, tudo, minha filha. Sem embargo, parece-me que não serei pobre, porque me resta o teu afecto. Diz-me Ester, também háde ser dono desse afecto?

Ester reclinou-se silenciosamente no peito do ancião.

- Fala, Ester, ainda sou forte. Fala, é melhor que eu o saiba.
A jovem levantou a cabeça e pronunciou solenemente estas palavras:

- Consola-te, pai. Nunca te abandonarei; ainda que chegasse a amá-lo, serei sempre tua escrava.

E beijou-o respeitosamente.

- Sim - prosseguiu. - Pareceu-me belo à vista; mas o amor que não se vê correspondido, não é amor perfeito, e assim esperarei pacientemente, recordando que sou filha sua e de minha mãe.

- Oh, Ester, és verdadeiramente uma bênção do Senhor! Uma bênção suficiente para me enriquecer, ainda que perdesse toda a minha fortuna.

O xeque ilderim era um personagem demasiado importante para viajar sem um séquito digno da sua condição de chefe de tribo e de primeiro patriarca dos Desertos a oeste da Síria. Não é de estranhar, pois, que o seu aduar do Horto das Palmeiras, fosse magnífico. Era formado por três grandes pavilhões: um para ele, outro para os hóspedes e um terceiro para sua esposa favorita e para as suas mulheres, e por uma dezena de tendas menores, ocupadas pelos seus servos e alguns membros da sua tribo.

Ao chegar uma manhã ao Horto, tinha detido o seu cavalo e cravado a sua lança, dizendo: "Armai aqui a minha tenda, a porta virada para o sul, o lago em frente, assim, e debaixo destas árvores, os filhos do deserto poderão esperar o ocaso."

Quem, se não um xeque, pode com pleno direito, dizer á sua caravana: "Alto! Armai aqui as tendas"?

E onde a lança se tinha ficado foi colocada a primeira pedra para o seu pavilhão.

Em volta do mastro central, tinham-se ordenado troféus de armas, de entre as quais se destacavam o escudo, a cimitarra do senhor, cuja folha rivalizava, em esplendor, com as pedras que semeavam o punho, e o divã tão indispensável á sua dignidade pessoal, como a barba branca e fluentes que lhe cobria o peito. Em torno do divã, passadeiras que chegavam até à entrada da tenda. Depois encheram de água os jarros e suspenderam os odres de arrak ao alcance da mão.

Deixámos Ben-Hur á entrada desta tenda. Breve se apresentaram vários servos que lhe tiraram as sandálias e o fizeram entrar.

- Bem-vindo sejas! Senta-te e descansa! - disse-lhe o dono da tenda.

- Temos no deserto um provérbio que diz que um bom apetite é a promessa de uma longa vida. Conhece-lo?

- Segundo esse provérbio, oh xeque, eu viverei cem anos.
Ildebrim bateu as palmas e apareceu um servo.

- Procura o estrangeiro na tenda dos hóspedes e diz-lhe que eu, Ildebrim, lhe desejo uma paz eterna como a corrente das águas. Diz-lhe ainda que vim com um amigo e que se quer compartilhar o nosso pãO haverá bastante para os três e ainda sobrará para as aves do bosque.

O servo retirou-se.

Ilderim acomodou-se no divã, cruzando as pernas. Depois perguntou:

- És meu hóspede e hás-de provar o meu sal, dentro em pouco. Perdoa, pois, esta pergunta: quem és?

- Xeque Ilderim - disse Ben-Hur, sustentando, impassível, o olhar prescrutador do seu interlocutor, - não quero esquivar a tua justa pergunta; mas diz-me, não houve nunca na tua vida um momento em que responder a semelhante pergunta teria sido para ti um delito?

- Pelo esplendor de Salomão, assim é! - replicou Ilderim. - Trair-se a si próprio é ainda maior delito que trair a própria tribo.

- Agradeço-te, bom xeque - exclamou Ben-Hur. A tua resposta revela-me que querias garantir-te contra as pretensões de um desconhecido e não indagar as vicissitudes da minha pobre vida.

Ben-Hur prosseguiu:
- Em primeiro lugar, não sou romano como o meu nome parece indicar.

Ilderim agarrou a barba com ambas as mãos e olhou o companheiro com olhos que brilhavam debaixo das sobrancelhas contraídas.

- Em segundo lugar - acrescentou Ben-Hur, - sou hebreu, da tribo de Judá. O xeque arqueou um pouco as sobrancelhas.

- Ainda mais, xeque: sou um hebreu que sente pelos romanos um ódio em comparação com o qual, o teu é um infantil despeito.

O ancião afagava as barbas com velocidade nervosa e os seus olhos pareciam fechar-se.

- Ainda mais, xeque Ilderim: juro pelo pacto que Deus selou com meus pais que se tu me proporcionares a vingança que eu procuro, o ouro e glória serão para ti. Ilderim abriu os olhos, ergueu a cabeça, sorriu-se. Lia-se a satisfação em cada traço do seu rosto.

- Basta! - disse. - Se nas palavras que pronunciaste na tua língua, se oculta a mentira, nem o próprio Salomão poderia descobri-la. Creio que não és romano e que como hebreu tens uma injúria que vingar nos romanos. Mas, posso estar seguro da tua destreza? Que experiência tens nas corridas de carros? E os cavalos, podes submetê-los à tua vontade, fazer com que te conheçam, com que te amem? Sabes, com uma palavra, lançá-los a galope? Podes, no preciso momento, comunicar-lhes o desejo da vitória, esporeá-los para o último supremo esforço? Olá!

Apareceu um criado.
- Fazei com que venham os meus cavalos!

O servo levantou uma parte da cortina divisória, deixando ver um grupo de cavalos que hesitaram como que para se assegurarem de que o convite fora feito a sério.

- Vinde!-exclamou Ildebrim.-Porque esperam? Tudo quanto possuo não é vosso? Vinde, digo eu!

Os cavalos aproximaram-se lentamente. O xeque Ildebrim estendeu as mãos para os cavalos, acariciando com ternura e orgulho indescritíveis a cabeça do mais próximo.

Uma cabeça admiravelmente torneada, com olhos grandes, doces como os de um veado e quase velados por uma densa pelagem, com orelhas pequenas e ponteagudas, aproximou-se de ben-Hur dilatando as narinas e movendo o lábio superior. "Quem és tu?" parecia perguntar-lhe como se tivesse obtido o dom da palavra.

- Compreendo - disse Ben-Hur, - porque o árabe quer aos seus cavalos como aos filhos e sei também porque os cavalos árabes são os primeiros do mundo; mas desejaria que me julgasses não pelas minhas palavras mas pelos meus feitos. As promessas falham algumas vezes; permite-me que experimente os teus cavalos na planura próxima.

O semblante de Ildebrim brilhou de gozo e abriu os lábios para falar.

- Espera, bom xeque, espera! - acrescentou Ben-Hur. - Deixa-me prosseguir. Com os mestres de Roma aprendi eu muitas coisas, sem sonhar que chegaria uma altura em que me aproveitaria delas contra a própria Roma. Posso assegurar-te que esses filhos do Deserto, ainda que tenham a velocidade da águia e a resistência do leão, nada farão se não forem habituados, primeiro a correrem juntos sob o jugo. Porque dos quatro um é o mais rápido e outro o mais lento e enquanto este determina a velocidade da corrida o primeiro oferece-lhe os maiores obstáculos. Assim aconteceu hoje. O cocheiro não conseguiu fazê-los correr em harmonia. Se conseguir que os quatro corram como um só cavalo, dóceis à minha vontade, juro-te que ganharás os sestércios e a coroa, e que eu terei consumado a minha vingança. Que respondes?

Ilderim disse, a sorrir.
- Creio-te, filho de israel. Amanhã experimentarás os cavalos.
Nesse momento ouviram-se passos na parte exterior da tenda.

- A ceia! Olha. E eis aqui também o meu amigo Baltasar que te apresentarei. Sabe contar uma história que um israelita jamais se cansaria de escutar. Mandou retirar os cavalos e as suas ordens foram cumpridas.

Baltasar foi conduzido ao divã, junto do qual Ildebrim e Ben-Hur o receberam de pé. Um amplo manto negro envolvia-lhe o corpo delgado; o seu passo era débil;

os seus movimentos lentos e cautelosos. Apoiava uma das mãoS num bastão e a outra num servo que o acompanhava.

- A paz seja contigo - disse Ilderim respeitosamente. - Paz e saúde.

O egípcio ergueu a cabeça.
- E a ti, bom xeque, e aos teus, a paz e a bênção do Deus único!

- Este jovem, oh Baltasar - disse Ilderim, pondo a mão no braço de Ben-Hur, compartilhará hoje o pão connosco.

O egípcio olhou o jovem e uma expressão de dúvida e de surpresa se lhe reflectiu no rosto. O xeque prosseguiu:

- prometi-lhe que amanhã o deixarei experimentar os meus cavaloS e se a experiência correr bem, guiá-los-á na corrida do circo.

Baltasar continuava a olhá-lo.

- Vem perfeitamente recomendado - acrescentou ildebrim, preocupado por aquele exame. - É filho de Arrius, ilustre almirante romano, ainda que se declare israelita da tribo de Judá. E, pelo esplendor de Deus!, eu acredito-O.

Baltasar não pôde demorar mais uma explicação.

- Hoje - disse. - Oh, generoso xeque, a minha

vida esteve em perigo e não lhe teria escapado se um mancebo, em tudo semelhante a este, não me salvasse.

Depois, voltando-se directamente para Ben-Hur, disse:
- Não foste tu?

- Não posso afirmá-lo nesses termos - replicou modestamente Ben-Hur. - Eu detive os cavalos do insolente romano, quando iam precipitar-se sobre o teu camelo, perto da fonte de Castália. A tua filha entregou-me um cálice.

De dentro do peito da túnica tirou um cálice e apresentou-o a Baltasar. O rosto do egípcio iluminou-se.

- Deus enviou-te hoje em minha ajuda, perto da fonte - disse estendendo a mão a Ben-Hur - e agora envia-te novamente. Dou-lhe graças e dá-as tu também porque o favor que Ele me faz permitir-me-á oferecer-te uma recompensa. O cálice é teu. Aceitao.

Ben-Hur voltou a guardá-lo e Baltasar, lendo uma pergunta no rosto do xeque, contou-lhe o que se passara na fonte.

- Porque não me disseste uma só palavra? - disse lídebrim a Ben-Hur. - Não podias procurar melhor recomendação. Não é para mim sagrada a pessoa de um hóspede e a sua protecção não é um dever para mim? O que tu fizeste por ele, por mim o fizeste; de mim hás-de receber a recompensa.

- Perdoa-me, suplico-to. Não procuro recompensa. O serviço que prestei ao teu excelente hóspede, tê-lo-ia prestado ao teu mais humilde escravo.

- Mas ele é meu amigo e meu hóspede! Ah! Pelo esplendor de Deus! te repito, Baltasar, este jovem não é romano.

Depois afastou-se deles para dar ordens aos criados que quase tinham terminado os preparativos para o jantar.

O egípcio deu um passo para Ben-Hur e falou-lhe com a sua doce voz de criança:
- Como disse o xeque que devo chamar-te?
- Arrius, filho de Arrius.
- Mas não és romano.
- Toda a minha família foi hebraica.
- Foi, disseste? Acaso já não vive?
A pergunta bem merecia resposta; mas ilderim não permitiu que

Ben-Hur a desse.
- Vinde - disse. - O jantar está servido.

Compunham a refeição os mais esquisitos manjares do Oriente: tortas

recémsaídas do forno, legumes, carne assada, pastéis, leite, mel e manteiga. Durante o jantar falou-se pouco. Mas quando lavaram, de novo, as mãos e começou a segunda parte, os doces, os ânimos dispuseram-se a falar e a escutar.

Um árabe, um judeu, um egípcio, três crentes num só Deus, não podiam ter mais que um tema de conversa, e dos três quem devia levar a palavra além daquele a quem Deus se tinha revelado? De que havia de falar senão daquilo de que fora chamado a dar testemunho?

O egípcio relatou a história do encontro dos três no Deserto e conveio com o xeque que foi em Dezembro, vinte e este anos atrás, quando ele e os seus companheiros fugindo de Herodes, pediram hospitalidade na sua tenda. O relato foi escutado com imenso interesse. Ben-Hur acolheu-o como correspondia a um homem que escutava uma revelação de suma importância para toda a Humanidade e especialmente para o povo de Israel: Na sua mente ia tomando corpo uma ideia que devia mudar todo o curso da sua vida e absorver todas as suas forças.

Para o xeque Ilderim, a história não era nova. Mas na sua mente, aqueles factos não tinham a importância com que os encarava Ben-Hur. Ilderim era árabe e o seu interesse não podia ser senão de ordem geral, enquanto Ben-Hur era um hebreu. Desde o berço que ouvira falar do Messias. Os profetas tinham-no anunciado e a sua vinda era o tema das intermináveis discussões dos rabinos. Todos os filhos de Abraão viviam na esperança do Messias, e, frequentemente, com férrea severidade, regulavam a vida em conformidade com esse acontecimento.

Ben-Hur estava conforme com a opinião dos seus contemporâneos não romanos. Mas os cinco anos passados em Roma tinham-lhe permitido estudar de perto as desventuras dos oprimidos e tinham-no persuadido de que os males que afligiam o mundo eram essencialmente de ordem política e só podiam ser remediados com a espada. Com este propósito, nas palestras de Roma se tinham familiarizado com o uso das armas; mas a arte da guerra tem necessidade de outras escolas e o cargo de chefe é o mais árduo de todos, não podia estudar-se senão nos campos de batalha. Este desígnio, para mais, tinha a vantagem de abraçar ainda os menores projectos de vingança que alimentava. Pensava, e não sem razão, que as suas ofensas pessoais seriam mais seguramente vingadas na guerra que na paz.

Os sentimentos com que escutou o relato de Baltasar poderão agora ser facilmente compreendidos. A narrativa chegava às fibras mais sensíveis da sua alma. O seu coração palpitou e sentiu uma alegria profunda, quase selvagem ao pensar que aquele menino tão milagrosamente encontrado podia ser o Messias.

Cheio de assombro porque Israel tinha permanecido indiferente ante a revelação deste acontecimento e porque ele mesmo não o tinha conhecido até aquele instante, ofereceram-se-lhe duas perguntas nas quais se concentrava, de momento toda a importância do facto: Onde estava o menino? Qual era a sua missão?

Ben-Hur fê-las a Baltasar.

- Oh, se soubesse responder-vos! - replicou Baltasar. - Se soubesses onde está, como iria gostosamente ao seu encontro! Nem muros nem montanhas me poderiam afastar d'Ele.

- Procuraste, pois, encontrá-Lo? - perguntou Ben-Hur.
Um leve sorriso iluminou o semblante do egípcio.

- O meu primeiro propósito, depois de ter deixado o refúgio foi saber o que fora feito do menino. Mas só tinha decorrido um ano e eu não me atrevia a voltar, de novo, á Judeia porque o sanguinário Herodes ainda ali reinava. No Egipto, aquando do meu regresso, referi a história milagrosa a alguns amigos, os quais lhe deram crédito e nunca se cansaram de ouvir repeti-la. Eles foram, por minha conta, em busca do rasto do menino e inteiraram-se de que o rei o mandara procurar e não o tinham voltado a ver.

- Mas indubitavelmente encontraram alguma prova disse Ben-Hur.

- Sim, provas escritas com sangue; uma aldeia mergulhada em luto, mães que choravam os filhos. Quando Herodes ficou convencido da nossa fuga, ordenou aos soldados que matassem todas as crianças em Belém. Nem uma só escapou. Os meus mensageiros regressaram, anunciando-me que o menino morrera, imolado como os outros.

- Morto! -exclamou Ben-Hur aterrorizado. - Morto, disseste?

- Não, meu filho, não disse isso! Eu disse que os meus mensageiros anunciaram

que o menino morrera. Eu não lhes dei crédito.

- Tiveste notícias posteriores?

- Não - disse Baltasar, baixando os olhos. - O Espírito não tinha outra missão que conduzir-nos á presença d'O menino. Quando saímos da gruta procurámos a estrela, mas ela tinha desaparecido. A inspiração do Altíssimo de que me recordo foi que nos encaminhou para Ilderim, procurando a salvação.

- Sim - disse o ancião. - Dissestes-me que um Espírito vos encaminhara para mim. Recordo-o.

- Não tive notícia posterior, mas reflecti muito sobre uma coisa e a minha fé na sua existência é tão firme hoje, como o foi quando o Espírito me chamou para as margens do lago. Se quiserdes escutar-me dir-vos-ei porque tenho a crença de que o menino vive.

Ilderim e Ben-Hur inclinaram a cabeça em sinal de assentimento. Na tenda reinava profundo silêncio.

- Os três acreditamos em Deus.
Baltasar, ao dizer estas palavras, baixou a cabeça. depois prosseguiu:

- E Deus é a verdade. Os montes poderão reduzir-se a pó, os mares poderão secar, mas a Sua palavra, porque Sua palavra, é a verdade. A voz de Deus que me falou nas margens do lago, disse-me: "Bendito sejas, filho de Mizraim! A redenção virá com outras duas pessoas chegadas dos confins do mundo: tu verás o Salvador!" Eu vi o Salvador, mas a primeira parte da promessa não se cumpriu ainda. Compreendeis agora? Se o menino está morto, a redenção não pode efectuar-se e a promessa seria vã. A redenção é o fim para que nasceu o menino e enquanto estiver de pé à promessa nem sequer a morte pode opôr-se-lhe e separá-lo da sua missão, até que ela não esteja terminada. Esta é a razão da minha fé.

LIVRO QUINTO

No dia seguinte, depois das bacanais celebradas na grande sala de um palácio, fronteiro á casa de Simónides, via-se o divã cheio de jovens patrícios que dormiam. Quando a luz do dia começou a formar espirais através das ranhuras dos postigos, Messala levantou-se e tirou a grinalda que lhe cingia as fontes, querendo significar com isto o fim de libertinagem; envolveu-se, depois na sua toga, e sem pronunciar palavra, saiu para se dirigir para sua casa.

Três horas depois, dois correios penetravam no seu aposento, recebendo das suas mãos um despacho selado e duplicado, contendo uma carta para Valérius Gratus, o procurador ainda residente em Cesária. A importância da carta e da sua urgente entrega deduzia-se das ordens dadas... um correio devia levá-la por mar e o outro por terra, e ambos deviam fazê-lo com a maior celeridade.

O conteúdo da carta era o seguinte:

Antioquia, XII calendas de Juilio.
Messala a Gratus

Oh, Midas! Não te ofendas, peço-te, com este ápodo, porque deriva do afecto e reconhecimento que te dedico e é, ao mesmo tempo, a confissão de que és o mais afortunado dos homens.

Tenho de referir-te coisas assombrosas que, embora descansem ainda sobre meras conjecturas, não deixam de merecer a atenção.

Permite-me, em primeiro lugar, que eu refresque a tua memória.

Lembras-te, há já muitos anos, da família de de um príncipe de Jerusalém, de nome Ben-Hur? Se a tua memória é tardia em recordar este facto, creio que certa cicatriz que te adorna ainda a ilustre cabeça será estímulo e ajuda eficaz para isso.

Como castigo do provado atentado (já çam os deuses que, para tranquilidade das nossas consciências, nunca se prove que foi um acidente fortuito!), a família foi presa e confiscados os respectivoS bens. A nossa decisão mereceu a aprovação de César (nunca faltem flores sobre a sua tumba!); por isso não é vergonhoso

aludir âs somas que, por aquela fonte, penetraram nos nossos cofres.

Para reivindicar a tua prudência, recordarei, para mais, as disposições que tomaste para com os indivíduos da familia Hur, a fim de que o silêncio nos assegurasse o tranquilo desfrute dos nOSSOS ganhos e de que, por sua voz, o remorso de ter vertido sangue não nos manchasse a terna consciência. Recordarás o que fizeste da mãe e da irmã do criminoso, e se agora cedo â curiosidade de saber se estão vivas ou mortas, é porque sei que a tua alma generosa me saberá perdoar facilmente.

Mas passemos ao essencial. Para isso me permito recordar-te que o réu foi condenado perpetuamente às galés; assim dizia a sentença que li com os meus próprios olhos e que foi dirigida ao tribuno que comandava a galé.

E agora presta-me atenção, excelentíssimo Frígio!

Se calcularmos o limite comum da viola de um condenado às galés, o assassino, por ti tão justamente castigado, deveria ter morrido.

E chego ao ponto mais interessante.

Na última noite, enquanto fazia de anfitrião, numa festa organizada por alguns jovens, recém-vindos de Roma, chegou-me aos ouvidos uma história singular. Hoje chega Maxêncio, o cônsul, para dirigir a campanha contra os Partos. Entre os ambiciosos que o acompanham, figura um sujeito filho do defunto duún viro Quintus Arrius e acerca do qual soube alguns pormenores curiosos. Quando Arrius foi combater os piratas, cuja derrota lhe granjeou as últimas honrarias, não tinha familia; quando regressou da expedição trazia consigo um herdeiro.

Prepara-te para escutar grandes coisas,

O herdeiro de que falo é o Ben-Hur que mandaste para as galés e que, segundo os nossos cálculos, deveria estar morto há cinco anos, quando, pelo contrário, volta rico e poderoso e provavelmente com a cidadania romana para... Ah!, tu estás suficientemente alto para nada temeres; mas eu, Midas; eu estou em perigo e não é necessário que te diga porquê. Quem o compreenderá melhor do que tu? Que dizes a isto, amigo Gratus?

Quando Arrius, o pai adoptivo desta aparição oceânica, travou combate com os piratas, a sua nave foi metida a pique e toda a tripulação pereceu menos duas pessoas: Arrius e o seu herdeiro.

Os oficiais que os recolheram do madeiro sobre o qual flutuavam, dizem que o companheiro do infortunado tribuno era um jovem e que vestia a túnica dos forçados. Isto deveria bastar para te convencer; mas para o caso de não estares ainda plenamente convencido, acrescentarei que ontem a fortuna me pôs, frente a frente com esse filho de Arrius e juro-te, ainda que de momento o não reconhecesse, que é o próprio Ben-Hur que foi durante alguns anos, meu companheiro de infância; aquele Ben-Hur feito homem, que, ainda que fosse o último dos escravos deve, neste momento, abrigar projectos de vingança (isto faria eu no seu lugar) vingança que não se deteria nem perante a própria morte, vingança pela pátria, pela mãe, pela irmã, perdidas, pelos anos passados nas galés, pela fortuna, enfim, que lhe arrebatámos.

Não duvido, meu benfeitor e amigo, que o perigo que correm os teus sestércios e não a tua pele, te terá tirado do teu habitual cepticismo e que terás chamado já em teu auxílio, a tua poderosa inventiva. Seria fazer-te uma ofensa perguntar-te que havemos de fazer. Deixa-me antes dizer-te que sou o teu cliente, ou melhor que tu és o Ulisses de cuja boca espero os mais sábios conselhos. Entrego-me a ti, completamente.

O sol já vai alto. Dentro de uma hora partirão dois mensageiros com cópias seladas desta carta: um irá por terra, o outro por mar; de tanta importância considero a presença do nosso inimigo nesta parte do mundo romano. Esperarei nesta cidade a tua resposta. A estadia aqui de Ben-Hur dependerá naturalmente do cônsul, o qual ainda que trabalhasse noite e dia, terá de demorar-se um mês, pelo menos; bem sabes o que custa reunir um exército e a provê-lo de tudo o necessário para uma campanha num país longínquo e deserto.

Ontem encontrei o judeu no bosquezinho e se não estiver ali neste momento, está ividubitavelmente nas proximidades, pelo que me será muito fácil vigiálo. E se quisesses saber onde se encontra neste momento, apostaria que está no Horto das Palmerias, sob a tenda daquele velho traidor, o xeque Ilderim, que não tardará em cair nas nossas mãos. Não te surpreendas se MaxéLcío, como medida preliminar, embarcar o árabe na primeira galé que regresse e o mande para Roma.

Não estranhes a minha solicitude em te informar diariamente do nosso amigo, porque é de alta importância para ti saber onde se encontra. Debaixo da tua hábil direcção, aprendi tanta prudência humana quanto basta para conhecer que, em toda a empresa são especialmente necessários três elementos: tempo, lugar e meio.

Se crês que este é o lugar oportuno, não hesites em confiar a execução dos teus planos ao teu amigo e discípulo, Messala."

Aproximadamente à mesma hora em que saíam dos aposentos de Messala, os correios, Ben-Hur entrava na tenda de Ilderiam. Tomara banho no lago, comera o pequeno almoço e trajava uma simples túnica sem mangas que apenas lhe chegava aos joelhos.

O xeque saudou-o do divã.

- A paz esteja contigo, filho de Arrius - exclamou admirado, porque não se recordava de ter visto, alguma vez, um tipo mais esplêndido de juventude, nem de beleza varonil. - Os cavalos estão prontos e eu também. E tu?

- A paz que tu me desejas, desejo-ta eu. Estou pronto.
Ilderim bateu palmas.
- Mandarei que tragam os cavalos.
- Estão engatados?
- Não.
- Então eu próprio os tirarei - disse Ben-Hur.

- É necessário que trave conhecimento com os teus árabes, que saiba os seus nomes, a fim de que possa falar-lhes. Também convém que conheça o seu carácter, porque os animais são como os homens: se audazes, há que travá-los; se tímidos, que animá-los e incitá-los com o elogio.

- E o carro? - perguntou o xeque.

- Deixá-lo-emos por hoje. Em seu lugar faz com que me tragam um quinto cavalo sem sela e rápido como o raio.

A curiosidade de Ilderim aumentava; por isso chamou precipitadamente um

criado.

- Os arreios para quatro - ordenou, - e as rédeas de Serio.
Ilderim levantou-se.

- Sírio é o meu cavalo favorito, oh filho de Arrius. Fomos companheiros pelo espaço de vinte anos na tenda, na luta, na caravana, Vou mostrar-to.

Aproximou-se da cortina divisória, levantou-a. Ben-Hur entrou na cavalariça. Os cavalos aproximaram-se de Ilderim em grupo. Um de cabeça pequena, olhos brilhantes, pescoço arqueado, crinas finas e ondulantes como a cabeleira de uma menina, relinchou de prazer ao vê-lo.

- Bom cavalo - disse o xeque acariciando-lhe o focinho. - Bom cavalo, bons dias.
E voltando-se para Ben-Hur acrescentou:

- Este é Sírio, pai dos outros quatro. A mãe, demasiado formosa para se expôr aos perigos de uma viagem por terras estranhas, ficou no Deserto. E eu duvido, oh filho de Arrius - prosseguiu sorridente, que a tribo possa suportar a sua ausência. Ela é a nossa glória, o nosso orgulho. Dez mil cavaleiros, filhos do Deserto, perguntarão hoje, como em todos os dias:

"Como está Mira?". E à resposta: "Está bem", exclamarão: "Deus é grande! Bendito seja o nome do Senhor!"

- Mira, Sírio, não são nomes de estrelas, oh xeque? - perguntou

Ben-Hur.
- E porque não? - replicou Ilderim. - Não passaste nenhuma noite no deserto?
- Não.

- Então não podes saber quanto nós, árabes, devemos às estrelas. Damos os seus nomes por gratidão e damo-os aos nossos preferidos em sinal de amor. Os meus pais deram a todos os seus cavalos nomes de estrelas. E ainda estes quatro que aqui vês, os têm: Rigel Antares, Atair e Aldebarão, o menor, mas não o menos rápido dos seus irmãos. Ele levar-te-á na direcção contrária do vento com tanta velocidade que te parecerá escutar as ondas do golfo de Akaba.

O criado apresentou-se com os arreios. Ben-Hur arreou ele mesmo os cavalos,

tirou-os da tenda e pôs-lhes as rédeas.

- Trazei-me - o Sírio disse.
Um árabe não teria montado no lombo do cavalo com maior ligeireza.
- E agora dai-me as rédeas.

Deram-lhe as rédeas dos quatro cavalos e ele separou-as cuidadosamente.

- Meu bom xeque - exclamou, - já estou pronto. Manda um guia que me indique o campo de exercícios e que levem água.

A partida realizou-se sem nenhuma dificuldade. Os cavalos não estavam assustados. Parecia que se tinha estabelecido uma corrente de mútua simpatia entre eles e o condutor, o qual tinha cumprido o prometido com essa confiança que produz o respeito. Ben-Hur, montado em Sino guiava-os como se estivesse de pé no carro. Ilderim regozijou-se. Cofiava a barba e sorria de satisfação, murmurando: "Pelo esplendor de Deus, não, não é romano!" Seguia-os a pé e toda a população do aduar, homens, mulheres e crianças, se precipitou para fora das tendas para assistir ao espectáculo.

O campo era largo e plano, propositadamente para os exercícios, que Ben-Hur executou sem demora, primeiro guiando os quatro cavalos lentamente em linha recta e depois em grandes círculos; logo pondo-os a trote e em seguida a galope, estreitando cada vez mais os círculos e fazendo-os voltear por fim em todas as direcções. Passou-se assim uma hora ao fim da qual voltou a pôr os cavalos a passo e aproximou-se de Ilderim.

- A minha tarefa aproxima-se do final pois só falta a corrida - disse. - Felicito-te, xeque Ilderim, por possuires semelhantes animais. Olha - continuou ao desmontar e ao acariciar os cavalos, - olha, nem uma mancha de suor; respiram como se só agora mesmo começassem a correr. Se Deus nos proteger (e fixou os seus olhos brilhantes nos do ancião), a vitória será nossa e...

Deteve-se, ruborizou-se e inclinou-se levemente. Ao lado de Ilderim viu imediatamente Baltasar e duas mulieres veladas. Contemplou uma delas enquanto o coração lhe batia velozmente e disse-se: "É ela! A egípcia!" Foi Ilderim quem terminou a frase:

- Nossas serão a vitória e a vingança - acrescentou. Estou tranquilo e sinto-me

feliz, filho de Arrius; és o homem de que eu n'ecessitava. Se o resultado corresponder ao começo, não te lamentarás da generosidade dos árabes.

- Obrigado, meu bom xeque - agradeceu Ben-Hur com modéstia. - Que os teus servos tragam de beber aos cavalos.

Serviu-lhe ele mesmo a água e depois, tornando a montar em Sírio continuou o exercício, passando do passo ao trote e do trote ao galope. Finalmente encaminhou os cavalos para a pista, fazendo-os empreender uma veloz corrida. Os espectadores interessaram-se e irromperam em frequentes aplausos pela rara habilidade do condutor e pelo porte elegante dos cavalos que não davam sinais da menor fadiga.

Durante estes exercícios, apareceu Malluch, no campo, e passando despercebido por entre a multidão, aproximou-se do xeque.

- Trago uma mensagem para ti - disse, quando julgou ser oportuno. - Uma mensagem da parte de Simónides.

- Simónides!-exclamou o árabe. - Ah! Está muito bem. Que Abadão mate todos os seus inimigos!

- Encarregou-me que te desejasse em primeiro lugar a paz do Senhor e que depois te entregasse esta carta para que a leias imediatamente.

Ilderim rompeu o selo e tirou do seu interior duas cartas que leu de seguida:

"Simónides ao xeque Ilderim

Oh amigo! Em primeiro lugar acredita que estás sempre presenté no meu coração. Em seguida, presta-me atenção.

Encontra-se no teu aduar um jovem de aspecto nobre que se diz filho de Arrius e o é por adopção. Esse jovem é-me muito querido. A história da sua vida é assombrosa, e eu contar- ta-ei se me vieres visitar hoje ou amanhã. Tenho

necessidade dos teus conselhos.

Entretanto, atende todos os seus desejos, desde que não sejam contra a honra ou a lei. Se tiver necessidade de dinheiro, eu responsabilizo-me pela sua dívida. Guarda segredo do interesse que eu mostro por esse rapaz.

Saúda, em meu nome, o teu outro hóspede. Ele, a sua filha, tu e quantos mais queiras convidar, serão meus hóspedes no circo, no dia das corridas. Já marquei lugares.
A paz para ti e para os teus.

Teu eterno amigo, Simónides."

Envia mensageiros da tua confiança para os caminhos do sul da cidade, com ordem de deter e fixar todos os correios que entrem ou saiam e que te entreguem, se o encontrarem, qualquer despacho que se te refira.

Devias ter recebido ontem esta carta; mas ainda não é tarde se te despachares. Se os correios sairam esta manhã de Antioquia, os teus árabes conhecem os atalhos e poderão alcançá-los.

Não hesites um momento. Queima esta carta assim que a leres. Oh amigo! O teu amigo, Simónides."

Ilderim leu a carta segunda vez, dobrou-a e ocultou-a no cinto. Os exercícios terminaram passado pouco tempo. Ben-Hur, obrigando os cavalos a caminharem a passo, dirigiu-se para Ilderim.

- Com a tua licença, oh xeque - disse-lhe, - conduzirei os teus cavalos para a tenda, para repetir esta tarde os exercícios.

Ilderim foi com ele.

- Faz como quiseres, meu filho. Em duas horas conseguiste deles o que o romano não pôde conseguir noutras tantas semanas. Venceremos, pela glória de Deus!

Ben-Hur permaneceu junto dos cavalos enquanto os escovavam; depois de tomar um banho no lago e tomar uma taça de araque com o xeque, vestiu o hábito

hebreu e deu um passeio com Malluch pelo horto.

Depois de algumas palavras sem importância, Ben-Hur disse ao seu companheiro:

- Vou-te pedir o favor de me ires buscar a minha bagagem ao "can" próximo da ponte de Seleucia. Traz-ma hoje mesmo se possível e perdoa meu bom Malluch se estou a abusar da tua amabilidade.

Malluch declarou-se disposto a servi-lo no que ele quisesse.

- Obrigado, Malluch, obrigado - exclamou Ben-Hur. - Aceito a tua oferta porque pertencemos à mesma tribo e o nosso inimigo é o romano. Em primeiro lugar, tu és um homem de negócios. Para iinpedir que à última hora se apresente qualquer obstáculo para a corrida, devias ir falar com o intendente do circo e comprovar se Ilderim cumpriu todas as formalidades requeridas. Prestar-me-ás também um grande favor se puderes procurar uma cópia do regulamento. Gostaria de saber que cores hei-de levar e especialmente se estarei próximo de Messala, se à esquerda, se à direita, e se não estou, procura que me mudem de sítio, para estar perto dele. Consegues recordar-te de tudo? Tens boa memória?

- Já me atraiçoou algumas vezes, oh filho de Arrius; mas nunca quando, como neste caso, tinha o coração interessado.

- Então vou dar-te um outro encargo. Messala está orgulhoso do seu carro, e com razão, porque nem mesmo os de César o ultrapassavam em beleza ou elegância. Não poderias aproveitar-te dessa sua debilidade para averiguar com segurança o seu peso e medidas? Se não o puderes averiguar, inteira-te da altura a que está do chão o seu eixo. Compreendes, Malluch? Não quero que tenha nenhuma vantagem sobre mim. Não quero vencê-lo apenas, mas sim humilhá-lo.

- Compreendo, compreendo - respondeu Malluch.
- É necessário tirar uma linha recta desde o centro do eixo até ao solo.

- Sim, Malluch. Alegra-te, pois é a última das minhas missões. Voltemos agora ao aduar.

Pouco depois Malluch regressava à cidade.

Neste intervalo, um mensageiro montado em rápido corcel tinha sido enviado, segundo as instruções de Simónides pelo caminho que desde Antioquia conduz a Jerusalém. Era um árabe e não levava ordens escritas.

- Iras, a filha de Baltasar, envia-te saudações e uma mensagem - disse um servo a Ben-Hur, que descansava na sua tenda.

- Dá-me a mensagem.
- Se queres acompanhá-la num passeio de barca pelo lago.
- Eu mesmo lhe darei a resposta.

Trouxeram-lhe as sandálias e pouco tempo depois Ben-Hur ia à procura da egípcia. A sombra dos montes ia-se estreitando sobre o Horto das Palmeiras, precedendo a noite.

O xeque ilderim depois de ter assistido aos exercícios da tarde que foram uma repetição dos da manhã, tinha partido para a cidade com o objectivo de ver Simónides e provavelmente não regressaria naquela noite. Ben-Hur foi à procura da egípcia, cuja beleza o deslumbrava.

O ponto de embarque consistia simplesmente nuns quantos degraus que desciam até ao lago e numa plataforma iluminada por alguns faróis. Assim que chegou à escadita, deteve-se surpreendido com a visão. Uma barca descansava ligeiramente sobre as ondas.

O condutor do camelo da fonte Castália ocupava o lugar de remador, vestido de linho branquíssimo que fazia ainda ressaltar mais o tom de ébano do seu rosto. A popa da embarcação estava coberta de almofadões e tapetes duma cor vermelha de Tiro. Junto ao leme estava sentada a própria egípcia, envolta em xales da índia e como que numa nuvem de véus e faixas delicadas.

No olhar que lhe dirigiu, Ben-Hur sentiu a impressão confusa e deliciosa que o seu conjunto produzia, e o coração bateu-lhe com violência.

- Vem - disse a egípcia ao vê-lo hesitante, - ou julgarei que és um mau marinheiro.

- Tinha receio de... - disse ao sentar-se.
-De quê?

- Afundar o barco - replicou sorrindo.

- Oxalá que o não faças quando estivermos no meio do lago - disse ela fazendo um sinal ao etíope, que logo subinergiu os remos na água.

- Cede-me o leme - pediu Ben-Hur.

- Não - respondeu ela; - isso seria trocar os papéis. Convidei-te e tu és o meu hóspede. Sou tua devedora e quero começar a pagar-te. Podes falar que eu escutar-te-ei, ou antes, falarei eu e tu escutas. Podes escolher. Mas sou eu que vou decidir aonde vamos e que caminho temos que seguir.

- E aonde iremos?
- Já te assustaste novamente.
- Oh, formosa egípcia! Fiz a primeira pergunta natural de um prisioneiro.
- Chama-me Egipto.
- Preferia chamar-te Iras. Egipto é um país que tem muita gente.
- Sim, sim, e que país!

Ao dizer isto suspirou.
- Não sou eu então o teu único pensamento - exclamou Ben-Hur.
- Ah! Compreendo que nunca lá estiveste.

- Cantas-me uma canção se te chamar Egipto? Ontem à noite pareceu-me ouvirte cantar.

- Era uma canção do Nilo - respondeu a egípcia.

- Deixa que te cante agora uma balada hindu. Quando vieres a Alexandria, levar-te-ei à esquina de uma rua onde poderás ouvir cantar a filha do Ganges que ma ensinou. E como se o canto fosse a sua forma habitual de se expressar, Iras cantou docemente.

Ainda a egípcia não tinha acabado a sua canção já a quilha do barco roçava a areia e a proa tocava terra.

- Que curta foi a viagem, oh Egipto! - exclamou.

- E a paragem ainda mais breve! - replicou ela ao mesmo tempo que um forte golpe de remos os tornou para dentro de água.

- Agora vais-me passar o leme - disse Ben-Hur.
- Oh, não! Já estivemos no Egipto; vamos agora para o bosquezinho de Dafne.
- Sem um canto que alegre o nosso caminho? - suplicou o judeu.
- Diz-me algo referente ao romano que pôs em perigo a nossa vida.

O pedido pareceu desagradar a Ben-Hur.

- Gostaria que este lago fosse o Nilo - disse iludindo-a. - Os reis e as rainhas poderiam sair dos seus túmulos e viajar connosco.

- Pertenceriam à espécie dos colossos e afundariam a barca. Mas fala-me do romano. É muito mau, não é?
- Não o sei.

- É de família nobre? É rico?
- Não posso falar das suas riquezas.

- Que formosos os seus cavalos! O carro dele é de ouro e as rodas de marfim. Mas, que audácia! Os espectadores desataram a rir quando se foi, eles que quase foram atropelados pelos seus cavalos.

Neste instante divisaram as lâmpadas que ardiam diante dos pavilhões de Ilderim.

- O aduar! - murmurou a egípcia.

- Ah! Então não estivemos no Egipto. Não vi Karnac, Pilé ou Abidos. A viagem foi apenas um sonho.

- Pilé! Karnac! Mas deves ter pena de não teres visto os Ramesidas de Simbele, que fazem elevar o pensamento a Deus, Criador do céu e da terra. Voltemos ao

rio, e se não posso cantar, posso narrar-te histórias do Egipto.

- Continua, sim, até que raie a alvorada e volte a noite e apareça o sol de um novo dia - disse Ben-Hur com veemência.

E assim falando, contando fábulas e histórias passaram as horas. Quando desembarcaram, a egípcia disse:

- Amanhã iremos à cidade.
- E assistirás aos jogos? - perguntou Ben-Hur.
- Oh, sim!
- Enviar-te-ei as minhas cores.

E separaram-se.

Ilderim regressou ao aduar no dia seguinte, cerca das três horas. Quando se apeou, um homem da sua tribo aproximou-se e disse-lhe:

- Trago esta missiva com ordem de ta entregar
em mão e de que a leias imediatamente. Se tiver resposta, esperarei o tempo necessário.

Ilderim abriu a mensagem, cujo selo já tinha sido aberto. Era dirigida a Valérius Gratus, Cesária.

- Que o leve Abadon! - murmurou o xeque ao ver que a carta estava escrita em latim.

Se estivesse escrita em grego ou em árabe, não teria nenhuma dificuldade em lêla. A única coisa que pôde decifrar a assinatura, escrita em grandes caracteres romanos: "Messala", que leu franzindo os olhos.

- Onde está o jovem judeu? - perguntou.
- No campo, com os cavalos - respondeu o servo.

O xeque voltou a montar a cavalo. Naquele mesmo instante apareceu um forasteiro, precedente, segundo parecia, da cidade.

- Venho á procura do xeque Ilderim, intitulado o Generoso - disse o forasteiro. O traje e a língua, mostravam claramente que se tratava de um romano.

Se Ilderim não sabia ler o latim, sabia, no entanto, falá-lo. Assim, respondeu com dignidade:

- Sou eu o xeque Ilderim.

O forasteiro baixou os olhos, voltou a levantá-los e disse com estudada humildade:

- Soube que procuráveis um condutor para os jogos.
O lábio de Ilderim contraiu-se desdenhosamente por sob os bigodes brancos.
- Segue o teu caminho - respondeu. - Já tenho um condutor.

Voltou-se, em atitude de partir; mas o forasteiro prosseguiu a conversa.

- Xeque, eu sou aficionadíssimo de cavalos, e disseram-me que os vossos eram os mais formosos do mundo.

O velho tinha sido atingido no seu ponto fraco; ia a ceder à adulação, mas respondeu:

- Não, hoje não. Mostrar-tos-ei noutra ocasião. Agora estou ocupadíssimo.

Meteu o cavalo a trote enquanto o estrangeiro tomou lentamente o caminho da cidade, sorridente como um homem contente consigo mesmo. Tinha cumprido a sua missão.

E todos os dias, até ao solene dia dos jogos, um homem, por vezes dois ou três, se apresentavam ao xeque no Horto das Palmeiras, como condutores.

Assim Messala vigiava Ben-Hur.

O xeque, muito satisfeito, esperou que Ben-Hur terminasse os exercícios da manhã.

- Esta tarde, oh xeque, poderás já ficar com Sírio - disse Ben-Hur acariciando o pescoço do velho animal, - e em seu lugar, dar-me-ás o carro.

- Tão depressa?

- Cavalos como os teus só necessitam de um dia para serem ensinados; não têm medo, têm a inteligência de um homem e desejam o exercício. Este, a que tu chamaste Aldebarão, é o mais veloz. Numa volta ao estádio avançaria em relação aos outros, três vezes o comprimento do seu corpo.

Ilderim cofiou a barba, com os olhos relampejando.
- Aldebarão é o mais rápido - disse. - E o menos veloz?

- Ei-lo aqui - e Ben-Hur sacudiu as rédeas sobre Antares. - Mas vencerá, porque o farei correr todo o dia e ao pôr do sol, poderá chegar à sua velocidade máxima.

- Tens novamente razão - disse Ilderim.
- Mas tenho uma dúvida, oh xeque.
O xeque tornou-se sério.

- Na sua ânsia de ganhar, um romano transige até com a sua honra. Nos seus jogos, praticam uma infinidade de astúcias e armadilhas; nas corridas a sua má fé não perdoa aos cavalos, ao condutor nem ao dono. Por isso, meu bom xeque, tem cuidado com tudo o que fazes. Até que as corridas não estejam acabadas, não deixes que nenhum estranho se aproxime dos cavalos; põe um guarda armado para que de noite vele por eles, assim como de dia. Assim não terei dúvidas quanto à vitória.

- Far-se-á como dizes. Nenhuma mão se deverá aproximar deles, exceptuando a dos de confiança. Esta mesma noite já porei sentinelas. Mas olha, filho de Arrius (Ilderim tirou do cinturão a mensagem e desdobrou-a lentamente enquanto se sentava no divã), olha, filho de Arrius e ajuda-me com o teu latim.

E entregou a Ben-Hur o despacho.

Ben-Hur começou imediatamente a sua leitura:

"Messala a Gratus". Deteve-se. Teve como que um pressentimento e o coração começou a bater-lhe com violência. A sua agitação não passou despercebida a ilderim.

- Continua; estou à espera.

Ben-Hur desculpou-se e retomou a leitura do papiro, que era uma cópia da carta enviada a Gratus por Messala. Os primeiros parágrafos eram só notáveis, por quanto revelavam que o escritor não tinha perdido aquelas qualidades de ironia e de troça que adornavam a sua linguagem juvenil. Mas quando o leitor chegou à passagem dedicada a recordar a Gratus a família dos Hur, a voz tornou-se-lhe trémula e por duas vezes teve de deter-se para tomar alento. Fazendo um esforço prosseguiu: "Recordarei também as disposições que tomaste para com os indivíduos da família Hur (aqui a voz do leitor foi contida por um soluço), com o fim de que o silêncio da tumba nos assegurasse o tranquilo gozo dos nossos ganhos e de que o remorso de ter vertido sangue não nos manchasse a terna consciência".

Ben-Hur não pôde prosseguir. O papiro desprendeu-se-lhe das mãos e com estas cobriu o rosto.

- Morreram, morreram! Estou só no mundo!

O xeque era mudo mas sensível espectador da amargura do jovem. Levantou-se e disse:

- Filho de Arrius, tenho de te pedir perdão. Lê tu sozinho a carta. Quando te sentires com forças para me comunicar o seu conteúdo,

manda-me chamar.
E saiu da tenda. Esta nobre ideia era digna dele.

Ben-Hur deixou-se cair sobre o divã e deu livre curso à sua dor. Quando se

acalmou um pouco, recordando que não era ainda conhecedor de todo o texto da carta, prosseguiu a leitura: "Tu recordar-te-ás do que fizeste da mãe e da irmã do malfeitor, e se agora cedo à curiosidade de saber se estão vivas ou motas...

Ben-Hur estremeceu, releu as últimas palavras e deixou escapar uma exclamação de alegria.

- Não estão mortas - disse depois de reflectir um pouco, - não estão mortas, de contrário, sabê-lo-ia.

Uma segunda leitura, mais atenta que a primeira, confirmou-lhe esta opinião. Então mandou chamar o xeque.

- Quando vim, pela primeira vez à tua hospitaleira tenda, oh xeque - disse calmamente assim que o árabe se acomodou no divã e ficaram sós, - eu não tinha intenção de te falar na minha vida, além do que era necessário para te demonstrar a minha destreza e experiência em conduzir os cavalos. Não quis contar-te a minha história. Mas a casualidade que fez chegar esta carta às minhas mãos, é tão rara, que sinto necessidade de te revelar tudo. Ler-te-ei a carta e dar-te-ei a explicação, depois da qual compreenderás facilmente que esteja comovido. Se crês que é debilidade ou sentimentalismo, saberás reformar o teu juízo e desculpar-me.

O xeque escutou em silêncio absoluto, até que Ben-Hur chegou ao parágrafo em que se mencionava especialmente a sua pessoa: "E se queres saber onde se encontra neste instante, apostaria que era no Horto das Palmeiras, sob o tecto daquele velho traidor, o xeque Ilderim..."

- Traidor! Eu? - gritou o velho com voz estridente, ao mesmo tempo que os lábios e a barba lhe tremiam de ira e as veias da testa e do pescoço se lhe inchavam, como que prestes a rebentar.

- Um momento, xeque - exclamou Ben-Hur. Esta é a opinião de Messala; escuta agora a sua ameaça:

"Debaixo da tenda daquele velho traidor, o xeque Ilderim, que não tardará em cair nas nossas mãos. Não te surpreendas, se Maxêncio, como medida preliminar, embarcar o árabe na primeira galé que regresse e o mandar para

Roma."

- A Roma! A mim, a Ilderim, chefe de dez mil cavaleiros com lanças, a mim, para Roma!

Pôs-se de pé, com as mãos estendidas, de dedos convulsivamente abertos e os olhos brilhantes como os de uma serpente.

- Oh, Deus! Não; por todos os deuses exceptuando os de Roma, quando se porá fim a tanta insolência? Sou um homem livre; o meu povo é um povo livre. Temos de morrer escravos, ou pior, há-de ser a minha vida a do cão que se arrasta aos pés do dono? Aquilo que é meu já não me pertence? Pelo ar que respiro, hei-de depender de Roma? Oh! Se pudesse voltar à minha juventude! Oh, se pudesse tirar de cima de mim vinte anos, ou dez, ou cinco!

Apertou OS dentes e agitou os braços acima da cabeça; depois avançou dois passos para Ben-Hur, e apertou-lhe o braço com veemência.

- Se eu fosse como tu, filho de Arrius, jovem e forte, hábil no manejo das armas; se tivesse uma desgraça como a tua que me impelisse à vingança, uma injúria tal que sacrificasse o ódio, fora as máscaras, filho de Hur! Filho de Hur, eu digo!...

A este nome, o sangue de Ben-Hur quase lhe paralisou nas veias. Assombrado, confuso, fixou os olhos nos do árabe, que o olhavam animados de uma chama selvagem.

- Filho de Hur, digo eu: se eu fosse como tu, com as tuas afrontas, as tuas recordações, não teria, não poderia ter tranquilidade. Juntaria aos meus sofrimentos aos do mundo e consagrar-me-ia à vingança. Por mar e por terra, em todos os países, predicaria a rebelião contra o romano. Cada guerra de independência me encontraria entre os seus combatentes e em cada batalha contra Roma, haveria de fulgurar a minha espada. E se os homens não me secundassem, não interromperia os meus esforços. Habitaria entre os lobos, entre os tigres, entre os leões, com esperança de atiçá-los contra o inimigo comum. Todas as armas seriam lícitas, toda a morte justificada, sempre que as vítimas fossem romanas.

Deteve-se com falta de alento e permaneceu mudo, arquejante, pálido, com os punhos cerrados. De todo o seu discurso temperado pela ira, Ben-Hur reteve

apenas uma vaga impressão de uns olhos fulgurantes, de uma voz estridente, de uma cólera demasiado intensa, para ser expressada coerentemente. Pela primeira vez, depois de oito anos, o desditoso jovem tinha sido chamado pelo seu verdadeiro nome. Um homem, pelo menos, reconhecia-o e admitia-o sem lhe pedir para provar a sua identidade e esse homem era um árabe do Deserto! A alegria e a esperança brotaram-lhe do peito, e com calma forçada, perguntou:

- Diz-me, bom xeque, como te chegou essa carta às mãos?

- A minha gente ronda os caminhos que conduzem à cidade - respondeu Ildebrim bruscamente. - Arrebataram-na a um correio.

- Sabem que essa gente é da tua tribo?

- Não. Aos olhos do mundo passam por ladrões a quem tenho o dever de prender e castigar.

- Outra pergunta, xeque? Chamaste-me filho de Hur. Como soubeste o meu nome?

Ilderim titubeou. Depois respondeu:

- Conheço-te; mas nada mais posso dizer-te. Fez menção de se retirar; mas observando a ansiedade de Ben-Hur retrocedeu e disse:

- Não falemos disso agora. Vou à cidade; quando regressar dir-to-ei. Dá-me a carta.

Ilderim recolheu cuidadosamente os papéis e meteu-os na bolsa.

- Que me dizes? - perguntou com energia. - Do que te propus? Expus-te o que faria no teu lugar e nada me respondeste.

O rosto de Ben-Hur contraiu-se como sob o esforço de uma vontade imperiosa.

- Farei tudo quanto disseste; pelo menos, tudo o que for humanamente possível. Consagrei a minha vida à vingança e este foi o meu Único pensamento durante cinco anos. A minha educação teve por Única meta a vingança. Privei com gladiadores e com vencedores do circo e com centuriões nos acampamentos romanos e todos se mostraram orgulhosos de me terem por discípulo. Oh, xeque, eu sou um soldado; mas para realizar os meus sonhos, necessitava ser um general, e com este intento juntei-me à expedição contra os Partos; quando esta terminar, se o Senhor me der força e vida, então serei um inimigo aperfeiçoado na escola de Roma e Roma deverá pagar-me todas as desgraças com o sangue dos seus filhos. Esta é a minha resposta, oh xeque.

Ilderim deitou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o, dizendo em voz baixa, quase cortada pela emoção:

- Se o teu Deus não te protege, filho de Ben-Hur, será um sinal de que morreu. Ouve o que te vou prometer: Eu mesmo e tudo quanto possuo, homens, cavalos, camelos e até o Deserto, estão à tua disposição para a luta. E basta por agora. Ver-me-ás ou saberás de mim, antes da noite.

E voltando-se bruscamente, saiu da tenda para tomar, pouco tempo depois, o caminho da cidade.

A carta interceptada era por várias razões importantíssima para

Ben-Hur. Era testemunho de que o seu autor tinha sido címplice nas desgraças da sua família, de que tinha sancionado o plano proposto por Valérius Gratus a este respeito e de que tinha recebido parte dos bens confiscados de que ainda desfrutava naquele momento, de que temia o inesperado aparecimento daquele a quem chamava o principal malfeitor e no qual via uma ameaça para a sua própria segurança e para a de Gratus. E, por fim, que estava disposto a secundar qualquer outro plano que o fecundo cérebro do procurador da Judeia soubesse arquitectar para tirar do caminho o comum inimigo.

Para não pensar no que acontecia, ordenou que lhe mostrassem o carro e a conhecê-lo e estudá-lo passou grande parte do seu tempo. Viu, com satisfação, que era do tipo grego, preferível ao romano. A sua largura era maior no espaço

que ia de roda a roda, o eixo era mais baixo e mais pesado; mas a desvantagem do maior peso seria compensada pela resistência dos seus cavalos. Em troca era mais forte e mais segurro.

Engatou os cavalos e guiou-os para o campo dos exercícios, onde os teve, por espaço de várias horas, sob o seu jugo, obrigando-os a todo o género de evoluções. Anoitecia quando regressou ao aduar; a sua alma estava mais tranquila e tinha decidido adiar todas as medidas contra Messala, até ao dia das corridas. O prazer de se medir com o seu inimigo, na presença de todo o oriente, era uma fruição de que não podia privar-se. A sua confiança na própria habilidade e no resultado final era absoluta. Já era noite e Ben-Hur estava sentado à porta da tenda, esperando ilderim que ainda não tinha regressado da cidade. Não sentia impaciência, nem dúvida, nem medo. O xeque tinha-o avisado. Pelo contrário, fosse por que estava satisfeito com o cavalo, ou o suave descanso que sucede a um dia fatigante, ou a reacção que por uma benévola lei da Natureza segue sempre à depressão e à tristeza, o jovem estava de bom humor e quase alegre. Por fim, ouviu-se o galopar de um cavalo e Malluch apeou-se diante da tenda.

- Filho de Arrius - exclamou depois de ter trocado os usuais cumprimentos, - o xeque Ilderim suplica-te que tomes um cavalo e me sigas até à cidade.

Ben-Hur, sem fazer qualquer pergunta, entrou no recinto dos cavalos, escolheu um e pouco tempo depois os dois cavaleiros corriam silenciosamente pelo caminho que os separava de Antioquia. Antes de chegar à ponte de Seucia, atravessaram o rio numa barca e entraram na cidade pelo lado ocidental. O caminho era mais longo; mas Ben-Hur não fez a menor observação, pois pensou que seria uma precaução necessária.

Cruzaram o cais de Simónides, e frente à porta do grande armazém, Malluch deteve o seu cavalo.

- Chegámos - disse. - Apeia-te.
Ben-Hur reconheceu aquele local.
- Onde está o xeque?
- Vem comigo.

Um criado tomou conta dos cavalos, e antes que Ben-Hur se desse claramente conta, encontrou-se diante da porta do pavilhão do terraço e ouviu uma voz que

disse:

- Entrai, em nome do Senhor.

Malluch deteve-se à porta e Ben-Hur penetrou no aposento. Nada tinha mudado ali, aparentemente, excepto que junto ao cadeirão do ancião se tinha colocado um grande candelabro de bronze com muitos braços, dos quais pendiam numerosas lâmpadas de prata todas acesas.

Ben-Hur deu dois passos e deteve-se. Havia ali três pessoas que o contemplavam: Simónides, Ilderim e Ester. Olhou os três como procurando resposta a uma pergunta meio formulada no seu cérebro: "Que quererão de mim?"

Os seus olhos detiveram-se em Ester. Os dois homens olhavam-no com expressão bondosa; mas o que leu no rosto da jovem foi algo de mais espiritual que penetrou profundamente na sua alma. Teve por um instante a visão do rosto da egípcia; mas dissipou-se imediatamente.

- Filho de Hur.
Ben-Hur voltou-se bruscamente.

- Filho de Hur - repetiu o mercador pronunciando com ênfase solene as palavras como para imprimir bem na mente todo o seu significado. - Que a paz do Senhor, Deus dos nossos pais, esteja contigo. Aceita-a de mim e dos meus filhos.

Depois de cruzar os braços sobre o peito, o ancião inclinou-se. A sua atitude, relacionada com a sua saudação, não podia ser compreendida e não o foi.

- Simónides - disse Ben-Hur comovido; - aceito a paz que me ofereces. Como um filho a seu pai, retribuo-te. Sentiria que existisse entre nós algum mal entendido. Assim, com delicadeza, procurou iludir a submissão do mercador e quis substituir a relação entre o senhor e o servo, por um vínculo mais elevado.

Simónides deixou cair os braços e voltando-se para Ester, disse:
- Uma chávena para o senhor, minha filha.

Esta apressou-se a trazê-la e permaneceu de pé, com as faces cobertas pelo

rubor, olhando um e outro, de Ben-Hur a Simónides, de Simónides a Ben-Hur. Depois de uma pausa breve, Ben-Hur tomou-lhe a cadeira das mãos, e aproximando-a do cadeirão do mercador, disse:

- Sentar-me-ei aqui.

Os seus olhos encontraram-se com os da jovem, pelo espaço de um segundo. Este breve instante, bastou para que a jovem compreendesse que Ben-Hur não ignorava quanta era a sua gratidão, e Ben-Hur que ela fazia justiça à sua demência e à sua generosidade.

Simónides inclinou-se e exclamou, soltando um suspiro de alívio:
- Ester, minha filha, traz-me os documentos.

A jovem dirigiu-se a um armário dissimulado na parede, abriu-o e tirou dele um rolo de papiros que entregou ao pai.

- Tiveste razão em dizer, filho de Hur - começou Simónides desdobrando as folhas, - que evitássemos um mal-entendido. Prevendo essa pergunta preparei algumas notas que aclaram esta situação. São dois os pontos que carecem de explicação: a propriedade, primeiro, e depois as nossas relações. A exposição é clara a respeito de ambas. Queres lê-la?

Ben-Hur estendeu a mão para pegar nos documentos, mas não sem dirigir um olhar a Ildebrim.

- Não - disse Simónides; - a presença do xeque não é óbice para a leitura; as contas que encontrarás tem necessidade de uma testemunha. Ao pé delas verás o nome de Ilderim. Ele está ao corrente de tudo e é teu amigo. Tudo quanto foi para mim, é também para ti.

Simónides olhou O árábe com um sorriso ao qual este correspondeu com uma inclinação de cabeça, exclamando:

- Tu o disseste.
Ben-Hur disse:
- Eu já recebi outras provas da sua amizade e cabe-me moStrar-me digno dela. E acrescentou em Seguida:

- Mais tarde, oh Simónides, lerei com atenção estes documentos; por agora, volta

a guardá-los, e se não te é aborrecido expõe-me, com brevidade, O seu conteúdo. Simónides tomou O rolo.

- Este - exclamou, desdobrando O primeiro documento - contém a relação das somas que teu pai me entregou. Era somente dinheiro. E mesmo deste se teriam apoderado OS ladrões se não fosse, conforme os costumes hebreus, encontrar-se sob a forma de letras de câmbio Sobre os mercados de Roja, Alexandria, Damasco, Cartago, Valência e Outras cidades de menor importância. A Soma Salva deste modo ascendia a cento e vinte talentos hebraicos.

Entregou o documento a Ester e desdobrou o segundo.

- Agora, ouve os meus créditos. Verás como, com estas palavras, Só quero Significar os lucros obtidos com aquelas somas.

De várias folhas foi lendo as seguintes cifras: *

Navios
Mercadorias em armazém - 60 talentos 110
Cargas em trânsito . ..
Camelos, cavalos, etc - 35
Armazéns - 20 Letras de câmbio
Dinheiro ao contado - 64
Total - 553 talentos

- Acrescenta a estes 553 talentos ganhos, o capital Original de teu pai e terás 673

* Tabela desconfigurada. Mantida como estava.

talentos, teus, que fazem de ti, oh filho de Hur, o súbdito mais rico da terra. E tomando os papiros das mãos de Ester, entregou-os, excepto um a Ben-Hur.

- E agora - acrescentou baixando a voz, mas não o olhar, - nada há que não Possas fazer.

O momento era Solene. Simónides voltou a cruzar os braços Sobre o peito. Ester estava ansiosa. Ildebrim acariciava a barba nervosamente. Uma fortuna que

chegue de improviso, é a prova de fogo do carácter humano.

Pegando no rolo, Ben-Hur levantou-Se lutando com a Sua própria emoção.

- Tudo isto é como uma luz celeste enviada para dissipar as trevas de uma noite que eu julgava que haveria de ser eterna. Dou graças ao Senhor que não me abandonou e depois a ti, Simónides; a tua fidelidade é para mim a compensação da crueldade dos outros e reivindica a natureza humana. "Não há que não possa fazer." Pois seja: Tu és minha testemunha, xeque Ildebrim. Escuta bem as minhas palavras e recorda-as, e tu também, Ester, anjo bom desse homem, escuta-me. - Estendeu a mão com o rolo a Simónides.

- Tudo o que estes documentos enumeram, naves, casas, mercadorias, camelos, cavalos, dinheiro, tudo te restituo, oh, Simónides, confirmando-o a ti e aos teus, para sempre.

Ester chorava ao mesmo tempo que sorria; Ilderim segurou a barba com ambas as mãos enquanto os olhos lhe brilhavam como carvões; Simónides somente permanecia tranquilo.

- Confirmando-o a ti e aos teus para sempre - prosseguiu Ben-Hur, - com uma excepção e com um pacto.

Os seus ouvintes suspenderam as respirações para melhor lhe escutarem as palavras.

- Tu deverás restituir-me os 120 talentos que pertenciam a meu pai. O semblante de ildebrim serenou.

- E deverás ajudar-me, com todas as tuas forças e com todos os teus bens a procurar a minha mãe e a minha irmã.

Simónides estava comovido. Pegando-lhe na mão, disse-lhe:

- Reconheço o espírito que te anima, oh filho de Hur, e agradeço ao Senhor que me tenha enviado um homem como tu. Como servi teu pai, continuarei a servir-te; mas não posso aceitar as tuas generosas propostas.

Desdobrando a última folha, prosseguiu:
- Ainda não viste tudo. Toma isto e lê, lê em voz alta.
Ben-Hur tomou o documento e leu:
"Enumeração dos escravos de Hur, feita por Simónides, seu administrador: 1. Amrah, egípcia, guarda do palácio de Jerusalém.
2. Simónides, administrador em Antioquia.
3. Ester, filha de Simónides."

Em quantas reflexões tinha feito acerca de Simónides, Ben-Hur nunca tinha pensado que, segundo a lei, os filhos têm de seguir a condição dos pais. Em todas as suas visões, Ester figurava como rival da egípcia, objecto do seu afecto e quiçá do seu amor. A revelação que acabava de lhe ser feita repugnou-o e ao ver que a donzela se ruborizava e baixava os olhos, exclamou:

- Um homem com seiscentos talentos é verdadeiramente rico; mas mais preciosos que o dinheiro são a inteligência que soube acumulá-la e o coração que não se deixou corromper. Oh, Símónides, e tu Ester, não temais! O xeque Ilderim testemunhará que, desde este momento, os declaro livres e que lhes confirmarei a liberdade por uma escritura.

Basta-lhes isto?

- Filho de Hur - replicou Simónides, - tu tornas doce a minha escravidão. Mas não podes, nem com todas as tuas riquezas, devolver-nos a liberdade. Eu sou teu escravo, porque foi espontaneamente que deixei penhurar a orelha com a sovela, pela mão de teu pai.

- O meu pai fez isso?

- Não o vituperes - apressou-se a dizer Simónides. - Aceitou-me por escravo dessa categoria, porque lhe supliquei que o fizesse. Jamais me arrependi disso. Foi este o preço que paguei por Raquel, a mãe de minha filha, porque Raquel não queria ser minha mulher, se eu não consentisse em escravizar-me como ela.

- Raquel era escrava perpétua?
- Sim.
Ben-Hur percorria o aposento contristado por não poder realizar o seu desejo.

- Eu era rico - disse detendo-se de repente, - rico pelas doações do meu duunviro; agora, toca-me esta fortuna colossal e aquele que a soube acumular.

Não se percebe o dedo de Deus em tudo isto? Aconselha-me, oh, Simónides. Ajuda-me a descobrir a verdade. Faz com que me torne digno do teu nome e se és meu escravo, segundo a lei, eu Sê-lo-ei teu, de facto. Fala.

O rosto de Simónides estava radiante.

- Oh, filho do meu defunto senhor! Farei mais que ajudar-te; porei ao teu serviço a minha inteligência e o meu coração. Juro pelo Altar do nosso Deus! Digna-te apenas confirmar-me no cargo que até agora exerci.

- Que cargo?
- Administrador dos teus bens.
- Já o és, desde este instante; queres que to confirme por escrito?

- Basta-me a tua palavra, como bastou a de teu pai. E tu, filha de Raquel, fala acrescentou Simónides, apertando a mão que Ester lhe colocara sobre o ombro. Depois de um instante de confusão, a jovem dirigiu-se a Ben-Hur e com graça e dignidade surpreendentes, disse-lhe:

- Eu não sou diferente de minha mãe, e como ela já está morta, deixa, oh senhor, que continue a cuidar de meu pai.
Ben-Hur tomando-lhe a mão acompanhou-a até à poltrona.

- Sê uma boa filha - disse. - Que se faça a tua vontade.

A jovem cingiu de novo o pescoço de seu pai e durante um instante reinou o silêncio naquela sala.

Simónides levantou a cabeça.

- Ester - exclamou docemente, - a noite avança: traz-nos de beber a fim de que aquilo que nos falta ainda dizer, não nos cause cansaço.

A jovem tocou a campainha. Um criado entrou com pão e vinho.

- Existe ainda um ponto obscuro que temos de aclarar, meu bom senhor - disse Simónides. - Quando, no outro dia, saíste de minha casa, julgaste que eu te tinha

negado todos os direitos que agora, com toda a amplitude, te reconheço. Mas não foi assim. Ester pode testemunhar que te reconheci, e que não te perdi de vista, pode dizer-to Malluch.

- Malluch! - exclamou Ben-Hur.

- Quem está, como eu, amarrado a uma cadeira, tem que se servir de muitas mãos se quer mover o mundo. Eu tenho muitas dessas mãos, e Malluch é uma das melhores. E por vezes dirijo-me a outros corações generosos, como Ilderim, animoso e bom. Ele te dirá se eu te repudiei ou esqueci.

Ben-Hur olhou o árabe, que confirmou com um movimento de cabeça.

- Como se pode reconhecer, sem uma prova, oh meu senhor - prosseguiu Simónides, - o que um homem é? Eu reconheci-te pela tua semelhança com o teu pai; mas não conhecia nem a tua índole nem os teus costumes. Há pessoas para quem as riquezas são uma maldição. Eras tu uma dessas pessoas? Enviei Malluch para o comprovar, e vi pelos seus olhos e ouvi pelos seus ouvidos. Não o injuries: só me falou bem de ti.

Depois de uma breve pausa, acrescentou:

- Como o tecelão sentado ao tear vê correr velozes as lançadeiras e crescer a tela, debaixo do seu olhar e cobrir-se de figuras e arabescos, ao mesmo tempo que ele acaricia fÚlgidos sonhos, assim nas minhas mãos se acumulava o dinheiro e eu me admirava dessa prosperidade, e por várias vezes me perguntava a que seria ela devida. Eu via que uma mão que não a minha, encaminhava todos os meus negócios. "O Simum" que sepultava as caravanas dos outros no deserto, respeitava as minhas; as tempestades que enchiam os mares de náufragos e arrojavam os destroços para as praias, aceleravam o curso dos meus navios. Disse a mim mesmo que aquilo era um desígnio de Deus e, como tu, perguntei-me: "qual será o Seu objectivo?" E durante todos estes anos repeti a mesma pergunta aguardando uma resposta que sabia que Deus algum dia me havia de dar. Chegou agora o momento.

Ben-Hur escutava com atenção crescente.

- Há já muitos anos, estava eu sentado com tua mãe, oh Ester, no caminho que leva a Jerusalém, pelo oriente, junto aos túmulos dos reis, quando três homens, montados sobre grandes camelos brancos e nunca vistos na cidade santa,

passaram por mim. Eram estrangeiros e vinham de regiões distantes. O primeiro deteve-se e perguntou-me: "Onde está Aquele que nasceu Rei dos judeus?" E como para acalmar a minha curiosidade prosseguiu: "Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos para O adorar". Eu não sabia que responder-lhes; mas acompanhei-os até às portas de Jerusalém, onde repetiram a mesma pergunta aos guardas. Viste Baltasar?

- Sim, e ouvi a sua história - disse Ben-Hur.

- Um milagre! Um verdadeiro milagre - exclamou Simónides. - Quando ele ma contou, pareceu-me escutar a resposta há tantos anos esperada. A ideia de Deus apareceu claramente diante dos meus olhos. O Rei que virá será pobre, pobre e sem amigos, sem séquito, sem exército, sem frotas, sem cidades nem praças fortes. Terá que formar o seu reino, e Roma será destruida e corrida da face da terra. Olha, oh senhor, olha! Tu, cheio de força; tu, hábil no manejo das armas; tu, rico, olha a oportunidade que te oferece o Senhor! Não aproveitarás a ocasião e nao farás teu este dever?

Simónides tinha pronunciado este chamamento com toda a sua alma.

- Mas o Reino, mas o Reino! - respondeu Ben-Hur. - Baltasar disse que só será o Reino das almas.

O orgulho judeu estava ainda arreigado em Simónides, que com um ligeiro tom de desprezo, replicou:

- Baltasar foi testemunha de coisas maravilhosas, oh, senhor, de milagres, e quando ele os refere, a minha fé inclina-se ante ele; mas não é crível que possua conhecimentos capazes de nos obrigar a acreditar cegamente em tudo o que se refere aos intentos de Deus para com Israel. Os profetas, como ele, recebiam a luz directamente do céu; eles são muitos e ele é sozinho. Eu devo acreditar nos profetas. Ester, traz-me o Tora.

Ester trouxe um montão de rolos encerrados em estojos adornados de arabescos e com estranhas letras de ouro. Simónides agarrou-os e ordenou-os em cima de uma mesa. Desdobrando ora um ora outro dos velhos papiros, consolidou a sua argumentação com copiosas citações.

Ben-Hur inclinou a cabeça comovido e exclamou:
- Creio! Creio!

- Então - disse Simónides, - se o Rei tem de ser pobre, não o ajudará o meu senhor com as riquezas que possui em abundância?

- Ajudá-lo? Até ao meu último siclo e até ao meu último alento. Mas, porque crês que virá pobre?

- Escuta a palavra do Senhor, tal como a entendeu Zacarias.
E leu:

"Alegra-te, oh filha de Sião. Olha o teu rei que vem com a justiça e com a salvação, humildemente montado num burro."

Ben-Hur moveu a cabeça e espraiou a vista na distância.
- Que vês ali, oh senhor?

- Roma! - disse tristemente. - Roma e as suas legiões! Vivi com elas nos seus acampamentos e conheço-as.
- Ah! - exclamou Simónides. - Tu conduzirás as legiões do Rei, estarás à frente de milhões de homens.

- Milhões de homens!
- Não estejas preocupado com a questão do número.
Ben-Hur olhou-o.

- Oh, meu senhor! - prosseguiu Simónides. – Tu não conheces a força de Israel. Parece-te um velho caduco que chora lágrimas amargas junto às ribeiras da Babilónia. Mas vai a Jerusalém, na próxima Páscoa, e coloca-te em xistos ou na rua do Comércio, e conta a gente que passa. A promessa que o Senhor fez a nosso pai Jacob cumpriu-se com aumento; multiplicámo-nos infinitamente apesar da escravidão do Egipto, do cativeiro da Babilónia, da dominação romana. às centenas e aos milhares estão espalhados os crentes, pela Pérsia, Egipto, África, nos mercados do Ocidente, em Espanha, na Grécia e nas suas ilhas, no Ponto e em Antioquia, e ainda na maldita cidade das sete colinas. É um cortejo de nações, uma selva de espadas que aguardam a vinda do Rei.

Estas palavras foram ditas com fervor e com inspiração. Em Ilderim produziram

o efeito de um soar de clarim.

- Oh, se voltasse à minha juventude! - exclamou pondo-se em pé.

Ben-Hur não se moveu. Compreendia que este discurso tinha o fim de convidálo a sacrificar toda a sua vida e fortuna ao serviço do Ser misterioso no qual se concentravam as esperanças de Simónides e do egípcio. A ideia tinha-lhe ocorrido repetidas vezes depois das palavras de Malluch e depois da cena com Baltasar; mas tinha chocado contra obstáculos e não se tinha resolvido a uma resolução certa.

Simónides adivinhou os seus pensamentos e interrompeu-os.

- Há que fazer um trabalho de preparação antes da vinda do Rei. A mão de Israel sairá em sua defesa, não há dúvidas; mas, ai!, é uma mão que a paz encolheu e que a guerra tem de desdobrar. Entre os milhões de judeus não há disciplina, não há um só capitão. E a quem caberá a honra senão ao que tiver realizado este trabalho?

O semblante de Ben-Hur estava ruborizado.

- Percebo; mas fala-me claramente. Uma coisa é dizer: isto deve fazer-se, e outra: como deve fazer-se.

Simónides bebeu um golo de vinho que Ester lhe oferecia. Depois continuou:

- O xeque e tu, meu senhor, terão cada um o seu papel. Eu permanecerei aqui no meu negócio, a fim de que não se esgotem os fundos e estarei alerta. Tu irás a Jerusalém e mais para lá dos montes e começarás a reunir Os homens de armas de Israel, dividindo-Os em dezenas e em centenas, escolhendo-lhes chefes e exercitando-os no manejo das armas que eu te enviarei e que esconderás. Irás ao país dos galileus e depois a Jerusalém. Terás atrás de ti o Deserto de Ilderim e os seus cavaleiros. Ele protegerá os caminhos e ser-te-á útil de muitas maneiras. Ninguém deve saber absolutamente nada até que o projecto esteja perfeitamente maduro. Falei já a Ilderim. Que te parece?

Simónides, Ilderim e Ester fixaram os olhos em Ben-Hur.

- Cada homem - respondeu lentamente o jovem judeu, - num ou noutro momento da sua vida, acerca aos seus lábios a taça do prazer; assim eu não Vejo, Simónides, e tu, generoso xeque, a que tendem os vossos propósitos. Se os aceito e empreendo este projecto, adeus paz e belas esperanças de uma vida tranquila! As portas que agora se me franqueiam, cerrar-se-ão atrás de mim, porque Roma possui todas as suas chaves: a sua ameaça seguir-me-á para onde quer que seja. Fugindo dos seus sequazes, os túmulos e as cavernas serão a minha morada e O meu último asilo, o Deserto.

Um soluço interrompeu as suas palavras; todos se voltaram para Ester, que tinha ocultado o rosto no peito de seu pai.

- Jamais o teria esperado em ti, Ester - disse Simónides com doçura.

- Está bem, Simónides - disse Ben-Hur. - A sentença parece menos dura ao condenado quando sabe que alguém se compadece dele. Eu ia dizer-te que aceito a parte que me destinas. E como demorando-me aqui, me exporia a uma morte ignóbil, prefiro meter ombros à obra a partir deste momento.

- Temos de selar por escrito a nossa aliança? - perguntou Simónides recordando os seus hábitos comerciais.

- Basta-me a tua palavra - disse Ben-Hur.
- E a mim também - acrescentou Ilderim.

Assim, simplesmente, se fechou o contrato que havia de operar uma mudança na existência de Ben-Hur.

- Que o Senhor, Deus de Abraão, proteja a nossa empresa! - exclamou Simónides.

- E agora, amigos, uma última palavra - disse Ben-Hur com o rosto mais alegre. Se mo permitis, quero ser senhor de mim mesmo até ao fim dos jogos. Não é provável que algum perigo me ameace por parte de Messala antes de que chegue aqui a resposta do procurador, e isso não pode suceder antes de sete ou oito dias. O nosso encontro no circo é um prazer que compraria por qualquer preço.

Ilderím acedeu imediatamente, e Simónides, mais prático, acrescentou:

- Está bem, senhor; este prazo vai-me servir para te prestar um bom serviço. Falaste-me de uma herança que te tinha deixado Arrius. Consiste em bens?

- Uma quinta em Miseno e várias casas em Roma.

Proponho que sejam vendidas e o dinheiro depositado em lugar seguro. Dá-me a tua autorização e enviarei imediatamente um agente. Assim troçaremos dos ladrões imperiais.

- Amanhã terás os poderes.
- Então, o trabalho, por esta noite, terminou - disse Simónides.
Ilderim cofiou a barba com complacência, dizendo:
- E terminou perfeitamente.

- Ester, oferece-nos pão e vinho - acrescentou Simónides. - O xeque Ilderim honrar-nos-á esta noite e amanhã com a sua presença, e tu, meu senhor?

- Manda selar os cavalos - disse Ben-Hur. - Eu regresso ao Horto. O inimigo não me espiará se partir agora, e além disso (e dirigiu um olhar a Ilderim), os quatro alegrarse-ão de me ver.

Começava a raiar a aurora quando ele e Malluch se apeavam à entrada da tenda.

Na tarde seguinte, mais ou menos na hora quarta, Ben-Hur estava no terraço do grande armazém, ao lado de Ester. A seus pés agitava-se a mesma rumorosa multidão de operários, marinheiros e carregadores que trabalhavam à luz das tochas. Estavam a carregar uma galera que devia partir ao amanhecer. Simónides não tinha ainda regressado do seu escritório, onde devia permanecer até ao último instante para dar ao capitão do navio a ordem de se dirigir directamente ao porto de Óstia, desembarcar lá um passageiro e continuar depois a sua rota até Valência, na costa de Espanha.

O passageiro era um agente de Simónides com ordens para vender os bens deixados pelo duúnviro Arrius.

A ideia de que com esta partida ficava ligado por completo aos projectos de Simónides, fê-lo pensar. Mas abandonou os seus pensamentos para falar com

Ester.

- Estiveste já alguma vez em Roma? - perguntou-lhe.
- Não - respondeu Ester.
- Gostarias de visitá-la?
- Não o creio.
- Porquê?
- Tenho medo dela.

Ben-Hur observou a diminuta figura de mulher que tinha a seu lado. A imagem de Tirza apresentou-se-lhe na mente e apoderou-se dele uma grande ternura.

- Não posso imaginar Roma - exclamou a jovem com voz tranquila - como uma cidade cheia de templos e de palácios, inundada de habitantes; para mim é um monstro que estende as suas garras por todos os países, que fascina os homens com o mágico brilho dos seus olhos verdes e sinistros para os levar à ruína; um monstro nunca saciado de sangue. Porque...?

A jovem titubeou e deteve-se.
- Continua - disse Ben-Hur.
Ela aproximou-se mais dele.

- Porque queres procurar a inimizade de Roma? Porque não viver em paz com ela e viver tranquilo? Tiveste muitos desgostos; sofreste durante toda a tua juventude. Porque não dedicar ao prazer os anos que te restam?

Ben-Hur inclinou-se para ela e perguntou-lhe ternamente:
- Que querias que fizesse, Ester?
Depois de vacilar um momento, a jovem perguntou:
- É bonita a quinta que tens perto de Roma?

- Maravilhosa: um palácio rodeado de jardins e bosques, com fontes, estátuas, colinas cobertas de vinhas, junto ao mar azul povoado de brancas velas inquietas. César possui ali perto uma outra quinta; mas dizem que a de Arrius é mais formosa. A jovem olhou o horizonte.

- Porque mo perguntas?
- Ah, meu senhor!...

- Não, Ester. Chama-me amigo, irmão se quiseres; eu não sou o teu senhor nem

quero sê-lo. Chama-me irmão.

Ben-Hur não pôde ver o rubor que tingiu as faces da jovem, nem o relâmpago de alegria que brilhou nos seus olhos.

- Não posso compreender - prosseguiu ela - como tu preferes a uma vida como esta, uma vida...

- Uma vida de violência, quem sabe se de sangue
- disse ele completando a frase.
- Sim; como preferes essa vida.

- Ester, enganas-te. Não se trata de preferências. Ai de mim! O romano não me permite escolher. Eu parto porque é necessário. Se permaneço aqui, só me espera a morte no punhal de um assassino, numa bebida envenenada, na sentença de um magistrado corrupto e comprado. Messala e o procurador Valérius Gratus são ricos mercê do espólio dos meus bens paternos e o temor de perder todos os seus lucros impeli-los-á a algum excesso. E, para mais, não tenho o dever sagrado de procurar os meus entes queridos? Se não os encontro, não é meu dever vingar-me daqueles que os submergiram no sofrimento? E se morreram devo deixar que escapem os seus assassinos?

- Então, é tudo vão? - perguntou a jovem com voz lastimosa.
Ben-Hur apertou-lhe a mão.
- Tanto te interessa a minha felicidade?
- Sim - replicou ela com simplicidade.

A sua pequena mão era tépida e pequena e estremecia entre as de Ben-Hur. Então a imagem da egípcia brilhou-lhe diante dos olhos, veemente, atrevida, com a sua sagaz adulação, com o seu espírito rápido, com a sua maravilhosa formosura. Ben-Hur aproximou dos lábios a mão de Ester e disse-lhe:

- Ester, tu serás a minha segunda Tirza.
- Quem é Tirza?
- A irmã que o bandido romano me roubou e da qual vou à procura.

Uma luz projectou-se sobre o terraço. Voltaram-se e viram Simónides que se aproximava na sua poltrona, empurrada por um servo.

Ao mesmo tempo, a galé zarpou, deu uma volta e deslizou em direcção ao mar, deixando Ben-Hur ligado à causa do Rei que havia de vir.

Na véspera dos jogos, pela tarde, líderim levantou o aduar e mudou-se para a cidade. Os seus escravos, homens armados, cavalos, bois, cabras, camelos, formavam uma longa procissão pitoresca e rumorosa que excitou a hilariedade de quantas pessoas se cruzavam com ela. Por outro lado, o xeque, normalmente irascível, acolhia aquelas demonstrações com o maior moderação e bom humor, pois pensava que se fosse vigiado, os espiões romanos poderiam descrever às autoridades a pompa semibárbara com que se dirigia para as corridas. No dia seguinte, toda aquela multidão de homens e de animais se encontraria a caminho do Deserto, deixando só o necessário para o bom êxito das corridas. Apenas doze horas bastavam para pôr tudo a salvo; assim o velho árabe estava preparado para qualquer eventual golpe por parte de Messala.

Nem ele nem Ben-Hur ignoravam a influência do seu inimigo, embora tivessem a opinião de que não levariam a cabo qualquer acto de hostilidade antes do dia das corridas. Se Messala fosse vencido, então haveria que esperar o pior. Provavelmente, aquele nem esperaria as instruções de Gratus. Dispostos a tudo, cavalgavam, lado a lado, pelo caminho de Antioquia. Nele encontraram Malluch que, nem com um gesto, nem com uma palavra, deu a entender que conhecia as novas relações entre Simónides e BenHur e o acordo firmado por ambos com Ilderim. Trocadas as saudações entregou uma carta ao xeque, dizendo:

- Eis o programa das corridas; encontrarás os teus cavalos e a ordem de partida. Congratulo-me antecipadamente pela tua vitória.

E voltando-se para Ben-Hur, acrescentou:

- E a ti também, filho de Arrius, os meus parabens. Conseguiram-se todas as condições necessárias.

- Obrigado, Malluch.

- A tua cor é o branco e a de Messala púrpura e ouro. As crianças vendem-nas pela rua, e, amanhã, todos os hebreus e os árabes levarão a tua divisa. Verás

como no circo as cores branca e vermelha dividirão a galeria.

- A galeria, mas não a tribuna.

- Não; ali, o escarlate predominará; mas se nós vencermos... como tremerão aqueles senhores! Apostarão tudo por Messala e no seu desprezo, por tudo o que não é romano, as suas apostas serão de dois, de três, ou de cinco, contra um.

E continuou, baixando a voz:

- Não está bem que um hebreu de boa fama no templo, tome parte nas apostas; mas eu terei um amigo perto do lugar do cônsul que aceitará as suas apostas. Pus à sua disposição seis mil siclos.

- Não, Malluch - disse Ben-Hur. - Um romano não aposta senão na sua moeda. Se encontrares esta noite o teu amigo, abre-lhe um crédito de quantos sestércios queira. A quadrilha de Ilderim contra a de Messala.

- Todo o interesse da corrida estará concentrado nos dois.
- É isso o que desejo, Malluch.
- Estou a ver, estou a ver.

- Sim, Malluch, se queres ajudar-me, trabalha para que as atenções do público se fixem na nossa corrida: de Messala e minha.

- Há um meio para isso.
- Pois, põe-no em prática.

- Oferecendo somas enormes em apostas contra ele, chamar-se-á a atenção da cidade. Se forem aceites, tanto melhor.

- Não hei-de recuperar parte dos bens de que me despojaram? - disse Ben-Hur para si. - Talvez não se apresente outra ocasião tão propícia. E se pudesse humilhar o seu orgulho e mergulhá-lo na ruma, poderia levá-lo a mal, Jacob, o nosso pai?

Nas feições varonis pintou-se uma firme decisão, e prosseguiu:

- Sim, Malluch. Não desprezes nenhuma aposta. Se os sestércios não bastarem,

talentos. Cinco, dez, vinte, até cinquenta se for Messala a fazê-la.

- E uma soma exorbitante - disse Malluch. - Preciso garantia.

- Tê-la-ás. Avista-te com Simónides e diz-lhe que quero que se faça isto, que me propus arruinar o meu inimigo e que nunca se me oferecerá outra ocasião semelhante. Malluch, depois de ter saudado, fez menção de se retirar; mas voltou sobre os seus passos.

- Outra coisa desejava dizer-te, filho de Arrius. Não pude examinar pessoalmente o carro de Messala; mas fi-lo medir por outrém. O eixo da roda está a um palmo mais do solo do que o teu.

- Um palmo? Tanto? - gritou Ben-Hur com alegria.
E depois acrescentou quase ao ouvido do seu interlocutor:

- Malluch, se és filho de Judá e fiel à tua gente, toma lugar numa galeria sobre a Porta do Triunfo, de frente para os pilares e observa bem quando dermos as voltas; observa bem, porque se a fortuna me favorecer, eu... Não, Malluch, é melhor não falar disso. Procura somente um lugar e fixa a tua atenção.

Neste momento, foram interrompidos por uma exclamação de Ilderim.

- Ah! Pelo esplendor de Deus, que significa isto? - E aproximou-se de Ben-Hur, mostrando-lhe o programa:

- Lê - disse Ben-Hur.
- Não; lê tu.

Ben-Hur pegou no papel assinado pelo prefeito da província como promotor dos jogos. Avisava o público que, em primeiro lugar se celebraria uma grandiosa cavalgada e que depois dos costumados sacrifícios teriam início os jogos; corridas a pé, saltos, pugilismo, pela ordem já fixada.

Ben-Hur passou rapidamente a vista por esta parte do programa até chegar ao anúncio das corridas. Leu-o atentamente. Dava-se conhecimento ao respeitável público de que Antioquia assistiria a um espectáculo jamais visto. As festas eram

dadas em honra do consul. O prémio consistia em seis mil sestércios e numa coroa de louros. Depois seguiam-se os pormenores. Os competidores eram seis, todos em quadrilhas e deviam partir simultaneamente. Eis a descrição:

1. - Uma quadrilha de Lisipo, de Corinto; dois cinzentos, um baio e outro negro. Inscritos no ano anterior em Alexandria e em Corinto, e ambas as vezes vencedores. Condutor: Lisipo. Cor: amarelo.

2. - Uma quadrilha de Messala, de Roma; dois brancos e dois negros que ganharam o prémio Circense no Circo Máximo, no ano anterior. Condutor: Messala. Cor: vermelho e oiro.

3. - Uma quadrilha de Cleante, de Atenas; três cinzentos e um baio, vencedores dos jogos istmicos do ano anterior. Condutor: Cleante. Cor: verde.

4. - Uma quadrilha de Diceo, de Bizâncio; dois negros, um cinzento e outro branco, vencedores no ano anterior em Bizâncio. Condutor: Diceo. Cor: negro.
5. - Uma quadrilha de Admeto, de Sidónia; todos cinzentos, vencedores três vezes no estádio de Cesária. Condutor: Admeto. Cor: azul.

6. - Uma quadrilha de Ilderim, xeque do deserto; todos baios. Primeira corrida. Condutor: Ben-Hur, da Judeia. Cor: branca. Ben-Hur da Judeia, condutor!

Porquê este nome, em vez do de Arrius? Ben-Hur fixou os olhos em líderim. Esta fora a causa da exclamação do velho. A mesma ideia fulgurou no cérebro de ambos.

Aquela era a mão de Messala!

Mal anoitecia, o Omfalo era invadido por uma multidão clamorosa e festiva que se dividia em duas correntes: uma para o Ninfeu, a Oriente, a outra para o Largo das Colunas de Herodes, a Ocidente. Nenhum marco mais grandioso e mais adaptado para esta alegre e não imaginado espectáculo podia conceber-se que aquelas assombrosas vias, ladeadas de pórticos marmóreos. Archotes e braseiros iluminavam a ondulante massa de público que se entregava aos prazeres de Apolo e de Baco.

Contudo, um pormenor havia naquela noite de Antioquia que não podia passar

despercebido a um observador. Não havia pessoa que não ostentasse as cores de uma das quadrilhas anunciadas para as corridas do dia seguinte. Ora uma cinta, ora um distintivo, ora um lenço, ora uma pluma que dava a entender a preferência e, por vezes, também a nacionalidade dos que a usavam. Assim, o verde indicava os amigos de Cleante, o ateniense e o negro os do bizantino, costume antiquíssimo que datava provavelmente das primeiras corridas nos tempos de Orestes. Um exame superficial, teria demonstrado que as cores predominantes eram três: o verde, o branco, e púrpura e oiro misturados

Mas abandonemos a rua e dirijamo-nos ao palácio situado na ilha.

Os cinco grandes candelabros do salão acabavam de se acender. O divã gemia sob o peso dos que dormiam, as roupas espalhadas ao acaso. Os jovens passeavam por aqui e por ali aos pares ou a três e três, ou paravam a discutir em grupo. Muitos bocejam, os assuntos da conversa são fúteis: "Que tempo fará amanhã? Terminaram os preparativos para os jogos? As leis do Circo de Antioquia, são iguais aos de Roma?" Para dizer a verdade, os jovens patrícios aborrecem-se terrivelmente. Se pudéssemos dar uma olhadela às mesinhas de marfim vê-las-íamos cobertas de notas e apostas sobre todos os números do programa, exceptuando a corrida de quadrilhas.

E porque não se apostava nestas? Porque não podia encontrar-se ninguém que quisesse arriscar um denário contra Messala

Na sala não há outras cores senão as suas.
Ninguém pensa na sua derrota.
Não são conhecidas a sua habilidade e destreza? Os seus cavalos não ganharam o grande prémio do Circo Máximo? Não é ele romano?

Num canto, comodamente estendido sobre o divã, está Messala. à sua volta, de pé ou sentados, os seus admiradores importunam-no com perguntas dirigidas todas ao mesmo assunto.

Cecílio e Druso entram nesse instante.

- Ah! - exclama o jovem príncipe, deixando-se cair sobre o divã, aos pés de Messala. - Ah, por Baco! Estou cansado.

- Aonde foste?

- Fui até Omfalo e um pouco mais longe, até. Há verdadeiros mares de gente. A cidade nunca se viu tão cheia. Dizem que amanhã toda a gente se reunirá no Circo. Messala riu depreciativamente.

- Idiotas! Nunca viram os jogos circenses presididos pelo próprio César? Mas diz, Druso, que viste?

- Nada.
- Nada? Não te recordas? - disse Cecilio.
- De quê? - perguntou Druso.
- Da comitiva dos brancos.

- Assombroso! - exclamou Druso. - Encontrámos um grupo de brancos com um estandarte... Mas, ah, ah, ah!

E estendeu-se de costas a rir.
- Meu cruel Druso, porque não prossegues? - disse Messala.
- Eram a escumalha do deserto e mendigos do templo de Jerusalém.
- Tinham alguma coisa a ver comigo?

- Não - interpôs-se Cecilio. - Druso teme que te rias à sua custa. Mas eu não tenho medo, Messala...

- Fala tu, então!
- Pois bem, detivemos a comitiva e...

- Oferecemos-lhe uma aposta - disse Druso, interrompendo e tirando as palavras da boca do companheiro. - Um homem pequeno e cheio de rugas saiu das filas e aceitou. Eu tirei as minhas tabuinhas. "Quem é o teu campeão?", perguntei. "Ben-Hur, o hebreu", respondeu-me. Eu acrescentei. "Quanto apostais nele?" E respondeu-me: "Um... um", perdoa-me, Messala; mas pelo raio de Jupiter, não posso evitar o riso. Ah, ah, ah!

Os circunstantes voltaram-se para Cecílio; Messala olhou-o também.
- Um siclo - disse este!
- Um siclo! Um siclo!

Uma risota geral seguiu-se àquela resposta.
- E que fez Druso? - perguntou Messala.
Naquele momento ouviu-se rumor junto da porta e os jovens precipitaram-se

para lá. Como o rumor aumentasse, Cecílio levantou-se do divã, voltando-se antes a dizer:

- O nobre Druso guardou as suas tabuinhas e renunciou ao siclo.
- Um branco! Um branco!
- Por aqui! Por aqui!

Estas e outras exclamações ressoaram na sala, sufocando todas as conversas. Os jogadores abandonaram as bolsas. Os que dormiam acordaram, esfregaram os olhos, puxaram das suas tabuinhas e juntaram-se ao grupo.

- Eu aposto!...
- E eu...
- E eu também...

A pessoa a quem se fazia uma tão calorosa recepção era o respeitável hebreu com quem travámos conhecimento juntamente com Ben-Hur a bordo do navio que o levava de Chipre a Antioquia. O seu trajo era tão branco como o turbante que lhe envolvia a cabeça. saudando e sorrindo, acercou-se lentamente da mesa do centro. Ao chegar, agarrou com um gracioso gesto nas pregas da toga, sentou-se e levantou uma das mãos.

- Romanos, ilustres romanos, saúdo-vos! - disse.
- Agrada-me o seu à-vontade, por Júpiter! Quem é? - perguntou Druso.

- Um cão de Israel, de nome Samballat, contratador do exército, domiciliado em Roma, imensamente rico à custa de defraudar os romanos. Cabeça hábil, que sabe tecer teias mais subtis que as das aranhas. Vamos, pelo cinto de Vénus! Vejamos se podemos fazer-lhe saltar o dinheiro.

Messala levantou-se e reuniu-se, juntamente com Druso, ao grupo que rodeava o hebreu.

- Soube na rua - dizia este colocando as tabuinhas abertas em cima da mesa - que reinava o desespero neste palácio porque não se encontrava quem aceitasse apostas contra Messala. Os deuses, como sabeis, devem ter os seus sacrifícios, e

eis-me aqui disposto. Vede a minha cor. Passemos ao negócio. Primeiro dizei-me quais as condições, depois veremos a importância da aposta. Que apostais por Messala?

A sua audácia parecia paralisar o auditório.
- Depressa! - disse. - Já tenho um compromisso com o cônsul.
Este estímulo surtiu efeito.
- Dois contra um! - gritaram meia dúzia de vozes.
- Como? Só dois contra um quando o vosso campeão é um romano?
- Três!
- Três? Só três? E o meu favorito não é mais que um cão hebreu! Apostai quatro.
- Seja - exclamou um jovem que não pôde aguentar a ironia.
- Cinco! Oferecei-me cinco! - disse em seguida o contratador.
Um profundo silêncio reinou na assembleia.
- O cônsul, meu e vosso senhor, espera-me.
O silêncio pareceu a muitos ultrajante.
- Dai-me cinco em honra de Roma, cinco!
- Sejam cinco! - exclamou uma voz.

Uma exclamação alegre acolheu estas palavras. Produziu-se no grupo um movimento que o dividiu para a direita e para a esquerda para dar passagem a Messala que apareceu naquele momento.

- Sejam cinco - disse.
E Samballat, sorrindo, dispôs-se a escrever.

- Se César morresse amanhã, Roma não ficaria abandonada. Já há quem seja digno de ocupar o seu lugar. Dai-me seis.

- Pois sejam seis - respondeu Messala.
Ressoou uma exclamação mais forte que a primeira.

- Sim, sejam seis - repetiu Messala, - seis contra um, a diferença entre um romano e um hebreu. E agora que encontrámos esta diferença, oh protector da carne de porco, passemos à aposta. Pronto, a importância!

O cônsul poderia mandar-te chamar e ficaríamos privados da tua presença.
Semballat não fez caso da risota que estas palavras provocaram e depois de escrever tranquilamente, apresentou as suas tabuinhas a Messala.

- Lê, lê! - gritaram todos.

E Messala leu:

"Memorando - Corrida de quadrilha. Messala, de Roma, aposta com Samballat, também de Roma, dizendo que vencerá o hebreu Ben-Hur. Aposta vinte talentos. Diferença a favor de Samballat: seis contra um,

Testemunhas: Samballat."

Nem uma palavra nem um suspiro perturbaram o profundo silêncio que reinava na sala. Ninguém se moveu. Messala contemplava as tabuinhas ao mesmo tempo que os olhos do contratador se fixavam nele. Se se negava a firmar, a sua superioridade desvanecia-se para sempre. No entanto, não podia firmar, pois não possuía a soma de cem talentos, nem sequer um quinto dela. A sua mente obscureceu-se, a língua parecia perra, as faces empalideceram-lhe. Permaneceu um instante naquele estado; depois assaltou-o uma ideia.

- Cão judeu! - disse. - Onde tens tu vinte talentos? Mostra-os.
- Ei-los - respondeu apresentando um pergaminho.
- Lê, lê! - exclamaram todos a uma voz.

Messala leu:
"Antioquia, Tamuz, dia 16

o portador Samballat, de Roma, tem crédito aberto para a soma de cinquenta talentos, moeda romana.

Simónides."

- Cinquenta talentos! Cinquenta talentos - vociferou a reunião assombrada. Druso quis desvirtuar o efeito produzido pelo judeu.

- Por Hércules! - gritou. - O papel mente e o judeu é um farsante. Quem, além de César, tem cinquenta talentos à sua ordem?

Vinte gargantas gritaram; mas Samballat permaneceu tranquilamente sentado,

com o mesmo sorriso provocador nos lábios. Por fim, Messala falou:

- Silêncio! Um contra um, concidadãos, um contra um, por amor ao nosso querido nome romano.

A sua intervenção oportuna salvou a sua dignidade e reconquistou-lhe a vacilante supremacia.

- Oh cão circuncizado! - continuou dirigindo-se a Samballat. - Tu disseste seis contra um, não é verdade?

- Sim - respondeu tranquilamente o hebreu.
- Então deixa-me escolher a importância da aposta.
- Como queiras, com a condição de que se for uma bagatela eu poder recusá-la.
- Escreve cinco em lugar de vinte.
- Possuis essa importância?
- Pela mãe dos deuses, provar-te-ei judicialmente!

- Não, não. Basta-me a palavra de um romano tão ilustre. Mas elijamos uma tarifa par. Posso escrever seis talentos?

- Escreve.

Trocaram-se as tabuinhas. Samballat levantou-se e com ar de desdém em lugar do sorriso que tinha ao princípio, mediu os circunstantes. Sabia perfeitamente com quem tratava.

- Romanos - acrescentou, - outra nova aposta se vos atreveis. Eu aposto cinco talentos contra cinco, pela vitória do branco. Desafio-vos colectivamente.

- Todos se assombraram de novo.

- Como? Dir-se-á acaso amanhã no circo que um cão de Israel penetrou numa sala cheia de patrícios romanos, e entre estes um parente de César, oferecendo-lhes uma aposta de cinco talentos que não tiveram a coragem de aceitar?

A ofensa era terrível.

- Cala-te, insolente! - disse Druso. - Escreve a oferta e deixa-a em cima da mesa. Amanhã, quando tivermos averiguado se na realidade possuis tanto dinheiro para o jogar, eu prometo-te que será aceite.

Samballat escreveu novamente, e levantando-se disse com uma calma inalterável:

- Ei-la, Druso. Deixo-te a oferta; quando estiver firmada manda-ma antes de se iniciar a corrida; encontrar-me-ás perto do cônsul, na tribuna. Paz para ti, paz para todos vós.

E fazendo uma reverência saiu sem fazer caso do clamor que o acompanhou até à porta.

Naquela noite, a história da aposta prodigiosa correu

de boca em boca por todas as ruas e praças de Antioquia. Ben-Hur ouviu-a contar e soube, além disso, que toda a fortuna de Messala estava empenhada nela. E adormeceu sorrindo.

O circo de Antioquia erguia-se na margem direita do rio e em nada diferia dos outros edifícios deste género.

Os jogos eram uma dádiva para o povo: a entrada era, portanto, livre, e apesar da vasta capacidade do anfiteatro, as pessoas tinham tanto medo de não encontrar lugar que desde as primeiras horas do dia precedente aos jogos tinham ocupado todos os sítios ali próximos.

À meia-noite foram abertas as portas e a plebe ocupou rapidamente os lugares a ela destinados. Só um terramoto ou um assalto de um exército os teria podido arredar dali. Acabou de passar a noite dormindo nos bancos, tomou a refeição neles e esperou pacientemente o começo do espectáculo.

à primeira hora do dia começaram a chegar as pessoas pertencentes à classe mais privilegiada que tinham lugares marcados.

À segunda hora o caminho que ia da cidade ao circo tinha o aspecto de um verdadeiro rio de pessoas.

Uma galera ricamente adornada foi buscar o cônsul à ilha, e quando este grande personagem desceu para o cais e a legião apresentou armas, por um instante a pompa militar fez esquecer aos espectadores o maior atractivo do circo.

Na hora terceira o anfiteatro estava completamente cheio: o arauto tocou a trombeta impondo silêncio, e os olhares de mais de cem mil pessoas fixaram-se num edifício que havia na parte oriental do estádio. Ali elevava-se a célebre Porta Pomposa, um arco poderoso em cima do qual estava a tribuna consular, magnificamente adornada de estandartes e flores, onde, rodeado das insígnias da legião se sentava o cônsul Maxêncio. Dum e doutro lado do arco, ao nível do solo, abriam-se os "cárceres" ou estâncias, cada uma defendida por uma cancela. Sobre ela deslizava uma cornija coroada por balaustrada baixa, atrás da qual se levantavam progressivamente largas escadarias de mármore ocupadas por um esplêndido leque de altos dignatários militares e civis. Este corpo do edifício ocupava toda a largura do circo e estava franqueada de torres, as quais, aumentando a elegância do edifício serviam de ponto de apoio aos "velários" ou grandes toldos de púrpura unidos uns aos outros, que projectavam sombra aprazível sobre a assembleia da tribuna.

À direita e à esquerda da tribuna estavam as duas entradas principais. imediatamente a seus pés, a pista, coberta de uma areia branca e finíssima. Pelo centro da pista corre um muro de dez ou doze pés de largo, de cinco ou seis de altura e precisamente de cento e oitenta metros de comprimento, ou seja, o comprimento de um estádio olímpico. Em ambas as extremidades deste muro levantam-se sobre enormes pedestais de mármore três desproporcionadas colunas cónicas de pedra cinzenta e ricamente esculpidas. Estas são as duas metas em torno das quais correrão os competidores. Os corredores entrarão na pista pela direita da meta mais próxima e terão sempre o muro à esquerda.

O começo e o fim da corrida tem lugar de frente para a tribuna consular, e por essa razão estes são os lugares mais solicitados do circo.

O limite exterior da pista está assinalado por um muro liso, sólido, aproximadamente com quinze pés de altura, coroado por uma balaustrada igual à que vimos sobre os "cárceres". Se dermos a curva a este muro encontrá-lo-emos

interrompido em três pontos, nos quais se abrem outras tantas portas, duas a Norte e uma a Oeste, esta última adornada de magníficas esculturas e de baixos-relevos é chamada a Porta do Triunfo, porque, terminados os jogos, os vencedores transpõem o arco com uma coroa de louros na cabeça e seguidos por um cortejo triunfal.

Imediatamente depois da balaustrada lateral, ascendem em largas filas paralelas e sobrepostas umas às outras, as galerias para os espectadores. Estes lugares populares não estavam cobertos com toldos, privilégio exclusivo da tribuna.

Veio da Porta Pomposa um som de vozes e instrumentos, e subitamente o coro da procissão com que se abre o espectáculo. Primeiro o prefeito e as autoridades civis, patronos da festa, com amplas vestes e com as cabeças engrinaldadas; depois as insígnias dos deuses, umas sobre plataformas levadas em ombros pelos escravos, outras em grandes carros magnificamente enfeitados e logo a seguir os competidores dos diversos jogos, cada um com o seu trajo característico.

Atravessando lentamente a pista, a procissão começa a dar a volta ao circuito. Como onda que vai aumentando, precede-a um murmúrio de exclamações que expressam curiosidade e admiração. Se as figuras de cartão representando os deuses estão impassíveis e silenciosas, o director dos jogos e as autoridades não se mostram insensíveis ao ruído do aplauso popular.

Sorriem e distribuem saudações à esquerda e à direita. Os atletas são recebidos ainda com maiores exclamações, porque não há um só entre os cento e setenta mil espectadores que não tenha apostado um siclo ou um denário por um daqueles campeões. Os nomes dos favoritos correm de boca em boca, e desde a tribuna e desde a escadaria chovem sobre eles grinaldas de flores soltas. Mas se os atletas são recebidos com tais mostras de admiração, que dizer da ovação tributada ao aparecimento das quadrilhas? Ao esplendor dos carros, à graça e beleza dos cavalos, juntam os condutores a fascinação pessoal do seu aspecto. As suas túnicas sem mangas são das cores prescritas. Um cavaleiro vai acompanhando cada carro, com excepção do de Ben-Hur, que recusou essa honra, talvez por desconfiança. Todos têm as cabeças cobertas por elmos; ele tem-na descoberta. Ao aproximar-se, os espectadores põem-se de pé em cima dos bancos e o rumor é altíssimo, ensurdecedor, ao mesmo tempo que a chuva de flores desde a balaustrada se converte num dilúvio e cobre homens, cavalos e veículos.

À medida que os carros avançam pela pista, a excitação aumenta; ao chegar à segunda meta, em especial nas escadarias em que o branco é a cor dominante, os gritos do público são estrondosos e as flores caem com mais abundância.

- Messala! Messala!
- Ben-Hur! Ben-Hur!
Não se ouvem outros gritos.

Passado o cortejo, cada qual volta a ocupar o seu lugar e prosseguem os comentários.

- Por Baco! Quão formoso estava! - exclama uma mulher a quem o laço que tinha na cabeça denunciava o seu partidarismo pelo romano.

- E o seu carro, que maravilha! Acrescenta um seu vizinho do mesmo partido. Que Júpiter lhe conceda a vitória.

No banco posterior as opiniões eram distintas.
- Cem siclos pelo hebreu! - gritou uma voz estridente.
- Não sejas temerário - aconselhou-o um amigo.

- Estes jogos estão proibidos pela lei e a maldição do Senhor poderia cair sobre um israelita.

- É verdade. Mas já viste alguma vez um ar mais seguro e desenvolto? Que braço o seu!

- E que cavalos! - disse um terceiro.

- E assegura-se que conhece todos os estratagemas dos romanos - acrescenta um quarto.

Uma mulher completa o elogio.
- Sim, e é mais formoso que o romano.
Animado por estes elogios, o homem grita novamente
- Cem siclos pelo hebreu!

- Cretino! - grita-lhe um cidadão de Antioquia.

- Não sabes que se apostaram cinquenta talentos contra ele, um contra seis sobre Messala? Esconde os teus siclos se não queres que Abraão te castigue.

- Oh, asno antioquenho, cessa de rabujar. Não sabes que Messala apostou por si mesmo?

De lugar em lugar, aumentava a vozearia e as discussões, nem todas elas pacíficas.

Quando por fim o cortejo terminou e a Porta Pomposa se fechou, Ben-Hur sabia que o seu desejo estava cumprido.

Os olhares de todo o Oriente estavam fixos na sua corrida com Messala.

Cerca da décima quinta hora, a primeira parte do programa já se tinha efectuado: só faltava a corrida dos carros. O director escolheu esse momento para dar um breve intervalo.

Entretanto, uma terceira classe de espectadores, constituída por cidadãos apenas desejosos de ver a corrida dos carros, aproveitou o intervalo para entrar no circo e ocupar os lugares reservados. Entre eles via-se Simónides e a sua comitiva, que procuravam os lugares na tribuna do lado setentrional, em frente da consular.

Quatro criados conduziam o mercador na sua cadeira, excitando, ao subir as escadarias, a viva curiosidade dos espectadores. Alguém o identificou. Os que estavam mais próximos ouviram e repetiram de boca em boca. Os mais afastados puseram-se em pé nos bancos para contemplar o homem acerca do qual o falatório popular tinha tecido uma lenda tão maravilhosa.

Ilderim foi acolhido calorosamente; mas ninguém conhecia Baltasar nem as duas mulheres que o seguiam, cuidadosamente veladas.

O público abriu respeitosamente passagem à comitiva e os arrumadores do circo designaram-lhes uns lugares próximos da balaustrada, cobertos com tecidos e

almofadas. As mulheres eram Iras e Ester.

Esta última, apenas acabou de se sentar, correu com o olhar assustado o circo e envolveu-se ainda mais no véu; mas a egípcia, deixando-o voar sobre as costas, ofereceu-se livremente aos olhares do público com a desenvoltura que é habitualmente fruto de um longo convívio social.

Estavam ainda os recém-chegados ocupados num exame geral do magnífico espectáculo que se oferecia a seus olhos, quando alguns homens com a insígnia do circo começaram a estender uma corda esbranquiçada nas colunas da primeira meta. Ao mesmo tempo seis homens saíram da Porta Pomposa e situaram-se em frente dos "cárceres", um em cada uma delas, preparativo que levantara um grande murmúrio por parte da assistência.

- Olha, olha! O verde tem o número quatro, ali, à direita; é o Ateniense.
- É Messala... sim, tem o número dois.
- O coríntio.
- Olha o branco! detem-se no número um, a esquerda.
- Não, foi o negro que se deteve; - branco tem o número dois.

Cada um dos seis homens vestia uma túnica da cor correspondente à do condutor.

- Viste alguma vez Messala? - perguntou a egípcia a Ester.

A judia estremeceu e respondeu com uma negativa. Messala era o inimigo de seu pai e de Ben-Hur.

- É formoso como Apolo!

Enquanto Iras falava ,os seus grandes olhos resplandeciam e o leque agitava-se com violência. Ester olhou-a, pensando:

- Será mais formoso que Ben-Hur?
Pouco tempo depois chegou Samballat.

- Venho dos "cárceres", oh xeque - exclamou saudando gravemente Ilderim, que cofiava nervosamente a barba. - Os cavalos encontram-se em óptimo estado. Ilderim respondeu simplesmente:

- Se forem vencidos, rogo a Deus que sejam outros que não os de Messala a vencê-los.

Dirigindo-se a Simónides e tirando uma tabuinha, Samballat prosseguiu:

- Tenho de dizer-te algo que, com certeza, te vai interessar. Quando ontem te mostrei a escritura da primeira aposta disse-te que tinha deixado outra sobre a mesa do palácio, a qual se fosse aceite me deveria ser entregue antes da corrida. Olha-a.

- Já o sei - disse Simónides. - Um emissário seu veio hojeperguntar-me se tinha realmente crédito para essa soma. Guarda bem a tabuinha. Se perderes já sabes onde encontrarás o dinheiro; se venceres procura que nenhum escape, que paguem até ao último siclo. Era o mesmo que eles fariam connosco.

- Confia em mim - assegurou o contratador.
- Queres sentar-te ao nosso lado?

- Muito obrigado! - respondeu Samballat. - Mas se deixo o cônsul, quem cuidará de acalmar a exaltação da jovem Roma ali ao fundo? Que a paz esteja contigo e com todos vós.

No circo soaram alguns clarins anunciando a continuação do espectáculo e convidando os espectadores a ocuparem os respectivos lugares. Ao mesmo tempo apareceram na pista alguns escravos e, encarrapitando-se no muro divisório fixaram no friso próximo da meta ocidental, sete esferas de madeira dourada; depois, regressando à primeira meta, colocaram nela outras tantas esculturas representando delfins.

- Para que servem essas esferas e esses peixes? - perguntou Baltasar.
- Nunca assististe a uma corrida?
- Não, nunca.

- Pois bem; servem para contar o número de voltas; ao fim de cada volta

retiramse um peixe e uma esfera.

Os preparativos tinham terminado. Um trombeteiro, uniformizado vistosamente, colocou-se perto do director disposto a secundar com um sinal as indicações do mesmo. Imediatamente a agitação da multidão se acalmou e a vozearia abrandou como que por encanto. Todos os rostos estavam voltados para o Oriente e os olhos fixavam-se nas seis celas que encerravam os competidores.

O rubor insólito que cobriu as pálidas faces de Simónides, revelava que também ele participava da excitação geral.

- Fixa-te no romano - disse a formosa egípcia a Ester, que não a ouviu porque com o coração palpitante e os olhos imóveis, aguardava o aparecimento de Ben-Hur.

Ouviu-se um agudo e prolongado som da trombeta. Os ajudantes alinharam-se debaixo das colunas da meta, prontos a auxiliar os condutores no caso de algum dos cavalos se assustar.

Ressoou um segundo toque de clarim e os guardas abriram as portas. Primeiro sairam os cinco ajudantes dos condutores montados, cinco porque Ben-Hur tinha rejeitado o seu. Ainda que esplendidamente vestidos ninguém se fixou neles, porque o pisar dos cavalos e as vozes dos condutores atraíam todos os olhares para as portas abertas.

Um terceiro toque de trombeta ressoou no circo.

Como projécteis saídos das bocas de gigantescos canhões, as seis quadrilhas precipitaram-se na pista, e a imensa multidão, pondo-se de pé ao mesmo tempo como se fosse apenas um homem, ensurdeceu o circo com um grito lançado em uníssono. isto tinham eles esperado pacientemente tantas horas.

- Ei-lo! Ei-lo! Vê - exclamou Iras apontando Messala.
- Já o vi - respondeu Ester contemplando Ben-Hur.

Deixou cair o véu e por um instante, a pequena judia sentiu-se animosa. Compreendia o entusiasmo por realizar um acto heróico aos olhos da multidão e porque nestes casos é possível que um homem sorria à vista da morte.

Os competidores eram visíveis de todos os pontos do circo; mas a corrida ainda não tinha começado. Primeiro ainda tinham que transpor a corda, cujo fim era o de igualar as condições da partida. Se os cavalos se tivessem aproximado dela impetuosamente, condutores e cavalos amontoados nela, podiam sair maltratados; pelo contrário, se se tivessem aproximado timidamente, corriam o risco de permanecer distanciados já desde o princípio da corrida e de todos os modos perdiam a possibilidade de conquistar o lado interior da pista, objecto da ambição comum.

A dificuldade desta empresa, os seus perigos e consequências eram muito conhecidas dos espectadores. Cada condutor, ao sair, olhava primeiro a corda e depois o muro interior, de modo que, dirigindo-se toda a corrida ao mesmo posto, parecia inevitável um choque. E não era apenas isto, também poderá acontecer que o director, no último instante, não desse o sinal de afrouxar a corda ou não o desse a tempo.

As seis quadrilhas dirigiram-se pelo caminho mais curto até ao mesmo ponto: o muro. Ceder seria sido o mesmo que renunciar à vitória. E quem teria mudado de propósito no meio daquela rápida corrida, entre os gritos da multidão que ressoavam aos ouvidos dos condutores como o rugido de um mar tempestuoso?

O trombeteiro que estava próximo do director, tocou um som poderoso. Ninguém o ouviu à distância de vinte passos. Mas ao ver o acto, os juizes de campo deixaram cair a corda, ao mesmo tempo que o casco de um dos cavalos de Messala ia pisá-la. O romano, inalterável, sacudiu o seu chicote, que esvoaçou sibilante no ar, afrouxou as rédeas, inclinou o corpo para a frente, e dando um grito de triunfo lançou-se para o lado da muralha.

- Júpiter está connosco! Júpiter está connosco! - gritou o partido romano no frenesim do entusiasmo. Ao dar a curva, a cabeça de leão com que terminava o eixo das suas rodas, colheu a pata dianteira de um dos cavalos do Ateniense, atirando o animal assustado sobre os cavalos da lança. Estes vacilaram e tropeçaram. Os guardas correram para eles e agarraram-nos pelo freio. Os milhares de espectadores da escadaria contiveram a respiração; mas na tribuna os gritos e o clamor prosseguiram.

- Júpiter está connosco!
Samballat, com as tabuinhas nas mãos, voltou-se para eles. Um estrépito seguido

de gritos desgarrados obrigou-o a olhar novamente para a pista. Depois de Messala ter passado, o Coríntio tinha ficado à direita

do Ateniense e este intentou sujeitar nesta direcção a sua quadrilha assustada; mas naquele momento quis a desgraça que a roda do Bizantino chocasse de flanco com o carro, atirando o condutor para o solo, debaixo das patas dos seus próprios cavalos; espectáculo horrível diante do qual Ester cobriu os olhos!

O Coríntio, o Bizantino e o Sidónio passaram adiante.

Samballat dirigiu um olhar a Ben-Hur e voltou-se de novo para Druso e os seus companheiros.

Cem sestêrcios pelo hebreu - exclamou.
- Aceites - respondeu Druso.
- Outros cem pelo hebreu! - gritou Samballat.

Ninguém lhe prestou atenção. Gritou novamente; mas o espectáculo que a pista apresentava absorvia toda a sua atenção e estavam muito ocupados em gritar:

- Messala! Messala! Júpiter está connosco!

Quando Ester se aventurou a olhar outra vez, alguns servos estavam a tirar os cavalos e o carro destroçado, enquanto outros levavam o condutor; dos bancos ocupados pelos gregos só partiam gritos de raiva e exclamações de vingança.

A judia juntou as mãos por tamanha felicidade; Ben-Hur incólume, corria mesmo ao lado do romano. Atrás deles, em grupo, seguiam o Sidónio, o Coríntio e o Bizantino.

A corrida tinha começado. A multidão continha a respiração.

Como vimos, Ben-Hur encontrava-se no extremo esquerdo dos seis. Por um momento, como os outros, ficou cego pelo vivo resplendor da areia; contudo procurou distinguir os adversários e adivinhar os seus propósitos. Dirigiu um olhar perscrutador a Messala. O frio orgulho do patrício romano reflectia-se, como de costume, no seu rosto belíssimo, a cujas feições o elmo dava mais majestade; mas fosse juízo da sua fantasia ou efeito da sombra que se projectava

sobre o seu semblante, naquele momento o judeu julgou ver toda a alma do seu rival espelhando-se através da formosura daquele corpo.

O espírito de Ben-Hur afirmou-se num poderoso esforço de vontade. Por qualquer preço, por qualquer risco, teria humilhado o seu inimigo. Prémios, amigos, apostas, honras, tudo desaparecia diante daquele propósito. Nem sequer a morte o teria detido. E apesar de tudo, paixão alguma lhe incendiava o peito; o sangue não deixou de lhe circular desde o coração ao cérebro, e deste ao coração. Confiava em si, no plano preparado, e chamou a si todas as forças do seu corpo, todas as energias da sua inteligência para realizá-lo.

À partida, advertiu que o ímpeto de Messala, o teria, salvo o caso de um encontro ou de a corda não ter caído, conduzido infalivelmente a ganhar o muro interno e como um relâmpago, assaltou-lhe o pensamento de que Messala sabia que a corda havia de cair no momento oportuno. Nenhuma outra razão podia explicar a confiança com que Messala impelia para diante a sua quadrilha, quando os outros competidores procuravam reter as suas, nenhuma outra razão excepto a loucura.

De momento, Ben-Hur renunciou ao muro. A corda caiu, e todas as quadrilhas, menos a sua penetraram na pista, ao dulpo impulso dos chicotes e das vozes. Ele dirigiuse para a direita, e com toda a velocidade de que eram capazes os "árabes" atalhou obliquamente o caminho aos seus adversários, de modo que enquanto a multidão tremia diante do infortúnio do Ateniense, do Sidónio, o bisantino e o coríntio procuravam evitar o choque do seu adversário, Ben-Hur passou como uma flecha para diante deles e colocou-se roda com roda, pelo lado exterior com o carro de Messala. A maravilhosa habilidade que demonstrou, não passou despercebida aos olhos vigilantes das galerias: o circo ameaçou vir abaixo com o estrépito dos aplausos. Então, Ester bateu palmas; então Samballat sorrindo, ofereceu de novo os cem sestércios, sem obter resposta e então os romanos suspeitaram de que Messala tinha encontrado o seu igual, ou talvez o seu superior no israelita.

Um ao lado do outro separados por uma distância quase imperceptível os dois carros aproximavam-se da primeira meta.

O pedestal sobre o qual se erguiam os três pilares, visto do lado oeste, apresentavam o aspecto de um muro em forma de semi-círculo, oferecendo a conca vidade da curva, aos espectadores, paralela com a cavidade oposta do

b'alção da fachada. O silêncio que reinava no concurso, testemunhava o interesse com que o público seguia esta fase. O galopar dos cavalos e o rumor das rodas percebiam-se distintamente. Então, pela primeira vez, pareceu que Messala notava a presença de BenHur e subitamente, toda a sua audácia se manifestou de modo surpreendente.

- Abaixo, Herus, viva Marte! - gritou fazendo estalar o chicote. - Abaixo Herus, Viva Marte! - repetiu, assestando sobre o lombo dos "árabes" de Ben-Hur, uma chicotada como nunca tinham recebido. O gesto foi visto por todo o público e o assombro foi geral. O silêncio de tão intenso, chegou a ser terrível; nos lugares próximos do cônsul, os mais animosos contiveram a respiração, esperando o fim com as pupilas dilatadas. A tensão só durou um momento; depois, como rumores de trovão estalou a indignação do público.

Os quatro cavalos saltaram assustados e precipitaram-se para a frente. Ninguém os tinha jamais tocado, senão em sinal de afecto; tinham sido criados, como as crianças, entre carícias e a sua confiança nos homens era comovedora. Que haviam de fazer aqueles seres delicados, se não lançarem-se para diante como loucos? O carro deu um solavanco. Não existe dúvida de que toda a experiência é útil na vida. Donde conseguiu Ben-Hur, naquele momento, o vigor do seu braço e o seu pulso de ferro? Donde se não dos largos anos vividos agarrados aos remos? E que era o estremeção do carro, comparado com a violenta sacudidela do navio agitado pela fúria das ondas gigantescas? Susteve-se no seu lugar, aflorou as rédeas sobre a cabeça dos animais, falando-lhes com voz acariciante e procurando unicamente conduzi-los incólumes em torno do perigoso ângulo. Assim, antes que a agitação do público se tivesse acalmado, tinha reconquistado o domínio sobre os animais, e ao aproximar-se da segunda meta encontrou-se, novamente ao lado de Messala, atraindo a si a simpatia e os votos de todos os espectadores não romanos. Este sentimento manifestava-se com tal evidência que Messala, apesar de toda a sua audácia, não julgou oportuno tornar a prevaricar.

Quando os carros passavam a meta, Ester pôde ver o rosto de

Ben-Hur um pouco pálido, algo erguido, mas tranquilo e resoluto.

Imediatamente um homem encarrapitou-se na extremidade ocidental do muro divisório e tirou uma das esferas; igual operação se efectuou no outro extremo

com um dos delfins.

Do mesmo modo desapareceram a segunda esfera e o segundo delfim, e depois a terceira esfera e o terceiro ddlfim.

Três voltas tinham dado: Messala ocupava ainda a parte interior da pista; BenHur fazia galopar os seus corceis pela parte externa. A corrida oferecia um aspecto de uma daquelas corridas duplas tão populares no segundo período da idade imperial: na primeira, Messala e Ben-Hur; o Sidónio, o Corinto e o Bisantino na segunda.

Na quinta volta, o Sidónio chegou a colocar-se na linha de Ben-Hur, mas rapidamente perdeu vantagem. A sexta começou sem que se notasse qualquer troca nas posições relativas.

Gradualmente a velocidade ia aumentando; pouco a pouco o sangue dos condutores ia aquecendo. Homens e cavalos parecia que conheciam que a crise final se aproximava.

O interesse que, ao principio da corrida se tinha concentrado na luta entre Messala e Ben-Hur, acompanhada da simpatia geral para este último, transformou-se em temor e ansiedade por ele. De todos os lugares os espectadores espraiavam a vista, seguindo com ela, silenciosos e imóveis os cavalos de ambos os competidores. Ilderim deixou de cofiar a barba e Ester esqueceu a sua timidez.

- Cem sestércios pelo hebreu! - gritou Samballat aos romanos que ocupavam a tribuna consular.

Ninguém respondeu.
- Um talento, cinco talentos, dez se quereis!
E agitava as suas tabuinhas em tom de desafio.

- Eu ganharei os teus sestércios - disse um jovem romano, dispondo-se a escrever.

- Não o faças - avisou-o um amigo.
- Porquê?

- Messala alcançou a sua velocidade máxima. Olha como se apoia na borda do

carro e aflora as rédeas. Fixa-te agora no hebreu.

O jovem dirigiu para ele o olhar.

- Por Hércules! - exclamou, empalidecendo. – O cão esforça-se por detê-los. Vejo-o, vejo-o. Se os deuses não ajudam o nosso amigo, será derrotado pelo israelita. Mas não, ainda não. Júpiter está connosco! Júpiter está connosco!

Esta exclamação que saiu simultaneamente de todas as gargantas romanas, fez tremer os "velários" sobre a cabeça do consul. Se era certo que Messala tinha alcançado a sua máxima velocidade, o resultado correspondia ao esforço. Lenta mas visivelmente, ia ganhando terreno. Os seus cavalos corriam com a cabeça baixa e o pescoço estendido: das bancadas parecia que roçavam o solo; as narinas pareciam injectadas de sangue; os olhos saiam-lhes das órbitas. Na verdade, os cavalos faziam todos os possíveis. Mas, poderiam suportar aquele andamento por muito tempo? Apenas estavam no início da sexta volta. Voavam. Ao rodar a segunda meta os cavalos de Ben-Hur ficaram atrás do carro do romano. A alegria dos partidários de Messala não teve limites; gritavam, assobiavam, agitavam no ar os seus distintivos e Sambalat ia enchendo as tabuinhas com as apostas quelhe ofereciam. Mallucb, situado na tribuna, por cima da Porta do Triunfo, a muito custo pode conter as lágrimas; recordava que Ben-Hur lhe tinha dito que algo aconteceria ao dar a volta às colunas ocidentais e tinham dado já cinco voltas, sem que nada sucedesse. E dizia para si: "Esperemos a sexta".

E a sexta estava-se a efectuar e, contudo Ben-Hur galopava colado ao caro inimigo. Na tribuna oriental os companheiros de Simónides estavam calados. O mercador tinha a cabeça inclinada sobre o peito. Ilderim cofiava a barba e franzia as sobrancelhas ao ponto de ocultar os olhos. Ester mal respirava. Só Iras parecia contente.

Pela penúltima vez, os carros percorriam a pista. Messala à frente; atrás dele Ben-Hur. Assim chegaram à primeira meta e deram a volta. Messala, receoso de perder a vantagem alcançada, seguiu rasando o muro até quase o tocar; um palmo mais à esquerda e carro e condutor teriam tombado; na realidade, depois de feita a curva, ninguém contemplando o rasto dos carros teria podido dizer: "por aqui passou Messala, por aqui o judeu", ambos deixavam um só rasto.

Ester viu o semblante de Ben-Hur e pareceu-lhe mais pálido que antes.

Simónides, observador mais agudo que Ester, sussurrou ao ouvido de Ilderim:

- Xeque, eu não sou bom juiz; mas julgo que Ben-Hur está a arquitectar um projecto na sua mente. A expressão do seu rosto indica-mo.

Ao que Ilderim respondeu:

- Viste como os cavalos estavam frescos e brilhantes? Pelo esplendor de Deus não parece que tenham corrido. Mas, agora, atenção!

Restava uma só esfera e um só delfim, e toda a gente respirou, sabendo que tinha chegado o princípio do fim.

O Sidónio deixou cair a correia do seu chicote sobre o lombo dos seus cavalos, e quase loucos de dor e de medo os nobres animais lançaram-se para a frente desesperadamente. O Bisantino e o Coríntio fizeram igual tentativa com o mesmo resultado, e desde então puderam considerar-se fora de jogo. Com uma prontidão facilmente explicável todos os partidos menos o romano dirigiram os seus votos a BenHur, animando-o com gritos selvagens.

- Ben-Hur! Ben-Hur! - ulularam.
- Para a frente, hebreu!
- Ao muro, ao muro!
- Solta os teus árabes! Chicote e rédeas!
- Agora ou nunca!

Sobre o parapeito da balaustrada, inclinavam-se mil corpos estendendo as mãos para ele.

Ou não os ouviu ou não podia fazer mais; já estavam a meio da última volta e não se tinha operado qualquer mudança.

Messala, para a dar, começou a puxar as rédeas dos cavalos da esquerda, o que, necessariamente fez diminuir a sua velocidade. O seu coração batia na previsão do triunfo próximo. Sobre os três pilares, a seiscentos pés de distância estavam fama, fortuna, honrarias, e um triunfo que o ódio tornava inefavelmente doce.

Tudo isto o esperava! Naquele instante Malluch da galeria viu Ben-Hur deitar-se para diante sobre o rebordo do carro e soltar as rédeas sobre os lombos dos árabes. Os aneis do chicote desfizeram-se no ar com um silvo como de uma serpente. Não lhes tocou; mas o seu estalar ameaçador surtiu o mesmo efeito. Ao passar da sua posição rígida e tranquila a esta rapidez de acção, o seu rosto incendiou-se e os seus olhos fulguraram; parecia que através das rédeas a sua vontade se comunicava aos seus cavalos, os quais como animados de um mesmo impulso, corresponderam com um salto que os colocou ao lado do carro romano. Messala, perto da perigosa volta da meta, ouviu, mas não quis voltar a cabeça. O profundo silêncio do circo só era interrompido pelo rumor dos carros e a voz de Ben-Hur que em pura lingua aramea, tal como o xeque, animava os cavalos:

- Altair! Rigel! Antares, em frente! Agora vai fraquejar o teu ânimo nobre Aldebarão? Já oiço cantar as gentes do Deserto; já oiço as mulheres e as crianças cantarem a canção das estrelas. Altair, Rigel, Antares, Aldebarão, vitória, vitória! E este canto será eterno. Cavalos, avante! Amanhã acolhê-los-ão as tendas dos vossos pais. Avante, Antares! A tribo espera-nos e o Senhor olha-nos. Vitória, vitória! Já está! Já está! Ah. Ah! O orgulhoso está humilhado! A mão que nos feriu jaz no pó! A glória é nossa! Ah, ah! Quietos! O trabalho terminou! Basta! Alto!

Nada mais simples, nada mais instantâneo.

No momento escolhido para o golpe final, Messala estava a dar a volta à meta. Para lhe passar à frente, Ben-Hur tinha de lhe cortar o caminho e precisamente percorrendo o mesmo círculo, com um raio um pouco maior. Os milhares de pessoas que ocupavam as galerias compreenderam tudo: viram o sinal dado por Ben-Hur, a magnífica resposta, os quatro cavalos de flanco na carruagem de Messala, a roda interna do carro de Ben-Hur atrás do carro do romano; viram tudo e compreenderam. Depois ouviram um golpe seco que fez tremer todo o circo e viram cair sobre a pista, uma chuva de chispas brancas. O carro do romano estremeceu e inclinou-se sobre o flanco direito tocando o solo com a extremidade do eixo. Deu dois saltos mais e depois caiu completamente destroçado, e Messala enredado nas rédeas, foi cuspido pela cabeça dos seus próprios cavalos. Para aumentar o horror do espectáculo, o Sidónio que rasava o muro na cola de Messala não pôde deter-se ou desviar-se e com toda a sua velocidade caiu sobre os restos da carruagem romana no meio dos seus cavalos, quase loucos de terror.

Pouco depois através da nuvem de pó que por momentos velou a cena, viu-se retirar-se, enquanto o Coríntio e o Bizantino seguiam disparados como flechas a carruagem de Ben-Hur. Os espectadores puseram-se de pé sobre os bancos dando um prolongado grito. Alguns viram Messala debaixo das patas dos cavalos e das rodas de ambos os veículos. Não se movia, parecia morto. Mas a maioria só tinha olhos para Ben-Hur. Não notaram o hábil movimento pelo qual inclinando-se um pouco para a esquerda, introduzira na delicada roda de Messala a ponta ferrada do seu eixo destroçando-a; mas viram em compensação, o acontecido. espírito, da heróica resolução, da furiosa energia com que os seus olhos, gestos e voz lograram animar os seus "árabes". Aquilo não era correr, eram bem antes longos saltos de leões subjugados. Se não fosse o peso do carro dir-se-ia que voavam. Quando o Bizantino e o Coríntio estavam ainda a meio caminho, Ben-Hur dava a volta à última meta.
Tinha ganho a corrida!

O Consul levantou-se; o público gritou com todas as forças dos seus pulmões; o director desceu do seu assento para ir ao encontro dos vencedores das várias provas. O afortunado vencedor da luta era um gigantesco saxão de cabelos vermelhos e aspecto brutal, em quem, ao olhá-lo pela segunda vez,

Ben-Hur reconheceu o seu antigo mestre de Roma de quem fora o aluno favorito. Depois dirigiu a vista para o camarote de Simónides. Todos o saudaram com a mão. Ester permaneceu sentada mas Iras levantou-se e com um gracioso movimento do leque, atirou-lhe um beijo.

O cortejo, saudado com um novo e geral aplauso, atravessou lentamente a Porta do Triunfo.

A festa tinha terminado.

Ben-Hur e Ilderim tinham acordado partir no meio da noite do mesmo dia e seguir a caravana que lhes levava trinta horas de vantagem.

O Xeque era feliz; apesar de lhe ter oferecido presentes de rei,

Ben-Hur recusou aceitá-los, insistindo em que lhe bastava a humilhação infligida

ao seu inimigo. A generosa discussão não tinha sinais de acabar.

- Pensa - dizia o Xeque - tudo o que fizeste por mim. A fama de Mira e dos seus filhos será apregoada em todas as tendas negras, desde o Akaba ao Oceano, e através das terras o Eufrates, até ao Mar de Escitia.

E quantos falem deles me exaltarão a mim e esquecerão que estou no declinar da vida. Todas as tribos nómadas do deserto irão ter comigo e reconhecer-me-ão como o seu Xeque. Tu não sabes o que significa o domínio que agora terei sobre o Deserto. E tu não queres nada?

E Ben-Hur respondia:

- Não, Xeque, não tenho acaso o teu afecto e a tua ajuda? Na obra que vou empreender precisarei de ti. Recusando, poderei pedir depois com maior liberdade.

Enquanto discutiam com tanta viveza, chegaram dois mensageiros: Malluch e um desconhecido. O primeiro teve, naturalmente, a precedência. Depois de ter novamente manifestado a sua alegria pelos acontecimentos do dia, revelou o objectivo da sua visita.

- Simónides manda dizer-vos que depois dos jogos alguns romanos se apressaram a protestar contra o pagamento do prémio.

Ilderim ergueu-se, gritando com voz estridente:
- Pelo poder de Deus! O Oriente decidirá se a corrida foi legalmente ganha.
- Não, bom Xeque - disse Malluch; - O prefeito pagou.
- Está bem.

- Ao dizer-lhe que Ben-Hur chocou com a roda de Messala, o director riu-se e recordou-lhes a chicotada recebida pelos "árabes" no princípio da corrida.
- E o Ateniense?

- Morreu.
- Morto! - repetiu Ilderim. - Só os monstros romanos têm sorte. Messala escapou.

- Sim, Xeque. Escapou com vida, mas ela ser-lhe-á um grande peso. Os médicos

dizem que viverá, mas que nunca mais poderá andar.

Ben-Hur levantou os olhos ao céu silenciosamente.

Representou-se-lhe Messala afundado na sua cadeira como Simónides e como ele levado aos ombros pelos escravos.

- Simónides faz-lhes saber ainda - prosseguiu Malluch - que Samballat tropeça com dificuldades. Druso e os que com ele assinaram apelaram para o Cônsul Maxêncio acerca do pagamento dos cinco talentos perdidos. E o Cônsul pediu a decisão ao César. Também Messala se nega a pagar e Samballat seguindo o exemplo de Druso pós o assunto nas mãos do Cônsul. Os melhores romanos, dizem que os que protestam, deverão pagar, e todos os partidos contrários opinam o mesmo. Na cidade não se ouve falar senão deste escândalo.

- E que diz Simónides? - perguntou Ben-Hur.

- O meu senhor ri-se e está satisfeito. Se o romano pagar, fica arruinado, se não pagar, desonrado. A política imperial decidirá. Ofender o Oriente seria um mau princípio da campanha contra os partos. Ofender o Xeque Ilderim seria inimizar-se com o deserto através o qual correm rodas as linhas de operações de Maxêncio. Por isso Simónides me encarrega de vos dizer que fiqueis tranquilos: Messala pagará.

O rosto de Ilderim serenou.

- E agora, vamos - exclamou. - O assunto fica nas mãos de Simónides que não pode sair-se mal. Entretanto a glória é nossa. Ordenarei que preparem os cavalos.

- Detém-te - disse Malluch. - Ali fora deixei um mensageiro. Queres vê-lo?
- Tinha-o esquecido.

Malluch retirou-se, dando lugar a um jovem de delicada aparência e corteses maneiras, o qual dobrando um joelho disse a sua mensagem.

- Iras, filha de Baltasar, envia ao Xeque Ilderim saudações e felicitações pela

vitória alcançada.

- A filha do meu amigo é atentíssima - disse Ilderim, com os olhos a brilharem; leva-lhe esta jóia em sinal do meu agradecimento.

E dito isto tirou um anel do dedo.

- Farei como dizes, oh Xeque - prosseguiu o pagem. - A filha do egípcio deu-me também outro encargo. Rogo ao Xeque Ilderim que notifique o jovem Ben-Hur que seu pai mora actualmente no palácio de iderineo onde ela receberá o jovem judeu amanhã depois da hora quarta e se, juntamente com as suas congratulações, o Xeque Ilderim quiser aceitar o seu reconhecimento por este segundo favor, Iras será felicíssima.

O xeque olhou Ben-Hur que se ruborizou de alegria.
- Que respondo? - perguntou.
- Oh, xeque, se me permites, irei ver a formosa egípcia.
Ilderim sorriu e disse:
- Só se é jovem uma vez, não deve o homem aproveitar-se - disse? Ben-Hur voltou-se para o mensageiro:

- Dirás à que te envia que eu, Ben-Hur, me considerarei ditoso indo amanhã, ao meio dia, ao palácio de Iderneo.

O adolescente ergueu-se e depois de uma profunda inclinação de cabeça, afastouse.

À meia noite Ilderim pôs-se a caminho, deixando um cavalo de um guia para Ben-Hur que devia segui-lo.

No dia seguinte, meia hora antes da assinalada para a entrevista, Ben-Hur, saindo do Omfalo, no coração da cidade, e atravessando as Colunas de Herodes, dirigiu-se para o palácio de Iderneo.

Penetrou primeiro num vestíbulo, depois do qual as escadas conduziam a uma galeria superior. As paredes, os solos, as abóbadas e as escadas eram de pedra

cinzenta. Acima do vestíbulo, na plataforma da escada, erguia-se um pórtico de linhas tão ligeiras e graciosas e de proporções tão esquisitas que só um cinzel grego o poderia ter executado.

Ben-Hur deteve-se à sombra do pórtico para admirar a delicadeza do seu desenho e a pureza do mármore; depois entrou no palácio. A larga porta estava aberta para o receber. O corredor em que se internou era elevado, mas estreito, pavimentado com lousas avermelhadas, com as paredes da mesma cor; mas esta mesma simplicidade avivava e dispunha o ânimo para as belezas que viriam a seguir.

O corredor conduziu-o até uma porta fechada, diante da qual parou; mas os seus amplos batentes abriram-se por si, sem rangerem, silenciosamente. Passou à sala e absorvido na contemplação de tudo quanto via, Ben-Hur esperava, passeando. Não estava impaciente. Quando Iras estivesse disposta, apresentar-se-ia ou mandá-lo-ia chamar. Em todas as casas romanas, o átrio era a sala de visitas.

Deu duas ou três voltas pelo compartimento; depois parou a contemplar a imensidade azul do céu; mas a espera começou a fatigá-lo e principiou a pensar nas possíveis causas do atraso de Iras. Examinou os desenhos do pavimento. Sentou-se a admirar um candelabro, um pedestal corrido de bronze; de um lado elevavam-se as ramagens de uma palmeira, no outro uma figura de mulher ajoelhada, diante de uma arca. As lâmpadas pendiam à maneira de frutos dos ramos da árvore: uma maravilha no seu género. Mas a ansiedade daquele silêncio, não cedia ante a contemplação de tão belíssimo objecto. Aguçava o ouvido; mas não ouvia o mais leve rumor. O palácio estava silencioso como uma tumba.

Talvez tivesse sido vítima de um equívoco. Não, o mensageiro fora enviado pela egípcia e aquele era o palácio de Iderneo. Depois recordou que a porta se tinha aberto misteriosamente, por si só, sem ruído. Iria certificar-se. Dirigiu-se para ela. Por mais que se esforçasse em caminhar nas pontas dos pés, os seus passos ressoavam desagradavelmente e chegou a sentir medo. Pôs-se nervoso. A pesada fechadura romana resistiu à primeira tentativa que fez para a abrir; experimentou de novo e o sangue gelou-se-lhe nas veias; finalmente tentou abrir a fechadura com um esforço supremo; a porta nem sequer se moveu. Foi dominado por um pressentimento de um perigo e por um momento permaneceu irresoluto. Mas quem tinha em Antioquia motivos para lhe querer mal?

Messala!

Evidentemente estava preso; mas por que motivo?, por quem? Seria obra de Messala? Olhou em redor e despontou-lhe nos lábios um sorriso trocista. Das paredes pendiam armas e havia armas também em cima das mesas: saberia defender-se. Fome? Muitos pássaros tinham morrido de fome em gaiolas de ouro; mas isso não aconteceria com ele. As estátuas de bronze e os móveis podiam servir-lhe de arietes e a sua força, triplicada pela ira e pelo desespero, conseguiria derrubar a porta.

Messala não apareceria; não podia mover-se do leito, estava paralisado como Simónides; no entanto, poderia enviar-lhe outros sicários comprados e dispostos a qualquer delito. Ben-Hur ergueu-se e examinou, de novo, as portas. Chamou uma vez; mas o eco da sua voz encheu-o de pavor. Decidiu esperar com calma. Por algum tempo, antes de fazer uma última tentativa.

Decorrera meia hora que a Ben-Hur pareceu extremamente longa, quando a porta por onde tinha entrado se abriu e se fechou, silenciosamente, sem que ele o notasse, pois estava sentado na ponta oposta da sala.

O rumor dos passos sobressaltou-o.
- Iras vem aí! - pensou, sentindo a um tempo, alívio e alegria.

Mas os passos eram pesados e acompanhados do ruído produzido por umas sandálias toscas.

Pôs-se em pé e, silenciosamente, colocou-se atrás das colunas doiradas que havia no meio da sala. Daí a pouco pareceu-lhe ouvir vozes, vozes de homens; mas não pôde compreender o que diziam, porque falavam uma língua desconhecida no Oriente.

Depois de examinarem superficialmente a sala, os estrangeiros avançaram pela esquerda e Ben-Hur pôde vê-los: eram dois homens, um gordo, ambos de elevada estatura e envergando túnicas escuras. Falando com viveza e parando aqui e ali, aproximaram-se da coluna atrás da qual estava Ben-Hur.

O prolongado silêncio e o ar de mistério que reinava no palácio, tinham posto Ben-Hur um tanto nervoso e um estremecimento de terror percorreu-lhe todas as fibras quando reconheceu que o primeiro dos estrangeiros era aquele germano que tinha conhecido em Roma e que no dia anterior, no circo, ganhara o prémio

do pugilismo; o rosto do homem, assinalado pelas cicatrizes das inúmeras lutas sustidas e os membros vigorosos eram uma ameaça impossível de ignorar. O instinto disse-lhe que o momento para um assassínio fora demasiado bem escolhido para ser fruto de uma casualidade. Fixou a vista nocompanheiro do gigante, um jovem de olhos negros e de cabelo escuro e observou que ambos traziam o trajo próprio do anfiteatro. Da soma de todas estas circunstâncias Ben-Hur só pôde deduzir uma conclusão: caira numa emboscada e não tinha outro recurso que morrer!

Desfez o nó da faixa que lhe cingia a cintura e deixou cair a longa veste branca que vestia, segundo a moda judaica, para ficar só com a túnica, tal como os seus adversários. Cruzando os braços sobre o peito e apoiando as costas na coluna, aguardou tranquilamente.

Por fim o germano voltou-se e murmurou algumas palavras ao ouvido do seu companheiro; ambos olharam Ben-Hur. Trocaram umas palavras e avançaram para ele.

- Quem sois? - perguntou Ben-Hur.

O germano sorriu-se sem que por isso se atenuasse a brutal ferocidade do seu rosto e respondeu:

- Bárbaros.
- Este é o palácio de Iderneo. Que procurais?

A sua voz era tranquila, mas imperiosa. Ambos se detiveram e o germano perguntou:

- Quem és tu?
- Um romano.

O gigante deitou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada, de boca escancarada.

- Ah, ah, ah! Ouvi dizer que um Deus nasceu de uma vaca, em consequência de esta ter lambido uma pedra de sal; mas não há Deus capaz de fazer um romano de um judeu.

Depois, falou novamente ao seu companheiro e aproximaram-se.

- Alto! - disse Ben-Hur separando-se da coluna.

- Uma palavra.
Outra vez se detiveram.

- Uma palavra? - repetiu o saxão, cruzando sobre o peito os seus braços poderosos. Uma palavra? Fala.

- Tu és Thord, o germano.
Os olhos azuis do gigante abriram-se
- Foste "lanista" em Roma.

Thord fez um sinal afirmativo.
- Eu fui teu discípulo.
- Não - disse Thord agitando a cabeça. - Nunca tive um judeu nas minhas mãos.
- Posso provar a minha afirmação.
- Como?
- Viesteis aqui matar-me de surpresa.
- É certo.
- Que este homem lute sozinho comigo e eu te darei a prova sobre o seu corpo.

Um relâmpago brilhou nos olhos do germano. Murmurou umas palavras ao ouvido do companheiro a que este deu o seu assentimento. Depois, voltando-se para

Ben-Hur, disse:
- Esperai que eu vos dê o sinal.

Dando-lhe repetidos empurrões com o pé, aproximou um divã e com a maior tranquilidade estendeu-se nele comodamente. Depois disse com naturalidade:

- Começai! Agora!
Sem preâmbulos, Ben-Hur adiantou-se para o seu adversário.
- Defende-te - disse-lhe.

O adversário dispôs-se à luta.

Colocados assim, um em frente do outro, pareciam irmãos. Nos lábios do estrangeiro despontava um sorriso de confiança, enquanto o rosto de Ben-Hur expressava uma seriedade e uma resolução que teria soado como advertência e ameaça a quem conhecesse melhor a sua habilidade. Ambos sabiam que a luta era de morte. BenHur descarregou um golpe com a direita. O estrangeiro desviou-o, avançando ligeiramente o braço esquerdo. Antes que pudesse pôr-se, de novo, em guarda, Ben-Hur apertou-lhe o pulso com um apertão que os anos passados aos remos tinham tornado terrível como uma mordedura. A surpresa foi completa.

Lançar-se para diante, impelir o braço aprisionado, primeiro para debaixo do queixo do adversário e depois sobre o seu ombro direito, fazer o homem dar uma meia volta de modo a apresentar-lhe sem defesa o flanco esquerdo e assestar-lhe um murro na nuca, atrás da orelha foi faina de poucos segundos. O sicário caiu ao chão, pesadamente, sem exalar um grito, fi cando imóvel.

Ben-Hur voltou-se para Thord.

- Ah! Quê? Pela barba de Hermínio! - gritou ele, atónito levantando-se. Depois deitou a rir: - Ah, ah, ah! Eu próprio não teria feito melhor.

Contemplou Ben-Hur, tranquilamente, da cabeça aos pés e aproximou-se dele com patente admiração.

- É o meu golpe, o golpe que pelo espaço de dez anos pratiquei nas escolas de Roma. Tu não és judeu. Quem és?

- Conheceste o duúnviro Arrius?
- Quintus Arrius? Sim, era o meu senhor.
- Arrius tinha um filho.

- Sim - disse Thord, enquanto as suas feições brutais se animavam. - Conheci esse jovem; teria sido o rei dos gladiadores. César ofereceu-lhe a sua protecção. Eu ensinei-lhe a dar esse golpe que tu acabas de dar, um golpe só possível a um punho e a um braço como os meus. Mais de uma coroa me valeu.

- Pois bem; eu sou o filho de Arrius.

Thord aproximou-se e examinou-o atentamente; depois os seus olhos azuis brilharam com um prazer ingénuo e, rindo, estendeu-lhe a mão.

- Ah, ah, ah! Ele disse-me que encontraria um judeu, um cão judeu com a morte do qual prestaria um serviço aos deuses.
- Quem to disse?

- Messala! Ah, ah, ah!
- Quando, Thord?
- Ontem à noite.
- Julguei que estava ferido.
- Não voltará a andar. Falou-me do leito, entre lamentos e maldições.

Ben-Hur compreendeu que o romano, a sobreviver, lhe votaria um ódio inextinguível e seria sempre perigoso para ele. Só a vingança lhe ficava para adoçar a vida de misérias, pois era sabido que Samballat lhe ganhara toda a fortuna... Ben-Hur fixou os olhos no futuro e viu de quantos modos o seu inimigo poderia estorvar a grande obra cometida em serviço do futuro Rei.

Porque não recorrer aos meios empregados pelo romano? Esse homem subornado para o assassinar, vender-se-ia também para matar Messala. E ele poderia oferecer-lhe uma soma maior.

A tentação era forte e estava já a ponto de a ela ceder, quando os seus olhos se encontraram, casualmente, com o cadáver do seu adversário, descoberto o rosto, tão semelhante ao seu.

- Thord - disse, - quanto te deu Messala para me matares?
- Mil sestércios.

- Tê-los-ás e se executares pontualmente as minhas ordens, acrescentarei três mil pela minha parte.

O gigante revelou em voz alta o seu pensamento.

- Ontem ganhei cinco mil sestércios; mais mil do romano fazem seis mil. Dá-me tu quatro mil, meu bom Arrius e ajudar-te-ei. Dá-me quatro mil sestércios e a uma só palavra tua, matarei o mentiroso patrício.

- Compreendo - disse Ben-Hur; - dez mil sestércios são uma fortuna. Permitir-teão ir a Roma e abrir uma nova taberna nas cercanias do circo Máximo e viver como corresponde ao primeiro dos <danistas".

Até as antigas cicatrizes do rosto do gigante ficaram rubras de alegria.

- Dar-te-ei quatro mil sestércios - prosseguiu Ben-Hur - sem te pedir que vertas novo sangue. Escuta. O teu companheiro não era bastante parecido comigo?

- Como maçãs da mesma árvore.

- Pois bem; se eu puser a sua túnica e lhe vestir os meus trajos podemos partir tranquilamente e tu receber igualmente os teus sestércios de Messala.

Thord riu até lhe saltarem as lágrimas.

- Ah, ah, ah! Ganhar tão facilmente dez mil sestércios em dois dias! Dá-me a tua mão, filho de Arrius! Se alguma vez fores a Roma não te esqueças de visitar a taberna de Thord, o germano. Dar-te-ei o melhor vinho de Roma, ainda que tenha de o roubar das adegas de César.

Deram outro aperto de mão, depois disfarçaram o cadáver cuja túnica e sandálias Ben-Hur pôs. Quando ficaram prontos, o gigante bateu na porta que se abriu. Desceram à rua e assim que chegaram ao Orafalo separaram-se.

Ao deixar o átrio, Ben-Hur dirigiu um último olhar ao sicário que jazia morto. A semelhança era perfeita. Se Thor se calasse, não haveria risco de ser descoberto o embuste.

Naquela noite, em casa de Simónides, Ben-Hur referiu ao mercador o que lhe acontecera no palácio de Iderneo, e ambos combinaram que, passados alguns dias, se faria uma denúncia com o fim de se descobrir o paradeiro do desaparecido filho de Arrius. Para iSSO recorreriam ao próprio Maxêncio. Messala e Gratus ficariam ditosos com a crença da morte de Ben-Hur, enquanto este se dirigiria com toda a liberdade a Jerusalém para averiguar o paradeiro da família.

Ao partir, Simónides deu ao jovem a benção do Senhor, com paternal afecto, enquanto Ester o acompanhou até às escadas.

- Se chegar a encontrar a minha mãe, Ester, tu irás reunir-te com ela, em Jerusalém, e serás uma irmã para a minha Tirza.

E, ao pronunciar estas palavras, beijou-a.

O cadáver encontrado no átrio foi sepultado; o correio de Messala partiu no mesmo dia para Cesária com o fim de anunciar a Valérius Gratus, a morte de Ben-Húr, desta vez certa e indubitável.

LIVRO SEXTO

Trinta dias depois da noite em que Ben-Hur abandonou Antioquia, para se reunir no deserto com o xeque Ilderim, um grande acontecimento, favorável ao nosso herói se processou: Valérius Gratus foi substituido por Pôncio Pilatos.

- Devemos fazer constar que esta mudança custou a Simónides cinco talentos em moeda romana, pagos a Sejano, que então estava no apogeu do seu poder como favorito imperial. O fim desta tentativa foi o de diminuir os perigos que podiam rodear Ben-Hur durante a sua permanência em Jerusalém.

Mesmo os homens mais malvados ocultam, às vezes com boas acções, a sua perversidade. Pilatos ordenou que se fizesse uma inspecção a todas as prisões da Judeia, com o propósito, sem dúvida, de iludir a responsabilidade que corresponderia ao seu antecessor. O povo, pensando no bem que esta dita medida lhe poderia trazer, elogiava Pilatos, e por algum tempo esteve satisfeito. As pesquisas efectuadas proporcionavam revelações assombrosas. Centenas de pessoas foram postas em liberdade por não terem cometido qualquer delito; outras, que já há anos se julgavam mortas, voltavam a ver a luz, e encontraram-se Prisões subterrâneas das quais as próprias autoridades se tinham já esquecido. Precisamente uma destas prisões desconhecidas foi encontrada em Jerusalém.

A ordem do novo governador, que solicitava uma relação das pessoas encarceradas, foi recebida na Torre Antónia e cumprida com Solicitude; dois dias tinham passado desde que o último Prisioneiro tinha sido chamado a prestar declarações. A informação estava sobre a mesa do tribuno, Pronta a ser remetida

a Pilatos.

Cinco minutos antes, aPresentou-se ao governador um homem que fazia ressoar um molho de chaves, cada uma delas pesada como um martelo que atraiu a atenção do chefe.

- Oh, tribuno! - começou, fazendo uma Profunda reverência, - tenho medo de te desgostar, dizendo o que devo dizer-te.

- Outro equívoco, hem Gesio?
- Se não fosse mais que um simples erro, não teria semelhante temor. Trata-se, então de um crime? Ou antes de uma transgressão a uma ordem dada?

Cumprem-se agora oito anos desde que Valerius Gratus me nomeou guarda dos presos aqui da Torre - disse o homem com calma. Recordo ainda o dia em que comecei O meu serviço. Tinha havido um motim no dia anterior e o sangue tinha corrido pelas ruas. Matámos alguns judeus e também houve vítimas do nosso lado. O motim Produziu-se, pelo menos assim mo disseram, por motivo de uma tentativa de assassínio contra Gratus, que caiu do cavalo, em consequência de lhe ter sido atirada uma telha de uma cornija. O próprio Gratus me notificou da minha nomeação e entregou-me estas chaves numeradas dos calaboiços. Em cima da mesa, havia um rolo de pergaminhos. Desenrolou-os e disse-me: "Isto mostra a disposição do último piso; este a do segundo e o outro a do primeiro. Confio-tos." Peguei-lhes e ele acrescentou: "já tens as chaves e as plantas, inteira-te do regulamento dos cárceres; visita as celas e observa em que condições se encontram. Se for necessária alguma reparação, ordena o que te pareça, porque enquanto eu mandar, serás tu o chefe do cárcere". Saudei e dispunha-me a partir, quando me chamou novamente: "Ah! dá-me a planta do segundo piso". Entreguei-lhe e ele estendeu-a sobre a mesa. "Vês este calaboiço?" E pôs o dedo sobre o marcado com o número V. "Nele há três homens de carácter revolucionário. Senhores de um segredo de Estado, pagam agora a sua curiosidade. Tirou-se-lhes os olhos e a língua e assim deverão permanecer toda a vida. Só podrão receber em cada dia a comida e bebida através de uma cavidade praticada na parede. Compreendes, Gesio?" Fiz sinais afirmativos. "Está bem, disse; agora vou recomendar-te outra coisa que jamais deves esquecer", e olhou-me de modo ameaçador." A porta desta cela, - número V, - não deverá abrir-se jamais por motivo algum, nem para deixar entrar ou sair ninguém, nem mesmo tu." "Mas e se morrem? perguntei eu." "Se morrerem, a cela será uma tumba. A cela está infestada de lepra, compreendes?" e dito isto,

despediu-me.

Gesio calou-se e da sua túnica tirou três pergaminhos amarelecidos pelo tempo e pelo uso. Escolhendo um, estendeu-o por cima da mesa ao tribuno, dizendo simplesmente:

Este é o primeiro piso. Esta é a planta que recebi de Gratus Esta é a cela número V - disse Gesio

- Bem vejo - replicou o tribuno. - Prossegue. A cela está infestada de lepra...
- Não tinha eu a obrigação de acreditar que a planta era exacta?
- Não podias crer outra coisa.
- Pois bem; o plano não é exacto.

O tribuno olhou-o, surpreendido.
- Não é exacta - replicou o guarda. - Só indica cinco calaboiços e são seis.
- Seis, dizes?
- Mostrar-te-ei a planta tal como é realmente.

Sobre uma das tabuinhas do seu memorandum desenhou uma planta que apresentou ao tribuno.

- Fizeste muito bem - disse o tribuno examinando o desenho. - Mandarei corrigir a planta.

E dito isto, levantou-se.
- Ouve, ainda, oh, ribuno.
- Amanhã, Gesio.
- Serei breve - disse com humildade o carcereiro.

- Não tinha o direito de acreditar em Gratus com respeito a quanto me disse acerca dos presos da cela número V?

- Sim; a tua obrigação era crer.
- Pois bem; tão-pouco é certo.

- Não? - interrompeu com interesse o tribuno. Ouve-me e julga. Conforme me ordenaste visitei todas as celas .A cela número V nunca fora aberta. Ontem quis abri-la para ver os miseráveis que tinham podido viver tão longo tempo. A chave

não entrava na fechadura. Empurrámos a porta e caiu destroçada sobre os gonzos! Ao entrar só encontrei um homem velho e cego, mudo e nu. Os cabelos caiam-lhe em desordem sobre as costas. A sua pele estava endurecida como um pergaminho. Estendeu as mãos e mostrou as unhas longas e retorcidas como as garras de uma ave. Perguntei-lhe onde estavam os seus companheiros e sacudiu a cabeça negativamente. Revistámos o calaboiço. Se ali dentro tivessem estado encerrados três homens e dois deles tivessem morrido, pelo menos ter-se-iam encontrado os ossos.

- Por isso crês...
- Creio, oh tribuno que só houve ali um prisioneiro durante estes oito anos. O tribuno disse severamente:
- Tem cuidado. Acusas Valerius Gratus de algo mais que uma mentira.
- Pode ter sido enganado.

- Não - replicou com viveza o tribuno. - Não disseste há pouco que durante oito anos foi levado comida e bebida para três homens?

- Ainda não ouviste metade do meu relato. Queres saber o que fiz daquele homem? Mandei-lhe dar um banho, fiz que o vestissem e calçassem e depois conduzi-o à porta da Torre e devolvi-o à liberdade. Julguei ter-me livrado dele; mas hoje voltou e, com sinais e com lágrimas, deu-me a entender que queria voltar à cela. Quando o levavam, beijou-me os pés e insistiu para que o acompanhasse. Acedi. O mistério dos três homens remordia-me a consciência por não ter levado até ao fim as minhas investigações.

- Os circunstantes guardaram silêncio.

Quando chegámos à cela, pegou-me na mão e conduziu-me diante de uma cavidade semelhante àquela através da qual lhe passávamos a comida. Sem soltar-me a mão aproximou o rosto da cavidade e deu um grito semelhante ao rugir de uma fera. Uma voz débil respondeu. Assombrado, chamei fortemente. "Olá", mas, ao princípio não obtive resposta alguma. Chamou de novo e, então, ouvi estas palavras: "Bendito sejas, meu Deus!" A minha surpresa aumentou. A voz era de mulher. Perguntei-lhe: "Quem és?" e replicou-me:

"Uma mulher de Israel sepultada com sua filha. Socorrei-nos depressa, ou morreremos." Dei-lhes contas das minhas boas disposições e corri aqui. O tribuno levantou-se apressadamente.

- Tinhas razão, Gesio - disse, - e agora compreendo. A planta é falsa como falsa é também a história dos três homens. Tem havido melhores romanos que Valerius Gratus.

Sim - disse o carcereiro, - posto que soube que o prisioneiro deu com regularidade a comida e a bebida recebidas à mulher.

- A razão é clara - disse o tribuno. E observando os semblantes dos seus amigos e reflectindo que seria bom ter testemunhas, acrescentou: - Salvemos as duas mulheres. Vinde todos!

Gesio mostrava-se satisfeito.

- Será necessário perfurar a parede - disse. - Pude encontrar o sítio em que se abria a porta; mas foi tapada com pedra e cal.

O tribuno deteve-se para dizer ao seu escrivão:

- Manda lá homens com os instrumentos necessários. Apressa-te e conserva a planta que parece exacta.

Oito anos antes, na manhã da sua prisão, a mãe e a irmã de Ben-Hur foram conduzidas à Torre, onde Gratus tinha mandado que as encarcerassem. Tinha escolhido aquele lugar porque era o que estava sob a sua mais imediata vigilância, porque estava separada das outras e para mais infestada de lepra, com o que dava a entender que era sua vontade que as presas estivessem encerradas numa verdadeira tumba.

A fim de que as vítimas sofressem o mais prolongado martírio, Gratus colocou numa cela próxima daquela um condenado cego e mudo para que lhe passasse os alimentos através de uma cavidade, e com surpreendente habilidade fez o procurador traçar novos planos topográficos, omitindo, como vimos,- a cela VI.

- No dia em que as descobriu Gesio, estavam as duas mulheres acocoradas junto ao muro em que se abria a cavidade, uma sentada, a outra meio deitada, apoiando-se na rocha nua. Encontravam-se completamente falhas de vestidos, e a luz, penetrando desde o alto, dava-lhes o aspecto de espectros. O seu recíproco

afecto ainda vivo, revelava-se vendo-as uma nos braços da outra. A mãe era bela como mulher, a filha bela como uma jovem; mas ninguém diria isso naquele instante. Os cabelos estavam compridos, desgrenhados, completamente esbranquiçados, e de toda a sua pessoa desprendia-se um aspecto de repulsa que teria feito parar o visitante mais animoso. Talvez sofressem com a atmosfera pesada, com as torturas da fome e da sede que não podiam satisfazer desde que o seu servidor, o forçado cego e mudo, lhes tinha sido tirado. Tirza, lamentando-se, apoiou-se na mãe e cingiu-lhe o pescoço com os braços, ao mesmo tempo que lhe dava um beijo.

- Tranquiliza-te, Tirza, Deus é bom. Temo-nos recordado sempre d'Ele e não nos temos esquecido de evocá-Lo cada vez que ouvíamos o som das trombetas do templo. Assim falou a mãe. As suas palavras eram simples e persuasivas. Tirza tinha cumprido vinte e um anos, mas que não era mais que uma criança, respondeu:

-Demonstrarei ser forte, mãe. Os teus sofrimentos devem ser tão grandes como os meus e eu quero viver para ti e para o meu irmão. Quem sabe onde se encontrará agora! Quem sabe se conseguirá salvar-nos?

A mãe estreitou contra o peito a filha e disse-lhe:

- A noite passada sonhei, Tirza, e vi perto de mim como te vejo a ti agora. Temos que acreditar nos sonhos; também os nossos pais o faziam, porque o Senhor falou-lhes assim por diversas vezes. Adivinhei que vinha à nossa procura e corri ao seu encontro abrindo-lhe os braços e chamando-o pelo seu nome. Ouviu-me, olhou-me; mas não me reconheceu.

A mãe inclinou a cabeça; o rosto nublou-se-lhe como se fosse ferida por uma dor aguda. Tirza levantou os braços ao céu e pediu com voz lastimosa:

- Dá-me água, oh mãe, um pouco de água. Uma só gota me bastaria.

A mãe espraiou a vista em seu redor confundida por se ver impotente para satisfazer a sede da filha. Tinha nomeado Deus tantas vezes, tinha-lhe prometido tanto em seu nome que lhe parecia um escárnio repetir a súplica.

Passou uma sombra pela frente da fenda, obscurecendo a débil claridade e pensou na morte que cada vez mais se avizinhasse e que a esperava assim que a

fé se lhe extinguisse.

- Tem paciência, Tirza; já vêm; estão quase aqui.

Pareceu-lhe ouvir um rumor proveniente da cela vizinha, sua única comunicação com o mundo exterior. Com efeito, não se equivocava. Depois de um ou dois minutos o grito do forçado ressoou através da cela. Tirza ouviu-o também e ambas se levantaram dando-se as mãos.

- Olá! - ouviram gritar; e depois: - Quem és?

A voz era desconhecida. Que se passava? Excepto as palavras trocadas com TirZa, eram as primeiras que ouviam desde há oito anos.

- Uma mulher de Israel aqui sepultada com a sua filha. Socorrei-nos depressa ou morreremos.

- Animai-vos. Voltarei imediatamente.

As mulheres romperam a chorar; tinham sido encontradas e ia ser-lhes prestado socorro. Se tinham sido encontradas, pô-las-iam em liberdade. Recobrariam tudo o que tinham perdido: casa, amigos, possesões, liberdade, filho e irmão. A escassa luz selavalhes ainda a beleza do dia; mas esquecendo os sofrimentos caíram no solo chorando, estreitamente abraçadas uma à outra.

Pouco depois ouviram um rumor procedente do outro lado, como de golpes rápidos, sonoros, dados por instrumentos de ferro. Os golpes tornavam-se cada vez mais vigorosos. a intervalos caía esterpitosamente um troço de muro e a liberdade ia-se avizinhando. Escutavam-se as vozes dos operários.

- É ele, mãe, é ele! Por fim encontrou-nos! - gritou Tirza com toda a vivacidade da sua juventude.

Mas a mãe respondeu docemente:
-Deus é bom!

Uma pedra caiu dentro da cela, depois outra, depois um pedaço inteiro e um

homem cheio de pó e cal penetrou levantando acima da sua cabeça uma tocha. Atrás entrou o tribuno que se deteve ao ver que se refugiavam num canto. Da escuridão em que se tinham escondido saíram estas palavras, as mais desgarradoras, as mais tristes, as mais desesperadas:

- Não vos acerqueis! Estamos impestadas! Estamos impestadas! Os homens, olhando uns para os outros, levantaram as tochas.
A mãe e a filha eram leprosas!

O tribuno ouviu-as com horror mas não se moveu.
- Quem sois?
- Duas mulheres que morrem de fome e de sede. Mas - (e não vacilou em dizê-lo

a mãe) - não te aproximes. Não toques nem o pavimento nem as paredes: está tudo impestado, impestado!

- Conta-me a tua vida, oh mulher; diz-nos o teu nome, declara-me quando, por quê, por obra de quem foste aqui encerrada.

- Houve em tempos nesta cidade de Jerusalém um príncipe chamado Ben-Hur que tinha César por amigo. Eu sou a sua viúva e esta a nossa filha. Como posso dizer-te a causa do meu encerramento se a ignoro, excepto o ser rica? Valerius Gratus poderá dizer-te quem era o nosso inimigo e quando começou o nosso cativeiro. Olha o estado em que estamos e tem compaixão de nós.

O ar estava rarefeito por causa do mau cheiro e do fumo das tochas. O romano mandou que se lhes acercasse um dos portadores e escreveu a resposta palavra por palavra. Esta era clara e compreensiva e continha, ao mesmo tempo, uma história, uma acusação e uma súplica.

- Serás socorrida, oh mulher - disse guardando a sua tabuinha. - Enviar-te-ei alimento e bebida.

- E roupa, e água limpa, rogamos-te, oh generoso romano.
- Faça-se como o desejais - respondeu ele.
- Deus é bom! - disse a mulher soluçando. Que a paz esteja contigo.

- Esta noite fá-las-ei acompanhar até à porta da Torre para vos pôr em liberdade. Já conheceis a lei, adeus!

Poucos momentos depois penetraram na cela outros escravos levando um grande recipiente, com água, uma ânfora, toalhas e um prato com pão e carne. Igualmente lhes levaram vestidos que deixaram no solo ao alcance das prisioneiras; depois foram conduzidas à porta e deixadas na rua. Assim se livrou delas o romano e elas puderam ser outra vez senhoras de si próprias na cidade de seus pais.

Ao mesmo tempo que Gesio, o guardião, se apresentava ao tribuno na Torre Antónia, um homem subia pela vertente oriental do monte das oliveiras. Era Ben-Hur que entrava em Jerusalém.

Uma noite, enquanto estava com Ilderim no Deserto, chegou um mensageiro com a notícia de que Gratus tinha sido destituído e em seu lugar nomeado Pôncio Pilatos. Com Messala reduzido à impotência, Gratus não tinha já poder algum. Porquê adiar por mais tempo a procura da mãe e da irmã? A sua resolução foi rapidamente tomada. Naquela mesma noite aconselhou-se com Ilderim e obteve o seu consentimento. Malluch devia encontrá-lo em Jerusalém.

Já era noite cerrada quando Ben-Hur se internou por uma rua que se dirigia para o sul. Caminhando pensativo descobriu a muralha setentrional da Torre Antónia, massa ameaçadora que se destacava no fundo cinzento do céu. A Torre era tão alta e forte, descansava sobre cimentos tão seguros que parecia, na escuridão, uma gigantesca nuvem; se a sua mãe estivesse encerrada nela, teria sido impotente para salvá-la.

Oprimido por este pensamento, tomou pela rua fronteira à torre e seguiu-a lentamente, mantendo-se a oeste, pois não podia resistir ao desejo de voltar a ver a sua casa. O coração encaminhava-o para aquele sítio.

Chegou, por fim, ao pé dela. Ben-Hur deteve-se junto à porta. A cera empregada para selar as portas permanecia intacta e numa tabuleta lia-se "Propriedade do Imperador".

Então aproximou-se silenciosamente da fachada meridional. Também a sua porta estava fechada e tinha correspondente inscrição. O resplendor da lua permitia ler as palavras e Ben-Hur leu-as cheio de ira. Sentou-se nos degraus, e suplicou a Deus que apressasse o advento do novo Rei. Este desabafo tranquilizou-o um pouco; em seguida foi cedendo às fadigas da viagem e adormeceu

Poucos momentos depois, duas mulheres desciam pela rua que conduzia à Torre

Antónia aproximando-se da Torre dos Hur. Ao chegar à esquina do edifício disse uma à outra imperceptivelmente:

- Já chegámos, Tirza.
Tirza apoiou-se nela pesadamente soluçando sem proferir palavra.

- Continuemos, minha filha, continuemos, porque ao despontar o dia atirar-nosão pelas portas da cidade que se fecharão para sempre para nós.

Tirza caiu sobre o empedrado.
- Ah, sim! - exclamou entre soluços. - Tinha-o esquecido.

Não era possível adivinhar qual era a mãe e qual era a filha. Ambas pareciam igualmente velhas e caducas.

- Chiu! - murmurou a mãe. - Há alguém acocorado na escada. Um homem.
Prosseguiram até à frente da porta onde se detiveram.
- Está a dormir, Tirza!

O homem permanecia imóvel.
- Fica aqui enquanto eu vejo se posso abrir a porta.

A mãe aproximou-se cautelosamente sem fazer ruido, olhou o homem adormecido e estremeceu. Voltou a olhá-lo inclinando-se levemente, juntou as mãos e elevou ao céu os olhos em muda súplica. Assim permaneceu um instante, em seguida correu a buscar Tirza.

- Tão certa é a existência de Deus como aquele homem é meu filho e teu irmão disse-lhe em voz baixa.

- Meu irmão? Judá?
A mãe apertou-lhe a mão com veemência.

- Vem - prosseguiu em voz sempre baixa e anelante; - vamos contemplá-lo juntas uma vez mais.

Atravessaram a rua com as mãos dadas, ligeiras, silenciosas como fantasmas. Quando as suas sombras se projectaram sobre Ben-Hur ambas se detiveram. Uma das mãos apoiava-se no degrau com a palma para cima. Tirsa caiu de joelhos e ia beijá-la mas a mãe conteve-a.

- Se te é querida a sua vida, não lhe toques. Estamos impestadas! - murmurou.

Tirza afastou-se como se fosse ele o leproso.

Ben-Hur moveu-se e agitou a mão. Dera um passo para trás e ouviram-no murmurar em sonhos:

- Onde está a minha mãe, Amrah?

E voltou a cair num sono profundo. Tirza devorava-o ardentemente com os olhos. A mãe escondeu o rosto no xaile buscando como sufocar um soluço profundo e forte que parecia ir rebentar o seu coração. Quase desejava que despertasse. Fez um sinal a Tirza, levantou-se e, dirigindo ao filho adormecido um último olhar como se quisesse gravar eternamente no coração a sua imagem, voltou a cruzar a rua com lentidão.

Pouco tempo depois, enquanto Ben-Hur dormia, outra mulher apareceu na esquina do palácio. As duas leprosas distinguiram perfeitamente uma figura diminuta, encurvada, de pele morena e de cabelos cinzentos, vestida como os criados e levando uma cesta com verduras.

Ao ver o homem deitado na escada, a recém-chegada, deteve-se; depois continuou o seu caminho. Passou junto ao homem adormecido; aproximou-se da porta, e um dos seus tabuleiros girou sobre si mesmo sem fazer ruído. Pousou a cesta, e cedendo à curiosidade, inclinou-se para dar uma olhadela ao forasteiro cujo rosto se via completamente.

As espectadoras do outro lado da rua ouviram uma exclamação sufocada e viram que a mulher esfregava os olhos, se inclinava de novo, olhava assombrada em volta, voltava a inclinar-se novamente sobre o homem, pegava-lhe na mão e beijava-a ternamente. Despertado por aquela acção, Ben-Hur viu aquela mulher.

- Amrah, Amrah! És tu? - disse-lhe.

A anciã atirou-se ao seu pescoço chorando de alegria. Judá separou-se dos seus braços e levantando o velho e rugoso rosto da serva, beijou-o com alegria. Mãe e filha ouviram-no dizer:

- Minha mãe..., Tirza..., diz-me o que sabes delas. Fala, peço-te. Amrah rompeu a chorar.
- Viste-as, Amrah? Sabes onde estão? Diz-me que estão em casa. Amrah chorava cada vez com mais sentimento.
- Ias entrar? - prosseguiu Ben-Hur. - Vamos. Eu irei contigo!

E ao dizer isto levantou-se.

Um momento depois tinham desaparecido. deixando sozinhas na escuridão as duas mulheres que contemplavam aquela porta que não haveria de abrir-se jamais para elas. Abraçaram-se estreitamente. Tinham cumprido com o seu dever; o seu amor tinha sido posto à prova e tinha vencido.

Ao amanhecer foram encontradas pelos guardas, que as expulsaram da cidade.

Duas manhãs depois, Amrah aproximou-se do poço de Enrogel e sentou-se sobre uma pedra. Qualquer a teria tomado pela criada de uma família acomodada. Uma ânfora e uma cesta coberta com um lenço branco que levava consigo, deixara-os no chão, junto de si. Tirou o véu, cruzou as mãos sobre os joelhos e permaneceu em atitude de quem espera. Pouco depois chegou um homem que trazia uma corda e um balde de coiro. Saudou a mulher, desenrolou a corda, amarrou-lhe o balde e esperou os seus paroquianos, os leprosos da colina próxima.

Quando o sol apareceu sobre o monte Olivete, os paroquianos foram chegando. Amrah continuou no seu lugar voltando os olhos para o cimo da colina e nem se moveu quando o sol começou a aquecer.

Enquanto espera falemos nós dos seus propósitos.

A alegria que experimentou ao encontrar-se com Ben-Hur pode imaginar-se facilmente. Ela teria querido que ele ocupasse a sua habitação que estava tal como a tinha deixado, mas o perigo de ser descoberto era demasiado grande. Ben-Hur prometeu visitá-la o mais amiúde possível indo e voltando à noite. A serva deu-se por contente e esmerou-se para lhe tornar agradável aquelas visitas clandestinas.

Recordava que, quando criança, era extremamente guloso e decidiu preparar-lhe doces de várias espécies e tê-los sempre na mesa, para quando chegasse. Assim, na noite seguinte saiu com o seu cesto e dirigiu-se para o Mercado da Porta dos Peixes. Ali ouviu um homem contar uma história. O narrador era um dos que

tinham penetrado com archotes na Torre Antónia, quando fora demolida a porta da cela número VI. Inteirou-se de todos os pormenores do achado, assim como dos nomes dos presos e escutou o relato, contendo a respiração, temerosa de perder uma só palavra. Terminadas as compras, regressou a casa crendo que era vítima de um sonho. Que alegria ia proporcionar ao seu protegido! Tinha encontrado a sua mãe! De súbito, deteve-se e pensou que dizer a Ben-Hur que a mãe e Tirza estavam contaminadas de lepra seria matá-lo, pois se dirigiria, indubitavelmente à cidade da Colina do Mau Conselho e a doença seguramente o atacaria. Amrah torceu as mãos. Que podia fazer? Primeiro que tudo não dizer uma palavra a Ben-Hur da história que ouvira e ir ela ao poço e esperar. A fome e a sede impeliriam as desventuradas e cria poder reconhecê-las à primeira vista.

Pouco depois do sol sair, os moradores da triste colina começaram a levantar-se e agitar-se e, um pouco mais tarde, apareceram em grupos, na sua maior parte formados por crianças, algumas de tenra idade.

Do sitio em que se encontrava, Amrah examinava aqueles grupos de espectros.

Quase na base da rocha, existia uma tumba que mais de uma vez tinha chamado a atenção de Amrah, pela largura da sua entrada, junto da qual havia uma pedra de grandes dimensões. A egípcia viu sair desta caverna duas mulheres, uma das quais amparava e conduzia a outra; ambas tinham os cabelos brancos e pareciam velhas; mas os seus vestidos não estavam destroçados e olhavam em redor, como se aquele lugar lhes fosse desconhecido. Amrah observou as duas mulheres com atenção crescente. Permaneceram imóveis durante breve tempo e depois avançaram lentamente, acercandose do poço. Várias vozes avisaram-nas de que se detivessem; mas elas prosseguiram o seu caminho, até que o homem que tirava a água, pegou em alguns seixos para as afugentar.

- Certamente - pensou Amrah - essas duas criaturas não conhecem os costumes. Levantou-se e foi ao seu encontro, levando consigo a cesta e a ânfora. Quando

mais se aproximava, mais cresciam a sua confusão e dúvidas. Ao chegar a quatro ou cinco passos do lugar em que se encontravam, deteve-se.

- São duas velhas! - murmurou. - Nunca as vi. Enganei-me.
E voltou-se para retroceder.
- Amrah! - gritou uma das leprosas.
- Quem me chama?

- Amrah! Nós somos quem tu procuras.

Amrah caiu de joelhos.
- Oh, minha senhora! Louvado seja Deus!
E a pobre criatura, cheia de emoção, avançou, arrastando-se.
- Pára, Amrah! Estamos impestadas!
- Oh, senhora, onde está Tfrza?
- Estou aqui, Amrah, estou aqui! Queres trazer-me um pouco de água?

O instinto de obediência da serva apareceu imediatamente. Amrah levantou-se, foi em busca da cesta e destapou-a.

- Olhai - disse. - Aqui trago pão e carne.
E ia a estender o guardanapo quando ouviu a sua senhora que lhe dizia:

- Não o faças, Amrah. Os que estão ali em baixo poderiam apedrejar-te e negarnos a água. Deixa o cesto e traz-nos água. É o maior serviço que te é lícito prestar-nos.

Os circunstantes ajudaram comovidos, a encher a ânfora.
- Quem são? - perguntou uma mulher.
Amrah respondeu humildemente:
- Foram tão boas para mim!

Colocando a ânfora sobre o ombro apressou-se a voltar para junto delas. Deixou a água junto do cesto, retrocedeu uns passos e deteve-se.

- Obrigada, Amrah! - disse a sua senhora.
- Não posso fazer mais nada por vós? - perguntou a serva.
A leprosa abrasava de sede, mas esperou e disse:

- Sei que Judá regressou a casa. Vi-o na outra noite a dormir sobre a grade e tu fizeste-o entrar.

- Vistes isso e não aparecestes?
- Seria matá-lo. Eu não posso abraçá-lo nem beijá-lo. Oh, Amrah! Tu ama-lo.
- Sim - disse efusivamente a serva. - Por ele daria a minha vida.

- Não lhe digas nem onde estamos, nem que nos viste. Nem uma palavra, Amrah!

- Mas ele procura-as. Veio de longe procurá-las.
- E não deve encontrar-nos. Escuta, Amrah. Serve-nos, como hoje, cada dia. Voltarás cada manhã e cada tarde e falar-nos-ás dele; mas a ele nem uma palavra de nós. Vai e volta esta tarde; esperar-te-emos. Adeus!

Pela tarde voltou e desde então, o seu único pensamento foi servi-las de manhã e à noite, para que não lhes faltasse o indispensável. A tumba era menos triste que a cela da Torre Antónia.

Na manhã do primeiro dia do sétimo mês, Ben-Hur abandonou o leito mal humorado. Depois da chegada de Malluch, este começara as suas pesquisas na Torre Antónia, dirigindo-se directa e ousadamente ao tribuno a quem referiu a história dos Hur e os pormenores do acidente ocorrido a Gratus. O objectivo da sua visita era averiguar se sobrevivia algum componente da desgraçada família. O tribuno respondeu a Malluch referindo-lhe o achado das duas mulheres no cárcere da Torre Antónia e leu-lhe a informação que tinha mandado fazer de todo o acontecido. Desta informação, pôde Malluch obter uma cópia, com que correu ao encontro de Ben-Hur.

Não é possível descrever o efeito que produziu no jovem a terrível história.
- São leprosas! Elas... a minha mãe... Tirza... Meu Deus!

Preso de vivo sentimento acudiu-lhe à mente a ideia da vingança. Levantou-se e disse resolutamente

- Vou à sua procura. Podem estar moribundas.
- Aonde irás procurá-las?
- Só num sítio as poderei encontrar.

Malluch impediu-o, e conseguiu que a direcção das pesquisas fosse confiada a ele próprio. Juntos dirigiram-se à porta onde se reuniam os leprosos. Ali permaneceram todo o dia, repartindo esmolas e assim continuaram o resto do quinto mês, e durante todo o sexto, sempre infrutiferamente. A espantosa cidade que coroava a colina foi completamente revistada pelos próprios leprosos para quem era incentivo as chorudas ofertas que lhes foram feitas. Na manhã do primeiro dia do sétimo mês chegou aos seus ouvidos a notícia de que duas mulheres tinham sido expulsas da cidade. Confrontando datas, Beu-Hur deduziu que aquelas desventuradas não podiam ser senão aquelas a quem procurava. Mas desta segurança só pôde tirar uma triste conclusão:

onde se encontravam? Que fora feito delas?

Cheio de ira, ardendo em desejos de vingança, penetrou no pátio do "cam" e encontrou-o cheio de gente chegada durante a noite. Enquanto tomava a primeira refeição, prestou atenção às conversas dos circunstantes, galileus que tinham acudido à capital para tomar parte na festa das Trombetas, que devia celebrar-se naquele dia. Um homem entrou no pátio com o rosto aceso, cheio de indignação.

- Que fazeis? - perguntou aos galileus. - Os rabinos e os principais dirigem-se ao templo para ver Pilatos. Vinde. Vinde. Apressai-vos Vamos com eles.

Subitamente todos o rodearam.
- A ver Pilatos?
- Descobriu-se uma iniquidade. O novo aqueduto de Pilatos vai ser pago com o dinheiro do templo.

- Como? Com o santo tesouro?
- Com o dinheiro de Deus! Que se atreva a tocar num só siclo!

- Vinde - gritou o mensageiro. - A manifestação está a atravessar a ponte. Pode necessitar de nós. Apressai-vos.

Ben-Hur adiantou-se na direcção deles e disse-lhes:
- Homens de Galileia! Sou um filho de Judá. Quereis-me convosco?
- Talvez tenhamos que lutar.
- Não serei o primeiro a fugir.
A resposta foi do seu agrado.
- Pareces robusto. Segue-nos.
Ben-Hur despojou-se do manto.
- Preveis que haja luta?
- Sim.
-Com quem?
- Com a guarda.
- Que armas tendes?
Olharam-no silenciosamente.

- Bem - prosseguiu - faremos o que pudermos; mas não seria melhor escolher um chefe? Os legionários têm um e por isso podem actuar como se os impelisse uma só vontade.

Olharam-no com curiosidade como se a ideia lhes parecesse nova.
- Pelo menos prometamos estar unidos - acrescentou. - Eu estou pronto. E vós?
- Também o estamos.

Chegaram aos muros do Pretório onde já tinham entrado os anciãos e os rabinos. à porta havia um centurião com um corpo de guarda completamente armado. Pelas portas de bronze, continuava a entrar uma torrente de cidadãos, enquanto outra mais exígua saía.

- Que se passa? - perguntou o galileu a um dos que saía.

- Nada - respondeu. - Os rabinos estão diante da porta do palácio e pedem para ver Pilatos. Ele negou-lhes a audiência e eles mandaram-lhe dizer que não se moverão dali até serem atendidos.

- Entremos - disse Ben-Hur tranquilamente.

A praça estava cheia de uma multidão exaltada. Todos tinham a vista fixa num pórtico, e a intervalos ouvia-se este grito:

- Pilatos, se és o governador, porque não sais? Aparece.
De súbito um homem abriu passagem por entre a multidão; o seu semblante estava incendiado pela cólera.

- Israel já não tem nem voz nem voto - gritou.
- Nesta santa terra não somos mais do que cães de Roma.

Decorreu uma hora, e como Pilatos não se dignou responder, os rabinos e a multidão não se moveram. Chegou o meio-dia e com ele um aguaceiro que caiu sobre os solicitantes; mas não se notou a mais pequena mudança na situação. A vozearia continuava. Por vezes acrescentavam-se frases desrespeitosas.

Pilatos só esperava que o povo lhe desse oportunidade para recorrer à violência. E esta chegou. No meio da confusão houviu-se rumor de golpes seguidos de gemidos de dor e de raiva. A gente que estava atrás deles tentou avançar. Os que ocupavam o centro da praça esforçavam-se por escapar do tumulto, e por um instante, o choque das forças contrárias foi terrível. Ben-Hur permanecia tranquilo.

- Podes ver o que se passa? - perguntou a um dos galileus.
- Não.
- Levantar-te-ei.

Pegou o homem pela cintura e levantou-o ao alto.
- Uns homens espancam a multidão. Estão vestidos como hebreus.
- Quem são?

- Romanos. Tão certo como Deus existe. Romanos disfarçados de hebreus. As suas varas não respeitam ninguém. Agora caiu um rabino. Miseráveis!

- Ben-Hur depôs o homem no solo.
- Homens da Galileia - disse, - é um ardil de Pilatos. Ataquemos esses homens.
- Sim, sim - responderam-lhe.

- Retrocedamos até às árvores da porta e veremos que a ideia de Herodes não é falha de utilidade. Segui-me!

Dirigindo-se para ali com passo rápido e pegando os ramos com todas as suas forças arrancaram-nos dos troncos. Num instante ficaram todos munidos de nodosos cacetes. Ao voltar à praça, a multidão fugia perseguida pelos falsos hebreus.

- Arrimai-vos à parede - gritou Ben-Hur - e deixai passar os fugitivos. Assim o fizeram.

As ordens de Ben-Hur eram fielmente seguidas, e os seus companheiros seguiram-no compactos por entre o gentio. Quando os romanos se encontraram frente a frente com os galileus ansiosos por lutarem e armados com iguais armas ficaram surpreendidos, A gritaria aumentou, os cacetes chocaram-se com golpes secos e impetuosos. Nenhum cumpriu com o seu dever melhor que Ben-Hur, cuja mestria e disciplina serviram admiravelmente nesta ocasião, porque não só sabia ferir e parar mas porque a amplitude do seu braço, a sua perfeita habilidade e a sua força assombrosa, lhe asseguravam a vitória. Era, ao mesmo tempo, soldado e capitão. Vigiava atentamente todos os pormenores da luta, e com a voz e com o exemplo animava os seus amigos. As suas vozes infundiam tanto valor aos seus sequazes, quanto temor aos contrários. Os romanos retiraram, primeiro ordenadamente, depois dando as costas e fugindo. Os galileus quiseram persegui-los pelas escadas; mas Ben-Hur deteve-os.

- Alto! - gritou-lhes. - O centurião em breve chegará com a guarda. Eles têm espadas e escudos. Não podemos medir-nos com eles. Retrocedamos até à porta.

Obedecendo-lhe, embora de má vontade, pois a vista dos seus conterrâneos que jaziam no solo, uns retorcendo-se e gemendo, outros pedindo auxilio, outros mudos como mortos, excitava a sua ira. Mas nem todos os feridos eram hebreus e isso era um consolo.

- Cães de Israel, detende-vos! - gritou o centurião ao ver que se iam embora.
Ben-Hur soltou uma gargalhada e disse-lhe na sua língua:
- Nós cães de Israel e vós, chacais de Roma. Já voltaremos outra vez.

Os galileus, rindo e troçando, prosseguiram o seu caminho. Do lado de fora da porta, agitava-se uma multidão como Ben-Hur nunca tinha visto nem mesmo no circo de Antioquia. Os terraços das casas, as ruas, toda a vertente da colina estavam cheias de gente que se lamentava e chorava. A guarda não opôs obstáculo à saída dos galileus, mas assim que se encontraram na rua, o centurião disse a Ben-Hur:

- Tu! És romano ou hebreu?
Ben-Hur respondeu:
- Sou filho de Judá. Que queres?
- Fica e lutaremos.
- Os dois sozinhos?
- Como queiras.

Ben-Hur sorriu.
- Oh! Bravo romano! És digno do bastardo Júpiter! Não tenho armas.

- Dar-te-ei as minhas - replicou o centurião. - Farei com que o guarda me dê outras.

Os circunstantes, ao ouvir o diálogo, guardaram silêncio. Não fazia muito tempo que Ben-Hur tinha vencido um romano diante de Antioquia inteira. Se agora podia humilhar outro à vista de Jerusalém, a honra alcançada seria de grande utilidade para o novo Rei. Por isso não vacilou. Avançando, disse ao centurião:

- Empresta-me a tua espada e o escudo.
- E o elmo e a couraça?
- Conserva-os. Não me servem.

Ben-Hur recebeu as armas e o centurião pôs-se em guarda.

Os soldados permaneceram imóveis como espectadores. A multidão perguntavase com curiosidade:

- Quem é? Como se chama?
Ninguém o sabia.

A supremacia das armas romanas consistia em três coisas: submissão à disciplina, ordem das legiões em batalha e uma singular habilidade no manejo da espada. Nunca feriam com o gume, excepto quando a manejavam de ponta, tomando quase sempre por alvo o rosto do inimigo. Isto sabia-o Ben-Hur que disse ao romano antes de começar:

- Sou um filho de Judá; mas não te disse que sou discípulo de um "lanista" de Roma. Defende-te!

Ben-Hur deu um passo para o seu adversário. Olharam-se mutuamente por um momento por cima dos escudos, e o romano, adiantando a espada dirigiu-lhe uma estocada ao peito. O hebreu sorriu. Então o romano intentou assestar-lhe outra no rosto. Ben-Hur esquivou-se para a esquerda rápido como um raio e atirou-se sobre o seu adversário sujeitando sobre o próprio escudo o braço do inimigo. Deu um passo em frente e outro para a esquerda, deixando o flanco direito do romano completamente a descoberto, e então feriu certeiramente o centurião, que caiu pesadamente de bruços. O hebreu tinha vencido.

Com o pé sobre a espada do seu inimigo, levantou o escudo acima da cabeça, segundo o costume dos gladiadores e saudou os soldados que estavam firmes diante da porta.

Quando o povo compreendeu que a vitória era de Ben-Hur, ficou louco de alegria. De boca em boca, com a rapidez da luz propagou-se a notícia, e em todos os lados as pessoas agitavam os xailes e os lenços, aplaudiam e gritavam; e se Ben-Hur o tivesse permitido, os galileus tê-lo-iam levado triunfalmente em ombros.

Quando estava um pouco afastado da porta disse aos galileus:

- Irmãos, portásteis-vos bem. Separemo-nos agora; mas esta noite poderemos

encontrar-nos no "Cam> de Betânia. Ali propôr-vos-ei uma coisa que tem para Israel suma importância.

Deste modo, Ben-Hur adquiriu a sua supremacia entre os galileus e preparou o caminho a maiores serviços em proveito da causa do "Rei que havia de vir".

LIVRO SÉTIMO

Depois de celebrada no "Can" de Betânia a reunião combinada, Ben-Hur acompanhou os galileus ao seu país onde a sua façanha na antiga Praça do Mercado lhe granjeou fama e autoridade. Antes de terminado o inverno, tinha reunido três legiões, organizando-as ao modo romano. Teria podido ter o dobro; mas dadas as suspeitas de Roma e a proximidade de Herodes, foi medida prudente limitar o número. Ele mesmo adestrava os oficiais no manejo das armas e nas manobras próprias para as formações das legiões e depois mandava-os para as suas casas, para que, por sua vez instruíssem os seus companheiros. Simónides fornecia-o de armas e de dinheiro e o Xeque Ilderim levava-lhe víveres e provisões.

Os meses de inverno transcorreram rapidamente para Ben-Hur, e quando chegou a primavera, já tinha convencido todos, de modo que pôde dizer-lhes com complacência:

- Amigos, venha agora o bom Rei. Só terá que dizer-nos onde quer estabelecer o seu trono, e nós com a nossa espada conquistá'-lo-emos.

Uma tarde em que Ben-Hur descansava à entrada da caverna que lhe servia de morada, apresentou-se-lhe um correio árabe que lhe entregou uma carta concebida nos seguintes termos:

"Jerusalém, Nisan IV

Apareceu entre nós um homem a quem todos tomam por Elias. Viveu muito tempo na solidão do deserto, e aos nossos olhos é um verdadeiro profeta: tal nos revelavam as suas palavras, cuja essência é a de que dentro em pouco há-de chegar um homem maior que ele e a quem espera na mar gem oriental do Jordão. Eu vi-o e ouvi-o. Aquele por quem espera é verdadeiramente um Rei. Vem e julga-o por ti próprio. Toda a Jerusalém corre atrás do profeta e tantas são as pessoas que acodem a vê-lo, que a margem onde ele mora está como o Monte

Olivete nos últimos dias da Páscoa.

Malluch"

O rosto de Ben-Hur resplandeceu.

- Esta carta, meus amigos - disse aos galileus, - anuncia-me a próxima realização das nossas esperanças. O mensageiro do Rei já apareceu e já o anunciou. A leitura da carta produziu um alvoroço geral entre os galileus.

- Preparai-vos pois - acrescentou, - e amanhã dirigi-vos a vossas casas. Por mim e por vós irei ver se o Rei chegou realmente e comunicar-vos-ei. Entretanto vivamos com a alegria da promessa.

Quando a noite caiu, montou a cavalo e acompanhado de um guia árabe dirigiuse ao Jordão.

Enquanto cavalgava entregue aos seus pensamentos, o guia atraiu a sua atenção, sobre um ponto que se movia no horizonte atrás de si.

- É um camelo - disse o guia.
- Seguido de outros? - perguntou Ben-Hur.
- Só. Não, um homem segue-o a cavalo; provavelmente o guia.

Pouco tempo depois o próprio Ben-Hur pôde distinguir que o camelo era branco e de estatura tão descomunal que lhe recordou imediatamente o assombroso quadrúpede que pela primeira vez viu na fonte Castália Pensando que podia ser o egípcio retardou o passo até que pôde distinguir duas pessoas sentadas debaixo do toldo do camelo. Dar-selhes-ia a conhecer? Deixaria que atravessassem sós o deserto? Enquanto estava indeciso sobre o que devia fazer, o camelo alcançou-o, deteve-se ao lado do seu cavalo e BenHur ao levantar a cabeça encontrou-se em presença de Iras, que levantando a cortina o olhava com os olhos cheios de surpresa e de alegria.

- Que as bênçãos do verdadeiro Deus caiam sobre ti - disse Baltasar.
- E a sua paz esteja contigo e com os teus - respondeu Ben-Hur.

- A minha vista está debilitada pelos anos - disse Baltasar - mas creio reconhecer em ti o filho de Hur, o hóspede de Ilderim, o Generoso.

- E tu és Baltasar, o sábio egípcio. Que procuras nestes sítios solitários?

- Quem está com Deus nunca está só e Deus está em todas as partes - respondeu gravemente Baltasar.

- Contra os ladrões do Deserto protege-nos um selo do Xeque Ilderim, e contra os animais ferozes a protecção divina.

- Creio - disse Iras com um sorriso - que terás o sumo gosto de nos mostrares o caminho mais curto para a fonte mais próxima, com o fim de podermos bendizer com a água o nosso matinal pequeno almoço no deserto.

Ben-Hur apressou-se a responder:

- Tem um pouco de paciência e encontraremos a fonte que desejas e cujas águas serão tão refrescantes como as da famosa Castália.

Pouco depois chegaram a uma torrente cujas águas se dividiam numa multidão de arroios que serpenteavam e se entrelaçavam por entre ilhas de verdura e espessos canaviais.

Os cavalos ficaram livres num momento e o etíope ajudou Baltasar e Iras a apearem-se do camelo. Já com o pé em terra, o velho voltou-se para o Levante, cruzou reverentemente as mãos sobre o peito e murmurou uma oração.

- Trazei-me um copo - disse Iras.

O escravo tirou um copo do baldaquim e apresentou-o à egípcia. Esta disse a Ben-Hur:

- Quero ser a tua copeira.

Ben-Hur teria querido servir a água a Iras, mas esta recusou a oferta; mergulhou o copo na fonte e tirou-o cheio de água que ofereceu ao judeu.

- Não - disse este, afastando a graciosa mão, - peço-to, é um dever meu. A egípcia insistiu:
- No meu país, filho de Hur, há um provérbio que diz: "Mais vale ser copeiro de um homem afortunado, que ministro de um Rei."

- Afortunado? - perguntou.
Iras apressou-se a acrescentar:
- Não foste vencedor no circo?

Ben-Hur ruborizou-se.
- Para mais, venceste um romano, lutando com ele à espada.

O rubor chegou-lhe até à raiz dos cabelos. Lutava entre o assombro e o contentamento, e ao ver a sua confusão, a egípcia levantou-se e disse:

- Oh, deuses do Egipto! Eu agradeço-vos por me terdes mostrado um herói e também porque a vitima do palácio de Iderneo não foi o meu rei entre os homens. Seja em vossa honra.

Verteu no tanque parte do conteúdo do copo e bebeu o restante. Depois, afastando o cristal dos lábios, exclamou a rir:

- Oh, filho de Hur! Toma o copo e vê se podes encontrar nele inspiração para me dedicar um galanteio.

Ben-Hur tomou o copo e encheu-o.

- Um filho de Israel não tem deuses a quem oferecer libações - disse, dissimulando a sua perturbação.

Que sabia dele a egípcia? Tinham-na inteirado das suas relações com Simónides, ou do tratado com Ilderim? Uma suspeita assaltou-o: alguém tinha descoberto segredos de tanta gravidade. Precisamente, dirigia-se a Jerusalém, onde, mais do

que noutra parte, a revelação dos seus desígnios ao inimigo seria prejudicial, para si, para os seus aliados e para a sua causa. Podia a egípcia ser sua inimiga?

Quando o copo refrescou, encheu-o, levantou-se e afectando uma indiferença que não sentia, disse:

- Se fosse egípcio, grego ou romano, diria: "Deuses, dou-vos graças porque haveis deixado no mundo o encanto da beleza e as doçuras do amor, e bebo à saúde daquela que melhor os representa, Iras, a mais formosa das filhas do Nilo."

A egípcia poisou a mão, suavemente, no ombro de Ben-Hur.
- Transgrediste a Lei. Não te poderia denunciar aos rabinos?

- Oh! - disse ele a rir, - seria o menos que poderia fazer uma pessoa que conhece tantissimos segredos de Estado.

- Ainda mais. Irei junto da pequena hebraica que cultiva as rosas no terraço do grande mercador de Antioquia. Perante os rabinos, acusar-te-ei de ímpio, perante ela...

- Quê?

- Repetirei o que me disseste ao levantar o copo e tomando os deuses por testemunhas.

Antes que pudesse responder à alusão feita à pequena hebraica, Baltasar aproximou-se deles.

O escravo trouxe as toalhas e os três, depois de se terem lavado e secado as mãos, sentaram-se, ao uso oriental, debaixo da mesma tenda que muitos anos antes tinha servido de refúgio aos três Magos no Deserto.

- Quando te alcançámos, oh filho de Hur - disse Baltasar no final da refeição pareceu-nos que também te dirigias para Jerusalém, como nós. Será inconveniente perguntar-te se efectivamente te diriges para lá?

- Sim, vou à cidade santa.

- Estou impaciente - disse Baltasar. - Não há muito, perturba o meu descanso sempre o mesmo sonho. Uma voz grita-me constantemente: "Depressa... levanta-te! Aquele a quem tão ardentemente esperas... chegou."

- Referes-te ao que há-de ser Rei dos judeus? - perguntou Ben-Hur, assombrado.
- Sim.
- Não ouviste dizer nada d'Ele?
- Nada, para além do que te disse.
- Pois eu tenho notícias d'Ele que te alegrarão, como me alegraram a mim.

Ben-Hur tirou de entre as pregas da sua túnica a carta que tinha recebido de Malluch. O egípcio tomou-a com mão trémula. Leu-a em voz alta e com emoção crescente; as veias do pescoço incharam-lhe e palpitaram com violência. Ao chegar ao fim, ergueu os olhos em acção de graças.

O silêncio que se seguiu a estas palavras foi interrompido, de novo, por Baltasar.

- Levantemo-nos - disse, - levantemo-nos e prossigamos o nosso caminho. O que disse aumentou mais a minha impaciência por ver Aquele que está constantemente na minha mente. Sirva isto para me confessar diante de ti, filho de Hur, e de ti, minha filha, da pressa que tenho.

A um sinal seu, um escravo tirou vinho de um odre, de que se serviram e beberam.

Enquanto o escravo guardava o que sobrara, nas caixas do baldequim e o árabe conduzia os cavalos dos três amigos, lavaram as mãos no manancial.

Depois partiram para se juntarem à caravana de que Baltasar se tinha separado impulsionado pelos seus desejos de chegar a Jerusalém.

Depois de três dias de viagem, a comitiva deteve-se, perto do meio dia, nas margens do rio Jablok, onde estavam acampadas, aproximadamente umas cem pessoas, na maioria pastores que descansavam ali com os seus rebanhos. Apenas se apearam do camelo, acercou-se-lhes um homem com um cântaro cheio de água e uma taça, convidando-os a beber. Aceitaram e Ben-Hur perguntou o motivo da sua presença.

- Regresso das margens do Jordão, onde há, na actualidade, grande número de pessoas, algumas procedentes de países longínquos e que viajam como vós.

- Que se passa?

- Compreendo - replicou o estrangeiro. - Vindes de longe e não ouvisteis as boas novas.
- Quais?

- Um homem veio do Deserto; dos seus lábios brotam palavras estranhas que seduzem quantos as ouvem. Chama-se João, o Nazareno, filho de Zacarias, e chama-se a si mesmo, percursor do Messias.

A egípcia também prestava atenção a estas notícias.
- Muitas pessoas acodem a escutá-lo e de lá volto eu com alguns.
- E que predica?

- Uma nova doutrina nunca antes ouvida em Israel, segundo dizem. Chama-lhe a doutrina do baptismo. Os rabinos hesitam em o acolher e nós não sabemos que fazer. Uns perguntaram-lhe se era o Cristo; outras se era Elias, mas a todos respondeu: "Eu sou a voz do que clama no Deserto: Preparai o caminho do Senhor".

Nesse momento foi chamado pelos seus companheiros e quando se afastava, Baltasar perguntou-lhe com voz trémula:

- Bom homem! Dizei-nos se poderemos encontrar o pregador no local onde o deixásteis.

- Sim; em Bethabara.

- Quem pode ser esse nazareno - disse Ben-Hur a Iras, - se não o arauto do nosso Rei?

Tão facilmente se tinha deixado persuadir de que a filha se interessava mais que o seu velho pai pelo misterioso personagem que procurava! Este, cujos fatigados

olhos fulguraram ao ouvir a nova, levantou-se e disse:

- Apressemo-nos; já descansei.

Muito perto da terceira hora do dia seguinte, depois de seguir pelo caminho que costeia a aldeia do Monte Gilead e que tomara desde sua saída de Armoth a comitiva chegou à árida estepe que se estende a setentrião do rio sagrado. O sangue de Ben-Hur circulava-lhe rapidamente pelas veias, só ao considerar que estava perto do vau.

- Regozija-te, Baltasar - disse; - não tardaremos a chegar.

Breve divisaram cabanas, tendas e animais que pastavam e grande multidões reunidas junto da ribeira; mas à medida que se aproximavam, notaram que as pessoas começavam a dispersar.

Tinham chegado tarde!

- Paremos aqui disse Ben-Hur a Baltasar que se entregara ao desespero; - talvez o nazareno venha por este lado.

Quando já algumas centenas de pessoas se tinham ido, viram adiantar-se para eles, uma pessoa, que os fez esquecer quanto os rodeava. O aspecto do homem era rude e grosseiro, quase selvagem. O seu rosto magro, esquálido, e da cor do pergaminho. Pelas costas e até à cintura caía-lhe em caracóis, abundante cabeleira queimada pelo sol. Os seus olhos eram brilhantes, todo o lado direito da sua pessoa estava desnudado e era da mesma cor do seu rosto e quase sem carnes; o resto do seu corpo estava coberto por uma camisa de pele de camelo suja como a tela da tenda dos beduinos e sujeita na cintura por um largo cinturão de pele por curtir. Levava os pés nús e das costas pendialhe uma bolsa de coiro. Apoiava a mão num bastão, ainda que os seus movimentos fossem vivos, decididos e estranhamente inquietos; de quando em quando afastava de sobre os olhos os seus caracóis rebeldes e olhava em redor, como se procurasse alguém.

Em momento de tanto interesse para os recém-chegados, e que cada um era presa de uma emoção distinta, outro homem estava sentado não muito longe sobre uma pedra na margem da ribeira pensando talvez no sermão que acabava de ouvir. De súbito levantou-se e caminhou lentamente na mesma direcção que levava o nazareno e como se desejasse encontrar-se com ele muito perto do sítio

em que estava o camelo. Os dois, o pregador e o forasteiro foram caminhando até se encontrarem. A dez passos de distância, o pregador parou, afastou dos olhos os cabelos que lhe impediam a visão, olhou fixamente o forasteiro e levantou as mãos como assinalando à multidão para que se detivesse a contemplá-los. Todos pararam admirados.

O silêncio era profundíssimo. O nazareno levantou pausadamente o bastão que segurava com a mão direita, assinalando com ele em direcção ao forasteiro. Todos os circunstantes fixaram nele os seus olhares atentamente. O mesmo fizeram Baltasar e Ben-Hur.

O homem dirigia-se para eles com lentidão; era de estatura um pouco superior à mediana, delgado e de movimentos tranquilos e circunspectos. Na mão esquerda levava o pano da cabeça, que era de cor avermelhada. O seu trajo estava amarelado pelo pó e sujo de lodo. As borlas do seu cinturão eram azuis e brancas como as prescrevia aos rabinos a lei. As suas sandálias muito simples. Não usava nem bolsa nem bastão. Mas nenhum destes pormenores chamou a atenção dos nossos três protagonistas, aos quais apenas atraia a cabeça e em especial o rosto do desconhecido, que difundia uma inefável fascinação. Como dissémos, levava a cabeça descoberta, e os seus cabelos, de cor castanha-dourada, ligeiramente ruivos, dividiam-se a meio para descer em largos caracóis pelos ombros.

Era difícil determinar se as suas feições eram gregas ou hebraicas. Pela sua delicadeza o nariz e a boca pertenciam mais ao tipo grego, e ante a doçura dos seus olhos, a palidez do seu rosto, a sedosidade dos seus cabelos e da sua eriçada barba, que formava um conjunto inexplicável de suavidade e de beleza, um soldado teria sorrido ao encontrá-lo, uma mulher ter-se-ia sentido instintivamente atraida a amá-lo e uma criança ter-lhe-ia estendido a diminuta mão e outorgado toda a confiança da sua alma juvenil.

Lentamente continuava a aproximar-se dos nossos três protagonistas. Ben-Hur era digno de atrair os olhares de um Rei; no entanto os olhos do que se aproximava não se fixavam nele nem na maravilhosa beleza de Iras mas sim no velho e caduco Baltasar. O silêncio

era profundo.
O nazareno, estendendo o bastão para o recém-chegado, gritou em voz alta:
- Olhai o Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo.

Os circunstantes assombrados pela acção e pela frase, dispunham-se a escutar o que se seguiria a estas estranhas palavras, cujo sentido a sua inteligência não abarcava. Mas em Baltasar produziram um efeito irresistível. Tinha vindo para ver outra vez o Salvador. A fé que lhe tinha granjeado tal privilégio quando era jovem, tinha sido confirmada com os anos concedendo ao seu olhar uma penetração superior aos dos seus companheiros, uma força que lhe permitia reconhecer apenas pelo aspecto Aquele a quem procurava.

Baltasar caiu de joelhos. Ele não tinha necessidade de explicações e como se o eremita o soubesse, voltou-se para os que o olhavam assombrados e prosseguiu:

- Este é Aquele de quem falei. Eu não O conhecia; mas a fim de que se mamifeste a Israel, veio baptizá-lo com água. E viu o Espírito descer do céu sobre Ele em forma de pomba. Eu não O conhecia, mas aquele que me enviou para o baptizar com água disse-me: "Aquele sobre cuja cabeça verás descer o Espírito. Esse é quem procuras". E eu vi-O e testemunho que Esse é o Filho de Deus.

- É Ele! É Ele! - gritou Baltasar com os olhos cheios de lágrimas! E caiu por terra desmaiado.
Ben-Hur apeou-se do cavalo para lhe render homenagens, mas Iras gritou:
- Filho de Hur, socorro! Meu pai está a morrer!

Deteve-se, olhou para trás e apressou-se a socorrer o ancião. Iras deu-lhe um toque e Ben-Hur, ordenando ao escravo que fizesse ajoelhar o camelo, correu ao rio para buscar água. Quando voltou, o forasteiro tinha desaparecido.

Por fim Baltasar recobrou os sentidos e perguntou debilmente:
- Onde está?
- Quem? - perguntou Iras
- Ele, o Redentor, o Filho de Deus, a quem pude ver pela segunda vez.

- Crês tu que é realmente o Filho de Deus? - perguntou Iras a Ben-Hur com voz baixa.

- Estou cheio de assombro; aguardemos. No dia seguinte, enquanto os três prestavam atenção ao eremita, este interrompeu-se a meio da conversa e exclamou:

- Olhai o Cordeiro de Deus!

Seguindo a direcção da sua mão, puderam ver novamente o forasteiro. Enquanto Ben-Hur examinava a sua delicada figura e o seu aspecto majestoso, assaltou-lhe uma nova ideia:

- Baltasar e Simónides têm razão. Não pode o Redentor ser um Rei? E perguntou ao que estava mais próximo.
- Quem é aquele homem?

E o outro rindo ironicamente respondeu:

- É filho de um carpinteiro de Nazaré.

LIVRO OITAVO

- Ester, Ester, chama o criado e diz-lhe que me traga um copo de água.

Encontramo-nos no pavilhão do terraço do antigo palácio dos Hur em Jerusalém. Da varanda que dava para o pátio, Ester chamou um criado no preciso momento em que outro ia ao seu encontro saudando-a respeitosamente:

- Uma carta para o senhor - disse entregando-lhe uma missiva.

Aqui convém dizer ao leitor que estamos no vigésimo primeiro dia de Março, três anos depois do baptismo do Nazareno. Neste espaço de tempo, Ben-Hur, que não podia suportar o abandono e o estado arruinado do palácio de seu pai, tinha comprado a casa a PÕncio Pilatos por intermédio de Malluch, e com as oportunas reparações, tinha devolvido o seu esplendor primitivo a portas, pátios, escadas, terraços, paredes e tectos ao extremo de que não só não ficasse uma única recordação dos trágicos acontecimentos por que a família tinha passado, mas também como a sua riqueza excedia talvez a primitiva, pois em cada ângulo, o visitante encontrava provas do bom gosto que o jovem proprietário tinha adquirido durante a sua estadia na quinta de Misseno, e na capital romana. Sem embargo, Ben-Hur não quis passar ainda aos olhos do público por seu proprietário. De vez em quando, acudia à cidade santa para passar uns dias na casa paterna; mas sempre incógnito e na condição de hóspede. Mas estas visitas não eram devidas unicamente à necessidade de descanso. Baltasar e Iras alojavam-se no palácio e Ben-Hur não era insensível ao encanto da jovem. Quanto a Simónides e a Ester, havia poucos dias que tinham chegado de Antioquia, depois de uma viagem muito fatigante para o ancião.

Contemplou a missiva, deteve-se, olhou-a uma segunda vez mais atentamente e roburizou-se ao reconhecer o selo de Ben-Hur. Então apressou o passo e depositou a carta nas mãos de seu pai. Simónides, depois de uma breve pausa, examinou também o selo. Abrindo a carta, entregou à jovem o seu conteúdo, dizendo-lhe:

- Lê.

Os olhos de seu pai estavam fixos nela enquanto falava, e uma expressão de

tristeza transpareceu no seu rosto.

- Vejo que sabes de quem vem, Ester.
- Sim, de... nosso... senhor.

Ainda que as palavras fossem ditas com embaraço, nenhuma perturbação apareceu no seu olhar. O ancião inclinou a cabeça.

- Tu ama-lo, Ester.
- Sim - respondeu a jovem.
- Reflectiste bem no que fazes?

- Tentei não pensar nele e só recordar-me de que é o nosso dono. Mas o esforço foi inútil.

- És uma boa filha - murmurou pensativo o ancião.
E depois de um instante, prosseguiu:

- Deus me perdoe, mas estou seguro de que o teu amor se teria visto correspondido se eu tivesse conservado tudo quanto tinha em meu poder. É muito grande a eficácia do dinheiro!

- Pior para mim se tivesses feito como dizes, pois então eu seria indigna dos seus olhares e não me poderia orgulhar de ti. Queres que leia?

- Um momento - exclamou. - Permite-me que para teu bem te faça conhecer a tua desgraça. Ester, o seu coração já não te pertence.

- Já o sei - respondeu esta tranquilamente.

- A egípcia apanhou-o nas suas redes - prosseguiu Simónides - e essa mulher reune, além de toda a astúcia da sua raça, uma beleza fascinante. Muita beleza e muita astúcia; mas pouquíssimo coração. A filha que deprecia o seu próprio pai não fará feliz o seu esposo.

- Merece que a acuses assim?

- Baltasar é um sábio, singularmente favorecido por Deus apesar de ser gentil;

pois bem, a filha troça dele. Ontem mesmo ouvi-a dizer ao falar de seu pai as seguintes palavras: "As loucuras da juventude são perdoáveis; mas não há nada digno de admiração nos anciãos se se exceptuar a sabedoria; quando esta se esgotou, o melhor que aqueles podem fazer é morrer". Palavras cruéis próprias dum romano

Depois de uma breve pausa, apoiou a mão no ombro da filha e acrescentou: Quando tiver tomado por esposa a egípcia, oh, minha querida Ester, o seu pensamento voará para ti com arrependimento. O seu espírito ver-se-á conturbado porque então advertirá que foi o instrumento da ambição dessa mulher. Roma é a meta dos seus sonhos. Para ela ele é somente o filho do Duúnviro Arrius, não de Hur, príncipe de Jerusalém.

Ester não quis dissimular, sequer, o efeito destas palavras!
- Salva-o! Ainda é tempo.
O ancião respondeu com um movimento negativo da cabeça:
- Pode-se salvar um homem que se afoga; mas não um homem enamorado.

- Mas tu podes ter muita influência sobre ele; está só no mundo. Mostra-lhe o perigo, abre-lhe os olhos

para que veja o carácter dessa mulher.

- Isso talvez o livrasse dela; mas não to entregaria a ti. Não - e franziram-se-lhe as sobrancelhas. - Eu sou um servo como o foram meus pais, de geração em geração, como, pois, me atreverei a dizer-lhe: "Olha, senhor, eu tenho uma filha que é muito mais bela que a egípcia e que te ama muito mais?" Não, por todos os patriarcas, Ester; preferiria descer contigo ao sepulcro de minha pobre esposa.

O rosto de Ester tinha a cor da brasa.

- Nunca pretendi que lhe falasses assim, meu querido pai; ao dizer-te o que disse, pensava somente nele, na sua felicidade, não na minha. Se me atrevi a amá-lo, saberei conservar-me digna do seu respeito; assim poderei excusar a meus olhos a minha loucura. Agora deixa que leia a carta.

- Sim, lê-a.

Leu rapidamente como para pôr fim àquele enfadonho assunto:

"Nisan, oitavo dia, no caminho de Galileia a Jerusalém.

O Nazareno pós-se a caminho. Sem que Ele o saiba, sigo-o com uma legião dos meus. Uma segunda vem atrás dela. A Páscoa serve de pretexto para a aglomeração. Ao partir disse-nos:

- Iremos a Jerusalém e todas as coisas que de mim escreveram os profetas terão cumprimento.

A nossa espera chega ao seu termo.
Apressa-te.
A paz seja contigo, Simônides. - Ben-Hur."

Ester devolveu a carta a seu pai, afogando, a duras penas, um soluço. Nem uma só palavra para ela, nem uma saudação! Pela primeira vez na sua vida, sentiu a mordedura dos ciúmes.

- O oitavo dia - falou Simónides, o oitavo dia, é hoje. Ester é...
- O nono - respondeu a filha.
- Então devem encontrar-se já em Betânia.

- E é possível que possamos vê-lo esta noite - acrescentou ela, esquecendo por um momento o próprio desengano com a alegria daquela perspectiva.

Nesse momento apresentou-se o servo com a água. Ester serviu seu pai, e enquanto prestava este serviço apareceu Iras no terraço. Ester, ao vê-la, sentiu um nó no coração e aproximou-se mais de seu pai.

- Paz para vós Simónides e paz para a gentil Ester - disse a jovem egípcia. Depois da saudação dirigiu-se à jovem e colhendo-a pela cintura levou-a até à balaustrada e detiveram-se no preciso sítio onde, anos antes, Ben-Hur tinha deslocado aquele pedaço de telha que fora bater na cabeça de Gratus.

- Estiveste alguma vez em Roma? - perguntou Iras brincando com um bracelete que tinha tirado do braço.

- Não - replicou Ester.

- E nunca desejaste lá ir?
- Também não.
- Ah, que pobre foi a tua vida!

O suspiro que acompanhou aquelas palavras não poderia ter sido mais eloquente se a egípcia quisesse lamentar o seu próprio destino. Um instante depois rompeu numa gargalhada e exclamou:

- Vem o Rei!
Ester olhou-a surpreendida. Iras acrescentou baixando a voz:
- O Nazareno chegará amanhã; Ben-Hur estará aqui esta noite.

Ester fez um esforço para dissimular a sua agitação;

mas não o conseguiu. Baixou os olhos, ruborizou-se e não pôde ver o sorriso de triunfo que animou o semblante da egípcia.

- Olha. Aqui está a prova - e tirou um rolo do cinturão.

Congratula-te, minha amiga! Estará aqui esta noite. Ben-Hur possui um magnífico palácio junto ao Tibre e prometeu oferecer-mo; ser a senhora, quer dizer, ser... O rumor de passos acelerados na rua fê-la interromper-se e assomando a cabeça pela balaustrada, exclamou:

- Bendita seja Isis! É ele, é Ben-Hur. Chega precisamente quando falávamos dele! Ester, abraça-me!

A hebraica olhou-a com a cara incendiada e com uns olhos que expressavam, talvez pela primeira vez na sua vida, um sentimento não muito afastado da ira. Como se não bastasse a proibição que se tinha imposto de pensar no homem a quem amava, devia ouvir como a sua afortunada rival lhe confiava vitoriosa os seus triunfos e as suas brilhantes esperanças no futuro. Por isso não pôde conter-se sem dizer:

- Tanto o amas tu, ou amas mais Roma?
A egípcia avançou um passo e perguntou por sua vez:

- Que te importa a ti?

Esta, presa de agitação, começou:
-É que...

Mas um pensamento que lhe relampejou no cérebro deteve-lhe nos lábios a palavra que ia pronunciar e, confusa, trémula, concluiu:

- É que ele é amigo de meu pai.
Por nada do mundo teria podido confessar a sua condição de escrava. Iras sorriu levemente.

- E nada mais que isso? - perguntou trocista. - Ah! Pelos deuses egípcios do amor, fica com os teus beijos. Tu mesma me acabas de mostrar que outros mais inestimáveis me esperam aqui na Judeia. Vou recebê-los. Que a paz seja contigo!

Ester seguiu a sua rival com o olhar até que desceu os degraus lentamente e desapareceu. Então ocultou o rosto nas mãos e rompeu em lágrimas, lágrimas de vergonha e de dor.

Uma hora depois, Baltasar, Simónides e Ester encontravam-se na sala maior do palácio, onde a sua conversa foi interrompida pela chegada de Ben-Hur e de Iras. O jovem hebreu aproximou-se primeiro de Baltasar, depois voltou-se para Simónides; mas, à vista de Ester, deteve-se.

Ficou surpreendido ao ver a transformação que o tempo tinha operado no aspecto da belissima Ester, e no instante em que se deteve a contemplá-la, uma voz interior apressou-se a recordar-lhe as promessas esquecidas e os deveres afastados. Por um momento sentiu-se perturbado; mas depois, refazendo-se, exclamou:

- Paz para ti, doce Ester, e para ti, Simónides, que és o pai desta órfã. A benção de Deus vos proteja!

Ester ouviu estas palavras com os olhos fixos no pavimento. Simónides respondeu:

- Repito-te a saudação que dirigiste ao bom Baltasar. Filho de Hur, bem-vindo sejas à mansão paterna. Senta-te e refere-nos a tua viagem, o que fizeste e o que

soubeste do Nazareno.

Ester, com pressurosa solicitude, chegou-lhe uma cadeira.
- Obrigado - disse-lhe Ben-Hur.
Depois de se sentar, e de trocar algumas palavras, começou:
- Vou falar-vos do Nazareno.
Os dois velhos fixaram-no com vivo interesse.

- Segui-o durante muitos dias, espiando todos os seus actos. Vi-o em todos as possíveis circunstâncias em que é dado vigiar e julgar um homem e desde já vos digo que ao mesmo tempo que tenho a certeza de que é um homem como eu, não a tenho menor de que possui qualquer coisa mais que a humanidade.

- Quê? De que maneira?
- Vou explicar-vos.

Uma pessoa entrou naquele momento, interrompendo-os. Ben-Hur voltou-se, soltou um grito de júbilo e, levantando-se, correu apressado ao seu encontro.

- Amrah! - exclamou. - Minha boa e velha Amrah!

Esta aproximou-se com o rosto resplandecente de alegria. Arrojou-se aos pés do seu senhor, abraçou-lhe os joelhos e beijou-lhe repetidamente as mãos e quando BenHur, abraçando-a perguntou: "Minha boa Amrah, nada sabes delas, nem uma palavra, nem um indício?", a pobrezinha rompeu em soluços, mais eloquentes que qualquer palavra.

Ben-Hur, esforçando-se por conter as lágrimas, disse solenemente:

- Cumpra-se a vontade divina! Vem Amrah. Fica enquanto conto aos meus bons amigos a história de um homem extraordinário que veio ao mundo.

A velha afastou-se e sentando-se no chão com as costas apoiadas na parede e as mãos fechadas sobre os joelhos, manifestou claramente a todos que o seu único desejo era a contemplação do seu senhor. Ben-Hur disse assim aos dois anciãos.

- Não quisera responder à pergunta que me fizestes sobre o Nazareno sem vos referir antes que o vi fazer, tanto mais que amanhã chegará a esta cidade para se

dirigir ao templo que Ele chama a casa de Seu Pai, onde se nos dará a conhecer. Assim saberemos amanhã, quem de vós, Baltasar ou Simónides tem razão.

Baltasar esfregou as mãos trémulas e perguntou:
- Aonde poderei ir vê-lo?

- O tumulto da gente será muito; melhor será portanto que ides aos terraços do pórtico do Templo, bem por cima da porta de Salomão.

- Virás connosco?
- Não. Os meus amigos talvez tenham necessidade de mim na procissão.
- Procissão? - perguntou Simónides. - Viaja com cortejo?

Ben-Hur apressou-se a responder:

- Leva consigo doze homens, pescadores, agricultores e um estalajadeiro, todos de condição humilde;'

viajam a pé, sem temor do vento, do frio e da chuva, nem do sol. Ao

vê-los deterem-se ao anoitecer para comer um pedaço de pão, antes de se deitarem sobre o solo, no caminho público, parece-me contemplar uma horda de pastores que regressam do mercado com os seus rebanhos. Só quando o Nazareno tira o lenço da cabeça para olhar alguém, ou sacudir o pó do caminho, me é dado reconhecer que não é só o seu companheiro, mas também o seu mestre e não menos seu superior que seu amigo. Vós sois homens experimentados. Sabeis tão bem como eu que muitas vezes somos escravos de impulsos irresistíveis e que é pouco menos que lei da nossa natureza que consagremos a nossa vida a conseguir o bem-estar e a felicidade; recordando pois, esta lei que nos permite conhecermo-nos a nós mesmos, que direis de um homem que, podendo ser rico pela faculdade que possui de converter em oiro as pedras que pisa, prefere viver na indigência?

- Os gregos chamar-lhe-iam filósofo - observou Iras.

- Não, minha filha - disse Baltasar. - Os filósofos nunca possuiram semelhante faculdade.

- E como sabes que a possui?
Ben-Hur respondeu com viveza:
- Vi-o converter a água em vinho.

- Estranho, muito estranho! - murmurou Simónides. - Mas o que mais me assombra é que prefira a pobreza, podendo possuir tesouros. E é tão pobre como dizes?

- Nada possui nem ambiciona os bens de ninguém; pelo contrário, compadece-se dos ricos. Mas prossigamos. Que dirieis se vísseis um homem multiplicar sete pães e dois peixes em quantidade suficiente para satisfazer a fome de cinco mil pessoas e deixar-lhes ainda os cestos cheios?

- Viste-o fazer isso?

- Sim, eu mesmo comi desses pães e desses peixes; mas há coisas ainda mais assombrosas. Que dirieis de um homem dotado da virtude de curar os doentes, apenas tocando a orla da sua túnica e dirigindo-lhes palavra de longe? Isto vi eu, não uma, mas repetidas vezes. Ao sair da cidade de Jericó dois cegos, que estavam no caminho, chamaram o Nazareno: tocou-lhes os olhos e viram. Foi-lhe apresentado um paralítico absolutamente incapaz de qualquer movimento: o Nazareno disse simplesmente: "Vai para tua casa", e o homem caminhou por seus pés. Que dizeis disto?

O mercador não sabia que responder.

- Julgais acaso que o Nazareno não é mais do que um habilíssimo charlatão? Referir-vos-ei coisas maiores que presenciei. Conheceis essa maldição de Deus, a lepra, cujo único alívio é a morte?

Ao ouvir estas palavras Amrah esteve a ponto de levantar-se; mas depois aquietou-se ouvindo-o atentamente.

- Que dirieis pois - prosseguiu Ben-Hur cada vez mais entusiasmado, - se tivésseis visto o que vou referir-vos? Um leproso apresentou-se ao Nazareno quando me encontrava com ele na Galileia e perguntou-lhe: "Senhor, se tu quisesses podias curarme?" E ele tocou o leproso com uma mão dizendo-lhe: "Purificado sejas?. E instantaneamente aquele homem ficou são como todos aqueles que fomos testemunhas da sua cura.

Amrah escutava agitada e febrilmente; as suas faculdades mentais debilitadas consentiram-lhe apenas seguir e compreender as palavras do seu amo.

- Depois - continuou Ben-Hur, - dez leprosos acudiram a Ele ao mesmo tempo, e caindo a seus pés gritaram-lhe: "Mestre, Mestre, tende piedade de nós!" O Nazareno respondeu-lhes: "Ide apresentar-vos ao sacerdote como a lei prescreve, e antes que chegueis a ele estareis curados".

- E curaram-se?

- Durante o caminho a sua enfermidade desapareceu, não deixando o menor rasto que lhes a recordasse.

- Nada igual a isto se tinha ouvido em Israel até agora - murmurou Simónides. Amrah, sem que ninguém o notasse, levantou-se e saiu da sala.

- No entanto ainda não terminei. Dizei-me: já existiu alguém que tivesse arrancado a sua presa à morte, que tenha restituido a vida a quem a tinha perdido?

- Deus! - respondeu Baltasar.

- Oh, sábio egípcio! Eu não queria pronunciar esse nome que vós mesmo pondes nos meus lábios. Que dirieis vós e que diria Simónides se tivésseis visto, como eu, um homem que com poucas palavras, sem cerimónias, e sem esforço maior que uma mãe para despertar o seu filho adormecido, desfaz a obra da morte? O que vou contar aconteceu em Naim. Íamos a entrar na cidade quando nos encontrámos com um cortejo que acompanhava um cadáver ao cemitério e atrás do qual ia uma mulher chorando inconsolavelmente. Movido pela piedade, o Nazareno dirigiu-lhe a palavra, e depois, tocando no ataúde, disse ao jazente: "Levanta-te", e imediatamente o defunto se levantou e falou.

- Só Deus pode fazer isto! - exclamou Baltasar olhando Simónides.

Simónides não podia resolver-se a renunciar à interpretação que ele dava às profecias, e Ben-Hur sustinha que ambos os anciãos tinham razão, porque, segundo ele, o Nazareno era o Redentor, como queria Baltasar, mas também o Rei predestinado, como dizia Simónides. Por último levantou-se e disse:

- Amanhã vê-lo-emos. Que a paz esteja com todos vós.
E despediu-se para regressar a Betânia.

No dia seguinte, assim que se abriu a porta chamada das Ovelhas, Amrah foi a primeira a sair da cidade, levando um cesto no braço. Ia em busca da sua senhora, cuja caverna dominava o poço de En-Rogel. A desventurada mulher estava já levantada e encontrava-se junto à entrada da caverna enquanto Tirza, ainda no interior, dormia. Enquanto a infeliz estava a pensar tristemente na sua desgraça apresentou-se-lhe uma mulher ansiosa e vacilante, como oprimida pelo cansaço.

A viúva pôs-se de pé, cobriu rapidamente a cabeça, e gritou com voz singularmente áspera:

- Estou impestada! Estou impestada!

Um momento depois, sem que pudesse dar conta disso, Amrah tinha-se precipitado a seus pés. Todo o amor acumulado no espaço de tantos anos e comprimido no coração daquela excelente criatura, explodiu de uma vez: entre lágrimas e protestos apaixonados, beijou e voltou a beijar o vestido da sua senhora, que depois de tentar inutilmente livrar-se dela, não teve mais remédio que procurar acalmar a agitação da fiel criada.

- Que fizeste, Amrah? - perguntou. - Com esta desobediência pretendes demonstrar o teu afecto para connosco? Estás perdida, e... o teu senhor, ah!, não poderás voltar jamais para ele.

Amrah continuava a soluçar.

- A proibição da lei abrange-te também a ti. Não podes regressar a Jerusalém. Que será de nós? Ah, desditada, perdeste-nos!

- Piedade, piedade!

- A ti tocava-te apiedar-te de nós. Para onde fugiremos? Não nos resta nenhuma esperança. Serva infiel! Não pesava já bastante sobre nós a cólera divina?

Tirza despertada por aquelas vozes apareceu no umbral da tumba.
-Mãe, é Amrah?
A serva fez menção de se atirar a ela.

- Detém-te, Amrah! - gritou a viúva imperiosamente. - Proibo-te de tocá-la. Levanta-te e foge antes que alguém te veja. Mas, não... é demasiado tarde! A partir de agora, tens que permanecer aqui e compartilhar a nossa sorte. Levanta-te.

Amrah levantou-se da posição de joelhos, e lutando com a emoção que a agitava a custo conseguiu proferir:

- Oh, minha boa senhora! Não sou infiel, não sou ingrata. Trago boas notícias.
-De Judá?

- Há um homem extraordinário - continuou Anrah - que tem o poder de vos curar. Pronuncia uma só palavra e imediatamente... os doentes... se curam... e os mortos voltam à vida. Vim... para vos levar até ele.

- Pobre Amrah! - murmurou Tirza em tom compassivo.

- Não - gritou com calor a anciã; - não pelo Deus de Israel, pelo vosso e meu Deus. Juro-vos que digo a verdade. Segui-me, rogo-vos; não percamos tempo. Esta mesma manhã dirigia-se para a cidade. Olhai, o dia está a avançar. Depressa, comei qualquer coisa e partamos.

A mãe era toda ouvidos.
- Quem é? - perguntou.
- Um Nazareno.
- Quem te falou dele? Judá.
- Judá? Já está em casa?
- Chegou ontem à noite.
A leprosa esforçando-se para amortecer o bater do seu coração, perguntou:
- E Judá envia-te para mo dizer?
- Não, Judá crê que estais mortas.

- Conta-se que um profeta curou uma vez um leproso - disse a mãe pensativa; mas recebeu de Deus o poder para isso.

E acrescentou:

-Como o sabe o meu filho?

- Judá viajou com ele, ouviu como os leprosos o invocavam e depois viu-os afastarem-se sãos.

A viúva calou-se novamente. Não era que duvidasse da exactidão do feito, mas procurava compreender a faculdade, mercê da qual um homem podia realizar milagres. Esteve perplexa pouco tempo. Depois, dirigindo-se a Tirza exclamou:

- Esse Homem não pode ser outro senão o Messias! Recordo-me agora que há muitos anos por Jerusalém e por toda a Judeia correu a notícia do seu nascimento. Agora deve ser um homem. Amrah, iremos contigo; vamos comer e depois partiremos.

A refeição, devido à agitação que tinha tirado o apetite às mulheres foi brevíssima. Desceram a colina até Tophet, perto do jardim do rei, e detiveram-se no caminho que tinham aberto através dos séculos as solas de numerosos caminhantes. Tirza, que tinha caminhado até ali com muita dificuldade, perdeu os sentidos. Amrah acudiu em sua ajuda e se até então não tinha tocado no corpo das duas leprosas, agora aproximou-se de Tirza e pegou-lhe amorosamente no braço que rodeou o seu pescoço. Mas Tirza exalava a cada passo um gemido de dor e por fim caiu rendida por terra.

- Adianta-te com Amrah, mãe, e deixa-me aqui - murmurou.
- Não, Tirza. Para que quero saúde se tu não a consegues?

A mãe que se tinha inclinado sobre a sua extenuada filha levantou-se e espraiou a vista em redor, desesperada. Naquele momento, viu que um homem caminhava a largos passos pelo caminho oriental.

O caminho a cujo bordo estavam as três mulheres não era mais que um atalho serpenteante entre montes de pedra calcárea. Se aquele desconhecido seguia o caminhito, tinha que encontrar-se com as três infelizes. E assim sucedeu. Mas quando estava à distância suficiente para ouvir o grito que a lei obrigava os leprosos a dar, a viúva descobriu a cabeça e gritou:

- Estamos impestadas.
Com surpresa infinita o desconhecido aproximou-se delas tranquilamente.
- Que quereis? - perguntou-lhes.
- Contempla o nosso estado! Acautela-te! - disse a viúva.

- Mulher, sou um enviado d'Aquele que com uma palavra devolve a saúde, não tenho medo.

- O Nazareno?
- O Messias - respondeu.
- irá hoje à cidade?
- Agora está em Betilfage.
- Que caminho seguirá?
- Este mesmo.

A mulher juntou as mãos e levantou os olhos ao céu.

- Quem julgas tu que Ele é? - perguntou o desconhecido movido pela compaixão.

- O Filho de Deus - respondeu com convicção a interrogada.

- Aguarda-o aqui, como o segue uma multidão imensa, melhor será que subas para aquela branca rocha, e quando ele passar chama-o e não tenhas medo. Se a tua fé é igual à tua convicção. Ele ouvirá a tua voz mesmo que rugisse a tempestade no céu. Que a paz esteja contigo e com os teus.

O mensageiro prosseguiu o seu caminho.

As três mulheres encaminharam-se para a rocha indicada afastada uns trinta passos do caminho. Tirza adormeceu. A mãe e Amrah calaram-se para não perturbar o sono.

Durante a hora terceira, o caminho fronteiro ao lugar que ocupavam as leprosas, começou a animar-se pelo crescente afluxo de gente que se encaminhava para Bethfage e para Betânia; mas, ao princípio da hora quarta, uma multidão extraordinária apareceu no cimo do Olivete.

- Que se passa? - perguntou Tirza.

- Já vem - respondeu a mãe. - Esses que vemos saíram da cidade e vão ao seu encontro; aqueles cujas vozes ouvimos são os amigos que o acompanham.

A multidão que procedia do lado oriental avançava lentamente. Quando chegou a uma distância relativamente pequena, os olhos das leprosas fixaram-se num indivíduo montado num jumento e em redor do qual a multidão saltava e cantava delirante. Tinha a acabeça descoberta e a sua túnica era branca. O rosto, de cor azeitonada, estava sombreado por longa cabeleira castanha. Não olhava à direita nem à esquerda e parecia abstraido do tumulto que o rodeava. Atrás d'Ele seguia a multidão em procissão interminável com imenso alarido de gritos e de cantos.

- Aqui está, Tirza - disse a mãe. - Vem minha filha.

E colocou-se diante da rocha branca e caiu de joelhos enquanto a filha e a serva se punham a seu lado.

Ao aparecer a turba com o Nazareno os procedentes da cidade detiveram-se e começaram a agitar as verdes palmas entoando, em coro, um cântico cujas palavras eram: "Bendito seja o Rei de israel que vem em nome do Senhor!". A voz das pobres mulheres perdia-se no meio daquele estrondo e só um milagre podia fazer com que se ouvisse.

- Aproximemo-nos mais, minha filha, não pode ouvir-nos - disse a mãe. Levantou-se e avançou cambaleando. Estendeu ao alto os seus braços esquálidos e com voz estridente deu

o grito costumado. O povo emudeceu imediatamente. Tirza caiu em terra.
- As leprosas! As leprosas!
- Apedrejai-as!
- As malditas de Deus. Matai-as!

Alguns havia que tendo seguido o Mestre durante muito tempo não se sentiam insensíveis ao seu exemplo. Estes permaneceram silenciosos e olharam o Mestre, que se deteve diante das mulheres. A viúva levantou os olhos e fixou-os comovida naquele rosto tranquilo.

- Oh Mestre! Vêde em que estado nos encontramos. Tu podes curar-nos! Tem piedade!

- Crês tu que eu posso curar-vos? - perguntou o Mestre.
- Oh, sim! Tu és Aquele de quem falam os profetas, o Messias.
- Mulher - exclamou o Nazareno. - Grande é a tua fé; seja como desejas.

Deteve-se um instante como esquecido dos que o rodeavam e depois vôltou a pôr-se a caminho enquanto a mulher exclamava reconhecida:

- Glória ao Senhor Altíssimo! Bendito, três vezes Bendito seja o Filho que nos enviaste!

E a multidão jubilosa, cantando hossanas e agitando as palmas, seguiu o Nazareno. A viúva cobriu a cabeça e abraçando Tirza exclamou, radiante de alegria:

- Levanta os olhos, minha filha. Prometeu-me. Ele é o verdadeiro Messias. Estamos curadas.

E ambas cairam de joelhos permanecendo assim enquanto a procissão desfilava. A cauda desta tinha apenas desaparecido pelo cimo do monte e o eco dos cânticos ressoava ainda no ar quando se começou a manifestar-se o milagre. O primeiro sintoma que notaram foi um aumento da circulação do sangue. Esta foi-se acelerando por todo o corpo, comunicando àqueles pobres membros uma sensação de inefável

bem-estar. Mãe e filha sentiam que renasciam e que voltavam a ser o que haviam sido num tempo que já tinham esquecido. Simultaneamente um novo vigor invadiu o seu espírito elevando-o a um verdadeiro estado de êxtase, e a consciência da mudança que se ia operando nelas engendrou um indizível sentimento de felicidade celeste.

A esta transformação assistia além de Amrah outra testemunha.

Ben-Hur que seguia o Nazareno, tinha ouvido a invocação da mãe, visto a sua cara repugnante e escutara a resposta do Nazareno. O seu interesse por este era mais vivo que nunca, como vivo era o desejo que tinha de desvanecer toda a dúvida acerca da missão daquele Homem prodigioso. E este seu desejo ainda se tinha tornado mais intenso, pela convicção de que, naquele mesmo dia, antes de se pôr o sol, havia de ser proclamada a verdade.

Tinha-se separado do cortejo e sentado sobre uma pedra, tinha-o visto desaparecer, não sem antes trocar saudações com alguns indivíduos confundidos

entre a multidão que desfilava à sua vista. Eram galileus, legionários seus, que levavam curtas espadas ocultas debaixo do manto. Pouco depois passou um árabe, de rosto bronzeado, conduzindo dois cavalos. Ben-Hur fez-lhe sinal para que se aproximasse e quando a multidão se tinha afastado, disse-lhe:

- Espera-me aqui; quero chegar depressa à cidade e o Aldebarão ser-me-á útil.

E, depois, dirigiu-se às desconhecidas que só lhe interessavam como sujeitos de uma experiência sobrenatural, cujo resultado talvez pudesse ajudá-lo a resolver o mistério que tanto o preocupava.

Enquanto ia avançando, dirigiu o olhar casualmente para a velhinha que, junto a uma rocha branca, ocultava o rosto entre as mãos.

- Pelo Senhor vivo! É Amrah! - disse para si.
Acelerou o passo e aproximou-se dela, sem se fixar nas leprosas.
- Amrah! - gritou. - Que fazes?

A serva precipitou-se a seus pés, cega pelas lágrimas e incapaz de proferir uma palavra. Por fim, pôde exclamar:

- Oh, meu amo! Oh, meu amo! Como o Senhor é bom!

O seu aspecto, as suas palavras e os seus gestos traíam-na e com um súbito pressentimento, Ben-Hur dirigiu o seu pensamento para as leprosas, e voltou-se para elas no mesmo instante em que se levantavam do solo. O seu coração deixou de bater; ficou um instante como petrificado, mudo, surpreendido. A mulher, que tinha visto diante do Nazareno, estava ali, com as mãos juntas e os olhos cheios de lágrimas, olhando o céu.

A transformação bastara por si só para justificar o assombro; mas era uma pequena parte da comoção profunda que sentia. Poderia dar crédito aos seus próprios olhos? Era sonho ou realidade? Quem era aquela que tanto se assemelhava a sua mãe, tal como ela era no dia em que fora arrebatada por um romano? E quem estava a seu lado, se não Tirza? Mais bela na sua maturidade. Mas Tirza como a tinha deixado na manhã fatal da sua separação. Ao vê-la diante de si, duvidando do que lhes asseguravam os seus olhos, estendeu uma mão sobre a cabeça da serva e balbuciou com voz trémula:

- Amrah! Minha mãe? Tirza? Diz-me se é certo; se não me engano.
- Senhor, fala-lhes.

Ben-Hur não esperou mais; abriu os braços e atirou-se para as duas mulheres, gritando:

-Mãe! Tirza!Sou eu!

À exclamação do filho seguiram-se as da mãe e de Tirza que com não menor ímpeto correram para ele; mas, de súbito, a mãe deteve-se, retrocedeu assustada e deu um grito alarmante:
- Estou empestada! Detem-te, Judá!

Era o amor materno que se manifestava; rápida como o raio, tinha-a assaltado a dúvida, de que, embora curada, subsistia o perigo de transmitir a enfermidade com as suas vestes. Mas semelhante temor não foi obstáculo; a Ben-Hur nem sequer o assaltou. Um instante depois, os três por tanto tempo separados, derramavam lágrimas de alegria, unidos num só e estreito abraço.

Ben-Hur ergueu duas tendas no vale superior do Cedrón a poucos passos da tumba dos reis, mobilou-as convenientemente e levou a sua mãe e sua irmã para lá morarem, enquanto esperavam o certificado de livre circulação que o sacerdoteinspector deveria passar-lhe.

Ao ceder aos impulsos do seu coração e cumprir com os seus deveres de filho, o jovem ficara na impossibilidade de assistir à grande festa ou de pôr, sequer, os pés num dos pátios do templo.

Entretanto, ao longo do caminho que conduzia a Porta de Damasco, iam-se levantando tendas, cabanas e barracas de toda a espécie para albergue dos peregrinos que acudiam a celebrar a Páscoa. Ben-Hur entrou e em relações com muitos daqueles estrangeiros e cada vez que voltava às suas tendas assombrava-se do seu número extraordinário, sempre em aumento. De quando em quando, iam visitá-lo homens de rosto bronzeado e de copiosa barba com os quais mantinha secretos colóquios. Por sua mediação estava ao corrente de quanto fazia o Nazareno e das ciladas dos seus inimigos rabinos e romanos. Sabia que a vida daquele Ser extraordinário corria perigo; mas rebelava-se a crer que existisse alguém bastante temerário para atentar contra a sua vida, no momento da sua maior popularidade e consolava-se a pensar na segurança que a cifra

enorme dos seus admiradores lhe garantia.

Convém ter presente que estes incidentes ocorriam, segundo o nosso calendário, entre o vigésimo e a noite do vigésimo quinto dias do mês de Março. Ben-Hur não pôde refrear por mais tempo a sua impaciência montou a cavalo e partiu para a cidade. Apeou-se à porta do "can", da qual havia mais de trinta anos, tinham partido os sábios, em direcção a Belém. Deixou o cavalo ao cuidado dos servos árabes e, em breve, chegou à casa paterna. Chamou Malluch; mas este estava ausente; foi então saudar os seus amigos, o mercador e o egípcio, mas estes tinham-se feito conduzir em liteiras para assistir à celebração. O encarregado de pedir notícias de Baltasar, tinha-se dirigido a sua filha, a qual se apresentou, ao saber que o seu senhor tinha chegado, o que era, provavelmente, o que Ben-Hur desejava. Ligeira como uma sílfide, apareceu envolvida em brancas gases que revoluteavam à sua volta, ocultando entre as pregas o seu corpo formoso de deusa. Se temos de dizer a verdade, durante a agitação suscitada pelos últimos acontecimentos, Ben-Hur tinha-se lembrado muito raras vezes da egípcia. Agora, ao reaparecer-lhe com todo o esplendor da sua rara beleza, irresistivelmente fascinante, fez menção de se atirar a ela com os braços amorosamente abertos; mas apenas tinha dado um passo, deteve-se como se um espectro se tivesse atravessado no seu caminho e olhou, atónito, a donzela.

- A tempo chegas, filho de Hur. Desejo agradecer-te a tua hospitalidade, porque depois de amanhã, não terei talvez ocasião de a aceitar.

Ben-Hur inclinou-se ligeiramente, sem afastar os olhos dela.
- Diz-me - prosseguiu, inclinando a cabeça e troçando, - diz-me, oh príncipe de Jerusalém, onde está aquele filho do carpinteiro de Nazaré, e filho de Deus, ao mesmo tempo de quem tão grandes coisas aguardáveis?

Ben-Hur, impaciente, respondeu:
- Sou, acaso, o seu guarda?
A formosa cabeça inclinou-se mais.

- Destruiu Roma? Onde fixou a capital do seu reino? Não me é lícito ver o seu trono, e os seus leões de bronze? Onde está o seu palácio? Quem ressuscita os mortos, bem pode construir um palácio de ouro.

Não podia supor-se que a egípcia estivesse a brincar; as suas perguntas eram ofensivas e agressivo o seu aspecto. Ben-Hur disse com aparente calma:

- Oh, Egipto! Esperemos um só dia, uma só semana e vê-lo-emos a Ele e os seus leões e o seu palácio.

Mas ela prosseguiu:

- E porque se apresenta vestido desse modo? Não são essas as vestes dos governadores e dos vice-reis da Índia. E assombra-me mais ainda que não tenhas tomado posse do teu reino, daquele reino que tinha de compartilhar contigo.

Iras, brincando com um brilhante que lhe pendia do colar emudeceu um instante. Depois prosseguiu:

- O filho de Hur é demasiado inteligente para ser judeu. Assisti à entrada em Jerusalém do teu sonhado César, daquele que, segundo dizias, devia proclamar-se rei dos judeus, nas escadarias do templo. Em vez de um Sesostris, voltando triunfante, ou de um César coroado e com a espada à cintura, vi um homem de semblante delicado e triste, montado num jumento. O Rei! O Filho de Deus! O Redentor do Mundo! Ah, ah, ah!

Ben-Hur não pôde dominar um movimento de cólera.

- Não abandonei o meu lugar, não, oh príncipe de Hur -prosseguia ela-mas disseme: "Esperemos; no templo revestir-se-á como convém. Vi-o transpôr a porta. O povo invadiu o pórtico e os pátios. Comprimia-se nos claustros e nas escadas, e todos continham a respiração esperando o momento da sua coroação. Oh príncipe, o teu Rei do mundo, envolveu-se no seu manto e desapareceu pela porta mais afastada, sem proferir uma palavra e... o império romano continua ainda em pé!

Nem os argumentos de Baltasar nem os milagres feitos na sua presença, tinham surtido o efeito de pôr tão nitidamente em relevo a discutida natureza do Nazareno.

- Filha de Baltasar - disse, com dignidade. - Que tens um propósito não me restam dúvidas: expõe-no e eu responderei; depois separemo-nos e siga cada qual o seu caminho.

A egípcia olhou-o atentamente e depois disse-lhe com frieza:

- Dou-te licença, vai-te.
- Que a paz seja contigo - respondeu.
E quando ia a desaparecer a egípcia voltou a chamá-lo.
- Uma palavra!
Ben-Hur deteve-se e olhou-a.
- Consideraste bem tudo quanto sei a teu respeito?
- Oh belíssima egípcia! - disse retrocedendo. - Que sabes?
- Tu és o mais romano, oh filho de Hur, dos teus compatriotas.
- Tão diferente sou dos judeus?

- Os semi-deuses são todos romanos. Esta semelhança não me é indiferente e poderia induzir-me a salvar-te.

- Salvar-me?

Os dedos rosados da egípcia brincavam com as pérolas do seu colar e a voz era muito doce e acariciadora; só o golpear ligeiro das suas sandálias no pavimento, advertia Ben-Hur para que se precavesse.

- Houve um judeu, um forçado fugido das galés, que matou um gladiador no palácio de Iderneo - começou Iras, lentamente.

Ben-Hur estremeceu.

- Esse mesmo judeu, matou um soldado romano na praça do mercado, aqui em Jerusalém; esse mesmo judeu possui três legiões de galileus, dispostos a prender o governador romano; esse mesmo judeu aliou-se a outros vários príncipes contra Roma e um dos seus aliados é o Xeque Ilderim.

Aproximando-se dele, murmurou-lhe ao ouvido:

- Tu viveste em Roma. Soponhamos que estas coisas sejam repetidas a algumas pessoas do nosso conhecimento. Ah!, mudas de côr?

Ben-Hur afastou-se dela com a expressão de quem, julgando brincar com um gatito, vê de repente que o que tem entre as mãos é um tigre. Ela prosseguiu:

- Tu estiveste na antecâmara imperial e conheces Sejano. Suponhamos que com as provas na mão, e mesmo sem elas, se lhe diga que esse judeu é o homem mais rico do Oriente e até do próprio Império. Os peixes do Tibre comeriam naquele dia opiparamente, não é verdade?

A comoção de Ben-Hur era grande; mas desejoso de saber quem o poderia ter atraiçoado, respondeu:

- Para te agradar, oh filha do Egipto, reconheço a tua habilidade e confesso que estou inteiramente nas tuas mãos. Poderia matar-te, é verdade, mas és uma mulher. Não esqueças, no entanto, que o Deserto está disposto a receber-me, e que por mais hábil que seja Roma na caça ao homem, deveria cansar-se muito antes de me alcançar, porque, naquelas estepes, há selvas de lanças e bosques de fogueiras, e a areia é propícia ao invencíveL parto. Quem me atraiçoou?

Artifício ou expressão sincera, no rosto da egípcia pintou-se a compaixão.

- Oh filho de Hur! Basta-te saber que eu rocolhi um sem número de pequenos pormenores, quer de uma ou de outra pessoa, e que com preserverança consegui uni-los e coordená-los.
- Não - replicou Ben-Hur, - não basta.

- Com efeito - disse ela vivamente. - Algo soube pelo Xeque Ilderim numa noite em que falava com meu pai no Deserto. Era uma noite tranquila e eu podia ouvir, através da tenda, as suas palavras.

Sorriu e imediatamente continuou:
- Outras coisas ouvi-as de...
- De quem?
- Do próprio filho de Hur.
- E de mais ninguém?
- Não.
Ben-Hur exalou um suspiro de alívio e disse tranquilamente:

- Não está bem fazer esperar Sejano. O Deserto é mais compassivo. De novo repito: "Paz, oh Egipto!"

Até aquele momento tinha permanecido com a cabeça descoberta; mas agora agarrava no lenço que pendia do seu braço e cingindo a cabeça fez menção de partir. Ele estendeu a mão para ela.

- Detém-te! - gritou.
Voltou-se, e não foi difícil compreender que o desenlace se lhe ia revelar.

- Detém-te e não desconfies de mim, oh filho de Hur. Quando te digo que sei a tua relação com o nobre Arrius. E por todos os deuses do Egipto juro que tremo pensando em ti, tão belo como generoso, em poder de um ministro sem entranhas. Passaste parte da tua juventude nos átrios da grande capital; pensa no contraste que te há-de oferecer a vida no Deserto. Compadeço-me de ti de todo o coração. Faz tudo o que eu te pedir e juro, pela sagrada Isis, te salvarei.

- Quase te acreditaria - murmurou com voz incerta Ben-Hur.

- A vida ideal da mulher é uma vida de amor, a maior felicidade para o homem é vencer-se a si própria, e é isto, oh príncipe, o que eu te peço. Tu tiveste um amigo na tua juventude, estalou entre vós uma discussão e ficastes inimigos. Ofendeu-te, e depois de muitos anos encontraste-o no circo de Antioquia.

- Messala?

- Sim, Messala. Tu és o seu credor. Perdoa o passado. Volta a ser seu amigo e restitui-lhe a fortuna perdida na famosa aposta. Salva-o! Os seis talentos são para ti uma bagatela ao passo que ele... Ah!, ele é um homem arruinado. Oh, Ben-Hur, príncipe magnânimo! Para um romano da sua categoria a pobreza é muito pior que a morte. Salva-o da miséria!

- A questão já foi então decidida e para sempre. Mas diz-me: foi Messala que te fez sua mensageira perto de mim, oh Egipto?

- O seu natural é nobre, e ao par do seu julgou o teu.
Ben-Hur pegou na mão que se apoiava ligeiramente no seu braço.
- Desde o momento que parece que tens com ele relações de amizade tão

íntimas, responde-me, bela egípcia: crês que ele faria por mim o que pede que eu faça por ele, em caso de os nossos papéis se inverterem?

A mão e o olhar eram tão insistentes como a voz.
-Oh!-disse,-ele é...

- Um romano; ias dizer, significando com isso que eu, um judeu, tenho de lhe restituir os meus ganhos, porque é romano. Se tens algo mais a dizer-me,

despacha-te, porque o sangue começa a ferver-me e então talvez esqueça que és mulher e que és bela. Eu não vejo em ti mais que a espia de um senhor duplamente odioso, porque é meu inimigo e porque é romano.

A espia retrocedeu um passo no círculo da luz, e concentrando nos seus olhos e na sua voz toda a malignidade da sua natureza, disse:

- Vil galeote, cão israelita! Na tua desmedida presunção julgaste que eu te podia amar depois de ter visto Messala? E, agora, escuta. Ele ter-se-ia contentado em lhe restituires os talentos; mas agora digo-te que a esses seis terás que acrescentar vinte, vinte, entendes bem? Um por cada beijo que lhe furtaste, ainda que com sua permissão. Eu segui-te com protestos de afecto, fingi um amor que não sentia em serviço de Messala. O mercador é o administrador da tua fortuna. Se amanhã, antes do meio-dia, não tiver ordem tua em favor de Messala por vinte e seis talentos, recorda, recorda a soma!, terás que haver-te com Sejano.

Medita-o. Adeus.

Enquanto se dirigia para a porta, Ben-Hur adiantou-se e cerrando-lhe o passo, disse-lhe:

- Amanhã ou depois de amanhã, aqui ou em Roma, quando vires Messala levalhe esta mensagem minha. Diz-lhe que recobrei todo o dinheiro, incluso os seis talentos de que me despojou ao confiscar os meus bens paternos; diz-lhe que, sobrevivente das galeras a que me condenou, eu, em pleno vigor das minhas forças, rio da sua miséria e da sua desonra; diz-lhe que minha mãe e minha irmã, que ele mandou encarcerar numa cela da Torre Antónia com o fim de que morressem vítimas da lepra, estão vivas e sãs mercê do poder do Nazareno que tu desprezas; diz-lhe e isto te sirva de consolo, oh tigre em forma de anjo, que quando Sejano vier a despojar-me, já nada encontrará, porque a herança que recebi do duúnviro, inclusive a vola de Miseno, foi vendida e o preço da venda não está ao alcance da sua mão, distribuida pelos mercados do mundo em letras de câmbio; que esta casa, seus bens, suas mercadorias, as suas naves e as suas caravanas, que hoje proporcionam a Simónides tão pingues ganhos, fiquem garantidos com uma salvaguarda imperial, porque uma cabeça mais perita do que a tua, encontrou o preço dos favores de Sejano; diz-lhe que se assim não fosses, se o dinheiro e os bens fossem totalmente meus, tão-pouco obteria a mínima parte, porque ainda que encontrasse as nossas letras de câmbio hebraicas

e obrigasse os seus possuidores a consignar as suas equivalentes, outro meio me fica: um acto de doação de César, que é o que aprendi nos átrios da grande metrópole; diz-lhe enfim, que juntamente com o meu desprezo e como melhor expressão do meu eterno ódio, lhe envio uma coisa que será para ele o suco de todas as maldições. E quando ele te ouvir repetir esta mensagem, filha de Baltasar, a sua sagacidade romana indicar-lhe-á o que quero significar. E agora separemo-nos.

Ben-Hur acompanhou Iras até à porta e, levantando a cortina com cerimoniosa cortezia, deixou que o precedesse.
- A paz seja contigo - repetiu enquanto desaparecia.

Quando Ben-Hur abandonou o aposento, o seu passo era menos firme que ao entrar e estava muito cabisbaixo, tinha descoberto que um homem preso no leito e com o corpo desconjuntado, podia tirar dos negros abismos da sua alma forças suficientes para fazer mal aos seus inimigos e reflectia sobre estas descobertas.

E como se se tivesse aligeirado de grave carga, avançou com passo mais ágil até à extremidade do pátio, onde terminava a escada que conduzia à parte superior e começou a subi-la rapidamente.

- Façam o que quiserem - exclamou caminhando lentamente. - Eu não perdoarei ao romano. Nem dividirei a minha fortuna nem sequer abandonarei a cidade dos meus pais. Farei um chamamento aos galileus e na Galileia começarei a luta. A fama dos meus feitos heróicos atrairá, em meu redor, todas as tribos. Aquele que nos deu David e Moisés, nos dará um chefe, e se este não for o Nazareno será outro dos muitos que desejam morrer pela liberdade.

O interior do pavilhão para o qual se dirigia, estava escassamente iluminado. A poltrona habitualmente ocupada por Simónides estava junto da janela.

Entrou e com passo ligeiro aproximou-se. Assomando pelas suas costas, viu Ester adormecida e envolvida no xaile de seu pai. Os cabelos soltos e em desordem caíam-lhe sobre o rosto. Apoiou os braços nas costas da poltrona e pensou:

- Não quero acordá-la. Nada tenho que dizer-lhe senão que a amo. Mas o problema está em saber se ela me ama. Ao princípio era minha amiga. Gostaria de despertá-la e de lhe dizer todas estas coisas; mas como terei coragem para lhe falar? Não!, esperarei outra ocasião melhor. Dorme em paz, oh Ester, filha

amorosa, flor de Judá!

E nas pontas dos pés abandonou o aposento.

As ruas e os lugares públicos da cidade, estavam cheios de gente que ia e vinha. O ar estava impregnado do cheiro de carne assada e do fumo da madeira de cedro. Todos os filhos de Israel se consideravam irmãos e a hospitalidade não tinha limites. De todos os lados convidavam Ben-Hur.

- Pára e ceia connosco. Somos todos irmãos no Senhor.

Mas agradecendo-lhes, Ben-Hur prosseguia o seu caminho, em direcção ao "Cam> com a intenção de montar a cavalo e de se dirigir imediatamente para as tendas de Cedron. Olhando ao longe, viu agitarem-se as chamas de alguns archotes que ondeavam ao vento como galhardetes, e observou que por onde elas passavam paravam os cantos e os risos. O seu assombro chegou ao cúmulo quando, através do fumo e das chispas em espiral, divisou o cintilar de lanças e de couraças, que revelavam a presença de soldados romanos. Ben-Hur apressou o passo a fim de observar de perto quem compunha aquele grupo. Os archotes e as lanternas eram levadas pelos escravos, seguidos por sacerdotes e doutores, rabinos, personagens influentes nos conselhos de Annás e de Caifás. Com eles ia um homem que caminhava pesadamente com a cabeça mergulhada no peito. Tinha todo o aspecto de um prisioneiro que não saíra ainda do espanto da sua prisão.

Ben-Hur meteu-se no cortejo caminhando ao lado do sacerdote. Se ao menos aquele homem levantasse a cabeça! ... Finalmente, depois de alguns passos, cumpriu-se o seu desejo. A cabeça ergueu-se, descobrindo à luz das lanternas um rosto pálido, magro, contraído pelo terror; a barba desgrenhada, os olhos apagados, encovados, expressando o desespero. Seguindo de perto, o Nazareno, Ben-Hur tinha podido conhecer os discípulos tal como o Mestre; por isso, ao ver aquele rosto, exclamou:

- Iscariotes!

O homem voltou para ele a cabeça lentamente e os seus lábios moveram-se como para pronunciar algumas palavras; mas o sacerdote interpôs-se.

- Quem és tu? Vai à tua vida - disse a Ben-Hur, empurrando-o com violência.

O jovem suportou o arrebatamento, e esperando melhor ocasião confundiu-se, de novo, com a comitiva, que cruzou o barranco de Cedron, sombreado pelo Monte Olivete e virou para a esquerda em direcção a um horto de oliveiras circundado por um muro branco.

Ben-Hur desembaraçando-se subitamente da comitiva, adiantou-se em relação a ela e deteve-se diante duma porta cuja cancela tinha sido derrubada. Com um olhar rápido dominou a cena. No meio do horto havia um homem vestido de branco com a cabeça descoberta, as mãos cruzadas sobre o peito, uma figura delgada e encurvada com longos cabelos e rosto descarnado, em atitude resignada e expectante. Era o Nazareno! Atrás dele, agrupados, estavam os seus discípulos, que pareciam ser presa de grande agitação. Ele, pelo contrário estava tranquilo. A luz dos archotes iluminava o seu semblante e dava à sua cabeça uma cor mais avermelhada que o normal; mas a expressão do seu rosto era, como sempre, bondosa e compassiva.

Ninguém pode dizer antecipadamente o que fará em determinadas circunstâncias. Esta era a ocasião tão esperada por Ben-Hur e para a qual se tinha preparado pelo espaço de tantos anos. O homem cuja causa tinha seguido e sobre cuja existência tinha levantado tão soberbo edifício, estava em perigo. Uma palavra, um suspiro, um pensamento bastavam. Na segura confiança que abrigava de que ia assistir a uma manifestação assombrosa daquele poder, Ben-Hur aguardou, imóvel.

A voz de Cristo ressoou clara:
- A quem procurais?
- A Jesus de Nazaré - disse o sacerdote.
- Sou eu.

Estas duas simples palavras pronunciou-as com majestade tão imponente, tão divina que aqueles homens cairam aterrados. Talvez o tivessem deixado estar e se tivessem afastado, se Judas não se tivesse aproximado dEle.

- Salvé, Mestre!
E beijou-o.

- Judas! - disse o Nazareno com doçura. - Tu vendeste o Filho do homem com um beijo? Porque vieste?

Mas como não recebesse resposta, o Mestre dirigiu-se de novo à turba:

- A quem procurais?

- A Jesus de Nazaré.

- Já vos disse que sou eu. Se me procurais só a Mim, deixai que estes partam tranquilamente.

A estas palavras, os rabinos adiantaram-se e adivinhando os seus propósitos, alguns dos discípulos, por quem tinha intercedido, rodearam-no; um deles cortou a orelha a um dos captores. E Ben-Hur não se moveu! Não. Nem sequer quando os soldados prepararam as cordas para atar o Nazareno e este cumpriu o acto sublime de caridade, ai!, um dos últimos da sua vida.

- Não sofras mais - disse ao ferido.
E curou-o com o contacto da sua mão.

Amigos e inimigos olharam-se assombrados: uns de que pudesse realizar aquele milagre; outros de que o fizesse naquelas circunstâncias.

- Devolve a tua espada à bainha: O cálice que meu pai me envia não deverei extingui-lo até às fezes?

E depois de falar assim ao discípulo que o tinha defendido, voltou-se para os seus captores.

- Porque haveis saído ao meu encontro, como ao de um ladrão, armados de espadas e de paus? Todos os dias estive entre vós no templo e não me detivestes. Mas esta é a vossa hora e a do poder das trevas.

A turba cobrou ânimo e rodeou o Mestre, e quando Ben-Hur voltou os olhos em busca dos seus fiéis já tinham desaparecido. "E sem embargo, pensava ele, esse Homem podia defender-se, podia aniquilar com um olhar os seus inimigos e não quisera usar esse poder. Qual era o cálice que seu pai lhe entregara para que o

esgotasse? E que Pai era esse a quem se devia tamanha obediência? Mistério, atrás de mistério!"

Quando a turba se dispôs a regressar à cidade, os soldados colocaram-se à cabeça da comitiva. Ben-Hur estava descontente consigo mesmo. Sabia que ali, onde os archotes eram mais compactos, se encontrava o Nazareno. Desejava ir falar-lhe, fazerlhe uma pergunta. Despojando-se do longo manto e do lenço da cabeça, que atirou para trás da parede do horto, foi em seguimento da comitiva e misturou-se com ela. Abrindo caminho com dificuldade, chegou junto do homem que segurava a extremidade da corda com que estava atado o prisioneiro. O Nazareno caminhava devagar, com a cabeça inclinada, as mãos cruzadas atrás das costas; os cabelos caíam-lhe em desordem sobre o rosto e caminhava mais curvado do que habitualmente. Em aparência não ligava ao que se passava em seu redor. Precediam-no, a alguns passos, os sacerdotes e patriarcas que falavam animadamente e, a intervalos, olhavam para trás. Quando chegaram ao ponto que franqueava o barranco, Ben-Hur tirou a corda das mãos do escravo e aproximou-se do Nazareno.

- Mestre! Mestre - murmurou apressadamente. - Ouves-me, Mestre? Uma palavra. Uma palavra. Fala.

O homem da corda fazia esforços para a recuperar.
- Diz-me - prosseguiu Ben-Hur, - segues esses homens voluntariamente? A turba rodeava-o, iracunda e ensurdecia-lhe os ouvidos.
- Quem és tu? Que queres?

- Oh, Mestre! - continuou Ben-Hur com voz sumamente angustiosa. - Eu sou Teu amigo e seguidor. Diz-me, peço-te, se te prestar ajuda, aceitá-lo-ás?

O Nazareno não levantou a cabeça nem deu sinais de o ter ouvido. Ben-Hur teve de desistir. Uma vintena de punhos ameaçavam-no de todos os lados. A gentalha uivava:

- É um dos seus amigos. Matemo-lo!

A ira acrescentou a força de Ben-Hur, o qual desfazendo-se, com violência, das mãos que o sujeitavam, se escapou da turba que o assediava. Com a túnica despedaçada, quase nu, e banhado em suor, pôde desaparecer pelo barranco que, ocultando-o com as sombras amigas, lhe ofereceu, de momento, asilo e salvação.

Quando o perigo desapareceu foi em busca do manto que tinha deixado no horto e dirigiu-se para a cidade, donde, fazendo aparelhar um cavalo, partiu em direcção às tendas erguidas junto às tumbas reais.

Muito perto da hora segunda, os homens chegaram a galope à tenda de Ben-Hur, e, apeando-se, pediram para lhe falar.

- A paz seja convosco, oh, irmãos - disse ao reconhecer dois dos seus mais fiéis oficiais galileus. - Sentai-vos.

- Não - disse o mais velho. - Sentar-se equivale a deixar morrer o Nazareno. A sentença foi pronunciada. A cruz será hoje erguida no Golgota.

Ben-Hur abriu os olhos assombrado:
- A cruz!

- Ontem à noite prenderam-no e julgaram-no. - prosseguiu o ancião. - Ao raiar a alba conduziram-no diante de Pilatos: o romano negou a sua culpabilidade por duas vezes. Mas, finalmente, lavou as mãos e disse-lhes: "A responsabilidade é vossa". E eles responderam...

- Quem?
- Os sacerdotes e o povo. "O seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos".

- Santo Pai Abraão! - exclamou Ben-Hur. - Que lavará os seus filhos desse sangue? Chegou o momento de lutar.

E bateu as palmas.
- Depressa! Os cavalos! - gritou ao árabe que se apresentou.
Comeu um pedaço de pão, bebeu um copo de leite e saiu.
- Aonde iremos? - perguntou o galileu.
- Reunir as legiões!
- Ai! - replicou o homem, juntando as mãos.
- Que sucedeu?
- Eu e o meu amigo somos os únicos que permanecemos fiéis. Os outros seguiram os sacerdotes.

Ben-Hur olhou os amigos. A sua morte estava decidida. Aquele homem tinha-a

previsto e fora ao seu encontro com plena consciência desde o primeiro dia da sua missão. Deus impusera-lha e Ele aceitara-a espontaneamente. Que podiam fazer os homens para o impedir? Quando empunhou, de novo, as rédeas, não descobriu no seu horizonte mais do que a dúvida e a insegurança.

- Em marcha, irmãos! Vamos ao Golgotá!.

Tendo ouvido dizer que o cortejo com o réu passaria junto às grandes torres brancas, construídas por Herodes, os três amigos tomaram aquela direcção. No vale, a multidão era tão compacta que tiveram de se apear e refugiar na esquina de uma casa. Parecia que se encontravam nas margens de um rio, contemplando a corrente que passava; tanta era a afluência.

Por espaço de meia hora, a corrente passou diante de Ben-Hur e dos seus companheiros, incessante, variada, rumorosa. O semblante de todos reflectiam a impressão de homens que esperam presenciar um terrível espectáculo, uma catástrofe imprevista, uma calamidade ignorada. Por fiin, em direcção das grandes torres, Ben-Hur ouviu o clamor de muitos homens.

-Atenção! Já vêm!

O povo deteve-se a escutar; mas quando aquelas vozes se ouviram mais de perto, olharam aterrados uns e outros e, a tremer, prosseguiram o seu caminho. A vozearia aumentava e ensurdecia o ar. De súbito, Ben-Hur viu os servos de Simónides avançando com um cadeirão, e Ester caminhando a seu lado. Seguia-os uma liteira.

- A paz seja contigo, Simónides e contigo, Ester - disse Ben-Hur. - Se vais em direcção ao Golgotá parai até que tenha passado o cortejo e eu vos acompanharei.

O mercador estava com a cabeça inclinada para o peito.
- Di-lo a Baltasar - replicou: - o seu querer será o meu. Está nessa liteira.

Ben-Hur apressou-se a levantar as cortinas; o egípcio estava ali com o rosto macerado e pálido como um cadáver. Ben-Hur repetiu o convite.

- Poderemos vê-lo? - perguntou.
- Sim; passará muito perto de nós.

- Oh, Senhor! - exclamou o ancião. - Permiti-me que o veja outra vez! Oh, que dia mais terrível para o mundo!

Poucos momentos depois, a comitiva acomodara-se atrás da esquina da casa. Baltasar saiu da liteira e permaneceu em pé com o apoio de um servo. Ester e Ben-Hur colocaram-se junto de Simónides. Por fim chegou o cortejo. Abria a marcha um exército de crianças gritando e vociferando: "O Rei dos judeus! Passagem, passagem para o Rei dos judeus!" Uma escolta de legionários envergando brilhantes armaduras, seguia em cerradas fileiras.

Depois vinha o Nazareno. Era quase cadáver. A cada passo vacilava como se fosse cair. Sobre a sua simples túnica cinzenta, pendia-lhe pelas costas uma veste manchada e feita em tiras. Os pés nus deixavam marcas sanguinolentas sobre as lousas. Do pescoço pendia-lhe uma tabuinha com uma inscrição e cingia-lhe a fronte uma coroa de espinhos, que quando se lhe fincaram lhe produziu cruéis feridas das quais emanava em fio, o sangue que, agora coalhado, lhe sujava o rosto e o pescoço. Ia manietado. Um camponês ajudava-o a levar a cruz, sob o peso da qual caira momentos antes.

Quando passou diante de Ben-Hur e dos seus amigos, ergueu os olhos. Ester abraçou-se a seu pai. Este estremeceu. Baltasar caiu ao chão sem poder articular palavra. Só Ben-Hur gritou: "Oh, meu Deus! oh, meu Deus!". Então o Nazareno voltou o rosto marcado para ele e poisou os olhos nos que formavam aquele grupo. Aquele olhar ficou esculpido nos corações para toda a vida. Viam que se recordava deles, não de Ele, e os seus olhos moribundos expressavam a bênção que os seus lábios não podiam proferir.

Simónidas exclamou:
- Onde estão as tuas legiões?
- Pergunta-o a Annás.
- Quê! Infiéis?
- Todos menos esses dois.
- Então está tudo perdido.

O rosto do mercador contraiu-se nervosamente e a sua cabeça voltou a inclinar-se sobre o peito. Outros dois homens levavam também pesadas cruzes.

- Quem são esses? - perguntou Ben-Hur aos galileus.
- Ladrões condenados a morrer pelo Nazareno - responderam.

Depois ia um personagem revestido com os ricos hábitos de primeiro sacerdote, a mitra na cabeça, rodeado pelos guardiões do templo, e atrás dele, em grupo, os indivíduos do Sanedrin e um largo séquito de sacerdotes com simples túnicas brancas e mantos multicores.

- Agora estou convencido - disse Simónides - de que Aquele que os precede a todos é Rei dos judeus. Um homem vulgar, um impostor, um malfeitor jamais foi levado à morte com semelhante séquito. Pois olha:

aqui estão as nações, Jerusalém, Israel, aqui o manto de linho, aqui o manto azul com orla de ouro, os ornamentos não vistos na rua, desde o dia em que Jadduá foi ao encontro do macedónio. Tudo prova que o Nazareno é Rei. Oh, se pudesse levantar-me e segui-lo!

Ben-Hur escutava-o assombrado. Então Ester disse:
- Eu vejo algumas mulheres que se adiantam chorando. Quem são?

Vieram quatro mulheres desfeitas em pranto; uma delas apoiava-se no braço de um homem muito parecido com o Nazareno.

Ben-Hur respondeu:

- Aquele é o discípulo predilecto do Nazareno e a que se apoia no seu braço é Maria, mãe do Mestre; as outras são galileias amigas.

Ester seguiu o triste grupo com os olhos cheios de lágrimas até que a multidão desapareceu.

- Vem - disse Simónides quando Baltasar estava pronto. - Vem, continuemos.

Ben-Hur não ouviu estas palavras. Recordava a própria dívida de gratidão que contraíra com aquele homem na ocasião em que ele, jovem ainda, escoltado por legionários romanos, era levado para um suplício não menos certo e terrível que o da cruz: o sorvo de água na fonte de Nazaré; mais tarde o milagre do Domingo de Ramos. A vista destas recordações, a própria impotência para prestar ajuda ao seu benfeitor, feriu-o amargamente. Uma carga bem dada teria dispersado a

plebe e libertado o Nazareno e teria precipitado a sonhada independência. A ocasião estava a escapar-se; os minutos voavam, e uma vez perdida...

- Deus de Abraão! Nada pode fazer-se? Nada?

Nisto descobriu um grupo dos seus galileus. Atravessando por entre a multidão chegou junto deles.

- Segui-me - disse. - Preciso falar-vos.

Os galileus obedeceram e logo que chegaram ao resguardo da esquina disselhes:.

- Vós sois o número daqueles que eu armei e juraram lutar comigo pela liberdade e pelo Rei que havia de vir. Ide, convocai os vossos irmãos, que se juntem ao pé da árvore da cruz que estão a preparar para o Nazareno. Ele é o Rei e a liberdade pereceria com ele.

- Filho de Judá - respondeu um, - tu foste vítima dum engano tal como nós a quem armaste. O Nazareno não é o Rei e a Galileia não está com ele. Morra, pois! Mas ouve-me filho de Judá. Nós conservamos as espadas e estamos prontos a desembainhálas pela causa da liberdade. Esperamos-te junto à árvore da cruz.

Ben-Hur compreendia que aquele era o momento supremo da sua vida. Se tivesse aceitado esta oferta e pronunciado uma palavra, a história da Judeia e talvez do mundo teria sido outra; mas teria sido história feita pelos homens e não ordenada por Deus, coisa que não podia ser, que não seria nunca.

- Vem - disse Simónides.

Instintivamente se viu o cadeirão e a liteira. Este caminhava a seu lado. Como os três Reis Magos ao acudirem, anos atrás, à entrevista do Deserto, uma mão ignorada dirigia-os.

Quando a comitiva, Baltasar, Simónides, Ben-Hur, Ester e os dois fiéis galileus, chegou ao lugar na crucificação, Ben-Hur ia à frente guiando-a. Como pôde abrir caminho através da densa massa de povo exaltado, não o soube nunca, nem

soube tão pouco que caminho seguira. Ben-Hur parou; os que o seguiram fizeram o mesmo. Então abandonou-o a suporífera nuvem que o envolvia, devolvendo-lhe a clara percepção das coisas.

No cimo do monte havia um espaço aberto, árido, poeirento, sem marcas de vegetação. Limitava esta meseta uma compacta vala humana atrás da qual se agitava uma multidão torbulenta e curiosa. Um cordão de soldados romanos colocados em quadrado impedia a aproximação. Ben-Hur fora empurrado contra aquele muro e ali permanecia com o rosto voltado para o Ocidente.

Aquela colina era o Golgotá. Para onde quer que Ben-Hur voltasse os olhos nem um palmo de terra nem um pouco de erva, somente um mar agitado de semblantes humanos. Ben-Hur dirigiu um rápido olhar à multidão dando toda a sua atenção ao que acontecia no espaço aberto. No cimo da colina, sobrelevando o muro vivente que o rodeava, estava o primeiro sacerdote que se distinguia dos outros pela mitra, pelas ricas vestimentas e pelo seu ar orgulhoso. Mais alto ainda via-se o Nazareno curvado e paciente, mas silencioso. Um soldado irónico acrescentando a ironia à coroa de espinhos, metera-lhe nas mãos uma vara à maneira de ceptro. De todos os lados choviam risos, gritos, maldições e todos os olhares estavam fixos nEle.

Então Ben-Hur, como num êxtase, julgou ouvir nos ares as palavras do Nazareno: EU SOU A RESSURREIÇÃO E A VIDA. E assim como os homens repetem uma pergunta para melhor apreciar e fixar a sua importância, Ben-Hur perguntou vendo sobre o monte a figura encurvada sob o peso da cruz: "Quem é a Ressurreição? Quem é a Vida?" - Sou Eu - parecia responder-lhe a figura; e subitamente espalhou-se no seu coração uma paz inefável que nunca tinha sentido. O rumor das marteladas tirou BenHur do seu êxtase. No cume do monte viu alguns soldados e operários que preparavam as cruzes. Os buracos para as receber já estavam cavados, e agora prendiam com cravos as travessas.

Movido pela compaixão, um soldado aproximou-se do Nazareno e ofereceu-lhe água mas Ele negou-se a bebê-la. Pouco depois outro desprendeu-lhe do pescoço a tabuinha com a inscrição e cravou-a no alto da cruz.

Os preparativos tinham terminado.
- As cruzes estão colocadas - disse o centurião ao pontífice.

A parte mais terrível do suplício ia começar. Quando os soldados pegaram no

Nazareno um tremor invadiu a multidão, e mesmo os mais embrutecidos demonstraram um sentimento de terror.

- Como está tranquilo! - disse Ester.
Baltasar caiu de joelhos.

- Filho de Hur - exclamou Simónides com agitação crescente; - se Jeová não se apressa a estender a sua mão, estamos todos perdidos.

Ben-Hur respondeu com calma:

- Simónides, acabo de despertar de um sonho, e como em sonhos soube porque isto se cumpre e porque deve cumprir-se: é vontade do Nazareno. É a vontade de Deus. Sigamos o exemplo do bom egípcio e oremos em silêncio.

No cimo do monte continuava-se a trabalhar. Um guarda arrancou as vestes ao Nazareno deixando-o nú em presença de milhões de espectadores. As marcas das chicotadas que tinha recebido naquela manhã estavam marcadas, sanguinolentas, nas suas costas. Sem compaixão foi atirado ao solo e brutalmente estendido sobre a cruz. Os cravos eram afiados e poucas marteladas bastaram para que lhe furassem as mãos; depois dobraram-lhe os joelhos até que as plantas dos pés repousassem sobre o tronco e colocando-lhe um pé sobre o outro com um só cravo o pregaram nele. E nem um grito, nem uma queixa nem uma palavra de ira ou de dor exalou o paciente. Os operários levantaram a cruz, elevaram-na para o sítio onde devia ser colocada. A um sinal do pontífice deixaram-na cair no buraco e o corpo do Nazareno caiu também pesadamente, ficando preso só pelas mãos sangrentas. Mas tão pouco se lhe escapou então qualquer grito; só a frase sublime:

- Oh Pai! Perdoa-lhes que não sabem o que fazem!

A cruz que sobressaía de tudo quanto havia em seu redor destacava-se, negra, sobre o fundo azul do céu e o seu aparecimento foi recebido por um uivo de selvática alegria.

O sol estava já muito alto e os seus raios ardentes tingiam de oiro os cumes dos montes e de púrpura as vertentes das cordilheiras afastadas. De súbito um ligeiro véu pareceu descer dó alto e envolver a terra, primeiro como um imperceptível desaparecimento do dia e logo como um crepúsculo precoce; depois foi-se

tornando mais denso e começou a atrair a atenção dos espectadores; cessaram os risos, emudeceram os gritos e os homens, duvidando de si mesmos, olharam-se uns aos outros; dirigiram de novo os olhares para o sol depois para as montanhas que pareciam afastar-se; em seguida o céu que começava a cobrir-se de sombras e por fim a colina onde se desenrolava a triste tragédia.

Ben-Hur pensava:

- Não é nem névoa nem nuvem - disse - os espíritos celestes procuram ocultar o opróbrio desta cena. Na verdade te digo, Simónides, que como é certo que Deus existe é certo também que o que está pendente da cruz é o Filho de Deus.

E enquanto Simónides reflectia, assombrado, sobre aquelas palavras, Ben-Hur aproximou-se de Baltasar ajoelhado ali próximo e pôs-lhe a mão sobre o ombro.

- Oh sábio egípcio! Escuta: tu tinhas razão. O Nazareno é verdadeiramente o Filho de Deus.

A obscuridade ia-se tornando cada vez mais densa sem que por isso se interrompesse o trabalho. Um depois do outro, os ladrões foram cravados nas suas cruzes e estas fincadas nos seus lugares. Então a guarda retirou-se e o povo, como uma vaga que ali convergisse de todos os lados, avançou até junto das cruzes. Risos de escárnio e palavras de troça ouviam-se contra o Nazareno.

As trevas que aumentavam, aterrorisaram Ester, como aterrorizaram milhões de espectadores mais animosos e mais fortes do que ela.

- Vamos - disse duas ou três vezes. - Pai, esta é a ameaça de Deus, tenho medo.

Simónides era obstinado. Falava pouco; mas parecia tomado de grande agitação. Vendo que ao fim da primeira hora a multidão agrupada em torno das cruzes tinha diminuido, propôs aos seus companheiros aproximarem-se mais do cimo. Ben-Hur ofereceu o braço a Baltasar; mas o egípcio subiu até ali sem dificuldade. Do seu novo lugar não podia ver claramente o Nazareno mas apenas distinguir confusamente um corpo pendurado. Mas podiam ouvir e chegavam-lhes os seus suspiros que revelavam um esgotamento de forças maior que os seus companheiros, os quais a intervalos, enchiam o ar com prolongados ais e gritos.

A segunda hora decorreu como a primeira. Para o Nazareno foram horas de afrontas, de provocações, de morte lenta. Só falou uma vez em todo aquele tempo. Algumas mulheres foram ajoelhar-se ao pé da cruz. Entre elas reconheceu sua mãe que era acompanhada pelo seu discípulo dilecto.
- Mulher - disse levantando a cabeça, - eis aqui o teu Filho.

E ao discípulo:
- Eis aqui a tua mãe.

Chegou a terceira hora e ainda o povo permanecia em redor da colina atraído por uma força misteriosa, mas agora estava mais tranquilo e desfilava silencioso diante do Nazareno. Esta mudança tinha-se efectuado também nos guardas; soldados e oficiais formavam um grupo à parte vigiando mais o divino réu que a multidão blasfema; se um suspiro escapava dos seus lábios, se no paroxismo da dor movia a cabeça, punham-se imediatamente em guarda. Mais assombroso era ainda a mudança operada no primeiro sacerdote e no seu séquito. Havia entre eles alguns muito versados em astronomia e familiarizados com os fenómenos celestes, estes, assim que o sol começou a apagar-se agruparam-se em torno do pontífice e um grande terror se apoderou deles. Ocultos atrás dos soldados, atentos ao menor movimento e espiando cada palavra do Nazareno, diziam-se em voz baixa:

- Esse homem poderia ser o Messias, e então... - Entretanto Ben-Hur, que ainda conservava aquele novo sentimento de paz, orava para que se acelerasse o fim. Quando decorrera metade da terceira hora, alguns homens miseráveis da mais baixa ralé, situaram-se diante da cruz central.

- Olha-o - disse um: - eis aqui o novo Rei dos judeus.
Os outros acrescentaram a rir:
- Se és o Rei dos judeus ou o Filho de Deus, desce da cruz.

E um dos ladrões, deixando de se queixar, gritou para o Nazareno:
- Se tu és Cristo salva-te e salva-nos.

A populaça riu e aplaudiu e enquanto esperavam a resposta ouviram que o outro malfeitor dizia ao primeiro:

- Não temes Deus? Nós recebemos o justo castigo dos nossos crimes mas esse Homem nenhum mal fez.

Os espectadores ficaram assombrados e no silêncio que se seguiu, o segundo malfeitor acrescentou dirigindo-se ao Nazareno:

- Oh, Senhor! Recorda-te de mim quando entrares no teu reino.

Simónides estremeceu. "Quando entrares no teu Reino". Esta era precisamente a dúvida que atormentava a mente naquele instante.

- Ouviste? - disse-lhe Ben-Hur. - O Reino não pode ser deste mundo.
- Silêncio! - disse Simónides. - Se o Nazareno respondesse...
E enquanto falava, o Nazareno respondeu com voz clara e sonora:
- Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso.

Simónides juntou as mãos e disse:

- Não mais, não mais, meu Deus. As trevas desvaneceram-se, já vejo com outros olhos, como Baltasar eu vejo com os olhos da verdadeira fé.

Por fim o velho servo obtivera a merecida recompensa. O seu corpo desconjuntado pela tortura, não havia de curar-se nunca e a recordação dos sofrimentos passados jamais havia de apagar-se; mas de súbito aparecia-lhe uma vida nova mais bela que a terrena e o seu nome era Paraíso. Um grande sossego invadiu todo o seu ser.

A respiração do Nazareno tornava-se mais penosa; os seus suspiros já eram estretores; só três horas na cruz tinham-lhe bastado para morrer! A notícia correu de boca em boca e todos emudeceram; deixou de soprar o vento e à escuridão juntou-se um ambiente sufocante. Através das trevas passou um grito do moribundo:

- Meu Deus! Meu Deus! Porque me abandonaste?

Estas palavras causaram em quantos as ouviram um estranho estremecimento; Ben-Hur sentiu-se irresistivelmente comovido.

Os soldados tinham colocado a pouca distância das cruzes um recipiente com

vinho e água. Com uma esponja molhada no líquido e colocada na extremidade de uma cana podiam humedecer a lingua dos condenados. Ben-Hur recordou o golo de água que o Senhor lhe tinha oferecido na fonte de Nazaré; sentiu-se impulsionado e pegando na esponja introduziu-a no recipiente, depois correu para a cruz.

- Deixa-o estar! - gritou encolerizado O povo. - Deixa-o estar!

Sem fazer caso dos gritos chegou-se à cruz e humedeceu os lábios ao Nazareno. Demasiado tarde!

O rosto ainda se iluminou num repentino sorriso; os olhos dilataram-se e fixaram-se num ponto que só eles viam para lá do céu e dos lábios da vítima escapou-se um grito de alegria, quase de triunfo:

- Tudo está consumado!

Assim um herói morrendo celebra com o último grito a sua vitória derradeira. A luz dos seus olhos extinguiu-se e a sua cabeça coroada dobrou-se lentamente sobre O peito agitado; Ben-Hur julgou que tudo estava concluído, mas toda a alma do Nazareno se concentrou num esforço supremo e ele e os que estavam mais próximos puderam Ouvir as suas últimas palavras, pronunciadas em voz baixa, como se as dirigisse a alguém que estivesse ali a escutá-lo:

- Pai, nas tuas mãos encomendo O meu espírito.

Um estremecimento percorreu Os seus martirizados membros; soou um grito de terrível angústia e a sua vida e a sua missão estavam terminadas.

Ben-Hur voltou para junto dos seus amigos e disse laconicamente:
- Tudo está acabado: morreu.

A triste nova espalhou-se rapidamente pela multidão mas ninguém a repetiu em voz alta: só se ouviu um prolongado murmúrio que se propagava em todas as direcções: "Morreu! Morreu!" E enquanto se olhavam, a terra começou a tremer e um grito de espanto saiu de todos os lábios. Então começou uma louca dispersão de homens a pé, a cavalo, em camelos e em carruagens; e como se a Natureza estivesse aborrecida contra eles e quisesse por si própria encarregar-se

da defesa e da vingança da inocente Vítima, a vaga do terremoto perseguia-os fendendo a terra sob os seus pés, atirando-os uns contra os outros, arrancando-lhes gritos de terror nunca ouvidos. Os gritos dos ladrões sobre as oscilantes cruzes, eram terríveis. Ainda que aturdido pelo movimento do solo, Ben-Hur teve tempo de dirigir um olhar a Baltasar e viu-o estendido por terra e imóvel. Inclinou-se sobre ele e chamou-o, mas não obteve resposta. O bom homem tinha morrido! Então Ben-Hur recordou ter ouvido um grito quase em resposta às últimas palavras do Nazareno; não tinha voltado a cabeça para o local donde procedia, mas até ao último dia da sua vida conservou o convencimento de que o espírito do egípcio acompanhara o seu Mestre até aos umbrais do prometido Reino.

Triste cortejo o que entrou pela porta meridional do palácio dos Hur àquela hora crepuscular daquele dia memorável! Quase à mesma hora era descido da cruz o corpo de Cristo.

O cadáver de Baltasar foi colocado no quarto dos hóspedes. Todos Os servos o rodearam a chorar porque todos o tinham amado em vida; mas quando viram o seu semblante tranquilo e sorridente de felicidade, enxugaram as lágrimas e disseram:

- Conformemo-nos. Mais feliz está esta noite do que ao sair esta manhã.

Ben-Hur não quis confiar a um criado a missão de participar a Iras a morte de seu pai. Ele mesmo foi à sua procura para a acompanhar junto do cadáver. Sacudiu a cortina da sua porta e não teve qualquer resposta, chamou-a pelo seu nome e em voz alta; ninguém respondeu. Levantou a cortina e penetrou no aposento; não estava lá. Subiu rapidamente ao terraço, mas tampouco a encontrou. Ninguém a vira em todo o dia, e depois de ter revistado em vão todos os cantos da casa,

Ben-Hur voltou ao quarto dos hóspedes e ocupou o lugar que correspondia à filha junto ao cadáver do pai.

Quando se mitigou a tristeza produzida pela morte de Baltasar, e ao nono dia da sua cura, conforme prescrevia a lei, Ben-Hur conduziu a casa a mãe e Tirza.

EPÍLOGO

Cinco anos tinham transcorrido desde o dia da crucificação. Ester, a esposa de Ben-Hur, encontrava-se sentada no seu aposento, na belíssima quinta de Miseno. Era um quente meio dia de primavera e o sol de Itália resplandecia ardente sobre os mirtos e os roseirais do jardim. Tirza e duas crianças que brincavam em cima de uma pele de leão que cobria o pavimento, faziam-lhe companhia, e bastava-se fixar somente no cuidado com que velava pelos pequenitos para se compreender que eram seus filhos.

A interromper esta cena, veio um servo, que da porta disse:
- Está uma mulher no átrio que deseja falar com a senhora.
- Manda-a entrar. Recebê-la-ei aqui.

Ao vê-la a judia levantou-se e ia falar-lhe, mas depois vacilou e por fim disse retrocedendo:

- Parece-me que me recordo de vós; sois... Iras, a filha de Baltasar. Ester ordenou ao servo que trouxesse uma cadeira.
- Não - disse Iras friamente, - partirei imediatamente.

As duas mulheres ficaram a contemplar-se. A figura alta e flexível de Iras conservava ainda algo da sua graça; mas uma vida má tinha impresso as suas marcas em toda a sua pessoa. Os seus grandes olhos tinham-se avermelhado, as pálpebras tinham inchado, tinha as faces pálidas e vincadas; os lábios duros e cínicos, e um desalinho geral fazia-a parecer precocemente velha.

Iras foi a primeira a romper o silêncio.
- São tuas estas crianças?
Ester olhou-a e sorriu.
- Sim. Desejas falar-lhes?
- Assustá-las-ia - respondeu Iras.
Depois aproximou-se de Ester, e vendo-a retroceder disse

- Não tenhas medo. Trago uma mensagem para o teu marido. Diz-lhe que o seu inimigo morreu e que a miséria a que me condenou foi a causa da sua morte.

- O seu inimigo?

- Messala. Diz-lhe, também, que pelo mal que lhe desejei fui tão terrivelmente

castigada que mesmo ele se compadeceria de mim.

As lágrimas assomaram aos olhos de Ester que fez menção de falar.
- Não - acrescentou Iras - não quero nem compaixão nem lágrimas. Adeus. Ia partir mas Ester deteve-a.

- Fica e fala com o meu marido. Ele não sente por ti rancor. Ben-Hur será teu amigo. Somos cristãos.

A egípcia parou.
Não, eu sou o que quis ser. Dentro em pouco tudo estará terminado.
-Mas... - disse Ester duvidosa. - Não podemos?... Não desejas nada?

O rosto da egípcia revelou a sua comoção e a sombra de um sorriso pairou nos seus lábios. E olhando as crianças que brincavam no pavimento, disse:

- Há algo que...

Ester seguiu a direcção do seu olhar e com rápida intuição compreendeu o seu desejo.

- Podes fazê-lo.

Iras aproximou-se das crianças e ajoelhando-se na pele do leão, beijou-as a ambas. Depois encaminhou-se para a porta e saiu sem sequer se despedir.

Ben-Hur, ao inteirar-se da visita, saiu imediatamente com os seus criados e percorreu os arredores procurando-a inutilmente. A baía azul, que ri tão inocentemente debaixo dos beijos do sol, oculta segredos muito negros.

Simónides viveu até idade muito avançada. No ano décimo do reinado de Nero abandonou a direcção da sua colossal fazenda de Antioquia. O seu comércio foi próspero até ao último momento.

Numa tarde daquele ano encontrava-se sentado na sua poltrona no terraço do armazém. Ben-Hur e Ester com os seus três filhos estavam com ele. A última das suas naves estava galhardamente ancorada na enseada do rio. A embarcação

tinha chegado no dia anterior de Roma trazendo a notícia das perseguições de que eram alvo, por parte de Nero, os cristãos da capital.

Malluch entregou a Ben-Hur uma missiva.
- Quem a trouxe?
- Um árabe.
- Onde está?
- Partiu imediatamente.
- Escuta - disse Ben-Hur a Simónides.
E leu em voz alta:

"Eu, Ilderim, filho de Ilderim o generoso, e Xeque da tribo de Ilderim, a Judá, filho de Hur.

Se queres saber, oh amigo de meu pai, o muito que este te amava, lê a mensagem que te incluo. A sua vontade é a minha, por conseguinte, o que ele te deu teu é.

Tudo quanto os partos lhe tiraram na batalha em que sucumbiu, recobreio eu, esta mensagem, entre outras Coisas, e toda a descendência daquela Mira que em seus tempos foi mãe de tantas estrelas.

Que a paz esteja contigo e com os teus. A voz do Deserto é a voz de Ildrin-Xeque."

Ben-Hur desdobrou um rolo de pergaminho amarelado como uma folha seca de amoreira e estendeu-a com o maior cuidado. Depois leu:

"Ilderin, chamado o Generoso Xeque da tribo de ilderim, a meu filho e sucessor:

Tudo quanto possuo, oh meu filho, será teu no dia em que eu morra, excepto a minha propriedade perto de Antioquía conhecida pelo nome de Horto das Palmeiras. Esta deixo-a ao filho de Hur que tanta glória nos proporcionou no circo, a ele e aos seus, perpetuamente.

Honra constantemente o teu pai.

Ildrin, o Generoso, Xeque"

Simónides ouvia silencioso. Os seus olhos estavam fixos no barco e parecia pensativo. Por fim falou:

- Filho de Hur, - disse gravemente; - o Senhor foi muito bom contigo nestes últimos anos e tu deves-Lhe gratidão profunda. Não chegou, finalmente, o dia em que temos de decidir a que fim destinaremos a imensa fortuna que a Sua bondade quis acumular nas tuas mãos?

- Decidi-o já há algum tempo. A fortuna há-de ser empregue ao serviço de quem no-la concedeu. De que modo? Aconselha-me, peço-te.

- Dir-to-ei. Os romanos, mesmo o próprio Nero, consideram sagradas duas coisas, as únicas que eu saiba: As cinzas dos mortos e os sepulcros. Se não podes construir templos para o Senhor à flor da terra, constrói-os no seu ventre, e para livrá-los da profanação, sepulta neles os cadáveres de todos quantos morrem na fé verdadeira.

Ben-Hur pôs-se em pé e exclamou comovido:

- Grandiosa ideia! A embarcação que nos trouxe a notícia levar-me-á a Roma. E tu, Ester, que dizes?

Ester aproximou-se dele e disse

- Eu não quero ser para ti um obstáculo, mas deixa-me partir contigo.

Se algum dos meus leitores encontrando-se de passagem em Roma, visitasse as catacumbas de São Calixto, que são mais antigas que as de São Sebastião, poderá ver em que foi empregue a fortuna colossal de Ben-Hur. Daquele recinto saiu o Cristianismo para se sobrepôr aos Césares.

FIM